J. KRISHNAMURTI

A ARTE da Libertação

(Do mêdo, do anseio, do ciúme, etc.)

A ARTE DA LIBERTAÇÃO

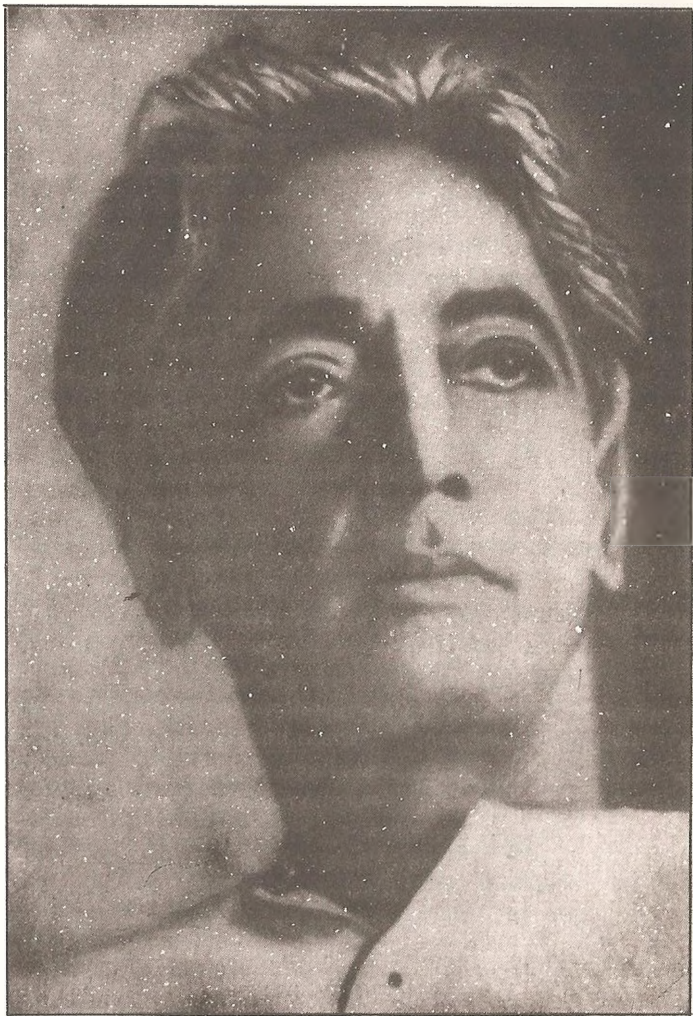
JIDDU KRISHNAMURTI

A ARTE DA LIBERTAÇÃO

(DO MÊDO, DO ANSEIO, DO CIÚME ETC.)

Conferências, com perguntas e respostas, realizadas em Puna e Nova Déli, Índia, no ano de 1948

Tradução
HUGO VELOSO

EDIÇÕES DE OURO

Jiddu Krishnamurti

ÍNDICE

I

CONFERÊNCIA REALIZADA EM PUNA

COMO teremos várias palestras nestas próximas semanas, acho importante seja compreendida a relação entre o orador e vós. Antes de mais nada, o que nos interessa não são idéias nem opiniões. Não estou procurando convencer-vos a respeito de nenhum determinado ponto de vista, nem estou tentando transmitir idéia alguma, porquanto não creio que idéias, opiniões, possam operar uma modificação fundamental na ação. O que traz a transformação radical é a compreensão da verdade do que *é*. Não estamos, pois, interessados em opiniões nem em idéias. As idéias sempre encontram resistência; uma idéia pode ser contrariada por outra idéia, e uma opinião gerar contradição. É, portanto, de todo fútil procurar a solução de um problema por meio de uma idéia. Como disse, as idéias não produzem transformação radical; e nos tempos atuais é essencial que se realize, nas condições de existência do mundo, bem como em nossas vidas individuais, uma transformação radical, uma revolução de valôres. Tal transformação dos valôres não pode operar-se mediante simples modificações de idéias ou substituições de sistemas. Está, pois, entendido que não desejo persuadir-vos nem dissuadir-vos em relação a um determinado ponto de vista. Não estou também fazendo o papel de *guru* para ninguém, pois não acho que um *guru* seja necessário para o descobrimento da verdade. Muito ao contrário, o *guru* é um verdadeiro empecilho ao descobrimento do real. Não

estou, tampouco, procedendo como um guia ou chefe, incutindo uma opinião, criando uma organização; porque o guia é sempre fator de deterioração na sociedade.

Estejamos, pois, vós e eu, bem entendidos sôbre a natureza da relação entre nós existente; precisais saber qual é a atitude do orador, antes que possais rejeitar ou aceitar o que êle diz. Seja-me permitido sugerir que, antes de rejeitar qualquer coisa que eu disser, a examineis muito atentamente, sem tendência alguma. É dificílimo examinar uma coisa sem parcialidade, nem preconceito; mas, se queremos compreender alguma coisa, não deve haver preconceito, não se pode, simplesmente, relegar a alguma autoridade antiga o que se está dizendo. Êsse é, meramente, outro método de fuga. O que desejo tentar, durante estas discussões e conferências, é chamar a vossa atenção para certas coisas; e, enquanto o faço, não fiqueis como simples observadores, expectadores, ouvintes. Porque vamos empreender juntos uma jornada com o fim de descobrir todo o desenrolar da moderna civilização, seu esplendor e sua catástrofe, em que tanto o Oriente como o Ocidente se vêem envolvidos. É uma viagem de descobrimento que empreenderemos juntos, com o fim de observar diretamente e com tôda a clareza o que está acontecendo. Para tanto, não precisais de guia, não precisais de *guru*, não necessitais de nenhuma organização, nem de opiniões. O que necessitais é uma percepção clara, para ver as coisas como são; pois, ao vermos as coisas com essa clareza, surge a verdade. Para enxergar claramente, requer-se atenção, não uma atenção esporádica, mas persistente, direta, positiva, sem distração alguma — e essa é que vai ser a nossa dificuldade.

Temos muitos problemas: políticos, econômicos, sociais e religiosos, todos êles a exigirem ação; mas, antes de podermos agir, temos de saber o que é o problema. Seria verdadeiro absurdo pôr-nos simplesmente em ação

sem conhecermos todos os elementos de um problema. Em geral, porém, interessamo-nos pela ação, desejamos sempre fazer algo. Há problemas comunais, problemas nacionais, problemas relativos à guerra, à fome, a dissensões entre grupos de línguas diferentes, e inumeráveis outros problemas; e, em presença dos mesmos, desejamos saber o que devemos fazer. Nosso impulso, nosso motivo, consiste inteiramente, não em estudar a questão ou o problema, mas, sim, em fazer alguma coisa com relação a êle. Afinal, um problema como o da fome exige muito estudo, muita compreensão. Na compreensão há ação. Se meramente agimos em conseqüência de uma reação superficial, tal ação é de todo vã e só conduz a maior confusão.

Agora, se o quiserdes, vamos examinar com muita clareza, sensata e racionalmente, todo o problema da nossa existência. Não vou dizer-vos o que deveis pensar — como o fazem os propagandistas; mas, com o exame do que *é*, aprenderemos como pensar a respeito de um problema, o que é muito mais importante do que sermos instruídos sôbre o que devemos pensar. É tão grave na hora presente o problema mundial, tão iminente a catástrofe, tão ràpidamente se vai propagando o desastre, que é coisa de todo vã pensarmos ùnicamente em conformidade com uma fórmula da esquerda ou da direita. Uma fórmula não pode trazer solução alguma; só pode produzir ação restrita ao seu padrão. Assim, o que tem importância primacial nestas nossas discussões e conferências é a compreensão de que estamos em presença de problemas que reclamam estudo muito cuidadoso e isento de qualquer plano premeditado ou idéia preconcebida. Não vou oferecer-vos um plano nem dizer-vos o que deveis fazer, mas vós e eu vamos averiguar, juntamente, em que consiste o problema. Compreendendo o problema, compreenderemos a verdade relativa ao problema — o que constitui a única maneira racional de o atendermos. Se viestes em

busca de uma fórmula, de um sistema, sinto dizer-vos que ficareis desapontados, uma vez que não tenho intenção alguma de dar-vos uma fórmula. A vida não tem fórmula. São os intelectuais que têm uma fórmula, para impor à vida. A êsse respeito devemos ficar bem entendidos. Se viestes a esta reunião por curiosidade, porque ouvistes dizer algo a respeito de minha suposta atitude, pode ser que fiqueis satisfeitos e pode ser que não; mas, sem uma intenção sincera, não chegareis jamais a compreender integralmente o problema da existência. O problema não é ùnicamente hindu, maharashtra ou gujerat, sendo verdadeiramente infantil considerá-lo assim. O problema é universal. Vosso problema é meu problema, é o problema de todo indivíduo, seja na Europa, na América ou na Rússia.

Pois bem; pretendo ajudar-vos a pensar corretamente; vós e eu vamos empreender uma viagem de investigação dos problemas da presente crise mundial. Para tal fim, preciso convidar-vos a cooperar. Cooperação, neste caso, consiste em ouvir-me corretamente; isto é, deveis "experimentar" o que vou dizendo, em vez de escutar simplesmente a conferência e retirar-vos depois com certas idéias rígidas de aceitação ou rejeição. Vós e eu temos de fazer uma viagem juntos, e ao encetardes a viagem precisais estar preparados para "experimentar", observar, e perceber bem a significação dessa viagem. Por conseguinte, se assim posso expressar-me, se desejais compreender, não deveis apenas escutar objetivamente a exposição, mas experimentá-la interiormente. Não vou ser dogmático — é estúpido ser dogmático, e as pessoas dogmáticas são intoleráveis. O homem que diz que sabe, não sabe — e devemos precaver-nos de tais pessoas. Ao encetarmos a viagem, precisamos ver bem claro o que é necessário. A primeira coisa essencial é não estarmos presos a nenhuma experiência passada: nacional, religiosa, ou pessoal. Se vamos empreender uma verdadeira viagem de

investigação, cumpre desprender-nos de tudo o que nos tolhe. Isso é difícil, sobretudo para os mais velhos, já mais firmemente radicados na tradição, na família; e para aquêles que têm conta corrente nos bancos. Os mais novos se mostrarão interessados se lhes acenarmos com uma recompensa, se garantirmos uma alegria, uma posição, uma solução imediata. Estamos, pois, cercados de dificuldades por todos os lados.

Pois bem; qual é o nosso problema? O problema comum de nossa existência diária é, sem dúvida, o sofrimento. O sofrimento, sob diferentes formas, é a sina de todos nós: sofremos econômicamente, socialmente, sofremos pela morte de alguém. Existe naturalmente um desejo de nos sentirmos em segurança no meio da insegurança, da incerteza que nos rodeia. Desejamos segurança em relação ao alimento, ao vestuário, ao teto; desejamos segurança em nossas relações, em nossas idéias. Não é isso o que procuramos? Queremos estar seguros com relação às nossas posses, — que podem ser coisas, pessoas ou idéias; e em defesa de nossas posses estamos prontos a guerrear, mutilar, destruir. A fim de estarmos em segurança em nossas relações, em nossas posses, em nossas idéias, criamos fronteiras nacionais, crenças, deuses, chefes, etc. Quando cada um de nós está por essa maneira a procurar a segurança, é natural que haja oposição, e essa oposição gera conflito em nossa vida. Quando estamos em busca de segurança, a existência é uma batalha constante, um conflito interminável; e vendo-nos em conflito, vendo-nos aflitos, desejamos encontrar a verdade. Tal é, em síntese, a nossa situação; entraremos em pormenores à medida que prosseguirmos. O que mais importa em nossa vida é saber como evitar o conflito, como não oferecer resistência. Com tôda a certeza, é êste o nosso problema, não?

Em todo o mundo há guerras, há fome, luta, conflito entre povos, entre famílias, no seio da família e fora dela; há discórdia entre brâmanes e não-brâmanes, entre hindus e europeus, entre japonêses e americanos, etc., etc. Nosso problema imediato é o da alimentação, da roupa, da morada, — é saber se é possível produzir essas coisas essenciais para todos, de modo que não haja mais fome no mundo. Cada partido, cada sistema, da esquerda, ou da direita, oferece uma solução em conflito com as outras, e vós e eu nos achamos igualmente no meio da luta, pollticamente, econômicamente e socialmente. Nossa existência é uma luta constante para manter a nossa posição, para ganhar dinheiro e conservá-lo em nossas mãos; e vemo-nos assediados por inúmeros outros problemas — o problema da morte e do que acontece após a morte, o problema da existência de Deus, da verdade, etc. Como devemos, vós e eu, aplicar-nos a êsses complexos problemas? Todos os intelectuais que se têm ocupado com êsses problemas e tentado mostrar-nos o caminho têm falhado. É esta a calamidade da moderna civilização, não achais? Os intelectuais falharam, suas fórmulas são impraticáveis, e enfrentamos diretamente o problema da fome e das relações adequadas. O que nos interessa, pois, é a ação, nossas relações, o descobrimento de uma nova maneira de encarar êsses problemas. Já vimos que se os encararmos de acôrdo com as velhas e habituais diretrizes, não conseguimos nenhuma modificação fundamental, mas apenas mais confusão. Como, então, encarar êsses problemas por maneira nova? É bem óbvio que não podemos ficar à espera de alguém, *guru* ou guia, que venha resolver nossas dificuldades. Isso é infantil, é um modo imaturo de pensar. A responsabilidade é vossa e minha; e uma vez que falharam os chefes e os guias, uma vez que nenhuma significação têm as fórmulas e os sistemas, não podemos ficar sentados como expectadores, à espera de que nos

digam o que fazer. Assim, de que maneira devemos proceder, vós e eu, com relação a êsses problemas?

Antes de agir, precisamos saber pensar. Não há ação sem pensamento. A maioria de nós, porém, age sem pensar, e o agir sem pensar nos trouxe a esta confusão. Por conseguinte, precisamos descobrir como pensar antes de saber como agir. Vós e eu precisamos encontrar a maneira correta de pensar, não achais? Se nos limitamos a citar o *Bhagavad Gita*, a Bíblia, ou o Alcorão, isso não tem significação; citar o que outra pessoa disse não tem valor algum. Repetir uma verdade é o mesmo que repetir uma mentira. Com o repetir pensamos ter resolvido o problema. Absurdo! A autoridade, moderna ou antiga, não tem relação alguma com o pensar correto. Só quando vós e eu descobrirmos a maneira de pensar corretamente, estaremos aptos a resolver os formidáveis problemas que nos desafiam. Se esperamos que outros façam êsse trabalho para nós, êsses outros se tornarão nossos chefes e nos levarão, como sempre, ao desastre.

Ora, como começar a pensar corretamente? Para pensar corretamente, precisais conhecer-vos a vós mesmos, não achais? Se não vos conheceis a vós mesmos, não tendes base para pensar corretamente, e, portanto, o que pensardes não terá valor. Vós não sois diferente do mundo; o problema do mundo é vosso problema, e o vosso "processo" individual é o "processo" total do mundo. Isto é, vós criastes o problema, que tanto é individual como universal, e para produzir a ação correta que o resolverá, deveis ser capazes de pensar corretamente; e para pensar corretamente é bem óbvio que precisais conhecer-vos a vós mesmo. Nessas condições, nosso interêsse principal não é a mera salvação pessoal, mas saber pensar corretamente, mercê do autoconhecimento. Os indivíduos — vós e eu — criam o mundo; o indivíduo, por conseguinte, é de suma importância. Vós e eu somos responsáveis pela

brutal confusão reinante no mundo — patriotismo, choque das nacionalidades, discórdias absurdas entre pessoas. Examinaremos tudo isso mais tarde, mas é perfeitamente claro que vós e eu somos responsáveis pelos sofrimentos do mundo, e não uma fôrça misteriosa qualquer. É direta a nossa responsabilidade, e para produzir ação correta, precisamos pensar corretamente. Por conseguinte, vós e eu somos da máxima importância. Como disse, enquanto não souberdes o que sois, nenhuma base tereis para pensar com justeza; e esta é a razão por que é essencial conhecerdes a vós mesmos, antes de fazerdes qualquer coisa. As pessoas inteligentes aqui presentes dirão porventura: "Conhecemos muito bem o problema mundial." Quem diz isso não quer agir. Apresentar uma solução para o problema mundial sem se conhecer a si mesmo significa, apenas, adiar o inevitável, porquanto o problema do mundo é o problema individual de cada um, o indivíduo não está separado do mundo.

Compreender a si mesmo não significa apartar-se do mundo. Não há existência no isolamento. Coisa nenhuma vive no isolamento, e não estou propondo uma fuga à vida, uma esquiva ou um retraimento da vida. Muito ao contrário, só podeis compreender-vos a vós mesmos em relação com pessoas, coisas e idéias, e essa relação existe sempre, nunca falta. O processo de relação é um processo de auto-revelação. Não podeis renunciar às relações; se o fazeis, deixais de existir. Nessas condições, o que estou dizendo é praticável, não é algo vago. Mas cabe-vos, em primeiro lugar, perceber o problema e depois averiguar a maneira de o enfrentar; e, enfrentando-o corretamente, estareis capacitados a resolver o problema. Eis porque vós sois da mais alta importância.

Vou falar-vos, nas próximas seis semanas, sôbre a maneira de uma pessoa se compreender a si mesma, para que seja correto o seu pensar e, por conseguinte, correta

a sua ação com referência aos problemas que nos defrontam. Há uma diferença entre pensar correto e pensamento correto. O pensamento correto é estático, enquanto o pensar correto é flexível, está sempre em movimento. O pensar correto conduz ao descobrimento, ao conhecimento direto, e vem-nos com a observação de nós mesmos. O indivíduo varia constantemente e, por isso, necessita de uma mente sobremodo ágil. Êsse é o único caminho que conduz ao pensar correto e, por conseguinte, à ação correta, pela qual tão-sòmente se poderá resolver a atual confusão.

Deram-me duas ou três perguntas, às quais vou tentar responder.

PERGUNTA: Em vista da guerra iminente e da devastação atômica da humanidade, não é vão concentrar-nos na mera transformação individual?

KRISHNAMURTI: Esta é uma questão muito complicada, que requer cuidadoso estudo; espero que tenhais a paciência de acompanhar-me passo a passo e de não desistir a meio caminho. Sabemos quais são as causas da guerra; elas são bem patentes e até um colegial é capaz de discerni-las: ganância, nacionalismo, desejo de poder, divergências geográficas e nacionais, conflitos econômicos, estados soberanos, patriotismo, uma ideologia da direita ou da esquerda impondo-se a outra, etc. As causas da guerra são engendradas por vós e por mim. A guerra é a expressão espetacular de nossa existência de cada dia, não é verdade? Identificamo-nos com um determinado grupo nacional, religioso ou racial, porque isso nos confere uma sensação de fôrça; e a fôrça, inevitàvelmente, provoca a catástrofe. Vós e eu somos responsáveis pela guerra, e não Hitler, nem Stalin, nem nenhum outro *super*-chefe. É muito cômodo dizer que os capitalistas ou os chefes

desorientados são os responsáveis pela guerra. No íntimo, cada um deseja riqueza, cada um deseja poderio. São estas as causas da guerra, e os responsáveis sois vós e eu. Acho que está bastante claro que a guerra é o resultado de nossa existência diária, com a diferença, apenas, de ser mais espetacular e mais cruenta. Uma vez que todos estamos procurando acumular posses, amontoar dinheiro, criamos, naturalmente, uma sociedade com fronteiras, limites e barreiras aduaneiras; e quando uma nacionalidade isolada entra em conflito com outra, resulta inevitàvelmente a guerra — o que é um fato. Não sei se tendes pensado neste problema. Temos a guerra à nossa frente, e creio ser nosso dever averiguar quem é o responsável por ela. Um homem sensato, sem dúvida, reconhecerá que é responsável e dirá: "Vejo que estou causando esta guerra e vou, por isso, deixar de ser nacionalista, não terei patriotismo nem nacionalidade, não serei hinduísta, nem muçulmano, nem cristão, mas um ser humano." Requer isso uma certa clareza de pensamento, clareza a que, em geral, nos furtamos. Se, pessoalmente, sois contrário à guerra — mas não por causa de um ideal, visto que os ideais são empecilhos à ação direta — que deveis fazer? Que deve fazer o homem sensato que se opõe à guerra? Deve, antes de tudo, purificar a sua mente, não achais? — libertar-se das causas da guerra, como, por exemplo, a avidez. Logo, se sois responsável pela guerra, deveis libertar-vos das causas da guerra. Significa isso, entre outras coisas, que deveis deixar de ser nacional. Estais disposto a isso? Não estais, evidentemente, porque gostais que vos chamem hindu, brâmane, ou qualquer que seja o vosso rótulo. Isso significa que venerais o rótulo e o preferis a viver sensata e racionalmente; por essa razão, estais caminhando para a destruição, quer vos agrade, quer não.

Que deve fazer uma pessoa que deseja libertar-se das causas da guerra? Como sustar a guerra? Pode-se sustar a guerra iminente? O ímpeto da ganância, a fôrça do nacionalismo, postos em movimento por todo ser humano, podem ser detidos? Não podem ser detidos, evidentemente. A guerra só será sustada quando a Rússia, a América, e todos nós nos transformarmos imediatamente e dissermos que não queremos mais saber de nacionalismo, que não seremos mais russos, nem americanos, nem hindus, nem moslens, nem alemães, nem inglêses, mas entes humanos, entes humanos em nossas relações, procurando viver felizes uns com os outros. Se as causas da guerra forem desarraigadas de nossos corações e nossas mentes, então não haverá mais guerra. Mas o movimento de fôrças prossegue com ímpeto crescente. Vou apresentar-vos um exemplo: quando uma casa está ardendo, que fazemos? Procuramos salvar da casa o mais possível, e estudar as causas do incêndio; procuramos depois tijolos de qualidade adequada, material não inflamável, um sistema melhor de construção, etc., e tornamos a edificar a casa. Em outras palavras, abandonamos a casa incendiada. De modo idêntico, quando uma civilização está a ruir, a destruir-se, os homens sensatos que percebem que nada podem fazer para o impedir, edificam uma nova que seja à prova de incêndio. Essa é, sem dúvida, a única maneira de agir, o único método racional — e não o reformar o velho, remendar a casa que se incendiou.

Pois bem; se eu reunisse, aqui e noutras partes, tôdas as pessoas convictas de que estão verdadeiramente livres das causas da guerra, que aconteceria? Em outras palavras, a paz é susceptível de organizar-se? Vêde bem o que isso significa, vêde o que se subentende na questão de organizar a paz. Uma das causas da guerra é o desejo de poder — individual, faccional e nacional. Que acontece se fundamos uma organização *pró*-paz? Tornamo-nos um

foco de fôrça, e o cultivo da fôrça é uma das causas da guerra. Temos guerras contínuas; e, todavia, quando nos organizamos em prol da paz, fazemo-lo para ter mais poder — justamente uma das causas da guerra. No momento em que nos organizamos pela paz, começamos a adquirir poderio; e tendo poder, criamos as causas da guerra. Que devo então fazer? Sendo a fôrça uma das causas da guerra, devo opor-me à guerra, criando uma nova fôrça? No próprio "processo" da oposição não estou criando poderio? Por conseguinte, o meu problema é inteiramente diverso. Não é um problema de organização. Não posso falar a um grupo, mas sòmente a vós, como indivíduo, mostrando-vos as causas da guerra. Vós e eu devemos, como indivíduos, aplicar o nosso pensamento ao problema, em vez de o passarmos a outro. Ora, tal como na família, quando há afeição, quando há caridade, não precisamos de organização pela paz; do que necessitamos é compreensão mútua, cooperação. Quando não há amor, há guerra, inevitàvelmente. Para compreender o complexo problema da guerra, deve o indivíduo aplicar-se a êle de maneira muito simples. Aplicarmo-nos ao problema de maneira simples, significa compreender as nossas próprias relações com o mundo. Se, nessas relações, existe uma mentalidade de fôrça, uma mentalidade de domínio, essas relações hão de criar, inevitàvelmente, uma sociedade baseada na fôrça, na dominação, a qual, por sua vez, provocará a guerra. Posso perceber tudo isso com muita clareza, mas, se falo sôbre o assunto com dez pessoas e organizo essas pessoas, que fiz eu? Criei uma fôrça, não é? Uma vez que conto com o apoio de dez pessoas, que estão em oposição aos mercadores de guerra, sou também responsável pela guerra. Não há necessidade de organização. A organização é o elemento-fôrça gerador da guerra. Há necessidade de indivíduos contrários à guerra; mas, se os reunimos numa organização ou sob um credo, colocamo-nos

na mesma posição do mercador de guerra. Os mais de nós ficamos satisfeitos com palavras, vivemos de palavras sem sentido; mas, se examinarmos muito atentamente, muito claramente, o problema, êle próprio nos dará a solução — não precisamos procurá-la. Assim, deve cada um de nós estar cônscio das causas da guerra e ficar livre delas.

PERGUNTA: Em vez das vossas análises minuciosas da questão do ser e "vir a ser", porque não vos dedicais a uma das momentosas questões do nosso país, apontando-nos uma solução? Qual é por exemplo a vossa posição nas questões da unidade hindu-moslim, da amizade entre o Paquistão e a Índia, da rivalidade entre os brâmanes e os não-brâmanes, e se Bombaim deveria ser uma cidade livre ou fazer parte do Maharashtra? Prestareis um serviço relevante se puderdes sugerir uma solução eficaz para êsses difíceis problemas.

KRISHNAMURTI: Se Bombaim deve ser cidade livre ou não, se deve haver amizade entre hindus e moslens, são problemas iguais aos que se apresentam aos sêres humanos em tôdas as partes do mundo. São problemas difíceis ou são problemas infantis? Positivamente, já era tempo de nos têrmos emancipado dessas puerilidades; e a isso chamais problemas momentosos? Quando vos intitulais hinduístas e dizeis que pertenceis a uma determinada religião, não estais disputando por causa de palavras? Que se entende por hinduísmo? Um conjunto de crenças, dogmas, tradições e superstições. Religião é crença? Religião é a busca da verdade, e os homens religiosos não têm dessas idéias estúpidas. Aquêle que busca a verdade é um homem religioso e não tem necesidade de etiquêtas,

tais como "hinduísta", "muçulmano", "cristão". Por que nos chamamos hinduístas, muçulmanos ou cristãos? Porque não somos verdadeiramente religiosos, em absoluto. Se tivéssemos amor, se tivéssemos caridade em nossos corações, não faríamos o menor caso de títulos — e isso é que é religião. Porque os nossos corações estão vazios, enchem-se de coisas pueris... a que chamais questões momentosas! Francamente, isso é falta de maturidade. Se Bombaim deveria ser cidade livre, se deveria haver brâmanes e não-brâmanes — são êstes os problemas momentosos, ou são apenas uma fachada, atrás da qual vos escondeis ? Afinal, quem é que é brâmane ? Decerto, não é aquêle que põe as vestes sagradas. Brâmane é o homem que compreende, que não tem autoridade na sociedade, que é independente da sociedade, que não tem ganância, que não busca o poder, que está à margem de tôda espécie de poder — êsse é que é o brâmane. Somos pessoas assim? Não somos, evidentemente. Porque então nos rotulamos com um nome sem significação alguma? Fazemo-lo, porque isso traz proveito, nos dá uma posição na sociedade. Um homem sensato não pertence a grupo algum, não ambiciona posição na sociedade, pois isso só produz guerra. Se fôsseis realmente sensatos, pouco vos importaria o nome que vos dessem; não veneraríeis os rótulos. Mas rótulos, palavras, se tornam coisas importantes quando o coração está vazio. Porque tendes vazio o coração, estais temerosos e prontos a matar os outros. É um problema verdadeiramente absurdo, êsse de hindus e moslens. Francamente, senhores, êle é infantil, indigno de pessoas amadurecidas, não é verdade? Ao verdes pessoas imaturas espalhando a desordem, que fazeis? De nada serve dar-lhes cacetadas na cabeça. Ou tentais ajudá-los ou vos afastais, deixando-os fazer desordem à vontade. Como êles gostam dos seus brinquedos, vós vos retirais e edificais uma nova cultura, uma nova sociedade. O na-

cionalismo é um veneno, o patriotismo um entorpecente, e os conflitos do mundo constituem uma distração das relações diretas com as pessoas. Se sabeis disso, podeis continuar a condescender com essas coisas? Se perceberdes isso claramente, não haverá mais divisão entre hinduísta e muçulmano. Nosso problema, portanto, é muito mais vasto do que a questão de se Bombaim deveria ser cidade livre, e por isso não vamos absorver-nos em problemas estúpidos, deixando de parte as questões vitais. Senhores, as questões vitais estão muito próximas de nós, na batalha entre vós e mim, entre marido e mulher, entre vós e o vosso próximo. Por causa de nossa vida pessoal criamos esta confusão, estas disputas entre brâmanes e não-brâmanes, entre hinduístas e muçulmanos; vós e eu concorremos para esta confusão, somos diretamente responsáveis, e não certos chefes. Visto ser nossa a responsabilidade, cumpre-nos agir; e para agir, precisamos pensar corretamente; e para pensar corretamente, temos de lançar fora as coisas pueris, as coisas que sabemos de todo falsas e sem significação. Para sermos entes humanos amadurecidos, precisamos desfazêr-nos dêsses brinquedos absurdos, que são o nacionalismo, a religião organizada, o seguir alguém, política ou religiosamente. Êsse é o nosso problema. Se tendes verdadeiro interêsse nisso, então, naturalmente, vos libertareis de todos os atos infantis, de adotardes determinados rótulos: nacionais, políticos ou religiosos; e só então teremos um mundo pacífico. Mas se vos limitais a ouvir, apenas, depois que saírdes daqui, ireis fazer exatamente a mesma coisa que antes fazíeis (Risos). Vejo-vos rir — e nisso é que está a tragédia. Não tendes interêsse em sustar a guerra, não estais deveras interessados em ter paz no mundo. Em Puna, talvez vivais pacìficamente, por ora, e pensais que de alguma maneira haveis de sobreviver. Não sobrevivereis. Fala-se de guerra entre o Hyderabad e a Nova Índia, de proble-

mas comunais, etc. Estamos todos à beira de um precipício. Tôda esta civilização em que o homem tinha tanta fé, está ameaçada de destruição; as coisas que temos criado e cultivado com tanto carinho, tôdas estão em jôgo atualmente. Para que o homem se salve do precipício, torna-se necessária uma verdadeira revolução — não uma revolução sangrenta, mas uma revolução de regeneração interior. Não é possível regeneração sem autoconhecimento. Sem vos conhecerdes a vós mesmos, nada podeis fazer. Temos de pensar em cada problema profundamente e de maneira nova; e para o fazer, precisamos libertar-nos do passado, o que significa que o "processo" de pensamento deve findar. Nosso problema consiste em compreender o presente, na sua enormidade, com suas inevitáveis catástrofes e desgraças — precisamos encarar tudo isso de maneira nova. Não pode haver nada nôvo se transportamos sempre conosco o passado, se analisamos o presente por meio do "processo" do pensamento. Eis porque, para se compreender um problema, necessita-se o findar do pensamento. Quando a mente está tranqüila, quieta, serena, só então está resolvido o problema. Por conseguinte, é importante a compreensão de si mesmo. Vós e eu temos de ser o sal da terra, professando um nôvo pensamento, uma nova felicidade.

1.º de setembro de 1948.

II

CONFERÊNCIA REALIZADA EM PUNA

É sobremodo difícil compreender os meandros e as complexidades das relações humanas. Mesmo quando temos muita intimidade com uma pessoa, é muitas vêzes dificílimo e quase impossível conhecer-lhe os verdadeiros sentimentos e pensamentos. Isso se torna menos difícil quando há afeição, quando há amor entre duas pessoas, porque há então comunhão imediata, simultânea e no mesmo nível; mas essa comunhão é negada, quando ficamos apenas a discutir ou a ouvir no nível verbal. É dificílimo estabelecer essa comunhão entre vós e mim, porque não há comunhão, não há verdadeiro entendimento entre nós. A comunhão deixa de existir quando há temor ou preconceito, porque nesse caso entra em funcionamento o mecanismo de defesa. Talvez eu veja as coisas de maneira diferente daquela a que estais habituados, e desejo estar em comunhão convosco, desejo comunicar-vos o que vejo. Posso não ver com exatidão ou de maneira completa; mas, se desejais examinar o que vos estou comunicando, deveis, de vossa parte, estar abertos, receptivos.

Não me estou ocupando com idéias. As idéias, para mim, não têm significação alguma. Idéias não produzem revolução, idéias não produzem regeneração; e é a regeneração que é essencial. A comunicação de idéias é relativamente fácil, mas o comungarmos uns com os outros,

além do nível verbal, é sobremaneira difícil. O que devemos estabelecer entre nós não é uma comunhão imaginária, uma comunhão mística, mas uma comunhão que só é possível quando nós dois estamos sèriamente interessados em descobrir a verdade que resolverá os nossos problemas. Quanto a mim, creio em uma realidade que existe de momento em momento e que, absolutamente, não se encontra na esfera do tempo. Essa realidade representa a única solução aos múltiplos problemas da nossa vida. Quando uma pessoa percebe essa realidade, ou quando ela surge, é ela um fator de libertação; mas nenhuma soma de argumentação intelectual, de disputa, de conflito econômico, social ou religioso, resolverá os problemas gerados pela mente.

Reunimo-nos aqui para comungar uns com os outros, e para tal precisamos estar abertos e receptivos, não aceitando nem negando, mas investigando. Vós e eu estamos em relação, não estamos vivendo isoladamente. A verdade não é algo separado do estado de relação. As relações constituem a sociedade, e na compreensão das relações entre vós e vossa espôsa, entre vós e a sociedade, encontrareis a verdade, ou, melhor, a verdade virá a vós, trazendo-vos a libertação de todos os problemas. Não podeis achar a verdade, deveis deixá-la vir a vós; e para que isso aconteça requer-se uma mente não mais perturbada pela ignorância. Ignorância não significa a falta de conhecimentos técnicos, a falta de leitura de muitos livros filosóficos: ignorância é a falta de conhecimento próprio. Ainda que uma pessoa tenha lido muitos livros filosóficos e sagrados e seja capaz de citá-los, essas citações, que representam uma acumulação de palavras e experiências alheias, não libertam a mente da ignorância. Surge o autoconhecimento ao investigarmos e experimentarmos as tendências dos nossos próprios pensamentos, sentimentos e atos, o que significa estarmos cônscios de nosso

"processo" total, nas relações, instante por instante. O autoconhecimento, do qual trataremos mais adiante, dá-nos a exata perspectiva de qualquer dos nossos problemas, e a exata perspectiva é a compreensão da verdade contida no problema; e essa compreensão, inevitàvelmente, produzirá ação, nas relações. Por conseguinte, o autoconhecimento não se opõe à ação, não a nega. O autoconhecimento revela a perspectiva correta, ou seja a verdade contida no problema, da qual resulta a ação — essas três coisas estão sempre relacionadas entre si; não são separadas. Não há ação verdadeira sem autoconhecimento. Se não me conheço a mim mesmo, é óbvio que não tenho base para a ação; o que faço é mera atividade, reação de uma mente condicionada, e portanto sem significação. Uma reação condicionada não pode libertar-nos nem pôr ordem no caos.

Ora, o mundo e o indivíduo são um "processo" único, não são opostos um ao outro; e o homem que está tentando resolver seus próprios problemas, que são os problemas do mundo, necessita evidentemente de uma base para o seu pensar. Acho bastante claro isso. Se não me conheço a mim mesmo, falta-me base para pensar; se, desconhecendo-me a mim mesmo, ponho-me em atividade, essa atividade só poderá gerar sofrimentos e confusão — exatamente o que está sucedendo no mundo, nos tempos atuais. Nessas condições, a investigação que nos leva ao autoconhecimento não é um processo de isolamento, não é uma fantasia nem um luxo de asceta. Pelo contrário, é uma necessidade evidente para o homem do mundo, para o pobre e o rico, e para aquêle que deseja resolver os problemas do mundo. Julgo importantíssimo compreender que êste mundo é produto de nossa existência diária, e que o ambiente criado por nós não é independente de nós. O ambiente existe, e não podemos transformá-lo sem nos transformarmos a nós mesmos; e para isso, devemos com-

preender os nossos pensamentos, sentimentos e atos, na vida de relação. Os economistas e os revolucionários querem alterar o ambiente sem alterar o indivíduo; mas a simples alteração do ambiente, sem a compreensão de nós mesmos, não tem significação alguma. O ambiente é produto dos esforços do indivíduo, estando um e outro relacionados entre si; não se pode alterar um dêles, sem alterar também o outro. Vós e eu não estamos isolados; somos o resultado do "processo" total, o produto de tôda a luta da humanidade, quer vivamos na Índia, no Japão ou na América. A soma de tôda a humanidade sois vós e eu. Podemos estar conscientes ou inconscientes dêsse fato. Para se realizar uma transformação revolucionária na estrutura da sociedade, deve cada indivíduo compreender-se a si mesmo como um "processo" total, e não como uma entidade separada, isolada. Se está bem claro isso, podemos continuar a investigar a natureza da mente humana e do homem. Mas deve ficar bem claro, para o homem que sente real interêsse, que não pode haver uma revolução completa no mundo num nível único, econômico ou espiritual. Uma revolução total, uma revolução fecunda, só será possível se vós e eu nos compreendermos como um "processo" total. Vós e eu não somos indivíduos isolados, mas, sim, o resultado de tôda a luta da humanidade, com suas ilusões, suas fantasias, desejos, ignorância, diferenças, conflitos e misérias. Não podemos começar a alterar as condições do mundo antes de têrmos compreendido a nós mesmos. Se perceberdes isso, dar-se-á, dentro de vós, imediatamente, uma revolução completa. Então, é desnecessário o *guru*, porque o autoconhecimento se processa minuto por minuto: não é uma acumulação de coisas ouvidas de outrem, nem se encerra nos preceitos dos instrutores religiosos. Quando o indivíduo está descobrindo-se a si mesmo, instante por instante, em suas relações com outras pessoas, essas relações assumem significado inteira-

mente diverso. As relações transformam-se em revelação, em constante "processo" de autodescobrimento; e dêsse autodescobrimento resulta a ação.

O autoconhecimento, pois, só pode vir pelas relações e não pelo isolamento. Relações significam ação, e o autoconhecimento é o resultado de um lúcido percebimento na ação. Exemplificando: suponhamos que nunca tenhais lido livros e sois o primeiro a investigar o significado da existência. Não tendes ninguém que vos ensine a maneira de começar — nem *guru*, nem livro, nem instrutor — e quereis descobrir o "processo" total de vós mesmo. Como começar? Só podeis começar por vós mesmo, não é assim? Pois é êste o nosso problema. O mero citar de autoridades não representa autoconhecimento, descobrimento do "processo" do "eu", e por conseguinte de nada vale. Tendes de começar como se nada soubésseis, pois só assim realizareis um descobrimento fecundo e libertador; só assim encontrareis, com vosso descobrimento, a felicidade e a alegria. Mas nós, a maioria de nós, vivemos de palavras; e as palavras, tal como a memória, são produto do passado. Um homem que vive no passado não pode compreender o presente. Cumpre-vos, pois, compreender o "processo" de vós mesmo, momento por momento, o que significa que deveis estar sempre vigilante, sempre cônscio dos vossos pensamentos, sentimentos e ações. Estando cônscio, vereis que os vossos pensamentos, sentimentos e ações não se baseiam apenas no padrão criado pela sociedade ou pelos instrutores religiosos, mas são também o produto de vossas inclinações pessoais. Percepção dos nossos pensamentos, sentimentos e ações — eis o "processo" do autoconhecimento. Todos nós temos percebimento no sentido de que temos consciência de estar fazendo ou pensando alguma coisa; mas não estamos cônscios do motivo ou impulso que origina aquilo que pensamos e fazemos. Procuramos alterar a estrutura do pen-

samento, e nunca compreendemos o criador dessa estrutura.

É essencial, portanto, que nos compreendamos a nós mesmos; porque, sem essa compreensão, sem êsse "processo" de autodescobrimento, nunca haverá uma revolução criadora. Compreender a si mesmo, significa estar conscio de cada pensamento e cada sentimento, sem tendência a condená-lo. Condenar é sustar o pensamento e o sentimento; mas, se nos abstemos de condenar, de justificar, de resistir, então, nesse caso, o pensamento se revelará todo inteiro. Experimentai, e vereis. É de suma importância isso; porque, para o advento de uma revolução criadora, ou regeneração, é essencial, em primeiro lugar, compreendermos a nós mesmos. O introduzir modificações econômicas ou novos padrões de ação, sem compreensão de nós mesmos, tem muito pouco valor. Enquanto não nos compreendermos a nós mesmos, caminharemos sempre de um conflito para outro. Nada se pode criar quando há conflito; a criação só é possível quando cessa o conflito. Para o homem que vive numa batalha constante consigo mesmo e com seu próximo, nunca haverá possibilidade de regeneração — êle só pode ir de reação em reação. Só pode vir a regeneração quando estamos livres de tôda reação, e essa liberdade só pode nascer do autoconhecimento. O indivíduo não é um processo isolado, separado do todo, mas, sim, o "processo" total da humanidade; por conseqüência, os que sentem verdadeiro interêsse e desejam realizar uma revolução de valôres, radical e fundamental, êsses devem começar por si mesmos.

Tenho aqui várias perguntas e vou tentar responder ao maior número possível.

PERGUNTA: A veneração das imagens, o puja *e a meditação são coisas naturais e evidentemente úteis ao homem. Porque as repudiais e quereis tirar-nos o consôlo que elas nos oferecem, no sofrimento?*

KRISHNAMURTI: Compreendamos o que é meditação. Sendo uma questão complexa, tereis de prestar atenção contínua, senão perdereis a substância desta resposta. Tratemos em primeiro lugar de esclarecer os pontos principais. De início, não digo que a meditação não é necessária. Mas, antes de dizermos se é necessária ou não, precisamos compreender o que ela significa. Meu *guru*, minhas tradições prescrevem que devo meditar, e por isso me fecho num quarto e ponho-me a meditar. Isso, decerto, não tem significação alguma. Preciso saber o que se entende por meditação.

Que entendemos por meditação? Na meditação estão implicadas muitas coisas: prece, concentração, busca da verdade ou daquilo que chamamos compreensão, desejo de consolação, etc. Consideremos a prece. Que significa ela? A prece é uma forma de súplica. Vê-se uma pessoa em dificuldades, e pede socorro a outra. Vós e eu talvez não oremos, mas há milhões que o fazem; e quando êstes milhões rezam, obtêm evidentemente uma resposta, pois do contrário não rezariam. Obtêm uma certa consolação. Quando se ora, a resposta vem de Deus, de uma entidade superior, ou vem de outra parte? Em que consiste a oração? Primeiro, repetis certas palavras; sois hinduísta, e repetis certas palavras, *mantrams*. Pela repetição de palavras, vêzes sôbre vêzes, produzis uma estado de quietude na mente. Se repetimos uma coisa sem cessar, é claro que a mente há de ficar embotada, quieta; e estando quieta, recebe uma resposta. De onde provém a resposta? Provém do que chamais Deus ou de outra parte? Por que orais? Orais, evidentemente, porque vos achais em alguma dificuldade, em algum estado que vos causa dor e sofrimento, e por isso desejais uma solução. Isto é, criastes um problema; e orando, isto é, repetindo palavras, tranqüilizais a mente, e esta recebe então uma resposta ou solução. Quando fazeis isso, que acontece realmente? A

mente superficial acha-se em estado de tranqüilidade, de inatividade; então o inconsciente nela se projeta, e tendes a resposta. Ou, expressando-o de outra maneira, tendes um problema que vos atormenta e perturba durante muitas horas e não achais a solução. Ides então dormir, dizendo: "Vou dormir sôbre o caso." Ao despertardes, na manhã seguinte, tendes a solução do problema. Que aconteceu? A mente consciente, depois de torturar-se com um problema, põe-no de parte, dizendo: "Não quero mais preocupar-me com êle"; e quando a mente consciente está quieta, em relação ao problema, o inconsciente pode projetar-se no consciente e levar-lhe a solução. Essa resposta, podeis chamá-la "a voz tranqüila e suave", a voz de Deus, ou como quiserdes — o nome não importa. É o inconsciente que transmite a mensagem, é êle que envia a solução do problema; e a oração é um simples expediente para aquietar a mente consciente, a fim de que possa receber a resposta. Mas a mente consciente obtém uma resposta de acôrdo com o seu desejo consciente. Se a mente é condicionada, a resposta será sempre condicionada. Isto é, se sou nacionalista e se, por meio da prece, reduzo a mente consciente a um estado de tranqüilidade, obtenho uma resposta de acôrdo com o meu condicionamento nacionalista. Por isso pode um Hitler dizer: "Ouço a voz de Deus." Êste é um dos aspectos desta questão da meditação.

Vem a seguir o problema da concentração, um pouco mais difícil, reclamando maior aplicação do pensamento e da atenção. Que se entende por concentração? Por concentração, entende-se exclusão. Concentrar-se num objeto, numa idéia, significa repelir e excluir todos os outros pensamentos que se insinuam na mente. Resistir à concorrência de outras idéias, procurar forçar a mente a fixar-se numa idéia, é uma batalha constante, não? Escolheis uma idéia e procurais focar a mente nessa idéia, resistindo a todos os outros pensamentos; e quando conseguis concen-

trar-vos nessa idéia, com exclusão de tôdas as outras, pensais ter aprendido a concentração perfeita. Quando fazeis isso, que acontece realmente? A concentração se torna um constante conflito de resistência. Por que escolheis um pensamento e rejeitais todos os outros? Porque julgais que um determinado pensamento é mais importante do que os outros, os quais considerais secundários. Por isso há conflito, há uma batalha constante entre os pensamentos secundários e o pensamento mais importante. Mas se seguis e compreendeis cada pensamento que surge, importante ou não — todos os pensamentos são importantes — não há então necessidade de focardes o pensamento numa única idéia. A concentração não é então limitante, mas tonificante, criadora. Vêde uma criança. Dai-lhe um brinquedo, um jôgo, qualquer coisa que a interesse. A criança se deixará absorver inteiramente, não precisais dizer-lhe que se concentre. São as pessoas adultas, sem interêsse, que se forçam a concentrar-se. O homem que faz esfôrço para concentrar-se, não tem interêsse no que está fazendo. Se tivesse, a concentração não exigiria esfôrço algum. A maioria de vós entrega-se à meditação porque não tem interêsse nas coisas que faz todos os dias. A meditação, pois, vos leva para longe da vida, não faz parte da vossa existência diária. Por conseguinte, a concentração, a que chamais meditação, é, meramente, uma fuga à vida; e se conseguis fugir da vida completamente, pensais ter lucrado alguma coisa. Mas se examinardes cada pensamento, cada sentimento que se manifesta, sem condenação, nem justificação, nem resistência, então, em virtude dessa compreensão constante, dêsse perpétuo redescobrimento, a mente se torna muito quieta, muito serena, livre. Meditação, como vemos, não é concentração, meditação não é prece.

E temos, ainda, a prática de ritos. Por que praticais um rito? Qual a verdade em que se baseia? Morre minha

mãe, e eu pratico um ritual por nenhuma razão válida. Senhores, isso traz à balha a questão da sanidade mental. Fazer uma coisa sem pensar é falta de sanidade mental; usar palavras que não têm nexo, que não têm significação, denota um estado de desequilíbrio. Por que executais ritos em intenção dos mortos? Se êles vos confortam, estais então procurando confôrto e não compreensão. Se o sabeis, porque então fazeis isso? Sabeis, é bem óbvio, que não deveis praticá-los. Alguns os praticam porque não têm outra coisa que fazer, principalmente as mulheres, e isso indica o estado de desequilíbrio em que estamos vivendo. A prática de ritos é uma fuga maravilhosa da brutalidade da vida, de um marido brutal, da constante criação de filhos; e condenais aquêles que os não praticam. Para uns êles constituem uma fuga, para outros uma questão de tradição, de autoridade. Francamente, celebrar um rito qualquer em intenção do pai ou da mãe que faleceu, porque a tradição o manda, é um estado de desequilíbrio. Não sabeis o que significa, mas dará gôsto à mãe ou ao pai ou ao vizinho. Quem faz uma coisa que não compreende é desequilibrado. Francamente, citar autoridades, executar uma coisa que não se compreende, só porque conforta, isso não é ação própria de uma pessoa bem equilibrada.

Por fim, temos a veneração de uma imagem, o ficar sentado diante de um retrato, inteiramente absorto. Por que venerais coisas mortas? Por que não venerais vossas espôsas, vossos filhos e vossos vizinhos? Adorais coisas mortas, porque elas não podem reagir e podeis atribuir-lhes o que quiserdes. Não adorais os vivos porque êles podem reagir e dizer que sois muito estultos.

Pois bem, se meditação não é prece, se não é concentração, se não é rito, nem repetições de palavras, se não é adoração de imagens, que é então meditação? Para se compreender qualquer coisa, há necessidade de uma mente tranqüila. Que significa meditação? Se percebeis

que meditação não é repetir palavras, não é sentar-se à frente de uma imagem e pôr-se em estado de hipnose — se percebeis essa verdade, que acontece à vossa mente? Se percebeis a verdade acêrca da oração, da adoração de imagens, se percebeis a verdade a respeito dos ritos e suas ilusões, qual é o estado da vossa mente? É claro que, se tiverdes percebido a verdade acêrca de tôdas essas coisas, estareis libertado de tôdas elas, não é exato? Libertada delas, a vossa mente se torna muito serena; e nessa serenidade, manifesta-se a realidade. A meditação, pois, não é um disciplinar da mente e do coração em conformidade com um determinado padrão, mas, sim, um processo constante de compreensão, momento por momento. Só vem a compreensão quando há o percebimento da verdade — não de alguma verdade abstrata, mas da verdade daquilo que é real. Se tomo uma corda por uma serpente, há aí um estado de falsa representação; mas quando vejo a corda como uma corda, há verdade. Só há verdade quando vejo as coisas como são, claramente e sem desfiguração, na sua exata perspectiva; e êsse "processo" de ver as coisas como são, com clareza e sem desfiguração, é meditação. Mas é extremamente difícil perceber o que *é*, não tomar uma corda por uma serpente, porque, em geral, somos incapazes de perceber sem deformar. A meditação, portanto, é o "processo de descondicionamento" da mente; significa estar cônscio sem condenação, sem justificação ou resistência, de cada pensamento, cada sentimento, cada fantasia que surge, conforme as nossas idiossincrasias e tendências pessoais. A meditação, pois, significa libertação do passado. É a memória do passado que condiciona a nossa reação, e meditação é o processo de libertar a mente do passado.

Mas surge-nos aqui uma dificuldade. É necessário que a mente se liberte do passado, para não deformar o que *é*, para ver as coisas claramente, tais como são; e

como pode a mente, que é o resultado do passado, libertar-se do passado? Só pode libertar-se a mente do passado, ao reconhecerdes que cada pensamento é produto do passado, e ao terdes plena consciência de que o pensamento não pode resolver problema algum. Todo problema é um estímulo, é um desafio sempre nôvo; e traduzir o nôvo em têrmos do velho é negar o nôvo. Quando a mente se percebe a si mesma como o centro desfigurador, e está livre, lúcida, desvinculada do passado, e não mais se separa como "vós", como "eu" — está ela então tranqüila; e nessa tranqüilidade existe compreensão, inteligência, realidade. Essa é uma experiência que deve ser vivida por cada um, e que não pode ser repetida. Se a repetimos, então já é coisa velha. Mas se tendes interêsse em resolver os problemas humanos, é necessária essa espécie de meditação; e quando a mente se torna naturalmente tranqüila, como uma lagoa depois do vendaval, surge então a realidade.

PERGUNTA: Os homens nascem desiguais; qualquer teste de inteligência pode prová-lo. Nossos shastras, *reconhecendo êsse fato, classificam os homens em três tipos:* satva, rajas e tamas. *Porque dizeis então que vossa mensagem é para todos, independentemente das diferenças de temperamento e de inteligência? Não estais fugindo ao vosso dever, com o presumirdes que todos são iguais? Isso não se parece um pouco com demagogia?*

KRISHNAMURTI: Senhor, é bem óbvio que todos somos desiguais. Há uma diferença enorme entre um homem e outro, entre uma mulher e outra. Mas há diferença quando amais alguém? Há desigualdade? Há nacionalidade? Quando o coração está vazio, tornam-se então muito importantes os tipos; dividimos então os sêres huma-

nos em classes, côres, raças. Mas quando amamos, há alguma diferença? Quando há generosidade no vosso coração, fazeis distinções? Vós vos dais. Só o homem que não é generoso, que vive preocupado com sua conta no banco, só a êsse interessa manter essas diferenças e divisões. Para o homem que busca a verdade, não há divisões. Buscar a verdade é estar ativo, é ter sabedoria, é conhecer o amor. O homem que esta seguindo por um determinado caminho não pode nunca conhecer a verdade, porque êsse caminho é, para êle, exclusivo. Quando digo que minha mensagem é para todos, não o faço para agradar à democracia — coisa inexistente neste mundo. Falar para agradar ao homem comum é um estratagema barato, próprio do político. O que estou dizendo é para todos, sem levar em conta a posição de cada um na vida, seja rico, seja pobre, sem levar em conta o seu temperamento. Todos nós sofremos, todos temos problemas, estamos carregados de preocupações e em conflitos incessantes; a morte, a aflição e o sofrimento são nossos companheiros constantes. O princípio hierárquico é nitidamente nocivo ao pensamento espiritual. Dividir os homens em "altos" e "baixos" denota ignorância. Uma vez que todos estamos sofrendo em diferentes níveis de consciência, o que digo é para todos. Todos nós — ricos, pobres, remediados — queremos ficar livres do sofrimento. O sofrimento é nossa condição comum; e como todos buscamos uma saída do sofrimento, o que digo é para todos.

Pois bem, visto que sofremos, nada se ganha em querermos apenas fugir a essa condição. O sofrimento não pode ser compreendido se fugimos dêle, mas, sim, se o amamos e compreendemos. Compreendemos uma coisa, quando a amamos. Compreendeis vossa espôsa quando a amais, compreendeis vosso próximo quando o amais — o que não significa deixar-se arrebatar pela palavra "amor". A maioria de nós foge ao sofrimento por meio dos inúme-

ros artifícios engenhosos da mente. O sofrimento só pode ser compreendido quando estamos frente a frente com êle, e não quando buscamos incessantemente fugir-lhe. Por causa do nosso desejo de evitar o sofrimento, criamos uma civilização de distrações, de religião organizada, com suas cerimônias e *pujas;* e amontoamos riquezas, explorando os outros. Tôdas essas coisas são indicativas do nosso empenho em evitar o sofrimento. Sem dúvida, vós e eu, "o homem da rua", qualquer um pode compreender o sofrimento, bastando que lhe dê atenção. Mas, por desventura, a civilização moderna nos ajuda a fugir por meio de divertimentos, de distrações, de ilusões, de repetições de palavras, etc. Tudo isso nos ajuda a evitar o que é, e por isso precisamos estar conscios dessas inúmeras fugas. Só quando o homem estiver livre das suas fugas, dissolverá a causa do sofrimento. Para o homem feliz, o homem que ama, não há divisões; êle não é brâmane, nem inglês, nem alemão, nem hindu. Para êsse homem não há divisões de "altos" e "baixos". É porque não amamos que temos tôdas essas odiosas divisões. Quando amais, tendes um sentimento de riqueza que vos perfuma a vida e estais pronto a dividir o vosso coração com outro. Quando está cheio o coração, as coisas da mente fenecem.

PERGUNTA: Maharashtra é a terra de santos. Dyaneswari, Tukaram, e muitos outros filhos de Maharashtra lutaram por meio de Bakthi Marga *para proclamar a verdade e dar assistência a milhões de homens e mulheres comuns, que ainda visitam o templo de Pandharpur todos os anos, com fervorosa fé. Êsses santos deram-nos* mantrams. *Porque não simplificais a vossa mensagem, trazendo-a ao nível do homem comum?*

KRISHNAMURTI: Os mais de nós somos devotos e desejamos adorar alguma coisa; e visto que os *mantrams* simplificaram a vida e beneficiaram milhões, porque não simplifico o meu ensinamento? Esta é a essência desta pergunta. Senhor, acreditais que pela repetição de palavras, pela repetição de um nome, dais nutrição à alma? Ou apenas insensibilizais a mente? Sem dúvida, qualquer coisa que repetimos, vêzes e mais vêzes, torna a mente insensível. Não representará esta constante repetição de palavras um expediente para insensibilizar a mente e impossibilitar qualquer revolução, qualquer investigação e qualquer reação sensível? Tornou-se uma das funções dos governos insensibilizar a mente por meio da repetição constante: "Nós estamos certos, os outros partidos errados." Pela incessante repetição de um nome, pela prática constante de um rito, não há dúvida de que a mente, que deveria ser sensível e flexível, se torna embotada. A maioria de nós tem inclinação para viver uma vida de devoção, de alguma espécie; mas infelizmente êsses exercícios de repetição a destroem. Muito importa compreender que o caminho da devoção e o caminho da sabedoria não são separados. As relações, que são um processo de auto-revelação, não podem ser compreendidas quando seguimos qualquer caminho. Se desejo compreender a vida, preciso vivê-la, preciso estar ativo, cheio de sabedoria com relação à vida. Seguir um caminho, desprezando outro, significa desfiguração das coisas, um estado de contradição interior.

O interrogante deseja saber porque não posso tornar o meu ensino simples e acessível ao homem comum. Aí está uma coisa extraordinária! Que vos importa o homem comum? Interessa-vos realmente o homem comum? Duvido muito. Se sentísseis interêsse pelo homem comum, não teríeis idolatria por sistema nenhum, não haveria partido político, nem da esquerda nem da direita. Um sistema se torna importante quando não amais o homem comum,

mas só amais o sistema, uma ideologia, pela qual estais dispostos a assassinar e destruir o homem comum. Afinal, o homem comum sois vós e sou eu. Qual a dificuldade que há em compreender o que digo? A primeira dificuldade é que não quereis compreender. Se compreendêsseis haveria em vós uma revolução, que vos perturbaria, que escandalizaria vosso pai, vossa mãe, vossa espôsa; por isso dizeis: "O que ensinais é muito complexo." Por outras palavras, senhor, quando não quereis compreender uma coisa, vós a fazeis complexa. Quando desejais compreender uma coisa, vós a amais; e quando amais, a vida se torna simples. É porque não tendes amor por vossa espôsa ou por qualquer coisa, que isto se torna uma filosofia complicada, que achais dificílima. Quando amais a um, amais a outros, há cordialidade para com todos. Sois então sensível, flexível. Porque nos falta essa afeição flexível, cordial, vivemos de palavras, sustentamo-nos com palavras. Adoramos um sistema, com suas horríveis distinções de classe e de raça, suas fronteiras econômicas, porque nossos corações estão vazios. Para compreenderdes, precisais ter amor em vossos corações. O amor não é coisa para ser cultivada; êle nasce, pronta e imediatamente, quando não é impedido pelas coisas da mente. Estão vazios os nossos corações, e é por isso que não existe comunhão entre vós e eu. Escutamos, temos palavras, temos discussões, mas não há comunhão entre nós, porque entre nós não existe amor. Quando há amor — cordialidade, generosidade, afabilidade, compaixão — não se necessita de filosofia alguma nem de instrutores; porque o amor é a própria verdade.

5 de setembro de 1948.

III

CONFERÊNCIA REALIZADA EM PUNA

Visto que a todos nós interessa a ação e que, sem ação, não se pode viver, é de tôda necessidade entrarmos a fundo nesta questão e procurarmos compreendê-la plenamente. É uma questão difícil, e temos de segui-la nos seus diferentes níveis; porque vivemos, em geral, uma vida desintegrada, seccionada, a nossa existência está dividida em compartimentos. Filosofias, ações e atividades existem em diferentes níveis, sem ligação umas com as outras; e êsse viver conduz, inevitàvelmente, à confusão e à desordem. Assim, quando tentamos compreender o complexo problema da ação, precisamos verificar o que é atividade e o que é ação. Há uma vasta diferença entre atividade e ação. Vivemos uma vida desintegrada, em níveis diferentes, e queremos resolver os nossos muitos problemas cada um no seu nível próprio. O economista quer resolver todo o problema da existência no nível econômico, o religioso no nível psicológico ou, como costumam chamá-lo, espiritual, e o homem que crê na reforma social se interessa pela transformação exterior, pela modificação dos padrões sociais, etc.

Vemos, pois, que os mais de nós operamos em compartimentos separados, isolando o problema e procurando resolvê-lo como se êle fôsse exclusivamente um problema econômico ou um problema psicológico ou espiritual, ex-

clusivamente externo ou interno. Ora, esta ação isolada é ação desintegrada, e a ação circunscrita é mera atividade. Isto é, quando queremos resolver um problema no seu próprio nível, como se êle não tivesse relação com outras questões importantes da vida, essa maneira de tratar o problema não passa de mera atividade. Atividade é a ação que não está em relação com o todo. Quando dizemos: "modifiquemos primeiro o ambiente, e o resto virá por si", uma idéia dessas, sem dúvida, revela um pensar fragmentário, conducente à mera atividade. O homem não vive num único nível, mas em diferentes níveis de consciência; e separar a sua vida em compartimentos, em níveis diferentes e sem nenhuma relação entre si, é òbviamente prejudicial à ação. Muito importa compreender a distinção entre atividade e ação. Eu chamaria atividade à conduta de vida baseada em níveis independentes, em níveis "desintegrados" — isto é, queremos viver como se a vida estivesse num único nível, sem nos preocuparmos com outros níveis, com outros campos da consciência. Se examinarmos tais atividades, verificaremos que se baseiam em idéias, e a idéia é um "processo" de isolamento; por conseguinte, a atividade é sempre um processo de isolamento, e não de unificação. Se analisardes a atividade, vereis que ela é o produto de uma idéia; isto é, a idéia é considerada a coisa mais importante de tôdas, e uma tal idéia é sempre separativa. Uma idéia que gera atividade, ou uma atividade baseada no padrão de uma idéia, há de causar conflito, inevitàvelmente — e isso é o que está acontecendo na nossa vida. Temos uma idéia e depois nos moldamos por essa idéia; mas, se a examinardes atentamente, podereis ver que a idéia é separativa. Uma idéia nunca pode ser integradora; ela sempre separa, sempre divide. Aquêle que se entrega a simples atividades baseadas numa idéia, está òbviamente criando malefícios, causando sofrimentos, promovendo a desor-

dem. A "ação integrada" não nasce de uma idéia; nasce assim que compreendeis a vida como um processo total, não fragmentado em compartimentos separados, em atividades separadas do todo da existência. "Ação integrada" é a ação que não está baseada em idéia, ação que abrange o todo, o "processo" total; e o que é um processo total não tem a limitação de uma idéia. Assim, aquêle que deseja agir sèriamente, interessadamente, de maneira cabal, sem produzir desordem, deve compreender a ação como um todo, não baseado em idéia. Quando a ação se baseia em idéia, é mera atividade; e tôda atividade é separativa, exclusiva.

Nosso problema, portanto, é o de como agir "integralmente", como um todo, e não em diferentes níveis não relacionados entre si. Para se agir como um todo, agir integralmente, é óbvia a necessidade de autoconhecimento. O autoconhecimento não é uma idéia: é um movimento. Uma idéia é sempre estática; e se nos falta o autoconhecimento, a mera ação baseada numa idéia conduz à desordem, ao sofrimento e à dor. Por conseguinte, para a ação, necessita-se autoconhecimento. O autoconhecimento não é uma técnica, não o temos de aprender num livro. O "processo" do autoconhecimento descobre-se nas relações, em nossas relações com um só indivíduo ou com a sociedade. Sociedade é a relação entre eu e outro homem. Só pode haver "ação integrada" quando há autoconhecimento; e o autoconhecimento é produto não de uma idéia, mas das relações, que estão em constante movimento. Se observardes, podereis ver que as relações nunca podem fixar-se, nunca podem ser limitadas por uma idéia; as relações estão em movimento constante, nunca são estáticas. Por conseguinte, a compreensão das relações é difícil, extremamente difícil, e esta é a razão por que nos voltamos para a mera atividade, para a ideação, como padrão de ação. Nessas condições, o homem sincero não deve deixar-se envolver

na atividade, mas, sim, compreender as relações, pelo processo do autoconhecimento. A compreensão do processo do "eu", do "meu", na sua inteireza, traz a "ação integrada"; e esta ação é completa, esta ação não criará conflito.

Tenho aqui várias perguntas, e tentarei responder a quantas fôr possível. Passei os olhos por estas perguntas mas não refleti a respeito das mesmas. Escolhi algumas dentre as muitas, e das restantes trataremos noutra semana. Vou, pois, responder sem resposta premeditada; e se quiserdes também refletir sôbre cada problema, podemos fazê-lo juntos e descobrir a verdade nêle contida. Se apenas escutardes a resposta e esperardes uma solução de minha parte, esta reunião muito pouco significará; mas se pudermos refletir sôbre os problemas e descobrir juntos a verdade, terá ela então grande significação. É a verdade o que desejais achar; e para que a verdade se manifeste, a vossa mente deve estar preparada. Para receber a verdade deve a mente ser ágil, flexível, vigilante. Se apenas esperais uma resposta da minha parte, então, sem dúvida, a vossa mente está embotada, insensibilizada. Não é sensível a mente quando estais apenas em estado de recepção. Reflitamos sôbre os problemas, sôbre a maneira de nos aplicarmos a cada questão, e procuremos descobrir juntos a verdade.

PERGUNTA: Quais são os deveres de uma espôsa?

KRISHNAMURTI: Não sei quem teria feito essa pergunta, se a espôsa, se o marido. Se a espôsa a formulou, ela requer uma certa resposta, se o marido, a resposta deverá ser outra. Neste país, o marido é o patrão;

êle é a lei, o senhor, porque econômicamente dominante, e é êle quem diz quais são os deveres de uma espôsa. Uma vez que a espôsa não predomina e é econômicamente dependente, o que ela diz não são deveres. Podemos considerar o problema do ponto de vista do marido ou da espôsa. Se consideramos o problema da espôsa, vemos que, porque não é livre, econômicamente, a sua educação é limitada ou suas capacidades de raciocínio podem ser inferiores; e a sociedade lhe impôs regras e modos de conduta estabelecidos por homens. Portanto, ela aceita o que se convencionou chamar os direitos do marido; e como êste é quem domina, por ser econômicamente livre e ter capacidade para ganhar dinheiro, quem dita a lei é êle. Naturalmente, onde o matrimônio é um objeto de contrato, não há limite às suas complicações. Existe então o "dever" — palavra burocrática que nada significa nas relações. Quando se estabelecem regras e se começa a inquirir sôbre os direitos e deveres do marido e da espôsa, isso não tem mais fim. Sem dúvida, a vida de relação, em tais condições, é horrível, não achais? Quando o marido exige os seus "direitos" e quer uma espôsa "cumpridora dos seus deveres" (o que quer que isso signifique) a relação entre os dois não passa evidentemente de mero contrato mercantil. É de grande importância compreender esta questão; porque, certamente, há de haver um modo diferente de considerá-la. Enquanto as relações estiverem baseadas em contrato, em dinheiro, em posse, autoridade ou dominação, elas serão, forçosamente, uma questão de direitos e deveres. É evidente a extrema complexidade das relações, quando elas resultam de um contrato, em que se estipula o que é correto, o que é incorreto e o que é dever. Se sou vossa espôsa e exigis de mim certos atos, como não sou independente, terei naturalmente de sucumbir aos vossos desejos, já que tendes as rédeas nas mãos. Impondes à vossa espôsa certas regras, direi-

tos e deveres, e as relações com ela se tornam, por conseguinte, uma simples questão de contrato, com tôdas as respectivas complexidades.

Mas não haverá uma outra maneira de considerar êste problema? Isto é, quando há amor, não há nenhum dever. Quando amais vossa espôsa, vós lhe dais participação em tudo — na vossa propriedade, nas vossas tribulações, vossas ansiedades, e vossas alegrias. Não a dominais: não sois o homem e ela a mulher, para ser usada e posta de parte, uma espécie de máquina procriadora, para perpetuar o vosso nome. Quando há amor, a palavra "dever" desaparece. Só o homem que não tem amor no coração fala de direitos e deveres, e neste país direitos e deveres tomaram o lugar do amor. As regras se tornaram mais importantes do que o calor da afeição. Quando há amor, o problema é simples; quando não há amor, o problema se torna complexo. Quando um homem ama sua espôsa e seus filhos, jamais pensará em dever e em direitos. Senhores, examinai vosso coração e vossa mente. É claro que isso vos faz rir — esta é uma das artimanhas dos que não gostam de pensar: rir de uma coisa é afastá-la para o lado. Vossa espôsa não tem participação em vossa responsabilidade, nem em vossa propriedade, ela não tem a metade das coisas que tendes, porque considerais a mulher menos importante do que vós, como uma coisa para ser guardada e usada sexualmente, segundo vossa conveniência, quando vosso apetite o exige. Por isso, inventastes as palavras "direitos" e "dever"; e quando a mulher se revolta, atirais-lhe estas palavras. É uma sociedade estática, uma sociedade em decomposição, a que fala de dever e de direitos. Se examinardes ao justo o vosso coração e a vossa mente, verificareis que não tendes amor. Se tivésseis amor, não teríeis feito esta pergunta. Sem amor, não percebo a utilidade de se ter filhos. Sem amor criamos filhos feios, imaturos, incapazes

de pensar; e assim serão êles tôda a vida porque nunca se lhes deu afeição, porque só serviram de brinquedo e de divertimento, e para conservar o vosso nome. Para que venha a existir uma nova sociedade, uma nova civilização, não deve evidentemente haver dominação nem por parte do homem nem por parte da mulher. A dominação existe em virtude da pobreza interior. Psicològicamente pobres, que somos, desejamos dominar, descompor a criada, a espôsa ou o marido. Certamente, só o sentimento afetuoso, o calor do amor, pode implantar uma nova condição, uma nova civilização. O cultivo do coração não é um processo da mente. A mente não pode cultivar o coração; mas, quando é compreendido o processo da mente, surge então o amor. O amor não é uma mera palavra. A palavra não é a coisa. A palavra "amor" não é amor. Quando empregamos essa palavra e procuramos cultivar o amor, isso é meramente um processo da mente. O amor não pode ser cultivado; mas assim que percebermos que a palavra não é a coisa, então a mente, com suas leis e suas regras, seus direitos e deveres, deixará de intervir, e só então teremos a possibilidade de criar uma nova civilização, uma nova esperança, um mundo nôvo.

PERGUNTA: Que qualidade é essa que nos dá a percepção do todo?

KRISHNAMURTI: Primeiramente, compreendamos a pergunta. Em geral, agimos sem integração. Percebemos uma parte de um dado problema, e depois agimos; e quando a nossa atividade está baseada na percepção de só uma parte e não do todo de um problema, haverá inevitàvelmente confusão e miséria. A questão, pois, é de como perceber, na sua inteireza, qualquer problema humano. Porque, quando percebemos um problema em sua

inteireza e o tratamos como um todo, o problema é resolvido. Essa ação não cria novos problemas. Se sou capaz de perceber como um todo, e não apenas parcialmente, o problema da avidez, da violência, do nacionalismo, minha ação não produzirá outras catástrofes e mais sofrimentos. Pois bem, esta é a pergunta: "Que qualidade é essa que nos dá a percepção do todo?"

Ora, como é que nos aplicamos a um problema? Se nos aplicamos a um problema com o desejo de achar uma solução ou a causa do problema, entramos no problema com uma mente muito agitada, não é verdade? Tendes um problema e desejais achar uma solução; por conseguinte, estais muito interessado na solução e vossa mente já está ansiosa por encontrá-la. Isto é, o problema não vos interessa, só vos interessa a solução do problema. Por isso, que acontece? Porque só quereis a solução do problema, perdeis de vista a significação do problema. Visto que vossa mente está agitada, não podeis, em absoluto, perceber o problema em sua inteireza; pois só se pode ver um problema em sua inteireza quando a mente está tranqüila. Só há percebimento do todo quando a mente está completamente tranqüila. Mas êsse silêncio, essa serenidade não é provocada ou produzida por meio de disciplina ou de contrôle. Vem a serenidade só quando cessam as distrações, isto é, quando a mente toma conhecimento de tôdas as distrações. A mente está interessada em muitas coisas, em problemas multiformes, e se ela escolhe um interêsse e exclui outros interêsses, nesse caso não toma conhecimento do problema integral, havendo por isso distração; mas se a mente toma conhecimento de cada interêsse que surge e percebe-lhe o significado, não há então distração. Só há distração quando escolhemos um interêsse central, porque então qualquer coisa estranha ao problema central constitui uma distração. Quando se escolhe um interêssé central, fica a mente tôda

concentrada, tôda absorvida nesse interêsse? Não fica, evidentemente. Podeis escolher um interêsse central, mas, se examinardes a vossa mente, vereis que ela não se concentra em coisa alguma. Se se concentrasse em alguma coisa não haveria distrações; mas isso não é possível, porque ela tem muitos interêsses. Uma distração significa que existe um interêsse central, e por conseguinte tudo o que compete com o interêsse central constitui uma distração. A mente que tem um interêsse central e está resistindo às chamadas distrações, não é uma mente tranqüila. Essa mente está apenas fixada numa idéia, numa imagem ou fórmula, e a mente fixada em alguma coisa não é uma mente tranqüila, é uma mente cativa.

Assim, uma mente tranqüila é essencial para a percepção do todo; e só está tranqüila a mente quando compreende cada pensamento e cada sentimento que surge. Isto é, a mente se torna tranqüila quando cessa o processo de pensamento. Resistir, levantar uma muralha de isolamento e viver nesse isolamento, isso não é tranqüilidade. A tranqüilidade que é cultivada, disciplinada, forçada, a tranqüilidade sob compulsão, é ilusória, e, em tais condições, a mente jamais perceberá o problema como um todo. Senhor, o viver é uma arte, e a arte não se aprende num dia. A arte de viver não se encontra em livros, e nenhum *guru* vo-la pode dar; mas, visto que comprais livros e seguis *gurus,* vossa mente está cheia de idéias falsas, cheia de disciplinas, de regras e restrições. Porque vossa mente nunca está tranqüila, nunca está serena, é incapaz de perceber qualquer problema como um todo. Para se ver qualquer coisa plenamente, integralmente, necessita-se liberdade, e a liberdade não vem por meio de compulsão, de um processo de disciplina, de repressões, mas só quando a mente se compreende a si mesma, o que é autoconhecimento. Essa forma superior de inteligência que é o pensar negativo, só aparece quando o processo

de pensamento cessou; e nessa vigilante tranqüilidade, percebe-se o todo do problema. E só então há a "ação integrada", a ação plena, correta, completa.

PERGUNTA: Dizeis que a repetição de mantrams *e a celebração de ritos embotam a mente. Dizem os psicólogos que quando a mente está concentrada numa coisa ou numa idéia, ela se torna penetrante. Um* mantram *é considerado bom para purificar a mente. Vossa asserção não está em contradição com as conclusões a que chegaram os modernos psicólogos?*

KRISHNAMURTI: Se confiais em autoridades, estais perdido. O especialista é uma pessoa "desintegrada", e o que êle diz de sua especialidade não pode levar à "ação integrada". Porque, se citais um psicólogo e um outro cita outro psicólogo de opinião contrária, em que ficais? O que pensais e o que eu penso valem mais do que todos os psicólogos juntos. Tratemos, pois, vós e eu, de descobrir por nós mesmos, abstendo-nos de citar o que dizem os psicólogos e os especialistas. Êste caminho só conduz à confusão mais completa e ao conflito da ignorância. A questão é esta: a repetição de um *mantram* ou a prática de um rito embota a mente? E a outra questão é: a concentração numa idéia aguça a mente? Vamos ver se descobrimos a verdade a êsse respeito.

A repetição de uma palavra, por melhor que ela soe, é evidentemente um processo mecânico. Observai a vossa mente. Quando tomais a palavra *Aum* e ficais a repeti-la, que acontece à vossa mente? Se ficais repetindo essa palavra, todos os dias, vem-vos um certo estímulo, uma certa sensação, que é produto da repetição. É um processo mecânico; e pensais que uma mente que fica a repetir uma palavra é capaz de penetração ou de pensar com presteza? Costumais repetir *mantrams*: e é vossa mente penetrante,

flexível, ágil? Só podeis ver se vossa mente é ágil ou não, em vossas relações com outras pessoas. Se vos observardes a vós mesmo nas relações com vossa espôsa, vossos filhos, vosso vizinho, vereis que vossa mente é obtusa. Imaginais apenas ter uma mente "penetrante" — palavra que não tem "referente" em vossa ação, em vossas relações, que nunca são claras nem completas. A mente que assim imagina é desequilibrada. A mera repetição de palavras proporciona sem dúvida um certo estímulo, uma certa sensação, mas isso só pode tornar a mente obtusa.

De modo idêntico, quando praticais ritos, cerimônias, dia por dia, que está acontecendo? A prática de um rito, com tôda a regularidade, proporciona sem dúvida um certo estímulo, tal como o freqüentar o cinema; e êsse estímulo vos satisfaz. Quando um homem bebe alguma coisa, um coquetel, poderá sentir-se momentâneamente livre de inibição, mas façam-no beber continuamente, e êle se tornará cada vez mais obtuso. O mesmo acontece quando praticais ritos persistentemente: atribuís aos vossos ritos uma importância extraordinária, que êles não têm. Senhor, vossa mente é que é responsável pelo embotamento de si mesma, que faz da vossa vida um processo mecânico. Não sabeis o que isso significa. Se refletísseis bem, se começásseis de nôvo, não continuaríeis a repetir palavras. Vós o fazeis, porque alguém vos disse que a repetição dessas palavras, dêsses *mantrams*, vos será útil. Para se achar a verdade, não se necessita de *guru* nem de livro algum; para têrmos a mente lúcida devemos examinar a fundo cada questão, cada movimento de pensamento, cada vibração de sentimento. Visto que não desejais achar a verdade, tendes êsse providencial entorpecente, que é o *mantram*, a palavra. Sei que continuareis a praticar êsses ritos, porque o abandôno dos mesmos iria criar perturbações na família, escandalizar a espôsa ou o marido. Para não causar perturbações na família, preferis continuar a

praticá-los. Quem continua a fazer uma coisa, sem saber o que faz, é evidentemente uma pessoa desequilibrada; e não estou nada certo de que aquêles que celebram ritos não são desequilibrados. Se alguma significação tivessem êsses ritos, deveriam ter alguma repercussão na vida diária. Se sois o diretor ou o proprietário de uma fábrica e não dais aos operários nenhuma participação nos vossos lucros, pensais que tereis paz repetindo esta palavra milhares de vêzes? Homens que se utilizam dos outros e que exploram monstruosamente seus criados e empregados, celebram ritos e repetem a palavra "paz, paz": isso é uma fuga maravilhosa. Um homem dêsses é uma entidade feia, desequilibrada, e por mais que fale em pureza de vida, por mais ritos que pratique, por mais que repita a palavra *Aum*, que troque as roupagens do seu Deus, isso não altera nada. Que valor têm vossos *mantrams* e vossos ritos? Falais de paz para um lado e semeais desgraças por outro. Pensais que é equilibrada essa ação? Praticareis ritos incontáveis, mas não procedereis generosamente, porque não há em vós nem uma centelha da vida. Os mais de nós queremos permanecer embotados, porque não desejamos enfrentar a vida, e a mente embotada pode pôr-se a dormir e viver feliz num estado semicomatoso. Os *mantrams*, a celebração de ritos, ajudam a produzir êsse estado de sono — e é isso o que desejais. Estais escutando palavras, mas não tendes vontade de fazer coisa alguma. É isso o que eu reprovo. Não abandonais os vossos ritos, não deixais de explorar, nunca dividireis os vossos lucros com outros, não vos interessa melhorar a vida dos não-privilegiados. Achais que tendes todo o direito a morar num palacete e que êles não o têm. Visto que não fareis coisa alguma, não sei porque escutais tão interessadamente as minhas palavras.

O segundo problema é se a concentração numa idéia pode produzir clareza ou penetração, na mente. É um pro-

blema complexo e há muitas coisas nêle implicadas; vamos, pois, examiná-lo a fundo. Que significa concentração? Uma criança não fala em concentração, quando tem interêsse numa coisa. Dai-lhe um relógio, um brinquedo, qualquer coisa que lhe desperte o interêsse: ela ficará inteiramente absorvida nessa coisa, nada mais existe para ela, no mundo. Vós não tendes interêsse e por isso fazeis esforços por concentrar-vos. Isto é, escolheis uma palavra agradável ou deleitável a que chamais "a verdade", uma qualidade que vos dá um sentimento de bem-estar, e procurais fixar a mente na mesma. Outros pensamentos se insinuam e vós os afastais, e passais o tempo batalhando contra êles, num esfôrço para vos concentrardes. Se conseguis concentrar-vos e fixar a mente numa idéia, se conseguis excluir outros pensamentos e isolar-vos com uma idéia única, pensais ter alcançado algo importante. Em outras palavras, a vossa concentração é mera exclusão. A vida é sobremodo grande para vós e por isso vos concentrais numa idéia; e pensais, então, que vossa mente se tornará penetrante. Tornar-se-á? Pode a mente tornar-se penetrante, se vive no isolamento, na exclusão? A mente é penetrante, clara, veloz, só quando é "inclusiva", quando não vive no isolamento, quando capaz de seguir cada pensamento até o fim, vendo tôdas as suas conseqüências. Só então é a mente capaz de se tornar penetrante, e não quando se concentra numa idéia, o que representa um processo de exclusão.

Há ainda outra questão aqui implicada: Que entendeis por "idéia"? Que é idéia? Evidentemente é um pensamento que se fixou. Que é pensamento? Pensamento é reação da memória. Não há pensamento sem memória, não há pensamento sem o passado; o pensamento, pois, nasce como reação da memória. E que é memória? Memória é o resíduo da experiência incompleta, da experiência imperfeitamente compreendida; memória, portanto,

é o produto da ação incompleta. Não posso naturalmente entrar nesta questão a fundo, visto que exigiria muito tempo. Resumindo, memória é a experiência incompleta; e essa experiência incompleta, a que chamamos memória, gera o pensamento, do qual resulta uma idéia. Logo, a idéia é incompleta, e quando vos concentrais, vossa mente é incompleta; e a mente incompleta sempre será insensível. A mente só se torna sensível quando é ágil, lúcida, quando, tendo consciência de sua própria reação, está livre da reação. Se desejamos compreender uma coisa, nós a amamos; observamo-la com tôda a atenção, sem condenação, sem justificação, sem censura, sem reação. A nossa mente é então ágil, nossa ação não se baseia em idéia, que é mero prolongamento da memória e, portanto, incompleta. A mente que é forçada a concentrar-se, que foi imolada a uma idéia, identificada com uma idéia, é uma mente obtusa, visto que uma idéia nunca pode ser completa; e como em geral vivemos de idéias, nossas mentes são obtusas. Só quando a mente é livre, capaz de extraordinária flexibilidade, só então pode haver a compreensão da verdade.

PERGUNTA: Um homem dorme, quando seu corpo está adormecido?

KRISHNAMURTI: Eis um problema extraordinàriamente complexo. Se tendes a necessária disposição e interêsse, e não vos sentis cansados, podemos examiná-lo. Que entendemos por sono? Estamos adormecidos, quando pensamos que estamos dormindo? A maioria de nós não vive sonhando, fazendo as coisas automàticamente? Quando as influências ambientes nos obrigam a determinadas ações, não estamos dormindo? Por certo, o recolher-se à

cama não é a única espécie de sono que a maioria das pessoas busca. Os mais de nós queremos esquecer, queremos ser insensíveis, não ser perturbados, queremos uma vida fácil e confortável; e, assim, nos pomos a dormir, mental e emocionalmente, enquanto continuamos a fazer coisas, com grande atividade.

Para compreendermos êste problema, precisamos entender a questão da consciência. Que entendemos por consciência? Não citeis o que outras pessoas disseram a respeito, seja Shankara ou Buda. Pensai por vós mesmos. Não li livros sagrados, o *Bhagavadgita* ou os *Upanishads,* nem livros de psicologia. Uma pessoa precisa pensar de maneira nova, quando deseja encontrar a verdade; não se pode conhecer a verdade por intermédio de outrem. O que se repete é mentira. Pode ser verdade para outra pessoa, mas se o repetis torna-se mentira. A verdade não pode ser repetida, ela tem de ser experimentada, e não podeis experimentá-la se estais enredado em palavras. Teremos de verificar o que se entende por consciência. A consciência, decerto, é um processo de reação a um estímulo, a que chamais experiência. Isto é, há um desafio, que é sempre nôvo; mas a reação é sempre velha. A reação ao nôvo, a reação a um desafio, é experiência. Essa experiência recebe uma designação, um nome, um rótulo indicando que ela é boa ou má, agradável ou dolorosa, sendo depois registrada, arquivada. Assim, a consciência, nos diferentes níveis, é o processo total do experimentar: reagir ao estímulo, dar nome e registrar. É isso, ao justo, o que se passa nos diferentes níveis do nosso ser, um processo constante, não um processo periódico: reação ao estímulo, denominação, e armazenamento, para comunicação ou conservação. Esse processo total, em níveis diferentes, chama-se consciência. Não estou inventando; se observardes a vós mesmos, vereis que é exatamente isso o que acontece. A memória é o armazém, o registro, e é

a memória que intervém, que reage ao estímulo; e a êsse processo chamamos consciência. É exatamente isso o que acontece.

Pois bem, quando o corpo adormece, quando estais dormindo, que acontece? O processo continua, a mente continua ativa, não é verdade? Pode-se muitas vêzes verificar como a mente continua ativa durante o sono, quando temos um problema. Durante o dia pensamos nêle, torturamo-nos com êle, mas não encontramos solução. Quando despertamos, temos uma nova maneira de olhar o problema. Como acontece isso? Decerto, quando a mente consciente, depois de se ter preocupado com o problema, relaxa a tensão, nessa mente superficial, agora tranqüila, o inconsciente pode projetar-se: e ao despertar tendes a solução. A mente consciente nunca está tranqüila; está perpètuamente ativa, em tôdas as suas camadas. Não é possível, nas horas em que estamos despertos, aquietar a mente; mas quando, durante o sono, a camada superficial da consciência está tranqüila, o inconsciente se projeta e fornece a resposta certa.

É só quando a mente, a consciência, não está a dar nome, a armazenar, mas apenas experimentando — é só então que há liberdade, libertação. O sono tem significação diferente. Não temos mais tempo para examinar a questão, mas trataremos dela noutra oportunidade. A questão é: que acontece quando o corpo dorme? Sem dúvida, a mente superficial está tranqüila; mas a consciência total continua a funcionar. A vastidão, a significação mais profunda do sono não é compreensível se não estamos perfeitamente cônscios, quando despertos, do processo da consciência. O processo da consciência está experimentando, nomeando e guardando ou registrando; e enquanto êsse processo fôr mantido integral, não haverá liberdade. A liberdade, a libertação só pode vir quando o pensamento cessa — sendo o pensamento produto da memória,

a qual por sua vez é experimentar, dar nome, e registrar. A liberdade só é possível quando há um percebimento completo, tranqüilo, de tudo o que se passa em redor e dentro de nós. Suscita-nos isso a questão: que é percebimento? Teremos de examiná-la noutra hora.

PERGUNTA: A crença em Deus sempre foi poderoso incentivo a viver melhor. Por que negais Deus? Porque não procurais reavivar a fé do homem na idéia de Deus?

KRISHNAMURTI: Consideremos o problema amplamente e com inteligência. Eu não nego Deus — seria insensato isso. Só o homem que não conhece a realidade emprega palavras destituídas de significação. O homem que diz que sabe, não sabe; o homem que experimenta a realidade, momento por momento, não tem meios de comunicar essa realidade. Examinemos esta questão. Os homens que lançaram a bomba atômica sôbre Hiroshima disseram que Deus estava com êles; os que voavam da Inglaterra para destruir a Alemanha, diziam que Deus era seu co piloto. Os Hitlers, os Churchills, os generais, todos falam de Deus, têm imensa fé em Deus. Estão êles prestando algum serviço ao homem, dando-lhe uma vida melhor? Os que dizem crer em Deus devastaram a metade do mundo, e o mundo está cheio de misérias. Por causa da intolerância religiosa, temos separações das pessoas em crentes e não-crentes, separações que conduzem a guerras religiosas. O que isso indica é que tendes uma mentalidade extraordinàriamente política. E o capitalista tem sua gorda conta-corrente no banco, o coração insensível e a mente vazia (risos). Não riais. Não riais, porque fazeis exatamente a mesma coisa. Os que têm o coração vazio tam-

bém falam de Deus. A crença em Deus será "um poderoso incentivo a viver melhor?" Por que precisais de incentivo para viver melhor? O vosso incentivo, certamente, deve ser o vosso próprio desejo de viver com pureza e simplicidade, não achais? Se desejais um incentivo, não vos interessa tornar a vida possível para todos, só vos interessa o vosso incentivo, que é diferente do meu — e vamos brigar por causa dos nossos incentivos. Mas se vivemos felizes, todos juntos, não porque cremos em Deus, mas porque somos entes humanos, possuiremos então em comum todos os meios de produção, a fim de produzirmos para todos as coisas necessárias. Por falta de inteligência, aceitamos a idéia de uma superinteligência, chamada "Deus"; mas êsse Deus, essa superinteligência, não vai dar-nos uma vida melhor. O que leva a uma vida melhor é a inteligência; e não pode haver inteligência se há crença, se há divisões de classe, se os meios de produção se acham nas mãos de uns poucos, se há nacionalidades isoladas e governos soberanos. Tudo isso, evidentemente, denota falta de inteligência, e é essa falta de inteligência que está impedindo uma vida melhor, e não a falta de crença em Deus.

O outro ponto, agora, é êste: que significa "Deus"? — Em primeiro lugar, a palavra não é Deus, a palavra não é a coisa. Quando pronunciais a palavra "Deus", isso não é Deus. Quando repetis essa palavra, ela, naturalmente, produz uma certa sensação, uma reação agradável. Ou, se dizeis que não credes em Deus, esta negação tem também um significado psicológico. Isto é, a palavra "Deus" gera em vós uma reação nervosa, que é também emocional e intelectual, conforme o vosso condicionamento; mas essas reações, evidentemente, não são Deus. Como, então, achar a verdade? Não a achareis no isolamento, na renúncia à vida. Para achar a verdade, senhor, a mente precisa estar livre da reação do passado; porque a verdade não pode ser vista quando a mente está fixada, — ela tem de ver

de maneira nova, momento por momento. A mente que é produto da memória, do tempo, não pode acompanhar a verdade. Para que se torne visível a realidade, o processo de pensamento tem de findar. Todo pensamento é produto do tempo, resultado de ontem; e a mente que está aprisionada na esfera do tempo não pode perceber algo que está além dela própria. O que ela percebe está sempre dentro da esfera do tempo, e o que pertence ao tempo não é a realidade. A realidade só pode existir quando a mente, que é produto do tempo, deixa de existir; há então o experimentar daquela realidade que não é fictícia, que não é auto-hipnose. Só se extingue o processo de pensamento quando compreendeis a vós mesmo; e podeis compreender a vós mesmo, não no retraimento à vida, mas tão-sòmente nas vossas relações com espôsa, filhos, mãe, vizinho. A realidade, portanto, não está distante, a regeneração não depende do tempo. A regeneração, essa revolução interior portadora de esclarecimento, só se concretiza ao perceberdes o que é. Ela não exige tempo, exige compreensão, exige atenção lúcida. — Só quando a mente está tranqüila vem a regeneração. A experiência da realidade não é questão de crença; quem crê nela, não a conhece, e quem fala a seu respeito está apenas dizendo palavras. Palavras não são experiência, não são a realidade. A realidade é imensurável, não pode ser ensinada com palavras floridas, assim como a vida não pode ser encerrada dentro das muralhas da posse. Só quando a mente é livre, vem a criação.

12 de setembro de 1948.

IV

CONFERÊNCIA REALIZADA EM PUNA

É bastante óbvio que a maioria de nós está confusa, intelectualmente. Vemos que os chamados guias ou chefes, em todos os setores da vida, não têm uma solução completa para os nossas várias questões e problemas. Os numerosos e antagônicos partidos políticos da direita ou da esquerda, não parecem ter encontrado a solução correta para as nossas dissenções nacionais e internacionais, e vemos também, socialmente, processar-se uma destruição completa dos valôres morais. Tudo em tôrno de nós parece desintegrar-se: os valôres morais e éticos tornaram-se simples questão de tradição, sem muito sentido. A guerra, o conflito entre a direita e a esquerda, parece um fator constante e freqüente nas nossas vidas; por tôda a parte vê-se destruição, confusão. Dentro de nós estamos completamente confusos, embora não gostemos de admiti-lo; vemos confusão em tôdas as coisas, e não sabemos ao certo o que devemos fazer. A maioria de nós, reconhecendo esta confusão, esta incerteza, deseja fazer alguma coisa, e quanto mais confusos nos achamos, tanto mais ansiosamente desejamos agir. Assim, para aquêles que já reconheceram que existe confusão nêles próprios e em redor de si, a ação se torna extremamente im-

portante. Mas se um homem está confuso, como pode agir? Tudo o que êle faça, qualquer que seja o seu método de ação, há de ser confuso, e essa ação criará, naturalmente, infalìvelmente, maior confusão. Seja qual fôr o partido, a instituição ou organização a que pertença, enquanto não afastar de si a confusão, tudo o que êle fizer há de, necessàriamente, produzir caos maior. Que deve fazer então? Que deve fazer um homem que sente sincero empenho, um desejo sincero de dissipar a confusão que há em si e ao redor de si? Qual o seu primeiro dever: agir, ou dissipar a confusão dentro de si e, portanto, fora de si? Julgo importante essa questão, que à maioria de nós desagrada encarar. Vemos tanta desordem social a necessitar reforma imediata, que a ação se torna um processo absorvente. Ansiosos como estamos por fazer alguma coisa, passamos logo à ação, tentamos promover reformas, ingressamos em partidos políticos da esquerda ou da direita; mas cedo descobrimos que as reformas precisam de outras reformas, os chefes precisam reagrupar-se, as organizações organizar-se melhor, etc. etc. Sempre que tentamos agir, verificamos que o próprio agente é a fonte da confusão; que deve então fazer aquêle homem? Deve êle agir, confuso como está, ou conservar-se inativo? É êste o problema que se apresenta à maioria de nós.

Ora, nós tememos estar inativos; e o recolher-se por um período de tempo para estudar todo o problema requer extraordinária inteligência. Se vos recolhêsseis por algum tempo para reconsiderar, reapreciar o problema, vossos amigos, vossos camaradas, vos considerariam um "escapista". Tornar-vos-íeis inexistentes, socialmente não estaríeis em parte alguma. Se quando todos agitam bandeiras e vós o não fazeis, se quando todos põem um determinado boné e não usais êsse boné, vós vos sentis esquecido; e como a maioria de nós não gosta de ficar no segundo plano, atiramo-nos à ação. Assim, é muito importante compre-

ender o problema da ação e da inação. Não é necessário ficar inativo, para considerar o problema no seu todo? E' claro que precisamos continuar a atender à nossa diária responsabilidade de ganhar a subsistência: tôdas as coisas necessárias têm de continuar. Mas as organizações políticas, religiosas, sociais, os grupos, as comissões, etc. etc. — há necessidade de pertencermos a elas? Se temos muito empenho, não é necessário que reconsideremos, que tornemos a analisar todo o problema da existência? E para tal, não é necessário, por ora, que nos afastemos, a fim de estudar, ponderar, meditar? Êsse afastamento não é, verdadeiramente, ação? Nessa chamada inação há a extraordinária ação de reconsiderar tôda a matéria, de reapreciar, de meditar sôbre a confusão em que vivemos. Porque temos tanto mêdo de estar inativos? E' inação considerar novamente um problema? Claro que não. Sem dúvida, quem está evitando a ação é o homem que está ativo, sem ter reconsiderado o problema. Êsse é que é o verdadeiro "escapista". Está confuso, e para escapar à sua confusão, à sua insuficiência, atira-se à ação, ingressa numa sociedade, num partido, numa organização. Está, na realidade, fugindo ao problema fundamental, que é a confusão. Estamos, pois, empregando mal as palavras. O homem que se atira à ação sem reconsiderar o problema, pensando que vai reformar o mundo com o simples ingressar numa sociedade ou partido — êsse homem é que está criando maior confusão e maiores desditas; enquanto o homem a que chamam inativo porque se retira e estuda sèriamente o problema — não há dúvida de que êsse homem está muito mais ativo.

Nos nossos tempos, principalmente, em que todo o mundo se acha à beira do precipício e acontecimentos catastróficos estão se verificando, não se torna necessário que uns poucos, pelo menos, fiquem inativos, e, deliberadamente, não se deixem colhêr por esta máquina, esta máquina atômica da ação, que nada produz a não ser maior confu-

são, maior caos? Certo, os que têm empenho hão de retirar-se, não da vida, não das atividades diárias, mas retirar-se a fim de descobrir, estudar, explorar, investigar a causa da confusão; e para perceber, descobrir, explorar, não há necessidade de aderirmos aos numerosos planos e esquemas do que uma nova sociedade deveria ou não deveria ser. Tais planos, evidentemente, são inúteis de todo; porque o homem que está confuso e só cuida de pôr em prática certos planos, ocasionará maior confusão. Por conseguinte, como já tenho dito e redito, o que mais importa, se desejamos compreender a causa da confusão, é o autoconhecimento. Sem compreendermos a nós mesmos, não pode haver ordem no mundo; sem explorarmos a fundo o processo do pensamento, do sentimento e da ação, em nós mesmos, nunca haverá possibilidade de paz mundial, de ordem e segurança. Por conseguinte, o estudo de si mesmo é de importância primordial e não constitui um processo de fuga. Êsse estudo de si mesmo não é mera inação. Pelo contrário, requer uma percepção extraordinária em tudo que fazemos, uma percepção na qual não haja julgamento, condenação, censura. Essa percepção do processo total de si mesmo, na vida diária, não é limitativa, mas sempre expansível, sempre iluminativa; e dêsse percebimento surge a ordem, primeiro em nós mesmos, depois externamente, em nossas relações.

O problema, pois, é de relação. Sem relações, não há existência; ser é estar em relação. Se apenas faço uso das relações, sem compreensão de mim mesmo, aumento a desordem e contribuo para maior confusão. A maioria das pessoas não parece perceber êste fato: que o mundo são as minhas relações com outras pessoas, com uma só ou com muitas. Meu problema são as minhas relações. O que sou, eu projeto; é óbvio que se não me compreendo a mim mesmo, tôda a vida de relação é só confusão, a estender-se em círculos cada vez mais amplos. Nessas circunstâncias, as

minhas relações assumem extraordinária importância, não as relações com a chamada "massa", mas no mundo de minha família e meus amigos, por pequeno que êle seja — minhas relações com minha espôsa, meus filhos, meu vizinho. Num mundo de vastas organizações, vastas mobilizações de indivíduos, movimentos de massa, temos mêdo de agir em escala pequena, temos mêdo de ser pessoas insignificantes, ocupadas em limpar o seu próprio pedacinho de terra. Dizemos para nós mesmos: "Pessoalmente, que posso fazer? Preciso aderir a um movimento coletivo, a fim de promover a reforma." Pelo contrário, a verdadeira revolução não é realizável pelos movimentos coletivos, e sim por uma interior reavaliação das relações — só isso constitui verdadeira reforma, revolução radical e contínua. Receamos começar em escala modesta. Por ser tão vasto o problema, pensamos que devemos enfrentá-lo junto com multidões de pessoas, com uma grande organização, com movimentos coletivos. Ora, precisamos começar a resolver o problema em escala pequena, e essa escala pequena é o "eu" e o "vós". Quando compreendo a mim mesmo, compreendo a vós, e dessa compreensão nasce o amor. O amor é o fator que está faltando — há falta de afeição, de cordialidade, nas relações; e porque falta êsse amor, essa ternura, essa generosidade, essa compaixão, em nossas relações, escapamo-nos para a ação em massa, que produz maior confusão e maior miséria. Enchemos os nossos corações de planos para a reforma do mundo, desprezando o único fator solucionador, que é o amor. Não importa o que façais, sem o elemento regenerador do amor, tudo o que fizerdes há de produzir mais caos. A ação do intelecto não produzirá solução alguma. Nosso problema são as relações, e não qual o sistema, qual o plano que devemos seguir, que espécie de Organização de Nações Unidas devemos formar; o problema é a falta total de boa von-

tade nas relações — não com a humanidade, que não sei bem o que significa — é a falta total de boa-vontade e amor nas relações entre duas pessoas. Já verificastes como é extraordinàriamente difícil trabalhar com outra pessoa, estudar um problema a dois ou a três? Se não podemos estudar problemas em companhia de dois ou três, como os podemos estudar com uma multidão? Só podemos estudar problemas juntos, quando existe aquela generosidade, aquela benevolência, aquela cordialidade do amor, em nossas relações; mas rejeitamos o amor e procuramos achar a solução no árido terreno da mente.

As relações, pois, são o nosso problema; e se não compreendemos as relações e nos pomos em atividade, produziremos maior confusão e maiores sofrimentos. Ação é relação; ser é estar em relação. O que quer que faça uma pessoa, quer se retire para uma montanha ou se instale numa floresta, não pode ela viver no isolamento. Só é possível viver em relação, e enquanto as nossas relações não forem compreendidas, não pode haver ação correta. A ação correta vem da compreensão das relações, as quais revelam o processo de nós mesmos. O autoconhecimento é o começo da sabedoria, é um campo de afeição, cordialidade e amor, e por conseguinte um campo rico de flôres.

PERGUNTA: A instituição do matrimônio é uma das principais causas do conflito social. Cria uma ordem ilusória à custa de terrível repressão e sofrimento. Há outra maneira de resolver o problema do sexo?

KRISHNAMURTI: Todo problema humano exige muito estudo, e para se compreender o problema, não deve haver rejeição ou aceitação. O que condenamos, não compreendemos. Precisamos, portanto, examinar o proble-

ma do sexo muito atentamente, muito amplamente e com todo o cuidado, passo a passo — como pretendo fazê-lo agora. Não vou preceituar o que se deve e o que se não deve fazer, pois isso é insensato, denota um pensar sem madureza. Não se pode estabelecer um padrão para a vida, encaixar a vida num quadro de idéias; e porque a sociedade, inevitàvelmente, põe a vida no quadro da ordem moral, a sociedade está sempre a engendrar desordem. Nessas condições, para se compreender êsse problema, não devemos nem condenar nem justificar, mas estudá-lo por maneira inteiramente nova.

Pois bem, qual o problema? O sexo é um problema? Consideremo-lo juntos — não espereis uma resposta minha. Se é um problema, por que o é? Fizemos da fome um problema? A penúria se tornou um problema? As causas evidentes da penúria e da fome são o nacionalismo, as divergências de classe, as fronteiras econômicas, os governos separados, os meios de produção nas mãos de poucos, os fatôres religiosos separativos, etc. Se tentamos eliminar os sintomas sem desarraigar as causas, se ao invés de atacar a raiz nos limitamos a podar os ramos, porque é muito mais fácil isso, continua a existir o mesmo problema antigo. Do mesmo modo, por que o sexo se tornou um problema? Para refrear o impulso sexual, conservá-lo dentro de uns certos limites, criou-se a instituição do matrimônio; e no matrimônio, a portas fechadas, entre quatro paredes, pode cada um fazer o que quiser, conservando, ao mesmo tempo, uma fachada respeitável. Fazendo uso de vossa espôsa para satisfação sexual, podeis transformá-la numa prostituta, e isso é perfeitamente respeitável. Sob o disfarce do matrimônio, podeis ser piores do que um animal; e sem o matrimônio, não tendo um freio, não conheceis limites. Dêsse modo, a fim de traçar um limite, estabelece a sociedade certas leis morais, que se tornam tradição, e dentro dêsse limite podemos ser imorais e ignóbeis à vontade; e essa in-

continência sem peias, a vida sexual transformada em hábito, é considerada perfeitamente normal, salutar e moral. Mas, por que é o sexo um problema? Para um casal, o sexo é problema? Absolutamente. Tanto o homem como a mulher têm uma fonte garantida de prazer constante. Quando se tem uma fonte de prazer constante, quando se tem uma renda certa, que acontece? Tornamo-nos embotados, fatigados, vazios, exaustos. Já não notastes que pessoas cheias de vitalidade, antes do casamento, depois de casarem se tornam embotadas? Tôdas as fontes de vitalidade secaram, nelas. Já não notastes isso em vossos próprios filhos e filhas? Por que se tornou o sexo um problema? É um fato patente que quanto mais intelectual a pessoa é, tanto mais sexual. Já o não notastes? E que quanto mais sentimento, afabilidade, afeição, existe, tanto menos há de sexo? Porque tôda a nossa cultura social, moral e educativa está baseada no cultivo do intelecto, o sexo se tornou um problema cheio de confusão e de conflito. Por conseguinte, a solução do problema sexual reside na compreensão do cultivo do intelecto. O intelecto não é o instrumento da criação, e a criação não depende do funcionamento do intelecto; pelo contrário, só há criação quando o intelecto está em silêncio. Só quando há criação, tem significação o funcionar do intelecto; mas, sem criação, sem afeição criadora, o mero funcionar do intelecto cria, òbviamente, o problema do sexo. Como os mais de nós vivemos cerebralmente, como os mais de nós vivemos de palavras, e palavras são produto da mente, a maioria das pessoas não é criadora. Estamos inteiramente ocupados com palavras, sempre fabricando palavras novas e readaptando as velhas. Isso, por certo, não é criação. Visto que não somos criadores, a única possibilidade de expressão criadora que nos resta é o sexo. No ato sexual há esquecimento, e é só no esquecimento que há criação. O ato sexual, por uma fração de segundo, nos dá a libertação daquele "eu", que é a mente, e é por isso que

êle se tornou um problema. Indubitàvelmente, só há possibilidade de criação na ausência de pensamento, que pertence ao "eu", ao "meu". Não sei se já notastes que em momentos de grande crise, em momentos de grande felicidade, a consciência do "eu" e do "meu", que é produto da mente, desaparece. Nesse momento de dilatada apreciação da vida, de intensa alegria, há criação. Expressando-o de maneira simples: quando ausente o "eu", há criação; e uma vez que vivemos no árido terreno do intelecto, não encontramos, aí, momentos de ausência do "eu". Pelo contrário, nesse terreno, nessa luta para ser, há uma exagerada expansão do "eu", e, portanto, não há criação. Por conseguinte, o sexo se torna o único meio de criar, de experimentar a ausência do "eu"; e logo que o mero ato sexual se torna um hábito, torna-se também fatigante e dá mais fôrça à continuidade do "eu"; e assim se converte o sexo num problema.

Para se resolver o problema do sexo, cabe-nos considerá-lo, não num determinado nível de pensamento, mas de todos os lados, sob todos os aspectos — emocional, educacional, religioso e moral. Quando jovens, temos um forte sentimento de atração sexual, e casamo-nos — ou somos dados em casamento pelos nossos pais, como acontece aqui no Oriente. Aos pais só interessa, muitas vêzes, ficar livre dos filhos e filhas, e o casal, o jovem e a jovem, nenhum conhecimento possui de assuntos sexuais. Pela lei sagrada da sociedade, pode o marido oprimir a espôsa, destruí-la, dar-lhe filhos cada ano, e tudo isso está muito bem. Sob o disfarce da respeitabilidade, pode êle tornar-se uma pessoa completamente imoral. Cumpre compreender e educar o rapaz e a rapariga — e isso exige uma inteligência extraordinária por parte do educador. Infelizmente, nossos pais, mães e preceptores, todos necessitam desta mesma educação: são êles tão insípidos como água de lavagem, só sabem "o que se deve" e "o que se não deve" fazer, só conhecem ta-

bus, falta-lhes inteligência para êste problema. Para ajudar o jovem e a jovem necessita-se de um preceptor nôvo, verdadeiramente educado. Mas, pelo cinema e pelos anúncios, com suas raparigas seminuas, suas mulheres lascivas e casas suntuosas, e por vários outros meios, a sociedade está estimulando os valôres sensuais, e que se pode esperar daí? Se é casado, o homem se satisfaz à custa da espôsa; se é solteiro, vai procurar alguém, às ocultas. E' um problema difícil o de despertar a inteligência do jovem e da jovem. Por tôda a parte entes humanos exploram-se uns aos outros, pelo sexo, pela propriedade, nas relações; e religiosamente, não há nada, nada mesmo, de criador. Muito ao contrário, a constante meditação, os ritos e *pujas* são puros atos mecânicos com certas reações; mas isso não é pensar criador, não é viver criador. Religiosamente, somos meros tradicionalistas, e por isso não há nenhuma investigação fecunda, para o descobrimento da realidade. Religiosamente, estais subordinados a uma disciplina, e onde há disciplina, seja no sentido militar, seja no sentido religioso, não pode, decerto, haver ação criadora; por isso, buscais a expressão criadora no sexo. Libertai a mente da ortodoxia, de ritos, disciplinas e dogmatismos, para que ela possa ser criadora, e o problema do sexo deixará de ser tão grande ou tão dominante.

Há um outro aspecto dêste problema; nas relações sexuais entre homem e mulher não há amor. A mulher é utilizada apenas como um meio de satisfação sexual. Positivamente, senhores, o amor não é produto da mente; o amor não é resultado do pensamento; o amor não é o fruto de um contrato. Aqui neste país, o jovem e a jovem casam-se quase sem se conhecerem, e têm relações de sexo. Aceitam um ao outro, dizendo: "Tu me dás isto e eu te dou aquilo" ou "Tu me dás o teu corpo e eu te dou segurança, te dou minha afeição calculada." Quando o marido diz "amo-te", isso é pura reação da mente; pelo fato de proporcionar à

espôsa uma certa proteção, espera e obtém concessões da parte dela. Essas relações de cálculo chamam-se amor. Isso é um fato patente: posso desagradar-vos por expressá-lo tão brutalmente, mas êste é o fato real. Essa espécie de casamento dizem que se faz por amor, mas não passa de mera troca mercantil: é um casamento *bania* (1), revelando a mentalidade de feira. Por certo, nesse casamento não pode haver amor, pode? O amor não é coisa da mente; mas, visto que cultivamos a mente, empregamos a palavra "amor", abrangendo a esfera da mente. Ora, decididamente, o amor nada tem que ver com a mente, êle não é produto da mente; o amor é de todo independente de cálculo, de pensamento. Quando não existe amor, então a estrutura do casamento como instituição se torna uma necessidade. Quando há amor, o sexo não é problema; é a falta de amor que faz dêle um problema. Não o sabeis? Quando amais alguém verdadeiramente, profundamente — não com o amor da mente, mas com aquêle amor que vem do coração, vós lhe dais, a êle ou a ela, de tudo o que tendes, não só o corpo, mas tudo. Na vossa tribulação, pedis-lhe ajuda, e ela vo-la dá. Não há divisão entre homem e mulher quando amais alguém, mas existe um problema sexual quando não conheceis êsse amor. Nós só conhecemos o amor do intelecto; o pensamento o produziu, e um produto do pensamento é sempre pensamento, nunca amor.

O problema do sexo, pois, não é simples e não pode ser resolvido no seu próprio nível. Querer resolvê-lo biològicamente, apenas, é absurdo; abeirar-se dêle pela religião, ou tentar resolvê-lo como se êle fôsse mera questão de ajustamento físico, de funcionamento glandular, ou cercá-lo de tabus e condenações, é muito pueril e estúpido. Êste problema exige inteligência de ordem superior. A compre-

---

(1) Isto é, próprio do *banian*, membro da casta dos mercadores, na Índia (N. do T.).

ensão de nós mesmos, em nossas relações com outras pessoas, requer inteligência muito mais ágil e sutil do que o compreender a natureza. Mas queremos compreender, sem ter inteligência; queremos ação imediata, solução imediata, e o problema se torna cada vez mais grave. Já não vistes um homem que tem o coração vazio — como o seu rosto se enfeia e como produz filhos feios e imaturos? E porque não se lhes dá afeição, permanecem êles imaturos tôda a vida. Olhai vossos rostos ao espelho: vêde como são sem forma, vagos! Tendes cérebro para investigar e estais na dependência do cérebro. O amor não é mero pensamento: os pensamentos são só a ação superficial do cérebro. O amor é mais profundo, muito mais profundo; e a profundeza da vida só pode ser descoberta no amor. Sem amor, a vida não tem significação — e êsse é o lado doloroso da nossa existência. Envelhecemos sem ter amadurecido; nossos corpos se tornam velhos, obesos e feios, e permanecemos incapazes de pensar. Lemos e falamos acêrca do perfume da vida, sem nunca chegarmos a conhecê-lo. Só cuidar de ler e de verbalizar, isso indica total ausência daquele ardor de coração, que enriquece a vida; e sem essa qualidade que se chama amor, podeis fazer o que quiserdes, ingressar em qualquer sociedade, criar qualquer lei, não conseguireis resolver o problema. Amar é ser casto. O mero intelecto não é castidade. O homem que se esforça, pelo pensamento, para ser casto, é incasto, porque não tem amor. Só o homem que ama é casto, puro, incorruptível.

PERGUNTA: Na moderna estrutura da sociedade é impossível viver sem organização. Evitar tôda espécie de organização, como pareceis fazer, é puro "escapismo". Podeis chamar o sistema postal um núcleo de poderio? Qual deveria ser a base da organização, na nova sociedade?

KRISHNAMURTI: Temos aqui mais outra questão complexa. Certo, tôdas as organizações existem a bem da eficiência. Os correios são uma organização para a eficiência das comunicações; mas, quando o diretor dos correios se torna uma espécie de tirano para os seus funcionários, convertem-se os correios num instrumento de poderio, não achais? Ao diretor-geral dos correios interessa a eficiência das comunicações, pelo menos deveria interessar; o seu pôsto não foi criado como um meio de exercer poder, autoridade, como um meio de auto-engrandecimento — como é, de fato. Assim, tôda a instituição ou organização é utilizada por entes humanos, não apenas no interêsse da eficiência das comunicações, da distribuição, etc., mas também como instrumento de poder — que é o que eu reprovo. Naturalmente, os correios, os transportes urbanos, e vários outros serviços públicos são uma necessidade na moderna sociedade, e devem ser organizados. A usina de fôrça que gera a eletricidade requer cuidadosa organização; mas, quando essa organização é utilizada para fins políticos, como meio de auto-engrandecimento, como meio de exploração, a organização se converte em instrumento de inaudita brutalidade.

Agora, as organizações religiosas, tais como o hinduísmo, o catolicismo, o budismo, etc., não existem a bem da eficiência e são, portanto, inteiramente desnecessárias. Tornam-se entidades perniciosas; o sacerdote, o bispo, a igreja, o templo, constituem um meio tremendo de exploração. Êles vos exploram pelo temor, pela tradição, pelas cerimônias. A religião é, òbvia e verdadeiramente, a busca da realidade, e tais organizações são dispensáveis, porquanto a realidade não pode ser "administrada" por um grupo organizado de pessoas. Ao contrário, um grupo organizado de pessoas se torna um empecilho à realidade; por isso, o budismo, o cristianismo, ou qualquer outra crença organizada, é um obstáculo à verdade. Porque necessitamos de

tais organizações? Eficientes elas não são, uma vez que a busca da verdade está em vossas mãos, não pode realizar-se por meio de uma organização, nem por meio de um *guru* nem seus discípulos, quando organizados para ter poderio. Necessitamos, é claro, de organizações técnicas, tais como os correios, os transportes, etc.; mas, por certo, quando o homem é inteligente, qualquer outra espécie de organização é desnecessária. Porque não somos inteligentes, investimos outras pessoas que se dizem inteligentes de podêres para nos governar. Um homem inteligente não precisa ser governado; não precisa de organização alguma, além das que são necessárias, para maior eficiência da vida.

As coisas necessárias à vida não podem ser verdadeiramente organizadas enquanto se acharem nas mãos de uns poucos, de uma classe ou grupo; e quando os poucos atuam como representantes dos muitos, existe, por certo, o mesmo problema do poder. Vem a exploração quando as organizações são utilizadas como instrumentos de poder, quer pelo indivíduo, quer pelo grupo, pelo partido ou pelo Estado. É essa auto-expansão, mercê da organização, que é perniciosa, como, por exemplo, a de um Estado que se identifica como govêrno soberano — que anda sempre de mãos dadas com o nacionalismo, e no qual o indivíduo está também envolvido. É o poder expansionista, agressivo, de defesa do "eu", que é condenável. Indubitàvelmente, para eu poder vir até aqui, tem de haver uma organização: tenho de escrever uma carta, e esta carta só chegará às vossas mãos se existir um sistema postal adequadamente organizado. Tudo isso é organização útil. Mas, quando as organizações são utilizadas pelos espertos, pelos astutos, como meio de explorar os outros, devem ser erradicadas; e só o serão quando vós, individualmente, no vosso pequeno círculo, não estiverdes em busca de poder, de domínio. Enquanto existe a busca de poder, haverá um

"processo" hierárquico, do ministro do govêrno ao funcionário, do bispo ao vigário, do general ao soldado raso.

Sem dúvida, só teremos uma sociedade decente, quando os indivíduos — vós e eu — não mais estiverem em busca do poder, em nenhum sentido — pela riqueza, por meio das relações ou de uma idéia. É a busca de poder que é a causa dêste desastre, desta desintegração da sociedade. Nossa existência, atualmente, é tôda feita de política de fôrça, domínio na família pelo marido ou pela mulher, de domínio por meio de uma idéia. A ação baseada numa idéia é sempre um fator de separação e nunca de compreensão; e a busca de poder, seja pelo indivíduo, seja pelo Estado, denota expansão, cultivo do intelecto, em que não existe amor. Quando amais alguém, sois muito cuidadoso, organizais espontâneamente, não é verdade? Sois vigilante, sois eficiente no ajudar a êste ou àquele. E' quando não existe amor, que nasce a organização como instrumento de poder. Quando amais o próximo, quando sois cheio de afeto e generosidade, então as organizações têm significação inteiramente diversa, conservando-se em seu nível próprio. Mas quando a posição do indivíduo assume a máxima importância, quando há ânsia de poder, as organizações são utilizadas como o meio de se alcançar êsse poder — e a fôrça e o amor não podem co-existir. O amor é sua própria fôrça, sua própria beleza, e é porque os nossos corações estão vazios que os enchemos com as coisas da mente; e as coisas da mente não são coisas do coração. Porque os nossos corações estão cheios das coisas da mente, interessamo-nos pelas organizações como meios de promover a ordem, de promover a paz mundial. Não são as organizações, mas só o amor que pode implantar a ordem e a paz no mundo; não são os planos de alguma Utopia, mas só a boa-vontade que pode efetuar a conciliação entre indivíduos. Porque não temos a chama do amor, dependemos das organizações; e no momento em que temos organizações sem amor, os es-

pertos e os astutos galgam o pôsto mais alto e tiram proveito delas. Fundamos uma organização para o bem-estar da humanidade, e antes de darmos fé já alguém tomou conta dela para seus próprios fins. Desencadeamos revoluções, revoluções sangrentas e desastrosas, para promover a ordem mundial, e antes de o sabermos, o mundo já se acha nas mãos de uns poucos maníacos do poder, que se tornam uma nova e poderosa classe, um nôvo grupo dominante de comissários, com sua polícia secreta, — e o amor é enxotado para fora.

Senhores, como pode o homem viver sem amor? Só pode existir; e a existência sem amor significa contrôle, confusão e sofrimento — e é isso o que a maioria de nós está criando. Organizamo-nos para a existência e aceitamos o conflito como inevitável, porque nossa existência é uma busca constante de poder. Sem dúvida, quando amamos, a organização tem o lugar que lhe compete, seu lugar próprio; mas, sem amor, a organização se torna pesadelo, coisa puramente mecânica e eficiente, tal como um exército. Quando houver amor, não haverá mais exércitos; mas como a sociedade moderna está baseada na mera eficiência, temos de ter exércitos, e a finalidade de um exército é gerar guerras. Mesmo durante a chamada paz, quanto mais intelectualmente eficientes somos, tanto mais cruéis, mais brutais, mais insensíveis nos tornamos. Eis porque há confusão no mundo, eis porque a burocracia se torna cada vez mais poderosa, porque mais e mais governos se vão tornando totalitários. Sujeitamo-nos a tudo isso como inevitável, porque vivemos pelo cérebro e não pelo coração, e é por isso que não existe amor. O amor é o mais perigoso e mais incerto elemento de nossa vida; e porque não desejamos estar na incerteza, porque não desejamos estar em perigo, vivemos pela mente. O homem que ama é perigoso, e não desejamos viver perigosamente, queremos viver apenas dentro do molde da organização, pensando

que as organizações trarão ordem e paz ao mundo. As organizações nunca trouxeram a ordem e a paz. Só o amor, só a boa-vontade, só a caridade pode trazer a ordem e a paz, no final de tudo, e, portanto, agora.

PERGUNTA: Por que tem a mulher a propensão de se deixar dominar pelo homem? Porque se sujeitam as comunidades e nações ao mando de um chefe ou fuehrer?

KRISHNAMURTI: Ora, meu Senhor, porque fazeis esta pergunta? Porque não estudais a vossa mente para descobrir porque quereis ser dominado, porque dominais, e porque procurais um chefe? Porque dominais a mulher ou o homem? E essa dominação é também chamada amor, não é exato? Quando o marido domina, a mulher gosta disso e considera-o afeição; e quando a espôsa governa o marido, êle também gosta disso. Por que? Denota isso que a dominação proporciona um certo sentimento de maior proximidade, nas relações. Se minha mulher me domina, sinto-me muito perto dela, e se não domina, penso que é indiferente. Temeis a indiferença por parte de vossa espôsa ou de vosso marido, por parte da mulher ou do homem. Estais pronto a aceitar qualquer coisa, contanto que não sintais que alguém é indiferente. Sabeis como desejais estar bem próximo do vosso *guru*; estais disposto a tudo — a sacrificar vossa espôsa, a sinceridade, tudo — só para estar perto dêle, porque desejais sentir que êle não é indiferente para convosco. Isto é servimo-nos das nossas relações como um meio de auto-esquecimento; e enquanto as relações não nos mostram o que somos realmente, estamos satisfeitos. Eis porque aceitamos o domínio de outra pessoa. Quando minha mulher ou meu marido me domina, isso não revela o que sou, sendo uma fonte de satisfação. Se minha mulher não me domina, se é indiferente e eu des-

cubro o que realmente sou, isso causa muita perturbação. Que sou eu? Um ente vazio, rígido, confuso, com certos apetites — e tenho mêdo de enfrentar todo êsse vazio. Por isso aceito o domínio de minha espôsa ou de meu marido, porque me faz sentir muito perto dêle ou dela, e não desejo ver-me tal qual sou. E êsse domínio dá um sentimento de relação, êsse domínio gera o ciúme: se não me dominais, é porque estais com os olhos noutra pessoa. Por isso, tenho ciúmes, porque vos perdi; e não sei como livrar-me do ciúme, o qual está também no plano do cérebro. Senhor, o homem que ama não é ciumento. O ciúme é coisa do cérebro, mas o amor não pertence ao cérebro; e onde há amor não há domínio. Quando amais alguém, não sois dominante, sois parte dessa pessoa. Não há separação, mas completa integração. É o cérebro que separa, e cria o problema da dominação.

"Por que se sujeitam comunidades e nações ao mando de um chefe?" Que são comunidades e nações? Um grupo de indivíduos que vivem juntos. Por outras palavras, a sociedade, a comunidade, a nação, sois vós, o indivíduo, em vossas relações com outro indivíduo; isso é um fato patente.Por que procurais um chefe? Vós o fazeis, evidentemente, porque estais confuso, não é verdade? Um homem lúcido, íntegro, não precisa de chefe. Para êle um chefe é uma coisa molesta, um fator de desintegração na sociedade. Procurais um chefe porque estais confuso; não sabeis o que fazer, e desejais que vos digam o que deveis fazer, e por isso procurais métodos de conduta, social, política e religiosa. Confuso, como estais, procurais um chefe — vêde bem o que isso subentende. Se, quando estais confuso, buscais um chefe para vos tirar da confusão, significa isso que não estais em busca da claridade, não estais interessado na causa da confusão, mas só quereis que vos levem para fora dela. Mas, visto que estais confuso, escolhereis um chefe também confuso (risos). Não riais, mas

vêde bem a importância que isso tem. Não ireis procurar um chefe que vê claro, porque êle vos dirá que deveis olhar para a vossa confusão, em vez de fugir da mesma; dir-vos-á que a causa da confusão está em vós mesmo. Mas não é isso que quereis; quereis um chefe que vos tire da confusão; e porque vossa mente está confusa, procurareis um que esteja também confuso. Como pode a mente confusa guiar outra mente para fora da confusão? A mente que está confusa há de ter um guia também confuso; por conseguinte, todos os guias são inevitàvelmente confusos, visto que nós os criamos por causa de nossa confusão — é importantíssimo se compreenda isso. Ao compreenderdes êsse fato, não ireis procurar um chefe, mas vos tornareis responsável pela eliminação de vossa confusão. É só o homem confuso que, não sabendo como agir, procura um chefe para ajudá-lo a agir; mas o chefe está também confuso, e é por isso que os chefes são um fator de desintegração em vossa vida. O chefe é "projetado" pela vossa própria confusão, e por conseguinte êle outro não é senão vós mesmo, sob forma diferente, como também o são os vossos governos. É a "autoprojeção" que cria o chefe: um herói nacional é uma exteriorização, uma duplicata de vós mesmo. O que sois, ou o que desejais ser, assim é o vosso chefe; êsse chefe, portanto, não pode tirar-vos do caos. A solução do caos está em vossas próprias mãos, e não nas mãos alheias. A regeneração é produto da compreensão de vós mesmo, e não do seguimento de alguém, porque êsse alguém sois vós mesmo, mais eloqüente, mas igualmente confuso, igualmente tirânico, igualmente tradicionalista.

O problema, portanto, não é o chefe, mas, sim, como desarraigar a confusão. Pode alguém ajudar-vos a afastar a confusão? Se procurais alguém para afastar a vossa confusão, êle só poderá ajudar-vos a aumentá-la, porque a mente que está confusa é incapaz de escolher o que é claro; visto que está confusa, só pode escolher o que é confuso. Se de-

sejais libertar-vos radicalmente da confusão, tereis de pôr em ordem a vossa mente e o vosso coração e de considerar as causas responsáveis pela confusão. Só surge a confusão quando não há autoconhecimento.

Quando não me conheço a mim mesmo e não sei o que fazer ou o que pensar, naturalmente estou envolvido no torvelinho da confusão. Mas quando me conheço a mim mesmo, o processo integral de mim mesmo — o qual é extraordinàriamente simples quando temos a intenção de nos conhecer a nós mesmos — então, dessa compreensão nasce a claridade, dessa compreensão resulta a conduta correta. É pois de suma importância deixar-se de seguir o guia, e compreender a si mesmo. A compreensão de si mesmo traz amor e traz ordem. O caos só existe em relação com alguma coisa, e enquanto não compreendemos essa relação há de haver confusão. Compreender as relações é compreender a mim mesmo, e compreender a mim mesmo é fazer nascer aquela qualidade de amor, na qual existe bem-estar. Se sei amar minha espôsa, meus filhos ou meu próximo, sei amar a todo o mundo. Visto que não amo a ninguém, estou permanecendo apenas no nível intelectual ou verbal com relação à humanidade. O idealista causa enfado: ama a humanidade com o cérebro, não a ama com o coração. Quando amais, não há nenhuma necessidade de chefe. São os vazios de coração que procuram o chefe, para encher êsse vazio com palavras, com uma ideologia, com uma Utopia do futuro. O amor só está no presente, não no tempo, não no futuro. Para quem ama, a eternidade é agora; porque o amor é sua própria eternidade.

19 de setembro de 1948.

V

CONFERÊNCIA REALIZADA EM PUNA

Nesta tarde, em vez de um longo preâmbulo, farei uma breve alocução e responderei ao maior número possível de perguntas. Esta reunião é dedicada aos professôres e seus problemas, e por isso só responderei a perguntas atinentes à educação; e como há vinte dessas perguntas, terei de responder breve e sucintamente.

É difícil, na moderna civilização, formar, por meio da educação um indivíduo "íntegro". Dividimos a vida em tantos compartimentos e tão "desintegradas" são as nossas vidas, que a educação tem muito pouco sentido, a não ser quando se trata do aprendizado de uma determinada técnica, de uma dada profissão. No mundo todo, evidentemente, a educação faliu — uma vez que a função primária da educação é a de criar um ente humano inteligente. Tentar resolver os problemas da existência apenas nos seus níveis respectivos, denota total falta de inteligência. Nosso problema, por conseguinte, é de como criar um indivíduo "integrado" pela inteligência, capacitado para enfrentar a vida, momento por momento, enfrentá-la tal como se apresenta, com suas complexidades, seus conflitos, suas misérias, suas desigualdades; um indivíduo que saiba enfrentar a vida, de acôrdo com determinado sistema da esquerda ou da direita, mas inteligentemente, sem procurar uma

solução ou um padrão de ação. Uma vez que a educação não produziu nenhum indivíduo assim, e uma vez que tem havido guerras sucessivas, cada qual mais devastadora, trazendo maiores sofrimentos e misérias à humanidade, é bem óbvio que os sistemas educativos falharam completamente, no mundo inteiro. Há, portanto, alguma coisa radicalmente errada, no método pelo qual estamos educando os nossos filhos. Todos reconhecemos que alguma coisa está errada, todos estamos cônscios disso, mas não sabemos como atacar o problema. O problema não é a criança, mas o pai e o preceptor; e o que é necessário é que se eduque o educador. Não se educando o educador, o encher a criança de conhecimentos, o submetê-la a exames, é o método de educação menos inteligente que existe. O que verdadeiramente mais importa é a educação do educador, e esta é uma das emprêsas mais difíceis. O educador já está cristalizado num sistema de pensamento ou padrão de ação; já é nacionalista, já se entregou a alguma ideologia, a alguma religião, a algum padrão de pensamento. E o mal, portanto, é que a moderna educação ensina à criança *o que* pensar e não a pensar. Ora, só quando tem a capacidade de pensar inteligentemente está uma pessoa em condições de enfrentar a vida. A vida não pode ser posta em conformidade com um sistema, nem pode ser ajustada a um molde; e a mentalidade formada no conhecimento de fatos é incapaz de enfrentar a vida, com sua variedade, suas complexidades, suas subtilezas, profundezas e grandes alturas. Assim, quando os nossos filhos são educados num determinado sistema de pensamento, de acôrdo com uma determinada disciplina, permanecem òbviamente incapazes de atender à vida como um todo; porque se lhes ensina a pensar especializadamente, não são êles indivíduos "integrados". Para o preceptor que sinta interêsse, a questão é de como produzir um indivíduo "integrado". Não podemos educar uma criança

para ser um indivíduo "integrado", se não compreendemos a integração em nós mesmos. Isto é, o que vós sois, em vós mesmos, é de muito maior importância do que a tradicional questão sôbre o que se deve ensinar a uma criança. O que tem verdadeira importância não é aquilo que pensais, mas o como pensais: se o pensamento é apenas um processo "não-integrado", ou se é um processo completo, total. O pensamento como "processo integrado" só pode ser compreendido quando há autoconhecimento, assunto de que trataremos em conferências e discussões ulteriores.

Como há numerosas perguntas, tentarei responder resumidamente, ràpidamente, especìficamente, ao maior número possível das mais típicas dentre elas. Podeis fazer perguntas inúmeras, mas tende a bondade de ter presente no espírito que para se encontrar a resposta correta é preciso saber ouvir, pois do contrário sereis apenas seduzidos por palavras sem muita significação. A arte de escutar é extremamente difícil, porque consiste em estar interessado e dar plena atenção; mas a maioria de nós não sente interêsse por esta questão da educação. Mandamos os nossos filhos para a escola, e paramos aí; consideramos isso um bom meio de nos livrarmos dêles, e que compete ao preceptor educá-los. Visto que a maioria de nós não tem interêsse, é sobremodo difícil escutar atentamente e compreender. Pode-se empregar uma palavra ou uma frase inadequada, um têrmo incorreto; mas aquêle que está ouvindo muito atentamente, apanha, através das inexatidões de terminologia, a essência do que se está dizendo. Espero, pois, que possais seguir-me com rapidez e ponderação.

PERGUNTA: Aprovais o sistema educativo de Montessori e outros? Tendes algum sistema para recomendar?

KRISHNAMURTI: Que se implica num sistema de educação? Um molde ao qual é ajustada a criança; e o interrogante deseja saber qual é o molde que melhor servirá à criança. Haverá sistema educativo que contribua verdadeiramente para a "integração"? Ou deve haver, não um determinado sistema, mas inteligência, da parte do preceptor, para compreender a criança, para conhecer a índole de cada uma? Deveriam ser confiadas muito poucas crianças a cada preceptor. É muito fácil ter um sistema para um grande número de pessoas — é por isso que os sistemas são tão populares. Pode-se ajustar à força um grande número de meninos e meninas a um determinado sistema, e não há então, para o preceptor, a necessidade de dedicar-lhes o vosso pensamento. Pondes em prática o vosso sistema, à custa das pobres crianças. Se, ao contrário, não tendes sistema algum, deveis estudar cada criança separadamente, o que requer grande dose de inteligência, de vigilância e afeição por parte do preceptor, não é verdade? Significa isso que as classes deveriam limitar-se a cinco ou seis alunos. Uma escola dêsse gênero seria extremamente dispendiosa, e por isso apelamos para um sistema. Os sistemas, sem dúvida alguma, não podem produzir um indivíduo "integrado". O sistema poderá ajudar-vos a compreender a criança; mas, certamente, a primeira necessidade é que vós, que sois o preceptor, tenhais a inteligência exigida para usar o sistema quando conveniente, e pô-lo de parte quando desnecessário. Mas, quando o sistema é pôsto no lugar da afeição, da compreensão e da inteligência, então o preceptor se transforma em mera máquina, e a criança, conseqüentemente, cresce como um indivíduo "desintegrado". Os sistemas só têm utilidade nas mãos de um preceptor inteligente: a vossa inteligência é o fator que conta. Mas a maioria dos que somos preceptores temos muito pouca inteligência, e por isso preferimos os sistemas. E' muito mais fácil aprender um sistema e aplicá-lo, o de Montes-

sori ou qualquer outro, porque então o preceptor só terá que sentar-se cômodamente e observar. Isto, por certo, não é educação. A mera subordinação a um determinado sistema, por mais que êle valha, tem muito pouca significação. Se o próprio professor não é deveras inteligente, a adoção de sistemas constitui um obstáculo à inteligência. Sistemas não constituem fator de inteligência. A inteligência só é possível com a "integração", com uma completa compreensão do processo de si mesmo e da criança. Por conseqüência, necessário se torna que o professor estude o aluno diretamente e não que siga, apenas, um determinado sistema, da esquerda ou da direita, de Montessori ou outro qualquer. Estudar a criança implica mente ágil, reação pronta, e isso só é possível quando existe afeição. Mas, numa classe de sessenta alunos, como podeis ter afeição? A sociedade moderna exige que os rapazes e raparigas aprendam certas profissões, e para êsse fim requer-se eficiência na educação. Quando o objetivo é, não o de produzir sêres humanos inteligentes, despertos, porém máquinas eficientes, necessita-se, òbviamente, de um sistema. Um tal sistema não pode produzir sêres humanos íntegros, capazes de compreender a importância da vida, mas só máquinas com certas reações; e esta é a razão por que a civilização atual está-se destruindo a si mesma.

PERGUNTA: Em vista do extraordinário incremento do comunalismo, na Índia, como guiaremos a criança para longe dêle?

KRISHNAMURTI: A criança tem mentalidade comunalista? É a família e o ambiente social que lhe está dando a mentalidade comunalista, separativa. Para ela, não faz diferença se brinca com um menino brâmane ou não-

brâmane, negro ou inglês. É a influência dos mais velhos, da estrutura social, que lhe atua no espírito e produz naturalmente os seus efeitos. O problema não é a criança, mas os mais velhos, com suas falsas tendências comunalistas, separativistas. Para "guiar a criança para longe do comunalismo", tereis de quebrar o ambiente, o que significa quebrar a estrutura da moderna sociedade. Enquanto o não fizerdes, a criança, naturalmente, há de ser comunalista. Muito poucos de vós desejais a revolução completa: quereis reforma de remendos, quereis conservar as coisas como estão. Se realmente desejais eliminar o espírito comunalista, vossa atitude terá de modificar-se por completo, não achais? Vêde o que se passa. No lar, podeis expor ao vosso filho quanto é absurdo o sentimento de divisão de classe, e êle talvez concorde convosco; mas quando na escola, brinca com outros meninos, lá encontra êsse insensato espírito comunalista, separativo. Há por isso, uma batalha constante entre o lar e os ambientes sociais. Ou pode dar-se o inverso: o lar pode ser tradicionalista, estreito, austero, e a influência social pode oferecer maior largueza. Aqui também a criança se vê apanhada entre as duas influências. Por certo, para se criar uma criança sadia, fazê-la inteligente, ajudá-la a compreender, de modo que possa discernir tôdas essas sandices, tendes de compreender e expor-lhe todos os males do tradicionalismo e da aceitação da autoridade. Isso significa, senhor, que deveis incentivar o descontentamento; enquanto, em geral, o que nos interessa é arrefecer, é banir o descontentamento. E' só no descontentamento que podemos ver a falsidade de tôdas essas coisas; mas, tornando-nos mais velhos, começamos a cristalizar. A maioria dos jovens é descontente, mas por desgraça o seu descontentamento é canalizado, padronizado: tornam-se paredros de classes, clérigos, funcionários de bancos, gerentes de fábricas, e aí param. Obtêm um emprêgo e em pouco tempo o seu descontentamento definha e

fenece. O manter êsse descontentamento desperto, vigilante, é demasiado difícil; mas é o descontentamento, êsse constante indagar, essa insatisfação com as coisas como estão — com o govêrno, com a influência dos pais, da espôsa ou do marido, com tudo o que nos circunda — que faz vir a inteligência criadora. Mas não desejamos que nosso filho seja assim, porque é muito incômodo viver com alguém que está sempre duvidando dos valôres tradicionais, sempre a examiná-los. Achamos melhor cercar-nos de pessoas obesas, satisfeitas, preguiçosas.

Sois vós, os adultos, os responsáveis pelo futuro. . . mas o futuro não vos interessa. Só Deus sabe o que vos interessa, ou porque procriais tantos filhos — pois não sabeis educá-los. Se os amásseis de verdade, em vez de destiná-los apenas, a conservar a vossa propriedade e o vosso nome, haveríeis, sem dúvida, de tratar êsse problema de maneira nova. Teríeis provàvelmente de fundar novas escolas; provàvelmente teríeis de ser vós mesmos o preceptor. Mas infelizmente não sentis muito interêsse por qualquer coisa nova na vida, a não ser ganhar dinheiro, comer e satisfazer o sexo. Nessas coisas sois bastante "integrados", mas não desejais fazer frente ou aplicar-vos às restantes complexidades e dificuldades da vida; e por isso, quando gerais filhos e êles crescem, são tão imaturos, tão "desintegrados", tão pouco inteligentes como vós mesmos, que vivem em constante batalha consigo mesmos e com o mundo.

Assim, são os mais velhos os responsáveis por êsse espírito comunalista. Afinal, senhores, porque deve haver divisões entre um homem e outro? Vós sois muito semelhante a qualquer outro. Podeis ter um corpo diferente, vosso semblante pode ser diferente do meu, mas, interiormente, somos muito parecidos: orgulhosos, ambiciosos, coléricos, violentos, lascivos, ávidos de poder, de posição, de autoridade, etc. Tire-se-nos o rótulo e ficamos nus; mas não queremos olhar de frente a nossa nudez ou transformar-

nos, e é por isso que adoramos os rótulos — o que indica extrema falta de madureza, extrema infantilidade. Com o mundo desabando estrondosamente bem perto dos nossos ouvidos, estamos discutindo sôbre se um indivíduo deve pertencer a esta ou àquela casta, ou se pode pôr as vestes sagradas, ou que espécie de cerimônia deve executar — denotando tudo isso uma absoluta falta de pensamento, não achais? Sei que estais prestando atenção, senhores e senhoras, e vejo alguns de vós balançando a cabeça, em sinal de assentimento; mas logo que voltardes às vossas casas ireis fazer exatamente a mesma coisa — e essa é que é a tristeza da existência. Se quando ouvis uma verdade não agis em conformidade com ela, ela tem o efeito de um veneno. Estais sendo envenenados por mim, porque não quereis agir. Êsse veneno naturalmente se espalha, causando doença, desequilíbrio e perturbação psicológicos. A maioria de nós está habituada a ouvir conferências: é um dos nossos passatempos, aqui na Índia. Ouvis, voltais para casa, e continuais pelo mesmo caminho; mas essas pessoas têm pouquíssima importância na vida. A vida exige ação extraordinária, criadora, revolucionária. Só no despertar dessa inteligência criadora há possibilidade de viver num mundo pacífico e feliz.

PERGUNTA: É evidente que deve haver alguma espécie de disciplina nas escolas, mas como exercê-la?

KRISHNAMURTI: É fato, senhor, que se fizeram experiências na Inglaterra e noutros países onde as escolas não tinham disciplina de espécie alguma; permitia-se às crianças fazer o que bem entendiam, sem serem nunca estorvadas. Essas escolas não ignoram, naturalmente, que as crianças necessitam de alguma espécie de disciplina, no

sentido de orientação: não com rigorosos deveres e proibições, mas disciplina consistente em alguma espécie de advertência, sugestão ou alusão, afim de mostrar as dificuldades. Essa espécie de disciplina, que de fato é uma orientação, é necessária. A dificuldade surge quando a disciplina consiste apenas em submeter a criança a um determinado padrão de ação, pela compulsão, pela intimidação. O caráter dessa criança, naturalmente, se deforma, sua mente se perverte, por causa da disciplina, por causa dos muitos tabus e restrições que tem de observar; cresce, assim, a criança, como aconteceu com a maioria de nós, timorata e com um sentimento de inferioridade. Quando a disciplina põe a criança à força num determinado molde, ela não pode, naturalmente, tornar-se inteligente mas, sim, um mero produto da disciplina; e como pode essa criança ser viva, criadora, e por conseguinte tornar-se um homem "integrado", inteligente? É mera máquina de funcionamento uniforme e eficiente, uma máquina sem inteligência humana.

Assim, a questão da disciplina constitui problema muito complexo, porquanto pensamos que sem disciplina na vida, cometeremos excessos e nos tornaremos excessivamente sensuais. É êste o único problema com que de fato nos preocupamos: como não nos tornarmos excessivamente sensuais. Podeis ser desregrado em todos os outros sentidos — ambicionar posição, ser ganancioso, violento, enfim, fazer qualquer coisa, contanto que vos mantenhais dentro de certos limites, com relação ao sexo. É muito estranho, não achais? — é muito estranho que nenhuma religião se oponha verdadeiramente à exploração, à ganância, à inveja, e tôdas se interessem pelo ato sexual, tôdas manifestem um zêlo terrível com relação à moral sexual. É muito singular a grande preocupação das religiões organizadas com relação a essa moral, enquanto as outras coisas podem ter livre expansão. E' fácil perceber porque as religiões orga-

nizadas põem seu principal interêsse na moralidade sexual. Não cuidam elas do problema da exploração, porque as religiões organizadas dependem da sociedade e dela vivem, e não ousam por isso atacar a raiz e a base dessa sociedade; por essa razão, preferem manobrar com a moral sexual.

Embora costumemos falar de disciplina, que entendemos por esta palavra? Quando tendes uma classe de cem alunos, necessitareis de disciplina, do contrário será um caos completo. Mas se tivésseis cinco ou seis alunos em cada classe, com uma preceptora inteligente e de coração afetuoso, capaz de compreensão, estou certo de que não haveria necessidade de disciplina; ela haveria de compreender cada criança e ajudá-la pela maneira desejada. A disciplina se torna necessária nas escolas, quando há um mestre para cem alunos e alunas — aí, não há dúvida nenhuma que é mister ser mais rigoroso. Mas essa disciplina nunca produzirá um ser humano inteligente. E a maioria de nós é simpatizante dos movimentos em massa, das grandes escolas com milhares de alunos e alunas; não nos interessa a inteligência criadora e por isso erigimos escolas colossais, com freqüências descomunais. Numa das universidades há, se me não engano, 45.000 estudantes. Que fazer, senhores, quando se tem de educar todo o mundo, numa escola tão vasta? Em tais circunstâncias, naturalmente, é imprescindivel a disciplina. Não sou contrário à educação geral; seria estupidez minha dizer que o sou. Sou pela educação adequada, correta, a que traz inteligência; e isso se realiza, não pela educação em massa, mas sòmente pelo dispensar a cada criança a necessária atenção, estudando-lhe as dificuldades, as idiossincrasias, tendências, capacidades, velando por ela com afeição, com inteligência. Só então há possibilidade de se criar uma nova sociedade.

Conta-se um caso curioso — fato autêntico — de um bispo que lia a Bíblia para os analfabetos dos mares do

Sul, que ficavam encantados com as narrativas. Maravilhado com o fato, julgou êle que seria interessante voltar à América, angariar dinheiro e fundar escolas em tôdas as Ilhas dos Mares do Sul. Assim o fêz: angariou muito dinheiro na América, voltou às ilhas e ensinou o povo a ler. E o resultado foi que deram para ler publicações cômicas, o *Saturday Evening Post, Look,* e outras revistas excitantes e sugestivas! É exatamente o que estamos fazendo! Outro fato extraordinário é que, quanto mais o povo lê, tanto menos rebeldia há. Senhores, já refletistes sôbre quanto veneramos a palavra impressa? Se o govêrno emite uma ordem ou dá alguma comunicação, em letra de forma, aceitamo-la tal qual, nunca a pomos em dúvida. A palavra impressa tornou-se sagrada. Quanto mais se ensina o povo, tanto menor a possibilidade de revolução, — o que não significa que eu seja contrário a que se ensine o povo a ler. Mas cumpre perceber os perigos que isso implica. Os governos controlam o povo, dominam-lhe a mente e o coração por meio de astuta propaganda. Isso está acontecendo não apenas nos países totalitários, mas no mundo inteiro. O jornal tomou o lugar do pensamento, os cabeçalhos tomaram o lugar da verdadeira cultura e compreensão.

A dificuldade, por conseguinte, é que na atual estrutura da sociedade, a disciplina se tornou um fator importante, porque desejamos educar um grande número de crianças ao mesmo tempo e o mais ràpidamente possível. Educá-las para quê? Para serem funcionários de bancos ou eficientes super-vendedores, capitalistas ou comissários. Quando uma pessoa é um super-homem de alguma espécie, um super-governador, ou um parlamentar muito sutil no debate, qual o seu mérito? É provàvelmente uma pessoa muito inteligente, recheada de fatos. Ora, qualquer um pode acumular fatos; mas nós somos entes humanos e não máquinas de juntar fatos, autômatos objetos da ro-

tina. Mas, senhores, repito-o, vós não tendes interêsse. Ouvis e sorris uns para os outros, e não fazeis coisa alguma no sentido de modificar radicalmente o sistema educativo; e, nessas condições, êle continuará a arrastar a sua existência até que venha uma revolução monstruosa, que será apenas outro substituto, com contrôle muito mais rigoroso, uma vez que os governos totalitários sabem muito bem moldar as mentes e os corações do povo, — aprenderam o jeito de o fazer. Essa é a desgraça, essa a nossa lamentável fraqueza: desejamos que outros façam as alterações, as reformas, desejamos que outros edifiquem por nós. Ouvimos e permanecemos inativos; e quando a revolução logra êxito e outros indivíduos edificaram uma nova estrutura, e há tôdas as garantias, então nos solidarizamos. Por certo, essa não é uma mentalidade inteligente, criadora: a nossa mente, em tal caso, só está em busca de segurança, sob forma diferente. O procurar segurança é um processo estúpido. Para vos sentirdes seguros, psicològicamente, precisais da disciplina, e a disciplina garante o resultado — por ela os entes humanos são convertidos em rotineiros ocupantes de cargos: funcionários de bancos, comissários, reis ou primeiros-ministros. Sem dúvida, esta é a mais alta expressão da estupidez, porque então os sêres humanos são simples máquinas. Vêde o perigo da disciplina: o perigo é que a disciplina se torna mais importante do que o ente humano; o padrão de pensamento, o padrão de ação torna-se muito mais importante do que os indivíduos que a êles são ajustados. Continuará a existir a disciplina, inevitàvelmente, enquanto o coração estiver vazio, porque ela é, então, um substituto da afeição. Como somos em geral áridos, vazios, queremos disciplina. Um coração afetuoso, um ente humano rico, "integrado", é livre, não tem disciplina. A liberdade não vem por meio da disciplina, não precisamos submeter-nos a disciplina alguma, para sermos livres. A liberdade e a inteligência

começam muito perto e não longe de nós; e esta é a razão por que, para chegarmos longe, precisamos começar inteligentemente, partindo de nós mesmos.

PERGUNTA: Visto que até agora um govêrno estrangeiro impossibilitou a educação adequada do nosso amado povo, que espécie de educação seria a mais adequada para uma Índia livre?

KRISHNAMURTI: Senhor, que entendeis por "uma Índia livre"? Conseguistes substituir um govêrno por outro, uma burocracia por outra; mas estais livre? O explorador existe, como antes, só que agora é trigueiro, e sois por êle explorado como dantes, pelo outro. O usurário existe como antes, o comunalismo, as divisões de classe, as disputas relativas a províncias separadas, sôbre quais as províncias que devem ter mais ou que devem ter menos, qual o grupo em cada província que deve ocupar os cargos políticos — todos êsses fatôres continuam a existir. Subsistem, pois, as mesmas condições anteriores, só que agora há uma diferença, que é psicológica. Libertaste-vos de um grupo de indivíduos, e isso atua em vós psicològicamente. Podeis agora pôr-vos de pé; agora, sois pelo menos, um homem, enquanto, antes, alguém vos pisava o pescoço. O branco pode não mais pisar-vos o pescoço, mas pisa-o agora, e muito mais impiedosamente, um homem trigueiro, que é vosso irmão. Não sabeis que êle é muito mais cruel, porque carece de princípios morais? Que entendeis por "uma Índia livre"? Tereis, provàvelmente, exército e marinha próprios: entrareis em forma com o resto do mundo, com seus exércitos, suas marinhas, suas fôrças aéreas, sua arregimentação. Ver um velho povo como o vosso a brincar com coisas próprias de crianças,

é triste, não vos parece? É o mesmo que ver um ancião namorando uma menina: uma coisa deplorável. É a isso que chamais "livre", e perguntais que espécie de educação seria a mais adequada para "uma Índia livre"! Em primeiro lugar, para terdes educação adequada, precisais tornar-vos inteligente. Não podeis ser inteligente só pelo fato de substituirdes um govêrno por outro, um explorador por outro, uma classe por outra. Para se instituir uma nova espécie de educação, tôdas essas coisas têm de desaparecer, não achais? Precisais começar de nôvo. Significa isso revolução radical — não do gênero sangrento, que não resolve coisa alguma, mas uma radical revolução de pensamento, de sentimentos, de valôres. Essa revolução radical só pode ser realizada por vós e por mim; uma revolução destinada a criar um indivíduo nôvo, "integrado", tem de começar em vós e em mim. Uma vez que não pondes côbro ao racismo, ao dogmatismo organizado, na religião, como podeis produzir uma nova cultura, uma nova civilização? Podeis especular, podeis escrever volumes sôbre como deve ser a nova educação; mas êste é um processo infantil, uma fuga de nôvo gênero. Não pode haver criação, enquanto não puserdes abaixo as barreiras e ficardes livres, e estareis então aptos a edificar uma nova civilização, uma nova ordem, o que significa que tendes de revoltar-vos contra as condições atuais, revoltar-vos no sentido de perceber o verdadeiro significado dessas condições, de compreendê-las inteligentemente, e de pensar as coisas por maneira nova. É relativamente fácil ficar a sonhar com uma Utopia, um impávido mundo nôvo; mas isso é sacrificar o presente ao futuro... e o futuro é muito incerto. Ninguém pode saber o que será o futuro, pois há muitos elementos a intervirem entre o agora e o futuro. Pensamos que, criando uma Utopia teórica, uma idealização mental, e trabalhando por ela, resolveremos o problema; mas, decididamente, por essa ma-

neira jamais resolveremos o problema. O que podemos fazer, se somos inteligentes, é atacar o problema em nós mesmos, [illegible] presente. O agora é a única eternidade, e não o futuro. Preciso dar tôda a atenção ao problema agora. Ficarmos só a discutir sôbre qual deve ser a espécie de educação adequada para o povo de uma Índia livre é, evidentemente, muito estúpido. A Índia não está livre: não há Índia livre. Tendes uma bandeira e um nôvo hino, mas isso, por certo, não é liberdade. Falais na vossa língua materna e julgais que sois extraordinàriamente patriotas, nacionalistas, e que vosso problema está resolvido. Senhor, a solução dêste problema exige que se pense de maneira nova, e não que o olhemos através dos óculos da velha fórmula. Eis porque urge que aquêles que sentem verdadeiro empenho, façam uma revolução, com a regeneração de si mesmos; e não há possibilidade de regeneração a não ser que vos afasteis dos velhos valôres, que os examineis e percebais sua significação e seu mérito, e não que aceiteis cegamente qualquer um dêles, como bom. Eis porque é importante que examineis a vós mesmos, as tendências de vosso próprio pensamento e vosso sentimento. Só quando somos livres, só então podemos criar uma nova civilização e uma nova educação.

PERGUNTA: Até onde deve o govêrno intervir na educação; devem as crianças receber instrução militar?

KRISHNAMURTI: Esta pergunta suscita uma questão importantíssima. Que se entende por "govêrno"? Pessoas investidas de autoridade, uns poucos burocratas, membros de gabinete, o primeiro-ministro, etc. Isso é o govêrno? Quem o elege? Sois vós, não é verdade? Sois os responsáveis por êle, não é exato? Tendes o govêrno

que desejais, — então, porque reclamais? Se o vosso govêrno, que sois vós mesmo, quer dar instrução militar, porque vos opondes a isso? Porque tendes preconceitos de raça e de classe, porque tendes fronteiras econômicas, necessitais de um govêrno militarista. Sois vós os responsáveis e não o govêrno, porque o govêrno é a projeção, o prolongamento de vós mesmo — os seus valores são os vossos valôres. Visto que desejais uma Índia nacionalista, necessitais inevitàvelmente do mecanismo apropriado para proteger um govêrno soberano nacional, com seu orgulhoso poderio, sua pompa e dominação; por isso, precisais de uma máquina militar, cuja função é preparar a guerra — o que significa que desejais a guerra. Podeis abanar a cabeça, mas tudo o que estais fazendo é preparação para a guerra. A própria existência de um govêrno soberano, com sua visão nacionalista, tem de engendrar preparativos de guerra; todo general tem de fazer planos para uma guerra futura, porque êste é seu dever, sua função, seu *métier*. Naturalmente, se tendes um govêrno assim, um govêrno que sois vós mesmo, a obrigação dêle é proteger o vosso nacionalismo, as vossas fronteiras econômicas, e para isso há necessidade de uma máquina militar. Por conseqüência, se aceitais tudo isso, a instrução militar é inevitável. A mesma coisa, exatamente, está acontecendo no mundo inteiro. A Inglaterra, que durante séculos lutou contra a conscrição, adotou-a agora. Felizmente, neste país, que é tão vasto, não se pode, por ora, alistar todo mundo. Estais desorganizados. Mas se vos derem alguns anos, estareis em condições de organizar-vos e tereis, então, quiçá, o exército mais poderoso do mundo — pois é isso o que desejais. Desejais um exército, porque desejais um govêrno soberano separado, uma raça separada, uma religião separada, uma classe separada, com seus próprios exploradores; garanto que também quereis ser exploradores, na ocasião oportuna, e por isso sustentais êste jôgo.

E vindes ainda perguntar se o govêrno deve intervir na educação!

Senhores, deveria existir uma classe de pessoas independentes do govêrno, não pertencentes à sociedade, à margem da sociedade, — para atuarem como guias. Êssas pessoas são os "açoitadores", os profetas, que vos apontam os vossos grandes erros. Mas não existe nenhum grupo dêsses, porque o govêrno, no mundo moderno, não pode apoiar um tal grupo, um grupo sem autoridade, que não pertence ao govêrno, que não pertence a nenhuma religião, casta ou nação. É só um grupo dêsses que pode atuar como um freio aos governos. Porque os governos se estão tornando cada vez mais prepotentes, pondo ao seu serviço uma maioria de sêres humanos, e em conseqüência os cidadãos, em números cada vez maiores, se vão tornando incapazes de pensar por si mesmos. O govêrno os controla e lhes diz o que devem fazer. Assim, só quando existe um grupo daqueles, um grupo enérgico, inteligente, ativo, só então há esperança de salvação. De outro modo, todos nós vamos acabar como empregados do govêrno, e o govêrno mais e mais nos dirá o que devemos fazer, e nos ensinará *o que* pensar, e não a pensar. Evidentemente, um govêrno dessa espécie, com seu nacionalismo, seu orgulho, suas rivalidades e seus ódios, que conduzem inevitàvelmente à guerra, um govêrno dessa espécie necessita de uma máquina militar, e por isso em tôdas as escolas tem de haver o culto da bandeira. Se tendes orgulho do vosso nacionalismo, de vossas fronteiras econômicas, de vosso govêrno soberano, de vosso preparo para a guerra, o vosso govêrno tem de intervir na educação, ingerir-se nas vossas vidas, controlar-vos, controlar os vossos atos. É isso, precisamente, o que desejais. Se não é, cumpre então que vos liberteis inteligentemente, despojando-vos do nacionalismo, da ganância, da inveja, do poder que a autoridade confere; e então, sendo um ser inteligente, estareis habi-

litado para observar a situação mundial e contribuir para o estabelecimento de uma nova educação e uma nova sociedade.

PERGUNTA: Qual é o lugar da arte e da religião, na educação?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por arte e que entendeis por religião? É arte o pendurar quadros nas classes, o desenhar algumas linhas? Que entendeis por arte? Que entendeis por religião? Religião é a propagação da crença organizada? É arte o imitar ou copiar uma árvore? Arte, sem dúvida, é algo mais do que isso. A arte implica o sentimento da beleza; conquanto possa ela expressar-se no escrever um poema, no pintar um quadro, no compor música, ela é o sentimento da beleza, aquela riqueza criadora, aquêle sentimento de alegria, que vem do olhar para uma árvore, para as estrêlas, para o luar espelhado nas águas tranqüilas. Positivamente, a arte não consiste apenas em adquirir quadros e dependurá-los numa sala. Se porventura tendes dinheiro e achais mais seguro aplicá-lo em quadros do que em ações, não vos tornais artista por isso, não é verdade? Porque acontece que tendes dinheiro e o aplicais em jóias, daí não decorre que sois apreciador da beleza. Certo, a beleza é coisa muito diferente da mera segurança, não é verdade? Já alguma vez vos sentastes para olhar as águas que correm, para contemplar o luar? Já observastes um sorriso no rosto de alguém? Já observastes uma criança a rir ou um homem a chorar? Nunca o fizestes, decerto. Tendes muito que pensar e que fazer, — recitar vossos *mantrams*, ganhar dinheiro, dar rédeas à vossa sensualidade. Não tendo o

sentimento da beleza, vós vos rodeais das coisas chamadas belas. Não sabeis como o rico gosta de rodear-se dessas coisas? Por fora é uma atmosfera de beleza, por dentro o vazio de um tambor (risos). Não vos riais do rico, senhores: êle é o reflexo da vida como um todo, e vós também quereis estar na mesma posição que êle. Assim, o sentimento da beleza não vem como resultado do simples apêgo à exterior expressão da beleza. Podeis vestir um *sari* elegante, empoar o rosto, pintar os lábios, mas isso, por certo, não é beleza, é? Faz parte dela, apenas. A beleza surge, quando há beleza interior; e só há essa beleza interior quando não há mais conflito, quando há amor, quando há caridade, quando há generosidade. Então vossos olhos têm expressão, vossos lábios têm riquezas, vossas palavras significação. Porque essas coisas nos faltam, satisfazemo-nos com uma ostentação exterior de beleza, compramos jóias e quadros. Não são essas, por certo, as ações da beleza. Como a vida da maioria de nós é execrável, feia, insípida e indescritìvelmente vazia, rodeamo-nos de coisas que chamamos belas. Colecionamos coisas, quando temos o coração vazio; criamos um mundo cheio de fealdade ao redor de nós, porque para nós as coisas importam enormemente. E como a maioria de nós se acha nesse estado, como podemos ter a arte, a beleza, na escola ou na educação? Quando não existe arte nem beleza no vosso coração, como podeis educar os vossos filhos? O que hoje acontece é que o preceptor se vê a braços com uma centena de meninos e meninas — levados e traquinas, como é natural. Então, pendurais um quadro na parede e falais de arte. Vossas escolas indicam uma mente vazia, um coração vazio. Decerto, numa tal escola, numa tal educação, não há beleza. A luz de um sorriso, a expressão de um rosto — arte é ver que essas coisas são belas, e não, meramente, o admirar um quadro pintado por outro. Visto que esquecemos de ser bondosos, de contemplar as estrêlas, as

árvores, os reflexos nas águas, precisamos de quadros; conseqüentemente, a arte não tem significação alguma em nossas vidas, a não ser como tema de discussão no clube.

Idênticamente, a religião tem insignificante importância em nossas vidas. Podeis ir ao templo, praticar o *puja,* vestir as vestes sagradas, recitar palavras e *mantrams, ad nauseam,* mas isso não significa que sois uma pessoa religiosa. Isso é mera expressão de uma mente mecânica, com muito pouco conteúdo. A religião, por certo, consiste em buscar a verdade, a realidade, e não em nos cercarmos de substitutos e de valôres falsos. A busca da realidade não é longe de nós, mas muito perto, — no que fazemos, no que pensamos, no que sentimos. A verdade, por conseguinte, tem de ser encontrada, não além do vosso horizonte, mas em vós, em vossas palavras, em vossas ações, relações e idéias. Mas não desejamos uma tal religião. Queremos crença, queremos dogma, queremos segurança. Assim como um homem rico procura a segurança em quadros e em diamantes, assim vós buscais a segurança na religião organizada, com seus dogmas, suas superstições. seus sacerdotes exploradores, etc. etc. Não há muita diferença entre aquêle a quem chamais religioso e o homem mundano: ambos estão em busca de segurança, só havendo diferença de nível. Isso, positivamente, não é religião, não é beleza. A apreciação da beleza, da vida, só vem quando há enorme incerteza, quando damos atenção a cada movimento da verdade, quando percebemos o movimento de cada sombra, de cada pensamento e cada sentimento, quando estamos atentos a cada movimento de nosso filho. Só vem quando a mente é flexível no mais alto grau; e a mente só pode ser flexível, quando não mais está amarrada a uma determinada forma de crença, crença no dinheiro ou crença numa idéia. Quando a mente é livre para observar, para dar inteira atenção, só então há a união com a realidade, verdadeiramente criadora.

Como é extraordinário o fato de sermos, em maioria, expectadores, na vida, em vez de têrmos parte ativa. A maioria de nós lê livros; e quando lemos, são coisas tão vulgares, tão pífias! Perdemos a arte da beleza, perdemos a religião. É o redescobrimento da beleza e da realidade o que mais importa. Êsse redescobrimento só ocorrerá quando reconhecermos o vazio da nossa mente e do nosso coração, quando estivermos cônscios não apenas dêsse vazio, mas também de sua profundeza, e quando não mais procurarmos evitá-lo. Procuramos fugir, valendo-nos de quadros, dinheiro, diamantes, *saris, mantrams,* de inumeráveis expressões exteriores.

Só a inteligência criadora, a compreensão criadora, pode fazer vir uma nova cultura, um nôvo mundo, uma felicidade nova.

PERGUNTA: O regime alimentar e a regularidade têm alguma influência no desenvolvimento da criança?

KRISHNAMURTI: Têm, naturalmente. Tendes atualmente o alimento adequado para o vosso filho? Mas os que têm recursos são tão pouco inteligentes a respeito da alimentação que lhes convém; comem simplesmente para agradar ao paladar, gostam de comer. Olhai o vosso corpo. Não sorriais. Comeis o que estais habituados a comer. Se estais acostumado com alimentos fortemente condimentados e fôrdes privado dêles, estareis perdido. Não tendes pensado deveras no assunto da alimentação. Se o fizésseis, descobriríeis fàcilmente como é simples saber o que se deve comer. Não posso dizer-vos o que deveis comer, é claro, porque cada um tem que determinar e organizar o regime que melhor lhe convém. Por conse-

qüência, é preciso experimentar, durante uma semana, durante um mês. Mas não tendes vontade de experimentar, porque desejais continuar a comer o que vos habituastes a comer desde há dez ou vinte anos.

Está mais do que visto que as crianças necessitam de uma vida regular; na tenra idade, quando se estão desenvolvendo fisicamente, necessitam da exata medida de sono, da alimentação adequada, e dos desvelos convenientes. São necessidades óbvias na vida de uma criança. Mas vós não amais a criança; brigais com vossa espôsa e vos desforrais (ou ela se desforra) no vosso filho. Quando voltais tarde para casa, desejais encontrar vosso filho desperto, para vosso divertimento. O filho se torna um brinquedo, e um meio de transmitir o vosso nome. Não sentis interêsse pela criança, mas só por vós mesmo. Senhor, se houvesse interêsse da vossa parte, haveria uma revolução amanhã; se realmente amásseis a criança, haveríeis de quebrar o atual sistema educativo, o atual ambiente social. Procuraríeis saber o que ela come, se tem uma vida regular, o que lhe irá acontecer no futuro, se irá servir de carne para canhão. Estudaríeis as causas da guerra, não apenas citando outras, e estabeleceríeis um padrão de ação. Se de fato amásseis a criança, não teríeis governos separados, nacionalidades isoladas, religiões separadas, com suas cerimônias e dogmas organizados. Se amásseis deveras a criança, tôdas essas coisas se modificariam da noite para o dia, vós as evitaríeis, porque elas levam ao caos, à destruição, à aflição e ao sofrimento. Mas não amais a criança; pouco vos importa o que lhe aconteça quando crescer e se tornar o arrimo de vossa velhice ou o continuador do vosso nome. Só isso vos interessa, não a criança. Se ela vos interessasse, não teríeis tantos filhos: teríeis apenas um ou dois e cuidaríeis de que desenvolvessem a inteligência e a cultura adequada. O deplorável, senhores, é que a culpa não cabe ao sistema edu-

cativo, mas a nós mesmos: nossos corações estão tão vazios, tão insensibilizados! Não conhecemos o amor. Quando dizemos "amo-te", a uma pessoa, êsse amor é puramente um meio de satisfazer-nos: é prazer sexual, ou o orgulho de possuir, de ser dono. O mero prazer e o orgulho da posse não é amor, está visto. Mas é só dessas duas coisas que cuidamos; não fazemos caso dos nossos filhos, não fazemos caso do nosso próximo. O mendigo que encontramos ao descer a rua nenhum auxílio recebe, mas falamos muito alto sôbre a necessidade de socorrer os desvalidos. Ingressais em grupos, aderis a sistemas, e o necessitado continua de mãos vazias. Se verdadeiramente tivésseis interêsse, vossos corações seriam ricos de sentimento e estaríeis dispostos a agir e a transformar o sistema da noite para o dia.

Assim, alimentação conveniente e regularidade são necessárias não só à criança, mas a cada um de nós. Para se verificar o que é necessário, precisamos investigar, precisamos experimentar, primeiro em nós mesmos e não na criança. Podemos pelo menos dar-lhe alimentos puros e cuidar de que tenha horas regulares de sono e de repouso. É porque nunca pensamos nisso que a maioria das crianças são pequenas, atrofiadas e subnutridas. Estou certo de que estais escutando muito atentamente; depois voltareis a casa, fazendo barulho, gritando para ver se a criança está dormindo, e lhe enchereis a bôca de doces, para mostrar quanto a amais! Não creio que saibais o que estais fazendo — essa é que é a lástima. Não temos consciência das nossas ações, não temos consciência das palavras que empregamos, não temos consciência da importância da alimentação: apenas vivemos, movemo-nos, procriamos filhos e morremos. Quando estamos com um pé na sepultura falamos de Deus, porque queremos garantir o nosso desembarque "no outro lado"; vivendo uma vida execrável, monstruosa, feia, esperamos uma vida cheia de be-

leza, no final. A beleza consiste em viver uma vida rica, em amar a realidade do comêço ao fim. Não há beleza numa vida de exploração, de ganância e de ódio, de acumulação de títulos e posses; o curioso é que acrescentais mais um objeto às vossas acumulações: Deus. O que estais fazendo é tão feio que se não pode expressar por palavras, não tem significação, não tem profundidade. A maioria de vós vive de palavras, e naturalmente o vosso filho é a mesma coisa e crescerá igual a vós. Só pode haver regeneração com a transformação da mente e do coração.

PERGUNTA: Como a civilização moderna é principalmente tecnológica, não deveríamos preparar cada criança para alguma profissão, segundo sua vocação?

KRISHNAMURTI: Claro que sim, — e que acontece então? Vosso filho se torna engenheiro, médico, matemático, cientista ou burocrata; faz sua própria contabilidade ou a de seu patrão. Que fizestes, senhor? Ensinastes-lhe uma profissão. Essa é a finalidade da vida? Para a maioria de vós, é essa a finalidade da vida. Ter uma profissão é muito direito, no seu lugar próprio, mas há coisas mais vitais na existência, não há? Posso querer tornar-me engenheiro ou músico, mas vós, que sois meu pai, me forçais a ser banqueiro. E para o resto de minha vida sinto-me frustrado, e porque me sinto frustrado persigo tudo quanto é mulher, ou me volto para Deus. Mas continuo frustrado e vazio, do mesmo modo. Logo, o mero preparo técnico ou o ter alguma capacidade profissional não resolve todos os problemas da vida. Não há dúvida que os resolve num determinado nível; mas o viver só nesse nível, como o faz a maioria de nós, é destruição. Senhor, formar um indivíduo "integrado" é extrema-

mente difícil. Preciso não apenas ter uma profissão técnica, mas necessito também de uma mente clara, de um coração afetuoso. Não se pode ter uma mente clara, quando ela está cheia de barulho, a que chamo saber. Só pode haver "integração" quando há calor, quando há afeição, quando amais alguém inteiramente, totalmente. Então, a afeição, o ardor, a mente clara, produzirão a integração. É raro um ente humano dessa espécie, e evidentemente a função da educação é criar entes humanos assim. A vida não é para ser vivida num nível único, tem de ser vivida, a tôdas as horas, em níveis diferentes; só então há harmonia, há beleza, há cordialidade nas relações, no sentimento, só então há felicidade.

PERGUNTA: As escolas internacionais não são necessárias, para o cultivo da boa vontade?

KRISHNAMURTI: Senhor, a boa vontade se cultiva por meio do internacionalismo? Isto é, várias nações se reúnem em tôrno de uma mesa-redonda, mas cada uma delas faz questão de manter a sua soberania, o seu poderio, o seu prestígio. Como pode então haver uma reunião de pessoas para o cultivo da boa vontade? Vós quereis conservar os vossos exércitos, eu quero conservar os meus. Pode haver boa vontade entre dois salteadores? Pode haver cooperação, para dividir a prêsa. Positivamente, boa vontade é coisa muito diferente; não pertence a nenhum grupo, nação ou govêrno soberano. Quando o govêrno soberano se torna a coisa mais importante, a boa vontade desaparece. Passamos a maior parte da vida agitando uma bandeira, conservamo-nos nacionalistas, adorando o Estado: a nova religião. Como pode haver boa vontade? O que há é só inveja, ódio e inimizade. Só vem a boa vontade quando são postos de parte êsses rótulos, quando não há mais separação entre vós e mim, seja de classe,

de dinheiro, de poder ou de posição. Quando tivermos boa vontade, não pertenceremos a nação alguma, viveremos felizes todos juntos, e por isso não haverá falas de internacionalismo ou de "um mundo só". Dizer-se que pelo nacionalismo seremos, no devido tempo, internacionais, teremos no devido tempo a fraternidade, é um processo de pensamento muito errôneo, não achais? É um falso raciocínio, êsse. Como é possível, com idéias estreitas, ultrapassar todos os limites? Só depois de quebrardes os estreitos limites da mente e do coração, podereis passar além; e quando as paredes estiverem por terra, se descortinará a vastidão do horizonte da vida. Não podeis levar convosco nenhuma limitação quando aspirais às vastidões do eterno. Boa vontade não se cria com organização. Considerai a falácia da idéia de entrar numa sociedade pró-fraternidade; é só quando não temos fraternidade no coração que entramos numa sociedade dêsse gênero. Quando temos a fraternidade no coração, não precisamos entrar em nenhuma sociedade ou organização. A importância que atribuís à organização e às sociedades mostra que não sois fraternal; quereis furtar-vos ao fato real, que é a vossa falta de fraternidade, e por essa razão as organizações se tornam importantes e fazeis parte delas. A dificuldade é ser fraternal, ser bom, ser benevolente, ser generoso; e isso é impossível, enquanto só pensarmos em nós mesmos. Estais pensando em vós mesmos quando atribuís a máxima importância ao vosso filho como um meio de vos proporcionar felicidade, como um meio de conservar o vosso nome, a vossa religião, vossas perspectivas, vossa autoridade, vossa conta no banco, vossas jóias.

Quando um homem está interessado só em si mesmo e no prolongamento de si mesmo, como pode êle ter amor no coração, como pode ter boa vontade? Será boa vontade uma simples questão de palavras? É isso o que

acontece no mundo, quando todos êsses eminentes, inteligentes e eruditos políticos se reúnem: não têm boa vontade nenhuma, muito longe disso. Representam os seus países, que são êles mesmos e vós. Como êles, também nós queremos poder, posição e autoridade. Senhor, um homem de boa vontade não tem autoridade, não pertence a nenhuma sociedade, não pertence a religião organizada, não adora a riqueza e os títulos. O homem que não pensa em si criará por certo um mundo nôvo, uma nova ordem, e é para êsse homem que devemos volver os olhos, se queremos a felicidade, se queremos um nôvo estado de civilização, e não para os ricos ou aquêles que adoram a riqueza. A boa vontade, a felicidade, a bem-aventurança, só virá quando houver a busca do real. O real está perto, não distante. Estamos cegos, obcecados pelas coisas, e é isso que nos impede de ver o que está perto. A verdade é a vida, a verdade está nas vossas relações com vossa espôsa, a verdade se encontra na compreensão da falsidade de qualquer crença. Precisais começar com o que está perto, para chegardes longe. A ação não deve ter motivo, não deve ser a busca de um fim; e a ação que não busca um fim só pode vir quando há o amor. O amor não é coisa difícil. Só há amor quando o intelecto compreende a si mesmo, quando o processo de pensamento, com suas hábeis manobras, seus ajustamentos, com sua busca de segurança, deixa de funcionar; descobrireis então que vosso coração é rico, cheio, abundante de felicidade, porque descobriu aquilo que é eterno.

26 de setembro de 1948.

VI

CONFERÊNCIA REALIZADA EM PUNA

Talvez, se compreendermos o que é ação criadora, estejamos aptos a compreender o que significa esfôrço. É a criação resultado de esfôrço, e estamos cônscios nos momentos em que somos criadores? Ou é a criação um estado de completo auto-esquecimento, aquêle estado isento de agitação, em que estamos de todo inconscientes do movimento do pensamento, quando só há o existir, o ser completo, integral, cheio de riqueza? Êsse estado é o resultado de labor, de luta, de conflito, de esfôrço? Não sei se já notastes que quando fazeis uma coisa com facilidade, com presteza, não existe esfôrço, mas, sim, completa ausência de luta; mas como as nossas vidas, em geral, são uma série de batalhas, conflitos e lutas, somos incapazes de imaginar uma vida, um "estado de ser", no qual tenha cessado tôda a luta.

Ora, para se compreender o "estado de ser" em que não há luta, aquêle estado de existência criadora, precisamos naturalmente investigar a fundo o problema do esfôrço. Isto é, vivemos no presente com esfôrço, tôda a nossa existência é uma série de lutas, com nossos amigos íntimos, com nossos vizinhos, com os que moram do outro lado das montanhas e do outro lado dos mares. Enquanto não compreendermos essa questão do esfôrço e suas con-

seqüências, não estaremos, naturalmente, em condições de perscrutar aquêle estado criador, que, é óbvio, não resulta de esfôrço. O pintor, o poeta, pode fazer esfôrço no momento em que pinta ou escreve, mas o encontro com o belo só ocorre quando a luta cessou de todo. Cumpre-nos, pois, investigar a questão do esfôrço, o que significa o esfôrço, o conflito, a luta por "vir a ser": Por esfôrço, entendemos a luta em que nos empenhamos para nos preencher, para tornar-nos alguma coisa, não é verdade? Sou "isto" e quero tornar-me "aquilo", não sou "aquilo" e preciso tornar-me "aquilo". No tornar-me "aquilo", há luta, batalha, conflito, peleja. Nessa luta, estamos, inevitàvelmente, interessados no preenchimento pela consecução de um fim; buscamos o preenchimento num objeto, numa pessoa, numa idéia, e isso exige batalha constante, luta, esfôrço para "vir a ser", realizar. Eis por que aceitamos êsse esfôrço como inevitável; e pergunto-me a mim mesmo se êle é inevitável. Será inevitável a luta para nos tornarmos alguma coisa? Por que existe essa luta? Sempre que há o desejo de preenchimento, em qualquer grau ou em qualquer nível que seja, há de fato luta. O desejo de preenchimento é o motivo, a fôrça impulsora do esfôrço. Seja o diretor de uma grande emprêsa, ou a simples dona de casa, ou o mendigo, em todos há essa batalha por "vir a ser", realizar, continuar.

Ora, por que existe êsse desejo de nos preenchermos? Como é óbvio, o desejo de preenchimento, o desejo de nos tornarmos alguma coisa, surge quando temos a consciência de não ser nada. Porque não sou nada, porque sou insuficiente, vazio, interiormente pobre, luto por tornar-me alguma coisa; exterior ou interiormente, luto para me preencher — com uma pessoa, um objeto, uma idéia. Vemos, pois, que a luta por "vir a ser" só se manifesta quando há insuficiência, quando há consciência de um

vácuo, de um vazio, em nós mesmos. Isto é, nasce o esfôrço só quando há consciência de vazio. O encher êsse vazio constitui todo o processo de nossa existência. Cônscios de que somos vazios, de que somos pobres, interiormente, entramos em luta, ou para acumular coisas exteriores ou para cultivar riquezas interiores. Êsse esfôrço, essa luta nasce do percebimento de nossa insuficiência, e por isso há uma batalha constante por "vir a ser" — que é inteiramente diferente de *ser*. Só há esfôrço quando há fuga dêsse vazio interior, pela ação, pela contemplação, pela aquisição, pela realização de algo, pelo poder, etc. Assim é nossa existência diária. Estou cônscio de minha insuficiência, de minha pobreza interior e luto por evitá-la ou por encher êsse vazio. Essa fuga, essa evitação, ou êsse tentar encher o vazio, ocasiona luta, conflito, esfôrço.

Pois bem, se não fazemos esfôrço para fugir, que acontece? Ficamos com essa solidão, com êsse vazio; e, com a aceitação dêsse vazio, veremos surgir um estado criador completamente isento de luta e de esfôrço. O esfôrço só existe enquanto desejamos evitar o vazio interior; mas, se o olharmos bem, se o observarmos, se aceitarmos o que *é*, sem nenhum desejo de evitá-lo, veremos surgir um "estado de ser" no qual cessou tôda a luta. Êsse estado de ser é o estado criador, que não resulta de luta alguma, embora muitos pensem que seja inevitável a luta, para sermos criadores. É só quando somos criadores que há felicidade completa, generosa. Mas a criação não provém de esfôrço, visto que o esfôrço é uma fuga do que *é*. Mas quando há compreensão do que *é*, que é nosso vazio, nossa insuficiência interior, quando nos deixamos ficar com essa insuficiência e a compreendemos plenamente, surge a realidade criadora, a inteligência criadora, a única coisa que traz felicidade.

Assim, a ação, como a conhecemos, é na realidade, reação, incessante "vir a ser", ou seja, negação, evitação

do que *é;* mas quando estamos cônscios do vazio, sem escolha, sem condenação nem justificação, então, nessa compreensão do que *é,* há ação, e essa ação é o Ser criador. Compreendereis isso se ficardes cônscios de vós mesmos em ação. Observai-vos, quando agis, não apenas exteriormente, mas vigiai também o movimento do vosso pensamento e do vosso sentimento. Se ficardes cônscios dêsse movimento, vereis que o processo do pensamento, que é também sentimento e ação, baseia-se numa idéia de "vir a ser". Só nasce a idéia de "vir a ser" quando há uma sensação de insegurança e êsse sentimento de insegurança surge quando percebemos o vazio interior. Assim, se ficardes cônscios dêsse processo de pensamento e de sentimento, vereis que há uma batalha constante, um esfôrço incessante para modificar, transformar, alterar o que *é*. Êsse esfôrço é o esfôrço de vir a ser, e o vir a ser é uma evitação direta do que é. Pelo autoconhecimento, pelo percebimento constante, vereis que a luta, a batalha, o conflito de vir a ser, leva ao sofrimento, à aflição e à ignorância. Só quando estiverdes cônscios da insuficiência interior, e ficardes com ela, isto é, não fugindo mas aceitando-a integralmente, só então descobrireis uma tranqüilidade extraordinária, uma tranqüilidade não produzida artificialmente, mas que vem com a compreensão do que *é*. Só nesse estado de tranqüilidade há vida criadora.

PERGUNTA: A memória, dizeis, é experiência incompleta. Tenho uma lembrança e uma impressão muito claras de vossas palestras anteriores. Em que sentido é isso uma experiência incompleta? Tende a bondade de explicar esta idéia minuciosamente.

KRISHNAMURTI: Que se entende por memória? Freqüentamos a escola e enchemos a cabeça de fatos, de conhecimentos técnicos. Se sois engenheiro, vos servis da

memória, do conhecimento técnico, para construir uma ponte. Isso é memória fatual. Há também a memória psicológica. Vós me dissestes uma coisa, agradável ou desagradável, e eu a retenho; e da próxima vez que nos vemos, encontro-vos com aquela lembrança, a lembrança do que dissestes ou não dissestes. Há, portanto, duas facêtas da memória: a psicológica e a fatual. Estão elas sempre inter-relacionadas, não se separam nìtidamente. Sabemos que a memória fatual é essencial para a manutenção de nossa subsistência. Mas é essencial a memória psicológica? E qual é o fator que conserva a memória psicológica? Que é que nos faz lembrar, psicològicamente, o insulto ou a lisonja? Porque conservamos certas lembranças e rejeitamos outras? É bem evidente que conservamos as lembranças agradáveis e evitamos as desagradáveis. Se observardes, vereis que as lembranças desagradáveis se apagam mais fàcilmente do que as aprazíveis. E a mente é memória, seja qual fôr o seu nível ou o nome que lhe dermos; a mente é o produto do passado, está fundada no passado, que é memória, um estado condicionado. Pois bem, com essa memória enfrentamos a vida, enfrentamos um nôvo desafio. O desafio é sempre nôvo, nossa reação sempre velha, porque produto do passado. Assim, experimentar sem a memória é um estado, e experimentar com a memória outro estado. Isto é, há um desafio, que é sempre nôvo. Enfrento-o com a reação, a condição do velho. Por conseguinte, que acontece? Absorvo o nôvo, sem compreendê-lo, e o "experimentar" do nôvo é condicionado pelo passado. Logo, há uma compreensão parcial do nôvo, nunca a compreensão completa. Só quando há compreensão completa de uma coisa essa coisa não deixa a cicatriz da memória.

Quando há um desafio, que é sempre nôvo, nós o enfrentamos com a reação do velho. A velha reação con-

diciona a nova, e por conseguinte a torce, dá-lhe uma tendência, e portanto não há completa compreensão do nôvo; por essa razão o nôvo se absorve no velho e vai fortalecer mais ainda o velho. Pode isso parecer abstrato, mas não é difícil, se o examinardes com um pouco de atenção e cuidado. A situação do mundo na atualidade requer nova maneira de considerar, de tratar o problema mundial, que é sempre nôvo. Somos incapazes de considerá-lo de maneira nova, porque nos aplicamos a êle com a mente condicionada, com preconceitos locais, preconceitos de família, preconceitos religiosos. Isto é, as nossas experiências anteriores estão atuando como barreira à compreensão do nôvo desafio, e continuamos assim a cultivar e a fortalecer a memória; por essa razão nunca compreendemos o nôvo, nunca enfrentamos o desafio de maneira plena, completa. Só quando somos capazes de enfrentar o desafio por maneira nova, sem o passado, nos é dado colhêr os seus frutos e as suas riquezas.

Diz o interrogante: Tenho uma lembrança e uma impressão muito claras de vossas palestras anteriores. Em que sentido é isso uma experiência incompleta?" Trata-se, evidentemente, de uma experiência incompleta, se ficou uma simples impressão, uma simples lembrança. Se compreendeis o que se disse, se percebeis a verdade aí contida, essa verdade não é uma lembrança. A verdade não é lembrança, porque a verdade é sempre nova, se transforma constantemente. Tendes uma lembrança da conferência anterior. Por que? Porque vos estais servindo da conferência anterior como guia; não a compreendestes completamente. Quereis estudá-la bem e, inconsciente ou conscientemente, a sua lembrança está sendo conservada. Mas se compreenderdes uma coisa inteiramente, isto é, se perceberdes a verdade de alguma coisa, inteira, vereis que não fica lembrança alguma. Nossa educação é cultivo da memória,

fortalecimento da memória. Vossos exercícios e ritos religiosos, vossas leituras e vosso saber, são meios de fortalecer a memória. Que pretendemos com isso? Por que nos apegamos à memória? Não sei se já notastes: quando vamos ficando mais velhos, gostamos de rememorar o passado, suas alegrias, suas dores, seus prazeres; e se a pessoa é jovem, interessa-se pelo futuro. Por que fazemos isso? Porque se torna tão importante a memória? Pela razão muito simples e muito clara de que não sabemos viver integralmente, de maneira completa, no presente. Servimo-nos do presente como um meio que nos levará ao futuro, e por isso o presente é sem significação. Não podemos viver no presente porque dêle nos servimos como uma passagem para o futuro. Porque vou tornar-me alguma coisa, nunca tenho uma compreensão completa de mim mesmo, e a compreensão de mim mesmo, daquilo que sou, exatamente, no presente, não requer o cultivo da memória. Ao contrário, a memória é um empecilho à compreensão do que *é*. Não sei se já notastes que um pensamento nôvo, um sentimento nôvo só se manifesta quando a mente não está prêsa na rêde da memória. Quando há um intervalo entre dois pensamentos, entre duas lembranças, e quando é possível manter êsse intervalo, dêle surge um nôvo "estado de ser", que já não é memória. Temos lembranças, e cultivamos a memória como um meio de continuidade. Isto é, o "eu" e o "meu" se tornam importantes, enquanto há o cultivo da memória; e como a maioria de nós é constituída de "eu" e "meu", desempenha a memória papel importantíssimo em nossas vidas. Se não tivésseis memória, vossa propriedade, vossa família, vossas idéias não teriam importância, como tais; e assim, para dar fôrça ao "eu", e ao "meu", cultivais a memória. Mas, se observardes, vereis que há um intervalo entre dois pensamentos, entre duas emoções. Nesse

intervalo, que não é produto da memória, há um estado extraordinário em que nos vemos inteiramente livres do "eu" e do "meu", e êsse intervalo não é atemporal.

Consideremos o problema de outra maneira. A memória, sem dúvida, é tempo, não é verdade? Isto é, a memória cria o ontem, o hoje, o amanhã. A memória de ontem condiciona o hoje e, portanto, molda o amanhã. Isto é, o passado, através do presente, cria o futuro. Há um processo temporal, sempre em funcionamento, o qual é a vontade de "vir a ser". Memória é tempo, e através do tempo esperamos alcançar um resultado. Sou hoje escriturário e, se me derem tempo e oportunidade, virei a ser o gerente ou o proprietário. Preciso, pois, do tempo; e com a mesma mentalidade, dizemos "alcançarei a realidade, chegar-me-ei a Deus". Necessito, portanto, do tempo, para realizar o meu objetivo, o que significa que devo cultivar a memória, fortificar a memória, pelo exercício, pela disciplina, para ser alguma coisa, para alcançar, para ganhar, o que implica continuidade no tempo. Assim, através do tempo, esperamos alcançar o atemporal, através do tempo esperamos conquistar o eterno. Será isso possível? Pode-se captar o eterno na rêde do tempo, por meio da memória, que pertence ao tempo? O atemporal só pode ter existência, quando cessa a memória, que é o "eu" e o "meu". Se percebeis a verdade aí contida — isto é, que através do tempo não se pode compreender ou captar o atemporal — podemos então entrar no problema da memória. A memória de coisas técnicas é essencial; mas a memória psicológica, a que mantém o "eu" e o "meu", a que dá identificação e continuidade pessoal, essa é de todo em todo prejudicial à vida e à realidade. Assim que percebemos a verdade aí contida, desfaz-se o falso e por conseguinte não há mais conservação psicológica da experiência de ontem.

Senhores, quando assistis a um belo pôr de sol, quando vêdes uma bela árvore num campo, gozais êsse espetáculo de maneira completa, integralmente; mas, se voltais com o desejo de gozá-lo de nôvo, que acontece? Não há mais deleite, porque é a lembrança do pôr do sol de ontem que vos faz voltar, que vos está impelindo, incitando a apreciar o espetáculo. Ontem não havia lembrança, mas só uma apreciação espontânea, uma reação direta; mas hoje tendes o desejo de recapturar a experiência de ontem. Isto é, a memória está intervindo entre vós e o pôr do sol; por essa razão não há deleite, não há riqueza, plenitude de beleza. Outro exemplo: tendes um amigo, que ontem vos disse alguma coisa, um insulto ou uma lisonja, e vós conservais essa lembrança, e com essa recordação vos encontrais hoje com o vosso amigo. Na realidade, não vos encontrais com o vosso amigo, porque levais convosco a lembrança de ontem, a qual intervém; e assim continuamos, rodeando de lembranças a nós mesmos e às nossas ações, e por isso nunca encontramos nada que seja nôvo. Eis como a memória torna a vida enfadonha, monótona e vazia. Vivemos em antagonismo uns com os outros, porque o "eu" e o "meu" são fortalecidos pela memória. A memória vem à vida pela ação no presente; damos vida à memória através do presente, mas se não damos vida à memória, ela definha. Assim, a memória de fatos, de coisas técnicas, é uma necessidade óbvia, porém, a memória como conservação psicológica é danosa à compreensão da vida, à comunhão de uns com os outros.

PERGUNTA: Dissestes que quando a mente consciente está tranqüila, o subconsciente se projeta. O subconsciente é uma entidade superior? Não é necessário despejar tudo que está oculto nos labirintos do subconsciente, para nos descondicionarmos? Como se deve proceder, nesse sentido?

KRISHNAMURTI: Não sei quantos de nós estão cônscios de que existe um subconsciente, de que há diferentes camadas em nossa consciência. Parece-me que a maioria de nós só está cônscia da mente superficial, das atividades diárias, da agitada consciência superficial. Não temos percebimento da profundeza, da importância, da significação das camadas ocultas; e às vêzes, graças a um sonho, uma mensagem, ficamos cônscios de que há outros "estados de ser". Vivemos, a maioria de nós, muito atarefados, muito ocupados com as nossas vidas, com nossos divertimentos, nossos desejos sensuais, nossas vaidades, e por isso não percebemos nada além do que é superficial. A maioria de nós passa a vida lutando pelo poder, político ou pessoal, por uma posição, pela realização de algo.

Agora, o interrogante pergunta: "O subconsciente é uma entidade superior?" Êste é o primeiro ponto. Existe uma entidade superior, separada do processo de pensamento? Sem dúvida, enquanto existir "processo de pensamento", ainda que êle se divida em inferior e superior, não pode haver uma entidade superior, uma entidade permanente, separada do que é transitório. Cumpre-nos, pois, examinar esta questão com muita atenção e compreender tôda a significação da consciência. Disse eu que quando temos um problema e nêle pensamos até ficar com a mente cansada, sem encontrar-lhe a solução, acontece muitas vêzes que quando o abandonamos e vamos dormir, a solução se nos apresenta na manhã seguinte. Enquanto a mente consciente está tranqüila, as camadas ocultas da mente inconsciente estão trabalhando no problema, e quando despertamos encontramos a solução. Isso significa, por certo, que as camadas ocultas da mente não dormem quando nos pomos a dormir, ficam em funcionamento todo o tempo. Embora a mente consciente esteja dormindo, o inconsciente, em suas diferentes camadas, está destrinçando o

problema, e êle, o inconsciente, naturalmente se projeta no consciente. Agora, a questão é saber se o subconsciente é uma entidade superior. Não é, evidentemente. Que entendeis por "entidade superior"? Entendeis, não é verdade? — uma entidade espiritual, uma entidade além do tempo. Estais repleto de pensamentos, e qualquer entidade que possais conceber pelo pensamento não é, por certo, uma entidade espiritual: ela é parte do pensamento, portanto filha do pensamento e continua dentro da esfera do pensamento. Podeis chamá-la como quiserdes, ela é sempre produto do pensamento, portanto produto do tempo, e por conseguinte não é entidade espiritual.

O outro ponto é: "Não é necessário despejarmos tudo o que está oculto nos labirintos do subconsciente, para nos descondicionarmos?" — Como disse, a consciência é constituída de diferentes camadas. Primeiro, temos a camada superficial, e abaixo desta a memória, porque sem memória não há ação. Imediatamente abaixo está o desejo de ser, de "vir a ser", o desejo de realizar. Se vos aprofundardes mais, encontrareis um estado de completa negação, de incerteza, de vazio. Êsse total constitui a consciência. Pois bem, enquanto houver o desejo de ser, de "vir a ser", de realizar, de obter, há de haver o fortalecimento, nas muitas camadas da consciência, do "eu" e do "meu"; e o esvaziamento dessas muitas camadas só é possível quando compreendeis o processo de "vir a ser". Isto é, enquanto houver desejo de ser, de "vir a ser", de realizar, a memória é fortalecida, e dessa memória provém a ação, a qual só tem o efeito de condicionar ainda mais a mente. Espero que estejais ouvindo com interêsse. Se não estais, não importa; prosseguirei, porquanto é possível que alguns de vós estejam bem cônscios dêste problema.

A vida não é uma única camada de consciência, uma só fôlha, um só ramo; a vida é o processo integral. Temos

de compreender o processo integral, antes de podermos compreender a beleza da vida, sua grandiosidade, suas dores, suas tristezas e alegrias. Agora, para esvaziar o consciente — o que significa compreender, no seu todo, o "estado de ser", o estado de consciência — temos de ver de que êle se compõe, temos de estar cônscios das várias formas de condicionamento, que são as memórias de raça, família, grupo, etc., as várias experiências que não se completaram. Pois bem, pode-se analisar essas lembranças, tomar uma a uma as reações, as lembranças, desdobrando-as, examinando-as minuciosamente e dissolvendo-as; mas, para tal, necessita-se de um tempo infinito, paciência e atenção ilimitadas. Deve haver, por certo, uma outra maneira de nos chegarmos ao problema. Quem já pensou neste assunto, está bem familiarizado com o processo de tomar uma reação, analisá-la, acompanhá-la e dissolvê-la, e assim proceder com tôdas as reações; e se a pessoa não analisa de maneira completa uma reação, ou deixa de notar alguma coisa nessa análise, volta a empreender a mesma análise, passando dias e dias nessa estéril atividade. Deve haver uma maneira diferente de descondicionarmos todo o nosso ser, dissolvendo as lembranças existentes, de modo que a mente seja nova a cada momento. Como conseguir isso? Compreendeis o problema? É o seguinte: costumamos enfrentar a vida com as velhas lembranças, as velhas tradições, os velhos hábitos; enfrentamos o dia de hoje com o de ontem. Ora, pode-se enfrentar o dia de hoje, o presente, sem o pensamento de ontem? Esta, certamente, é uma questão nova, não é verdade? Conhecemos o velho método de proceder passo a passo, analisando cada reação, dissolvendo-a pelo exercício, pela disciplina, etc. Vemos que êsse método requer tempo; e quando empregamos o tempo como meio de descondicionar, vemos que êle fortalece mais ainda a condição. Se emprego o tempo como meio de me libertar, nesse próprio processo me

estou tornando condicionado. Que devo então fazer? Uma vez que se trata de uma questão nova, devo chegar-me a ela de maneira nova. Isto é, pode-se ficar livre imediatamente, instantâneamente? Pode haver regeneração sem o elemento tempo, que é só memória? Digo que a regeneração, a transformação só é possível agora, e não amanhã, e que só pode vir a transformação quando estamos completamente livres do passado. Como podemos ficar livres do passado? Quando faço esta pergunta, que se passa em vossa mente — se de fato estais me acompanhando? Que se passa em vossa mente, ao compreenderdes que ela precisa ser nova, que o vosso passado tem de desaparecer? Ao perceberdes a verdade que há nisso, qual é o estado de vossa mente? Compreendeis a pergunta, senhor? Isto é, se desejais compreender um quadro moderno, é claro que não deveis chegar-vos a êle com vossa formação clássica. Se reconhecerdes isso como um fato, que acontece à vossa formação clássica? Vossa formação clássica está ausente, quando há a intenção de compreender um quadro moderno — o desafio é nôvo e reconheceis que não o podeis compreender através do crivo do passado. Ao perceberdes a verdade aí contida, está dissolvido o passado, estais expurgado do passado. Deveis perceber a verdade de que o passado não pode traduzir o presente. Só a verdade descondiciona completamente, e perceber a verdade do que é requer enorme atenção. Uma vez que não há atenção completa enquanto há distração, que se entende por distração? Ocorre distração quando dentre vários interêsses escolhemos um só e nêle fixamos a nossa mente, porque então a todo interêsse que afaste a vossa mente do interêsse central chamais distração. Ora, podeis escolher um interêsse e concentrar-vos nesse único interêsse? Por que escolheis um interêsse e pondes outros de parte? Escolheis um interêsse porque vos promete maior vantagem, e por conseguinte a vossa escolha

se baseia no lucro, no desejo de ganho; e no momento em que tendes um desejo de ganhar, tendes de combater como distração tudo quante afaste os vossos pensamentos do interêsse central. Afora os vossos apetites biológicos, tendes um interêsse central? Duvido muito de que tenhais um interêsse central. Por conseguinte, não estais sendo distraído e, sim, vivendo num estado em que há falta de interêsse. O homem que deseja compreender a verdade, deve aplicar-lhe tôda a sua atenção, e essa atenção integral só vem quando não há escolha e, portanto, nenhuma idéia de distração. Não há essa coisa chamada distração, porque a vida é um movimento, e temos de compreender êsse movimento na sua totalidade, sem dividi-lo em interêsses e distrações. Por conseguinte, é necessário que examinemos tôdas as coisas para ver a verdade ou a falsidade de cada uma. Ao perceberdes a verdade disso, ela libertará a vossa consciência do passado. Podeis experimentá-lo por vós mesmo. Para perceberdes a verdade relativa ao nacionalismo, sem vos deixardes enredar nos argumentos pró e contra, tendes de examinar a questão com o espírito aberto a tôdas as sugestões decorrentes dêsse problema. Ao tomardes conhecimento do problema do nacionalismo, sem condenação ou justificação, ao perceberdes a verdade de que êle é falso, vereis que surge uma liberdade completa com relação a êsse ponto. Assim, é só a percepção da verdade que é libertadora; e para se ver, para se receber a verdade requer-se a focalização da atenção, o que significa que deveis aplicar todo o vosso coração e tôda a vossa mente ao ver e compreender.

PERGUNTA: Apesar da vossa enfática negação da necessidade de um guru, *não sois vós mesmo um* guru? *Qual é a diferença?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que significa para vós um *guru?* Por que necessitais de um *guru?* Quer façais de mim um *guru,* quer não, eu não me estou fazendo de *guru,* para vós. É por isso que o seguidor é sempre um elemento maléfico. O seguidor é destruidor, o seguidor é explorador (risos). Não afasteis a questão com risos, pensai nela muito a sério e vêde as suas conseqüências. Vamos examinar a questão. Pois bem, que entendeis por *guru?* Em geral entendeis, não é verdade? — uma pessoa que vos conduzirá à realidade. O *guru* não é o homem a quem perguntais o caminho da estação. Não chamareis *guru* ao professor, ao homem que vos ensina a tocar piano. Por *guru* entendeis, evidentemente, aquêle que vos conduzirá à verdade, que vos dará um modo de conduta, que vos dará uma chave ou vos abrirá a porta, que vos dará nutrição, sustento, estímulo — isto é, uma pessoa que vos proporcionará satisfação. Já conheceis as satisfações superficiais, e necessitais agora de uma satisfação mais profunda, e por isso procurais alguém que vos dê auxílio; procurais um *guru,* porque estais, vós mesmo, confuso e desejais orientação, desejais que vos digam como proceder e o que fazer. Tudo isso está implicado na vossa pergunta; mas, por *guru* entendemos geralmente uma pessoa que nos ajudará a resolver os problemas da vida — não os problemas técnicos, mas problemas mais sutis e ocultos, os problemas psicológicos.

Ora, a verdade tem um lugar permanente? A verdade ocupa um ponto fixo? A verdade tem morada, ou é uma coisa dinâmica, viva, e portanto sem pouso certo? A verdade está em movimento constante; mas se dizeis que ela é um ponto fixo, tereis então de achar um *guru* que vos leve a êsse ponto, e o *guru* se tornará necessário para vos apontar o caminho. Isso significa, que tanto vós como o *guru* sabeis que a verdade está num lugar, num ponto fixo, como a estação da estrada de ferro. Nesse

caso, podeis perguntar o caminho, dirigir-vos àquele ponto fixo; e para tal necessitais do *guru,* para vo-lo indicar e vos guiar àquele ponto fixo. Mas é a verdade uma coisa fixa? E se é fixa, é verdadeira? Além disso, se desejais a verdade e procurais um *guru* já deveis saber o que é a verdade, não é certo? Quando vos chegais a um *guru* não dizeis: "desejo descobrir a realidade"; pelo contrário, dizeis: "Ajudai-me a alcançar a verdade". Por conseguinte, já tendes uma idéia do que ela é, já conheceis sua essência, sua beleza, sua delicadeza, sua fragrância. Sabeis o que ela é? Como pode um homem confuso conhecer a claridade? Só pode conhecer a confusão, ou pensar na claridade como o oposto do que *é.* A verdade é o oposto do que *é,* o oposto da confusão? Se pensais na verdade, essa verdade, naturalmente, é produto do pensamento, e portanto não é verdade; e se o *guru* vos pode dizer o que ela é, está ainda na esfera do pensamento, e portanto o que êle vos diz não é verdadeiro. Assim, quando procurais o *guru,* é evidente que estais atrás de satisfação, não é verdade? — ainda que esta palavra não vos agrade. Já tentastes muitas coisas — posição, mulheres, dinheiro — e elas já não vos satisfazem, já não vos dão um prazer garantido, uma permanência garantida; e por isso dizeis: "Quero achar a Deus". Isto é, pensais que a realidade vos dará a paz definitiva, a satisfação definitiva, a segurança definitiva. Gostaríeis que a verdade fôsse tudo isso, mas ela pode ser uma coisa perigosíssima e devastadora, pode destruir todos os vossos valôres. Estais, na realidade, em busca de segurança, de satisfação, mas não o chamais assim, e o disfarçais sob o nome de Deus. Tendo tentado muitas formas de satisfação e vos tornado velho, desiludido, cínico, frustrado, esperais encontrar preenchimento e satisfação em Deus. Procurais, assim, o *guru,* que vos dará essa satisfação, e quanto mais êle vos garantir essa satisfação, tanto mais veneração lhe tributareis.

Por outras palavras, quando procurais o *guru* não estais em busca da verdade, buscais segurança num nível diferente, permanência num ponto diferente. Mas é a verdade permanência? Não o sabeis, não é exato? Mas não ousais declarar que não sabeis, porque o reconhecer que não sabemos, não apenas verbalmente, mas de fato, é uma experiência verdadeiramente devastadora. Mas, sem dúvida, tendes de sofrer uma devastação, antes de descobrirdes a verdade; precisais achar-vos naquele estado de incerteza, de total frustração, sem possibilidade de fuga; tendes de ser pôsto frente a frente com o vácuo, o vazio, sem nenhuma passagem por onde fugir. Só então achareis o que é a verdade. Mas especular sôbre a verdade, pensar na verdade, é negar a verdade. Vossos pensamentos e especulações a respeito da verdade não têm validade. Tôda idéia é produto do pensamento, e o pensamento é memória; e memória é a identificação de nós mesmos com um resultado desejado. Assim, para o homem que busca a verdade, o *guru* é inteiramente desnecessário. A verdade não está longe, a verdade está muito perto, naquilo que pensais e sentis, em vossas relações com vossa família, vosso vizinho, com a propriedade e as idéias. Procurar a verdade em alguma esfera abstrata é pura ideação, e a maioria de nós procura a verdade por essa maneira, como um meio de fugir à vida. A vida nos esmaga, é sobremodo exigente e dolorosa, e por isso queremos a verdade longe da vida. Conseqüentemente, procuramos um *guru* para nos ajudar a fugir; e quanto mais êle nos ajudar a fugir, tanto mais a êle nos apegamos.

Pergunta o interrogante: "Não sois vós mesmo um *guru?*" Podeis fazer de mim um *guru,* mas eu não o sou. Não quero ser *guru,* pela simples razão de que não há caminho para a verdade. Não podeis achar êsse caminho, porque êle não existe. A verdade é uma coisa viva, e para uma coisa viva não há nenhum caminho — só para as

coisas mortas pode haver um caminho. Porque a verdade não tem caminho, para a descobrirdes tendes de ser aventuroso, estar pronto para o perigo; e pensais que um *guru* vos ajudará a ser aventuroso, a viver no perigo? Se procurais um *guru,* é porque não sois aventuroso, estais apenas à procura de um caminho para a realidade, como meio de segurança. Assim, podeis fazer de mim um *guru,* se o desejais, mas ai de vós, pois não há *guru* que leve à verdade, não há guia que conduza à realidade. Essa realidade é um ser eterno no presente, e não no futuro; ela está no agora imediato, não no futuro remoto. Para compreender êsse agora, essa eternidade, a mente deve estar livre do tempo, o pensamento deve cessar. Todavia, tudo que estais fazendo atualmente, só serve para cultivar o pensamento, condicionar a mente, e por isso nunca há para vós o nôvo, nunca um instante que seja tranqüilo, sereno. Enquanto existe o processo de pensamento, não pode existir a verdade — o que não significa que devais permanecer em estado de completo olvido. Não podeis criar tranqüilidade à fôrça, não podeis tornar a mente serena, não podeis forçar o pensamento a parar. Cumpre-vos compreender o processo do pensamento e transcender o pensamento; só então a verdade libertará o pensamento do seu próprio processo.

A verdade, portanto, não é para as pessoas respeitáveis, nem para os que desejam a expansão, o preenchimento do seu próprio "eu". A verdade não é para os que buscam segurança e permanência; porque a permanência que buscam é meramente o oposto da impermanência. Presos que estão na rêde do tempo, buscam aquilo que é permanente; mas o permanente que procuram não é a realidade, pois o que estão procurando é produto do seu próprio pensamento. Por conseguinte, o homem que deseja descobrir a realidade tem de sustar a busca — o que não significa que deva contentar-se com o que *é.* Pelo

contrário, um homem que está todo empenhado no descobrimento da verdade deve ser, interiormente, um revolucionário completo. Não pode pertencer a nenhuma classe, nação, grupo ou ideologia, a nenhuma religião organizada; porque a verdade não se encontra no templo ou na igreja, a verdade não pode ser encontrada nas coisas feitas pela mão ou pela mente. A verdade só se manifesta quando as coisas da mente e da mão são lançadas fora, e essa rejeição das coisas da mente e da mão não depende do tempo. A verdade vem a todo aquêle que está livre do tempo, que não se está servindo do tempo como meio de auto-expansão. O tempo significa memória, memória de ontem, memória da família, da raça, do caráter individual, da acumulação de experiência, que constitui o "eu" e o "meu". Enquanto existe o "ego", o "eu", o "meu", em qualquer nível que êle se encontre, alto ou baixo, *Atman* ou *não-Atman,* êle está sempre dentro da esfera do pensamento. Onde está o pensamento está o oposto, porque o pensamento cria o oposto; e enquanto existe o oposto não pode existir a verdade. Para se compreender o que *é,* não deve haver tendência para condenar, justificar, censurar; e uma vez que tôda a estrutura do nosso ser está construída na base do aceitar e do rejeitar, deve cada um ficar bem cônscio dessa base. Ficai tão-sòmente em estado de percepção, enquanto falo; porque o percebimento sem escolha, revela a verdade, e é a verdade que liberta, e não vossos *gurus* ou vossos sistemas, nem vossos *pujas* e ritos e exercícios, todos juntos. Através do tempo, por meio da disciplina, pela rejeição ou aceitação não se pode achar a verdade. Nasce a verdade quando a mente está de todo em todo tranqüila, numa tranqüilidade não artificial, não "feita"; surge essa tranqüilidade só quando há compreensão; e essa compreensão não é difícil, mas exige tôda a vossa atenção. É negada a atenção, quando viveis apenas no cérebro, e não com todo o vosso ser.

PERGUNTA: A crença na teoria da reincarnação não ajuda a vencer o temor da morte?

KRISHNAMURTI: Já são sete e trinta — espero que não estejais fatigados. Devo continuar, respondendo a esta pergunta? Se sois simples expectadores, e não atôres, se estais apenas ouvindo, sem experimentar, estais perdendo muita coisa. É como ir buscar água à fonte com um copo, uma cuia. Se não viestes aqui com todo o vosso coração, retornareis de mãos vazias. Mas o homem que vai à fonte com o propósito de beber fartamente das suas aguas, encontrará em tudo quanto tenho dito aquela verdade refrescante, que ajuda a renovação.

Que entendeis por temor, e que entendeis por morte? Não estou tergiversando. Porque tendes mêdo da morte? Evidentemente, vós temeis a morte porque ainda não vos preenchestes. Amais alguém e há o perigo de perder essa pessoa; estais escrevendo um livro e podeis morrer sem o terdes terminado; estais construindo a vossa casa e a morte pode chegar, ântes de concluída a obra; desejais fazer alguma coisa e a morte pode desferir-vos o seu golpe. Que temeis? Temeis, evidentemente, partir de súbito, não vos preencherdes, temeis ser obrigado a findar. Não é o findar que vos faz mêdo? Não estamos, por ora, tratando da morte — discutiremos a seu respeito mais adiante. Estamos tratando do que se entende por temor. É bem evidente que o mêdo só existe em relação com alguma coisa. Há temor em relação com o vosso preenchimento. A questão, pois, é esta: há preenchimento? Podeis dizer que estou fazendo rodeios, dando uma explicação palavrosa. Mas não é tal, senhor; a vida não é coisa a que possamos dar respostas categóricas de "sim" ou "não". A vida é muito mais complexa, muito mais bela e sutil. Aquêle que deseja uma resposta pronta, é melhor que

tome um narcótico, seja o narcótico da crença ou o do divertimento, porque então não terá mais problemas. Para compreender a vida, o homem precisa explorar, descobrir, e essa exploração, êsse descobrimento são negados quando a mente está amarrada a alguma crença. Em tal caso, é impossível compreender êste problema em sua totalidade.

Que se entende por temor? O temor existe em relação com alguma coisa, e essa coisa é o preenchimento de nosso "eu", em qualquer medida, grande ou pequena. É possível o preenchimento do "eu"? Que se entende por "eu"? Vamos examinar êsse assunto com muita atenção, para ver o que é êsse "eu". O "eu", evidentemente, é um feixe de lembranças, que inclui aquela coisa que chamo eterna, permanente. Essa parte não física do "eu", ainda que eu a chame *Atman,* é memória, está sempre compreendida na esfera do pensamento. Isso não podeis negar, não é verdade? Se podeis pensar em alguma coisa, ela ainda está dentro da esfera do pensamento. O que o pensamento produz, é sempre produto dêle próprio, e portanto coisa do tempo. Não há dúvida de que êsse todo é o "eu", o "ego", quer superior, quer inferior — tôdas as divisões estão ainda na esfera do pensamento. Por conseguinte, a memória, qualquer que seja o nível em que fixeis o vosso pensamento, é sempre memória. O "eu", portanto, é um feixe de lembranças, e nada mais. Não existe entidade espiritual identificada como "eu" ou distinta do "eu"; porque, quando dizeis que existe uma entidade espiritual separada do "eu", ela é ainda um produto do pensamento e por conseguinte está ainda compreendida na esfera do pensamento, — e pensamento é memória. Assim, o "vós" e o "eu", superior ou inferior, qualquer que seja o ponto em que o fixemos, é memória.

Ora, enquanto existe memória, que é o desejo de vir a ser, há sempre um objetivo para se alcançar; é assim que se verifica a continuação da memória, do "eu"

e do "meu". Isto é, enquanto há um objetivo para se realizar, em proveito do "eu", há a continuação do "eu" e do "meu", e portanto haverá sempre temor. O temor só desaparece quando não há mais continuação do "eu" — sendo o "eu" memória. Em outras palavras: enquanto estou em busca de preenchimento, essa mesma busca gera o temor da incerteza. Por isso temo a morte. Quando não tenho o desejo de me preencher, não há mais temor. O desejo de preenchimento desaparece logo que compreendo o processo do preenchimento. Não posso simplesmente afirmar que não tenho desejo de preenchimento, pois isso não passa de repetição de uma verdade, sendo, portanto, mentira. Enquanto houver qualquer atividade do "eu"', há de haver o temor da morte, o temor de findar, o temor de não continuar.

Que entendemos por morte? É claro que tudo aquilo que é submetido a uso constante chega a um fim; qualquer máquina que funciona constantemente se gasta. De modo idêntico, o nosso corpo, que está em uso constante, chega a um fim, por doença, acidente ou pela idade. Isso é inevitável: pode durar cem anos ou dez anos, mas, visto que está em uso constante, tem de gastar-se. Reconhecemos e aceitamos êsse fato, porque o vemos suceder sempre. Mas existe o "eu" que não é o meu corpo, o "eu" que é minha compreensão acumulada, as coisas que fiz nesta vida, as coisas pelas quais lutei, as experiências que acumulei, as riquezas que juntei — não o "eu" físico, mas o "eu" psicológico, que é memória e que desejo continui a existir, que não desejo que finde. Em verdade, não é a morte que tememos, mas êsse findar. Desejamos continuidade. Isto é, desejais que vossas lembranças persistam, com tôdas as suas riquezas, suas tribulações, sua fealdade, sua beleza, etc. — quereis que tudo isso persista. Assim, se alguém vos garante essa continuidade, vós o abençoais, o venerais, e fugis de todo aquêle que vos aponta a ne-

cessidade de compreender aquêle "eu". Na morte, é o fim psicológico que nos causa mêdo, não é verdade? Não sabeis, na realidade, o que é a morte. Vêdes passar enterros, vêdes sem vida uma coisa que era antes cheia de vida e de atividade, e não sabeis o que há além. Vêdes essa coisa inanimada, desnuda, que se decompõe, e desejais saber o que acontece além — isto é, desejais uma garantia de continuidade de vossas lembranças. Assim, de fato, não estais interessados em saber o que há além, não estais interessados em descobrir o desconhecido: o que desejais é ter certeza da continuidade de vossas lembranças. Não vos interessa a morte, interessa-vos apenas a vossa própria continuidade como memória. Só quando tiverdes interêsse, podereis saber o que é a morte; mas não vos interessa descobrir o significado, a beleza do que está além, não vos interessa o desconhecido, porque só vos interessa o conhecido e a conservação do conhecido. Por certo, o desconhecido só pode ser visto quando o não tememos, o que significa que enquanto estiverdes apegado ao conhecido e desejardes que o conhecido persista, nunca chegareis a conhecer o desconhecido. É muito significativo, não achais? — o fato de que entregastes a vossa vida ao conhecido e não ao desconhecido. Têm-se escrito livros sôbre a morte, mas nunca sôbre a vida, porque o que interessa é a continuidade.

Ora, não sabeis que aquilo que continua não tem renascimento, não tem renovação? Uma coisa que se repete constantemente, que está ligada a uma cadeia infinita de causa e efeito, sem dúvida não tem renovação. Ela subsiste, simplesmente; sofre alguma modificação, alguma alteração, mas continua essencialmente a mesma. O que é sem cessar a mesma coisa, nunca será nôvo. Isto é, senhores, desejo que o dia de ontem continue, através de hoje, no amanhã; e êsse processo do passado que se transporta, através do presente, para o futuro, é o "eu". É

êsse "eu" que quero que persista, e essa continuidade, òbviamente, não tem renovação, porque tudo que continua conhece o mêdo do fim. Por conseguinte, quem deseja continuar a existir sempre, sempre estará nas garras do temor. Só no desconhecido há renovação; é no desconhecido que há criação, e não na continuidade. Assim, precisais sondar o desconhecido, mas para tanto não podeis ficar apegado à continuidade do conhecido; porque o "eu" e a constante repetição do "eu" recaem no campo do tempo, com suas lutas, suas realizações, suas lembranças. O "eu", que é um feixe de memórias identificadas como "eu", quer existir sempre; e não há dúvida de que a continuidade permanente no tempo é um fator de deterioração. Só no desconhecido se encontra renovação, um estado de nôvo; precisais, pois, investigar o desconhecido. Isto é, precisais investigar a morte, assim como investigais a vida, com suas relações, sua variedade, suas profundezas, seus desgostos e alegrias. O conhecido é memória e tem continuidade; e pode o conhecido estabelecer relação com o desconhecido? Não pode, evidentemente. Para investigar o desconhecido, a mente precisa tornar-se o desconhecido. Estais muito familiarizados com o "eu", o "meu", com vossos companheiros, vossa memória, vossas organizações religiosas, vossas vaidades e paixões — tôdas essas coisas constituem a vossa vida. Superficialmente, essas coisas vos são bem conhecidas, e com essa mentalidade do conhecido vos chegais ao desconhecido, procurais estabelecer relação entre o conhecido e o desconhecido. Dêsse modo, não tendes relação direta com o desconhecido e, por isso, temeis a morte.

Que sabeis acêrca da vida? Pouquíssimo. Não conheceis a vossa relação com a propriedade, com vosso vizinho, vossa espôsa, vossas idéias. Conheceis apenas as coisas superficiais, e desejais fazer continuar essas coisas superficiais. Por Deus, que vida deplorável! Não é a

continuidade uma coisa estúpida? Só o homem tolo deseja subsistir — nenhum homem que tenha chegado a compreender o sentimento das riquezas inerentes à vida, desejaria a continuidade. Quando compreenderdes a vida, encontrareis o desconhecido; porque a vida é o desconhecido, vida e morte são a mesma coisa. Não há divisão entre vida e morte; são os insensatos e os ignorantes que fazem a divisão, os que só se preocupam com o seu corpo e sua insignificante continuidade. Essas pessoas se valem da teoria da reincarnação como um meio de esconder o mêdo que sentem, como uma garantia de sua continuidade estúpida e banal. É óbvio que o pensamento continua; mas, por certo, o homem que procura a verdade não dá importância ao pensamento, pois o pensamento não conduz à verdade. A teoria do "eu" que continua a existir, pela reincarnação, para chegar à verdade, é uma idéia falsa, inverdadeira. O "eu" é um feixe de lembranças, e isso é tempo, e a mera continuação no tempo não leva ninguém ao eterno, que está fora do tempo. Só se extingue o temor da morte, quando o desconhecido penetra em vosso coração. A vida é o desconhecido, assim como a morte é o desconhecido, como a verdade é o desconhecido. A vida é o desconhecido; mas nós nos aferramos a uma insignificante expressão dessa vida, e isso a que nos apegamos é simples memória, um pensamento que não se completou; por conseguinte, aquilo a que nos apegamos é uma coisa irreal, sem validade alguma. A mente se apega a essa coisa vazia, chamada memória, e memória é a mente, o "eu", qualquer que seja o nível em que nos agrade fixá-lo. Assim, a mente, que está na esfera do conhecido, não pode chamar a si o desconhecido. Só quando há o desconhecido, um estado de incerteza absoluta, ocorre a cessação do temor, e com ela a percepção da realidade.

3 de outubro de 1948.

VII

CONFERÊNCIA REALIZADA EM PUNA

Temos dito que sem o autoconhecimento nenhum problema humano pode ser resolvido de maneira permanente. Poucos de nós estamos preparados para examinar um problema profundamente, e perceber o movimento de nosso próprio pensamento, sentimento e ação, como um todo geral, integrado; queremos, os mais de nós, uma resposta imediata, sem compreendermos o processo total de nós mesmos. Para considerarmos êsse assunto temos de entrar na questão do progresso e da especialização. Cremos — e fomos sempre cuidadosamente nutridos e disciplinados nessa idéia — que há progresso, que há evolução, que há desenvolvimento. Ora bem; examinemos a questão. Há, evidentemente, progresso técnico — do carro de bois ao avião de jato. E há também desenvolvimento: a bolota que se transforma em carvalho. E, por fim, acreditamos que nós mesmos nos tornaremos alguma coisa, alcançaremos um resultado, um fim. Essas três coisas, pois, progresso técnico, desenvolvimento e "vir a ser" são consideradas uma espécie de evolução. Seria evidentemente absurdo negar o progresso, no que respeita à técnica: vimos o rústico motor de combustão interna ceder lugar ao turbo-jato, possibilitando aviões de velocidades extraordinárias, capazes de percorrer 1.500 milhas por hora, e mais. Seria igualmente absurdo negar o de-

senvolvimento de uma semente, que se torna planta, flor, fruto. Todavia, com esta mesma mentalidade queremos empreender o estudo de nossa própria consciência. Pensamos que há progresso, evolução, que através do tempo alcançaremos um resultado; e desejo examinar essa questão, isto é, se para o homem há progresso, se há desenvolvimento evolutivo, se é possível, a vós e a mim, alcançar, com o tempo, um resultado, sendo êsse resultado a união com a realidade. Falamos de progresso evolutivo do homem, dizemos que com o tempo "viremos a ser" alguma coisa — se não nesta vida, numa vida futura. Isto é, através do tempo, evolvemos para algo maior, mais belo, mais digno, etc.

Pois bem, existe a possibilidade de vos tornardes mais sábio, mais belo, mais virtuoso, mais aproximado da realidade, pelo processo do tempo? É o que queremos dizer, quando falamos de evolução. Existe, òbviamente, uma evolução fisiológica, um desenvolvimento fisiológico, mas existe um desenvolvimento psicológico, evolução psicológica, ou se trata apenas de uma fantasia da nossa mente, que, no seu desejo de se transformar, incide na idéia errônea de "vir a ser" alguma coisa? Ora, para vos tornardes alguma coisa, precisais especializar-vos, não é verdade? — e tudo o que se especializa, logo morre, declina, porque a especialização implica sempre falta de adaptabilidade. Só o que é capaz de adaptação, de flexibilidade, pode subsistir. Assim, enquanto vivemos a pensar em "vir a ser", é necessária a especialização, e a especialização implica, evidentemente, um processo de limitação, no qual a flexibilidade se torna impossível, e por isso há morte, declínio, e destruição. Pode observar-se que todo animal que se especializa, se destrói dentro de pouco tempo. É um fato biológico. E os entes humanos foram feitos para se especializarem? Tendes de especializar-vos para ter uma profissão, para ser médico, advogado, comandante de

um exército, ou para pilotar um navio através dos mares tempestuosos; mas a especialização psicológica é necessária? Isto é, o autoconhecimento é um processo de especialização? Se é, então êsse processo de especialização destrói o homem — e é isso o que está acontecendo no mundo. O progresso técnico, pela especialização, é sobremodo rápido, e o homem é incapaz de rápida adaptação, no sentido psicológico, porque consideramos a vida com a mesma mentalidade de especialização. Em outras palavras: a especialização, no terreno da técnica, nos deu a mentalidade de que devemos especializar-nos no autoconhecimento, tornar-nos peritos, especialistas na compreensão de nós mesmos. Assim, a nossa mentalidade, o nosso modo de considerar o problema, é de especialização que implica "vir a ser". Para vos especializardes, precisais disciplinar-vos, controlar-vos, limitar a vossa capacidade, focar a vossa atenção num determinado objeto, etc. — tudo isso está implícito na especialização.

Ora, o homem é sem dúvida uma entidade complexa, e para se compreender a si mesmo não pode especializar-se. Visto que sois complexo, sutil, constituído de muitas entidades, precisais compreendê-las tôdas, em conjunto, como um todo, e não especializar-vos num dado sentido. Está visto, pois, que a especialização é prejudicial à compreensão do processo do "eu", que é autoconhecimento, uma vez que a especialização não permite a pronta adaptabilidade; e tudo o que se especializa, não tarda a morrer, a definhar. Assim, para se compreender a si mesmo, precisa o indivíduo de uma extraordinária flexibilidade, e essa flexibilidade lhe é negada, se êle se especializa, — na devoção, na ação, no saber. Não há caminhos, tais como a devoção, a ação, o saber, e aquêle que segue qualquer dêsses caminhos, separadamente, como especialista, causa a sua própria destruição. Isto é, o homem que se obrigou a seguir um determinado caminho, é incapaz de flexibi-

lidade, e o que não é flexível se quebra. Assim como a árvore que não é flexível se parte na tempestade, assim também o homem que se especializou se quebranta, em momentos de crise. O compreender-se a si mesmo é de todo em todo necessário, porque só o autoconhecimento pode resolver os inúmeros problemas que se nos apresentam; e não se pode chegar ao autoconhecimento através de nenhum caminho determinado. Todo caminho requer especialização, requer que nos tornemos muito proficientes numa matéria, e nesse processo quebramo-nos. Já não notastes que o especialista não é uma pessoa "integrada"? Especializou-se numa única direção. Para compreenderdes o processo da vida, torna-se necessária uma ação "integrada", uma compreensão integrada, a tôdas as horas, e não atenção especializada. O pensar que se prende à idéia da evolução, isto é, que com o tempo chegaremos a ser qualquer coisa, supõe a especialização, uma vez que "vir a ser" significa alcançar um resultado, e para se alcançar um resultado precisamos controlar, disciplinar, e tôda disciplina é òbviamente um processo de limitação. Ainda que alcancemos o resultado, no processo de alcançar êsse resultado quebramo-nos. É o que está acontecendo a todos nós. Tornamo-nos incapazes de pronta adaptação ao ambiente, sempre variável. Nossa reação a um estímulo é sempre condicionada e por isso o desafio nunca pode ser compreendido.

Assim, se pensamos com base na idéia da evolução, na idéia de nos tornarmos algo psicològicamente, êsse "vir a ser" implica a consecução de um resultado, e para se conseguir um resultado precisamos disciplinar-nos; porque, então, a disciplina, a especialização, se torna necessária, o que, por sua vez, limita o vosso pensamento; por isso vos tornais inflexível, incapaz de pronta adaptação, e o que não é adaptável quebra-se. O homem que deseja possuir o autoconhecimento deve pôr de parte a idéia de

"vir a ser" e compreender-se a si mesmo, instante por instante, sem o efeito residual do momento. Com tôda a certeza, se observardes bem, vereis que a compreensão surge, não em virtude da acumulação de lembranças, mas quando a memória não está funcionando. Só compreendeis uma pessoa quando não tendes recordações anteriores dessa pessoa. Se tendes recordações anteriores, estais apenas relembrando as atividades e inclinações passadas da pessoa, mas não a estais compreendendo. Para se compreender, necessário é que desapareça completamente a idéia de "vir a ser", o que significa que cada experiência precisa ser compreendida imediatamente, diretamente; e só podeis compreender imediatamente a experiência, quando não evocais o velho condicionamento, o antigo fundo (background), para traduzir essa experiência ou êsse desafio.

Compreender-se a si mesmo é de suma importância, uma vez que não posso compreender nenhum problema humano, sem compreender o instrumento que observa, o instrumento que percebe, que examina. Se não me conheço a mim mesmo, não tenho base para o pensamento; e o conhecer-me a mim mesmo não é resultado de especialização, de me ter tornado perito no conhecer-me a mim mesmo, pois isso me impede de me conhecer a mim próprio. Porque o "eu" é desejo, é uma entidade ativa, sempre em movimento, sem estabilidade; êle está a modificar-se constantemente; e para compreenderdes o desejo, não podeis ter um padrão de ação. Deveis compreender o desejo logo que surge, momento por momento; mas como as nossas mentes são incapazes de rápido acompanhamento, pronta adaptação e imediata percepção do desejo, traduzimos êsse desejo de acôrdo com um padrão a que estamos habituados, e êsse padrão se torna uma reação condicionada ao desafio. Isto é, nunca chegamos a compreender o desejo, porque costumamos traduzi-lo nos têrmos da memória. Para compre-

endermos o desejo, não devemos pensar em modificar êsse desejo ou em alcançar um resultado. Olhai cada desejo que se manifesta, sem procurar traduzi-lo; deixai que o conteúdo dêsse desejo vos comunique a sua significação. Por outras palavras, conforme estive explicando ontem, "escutai" o desejo, assim como escutais uma canção, assim como escutais o vento nas árvores, "escutai" todo o processo do desejo, sem procurar alterá-lo, sem procurar controlá-lo ou traduzi-lo. Vereis, então, como o desejo vos deixa conhecer todo o seu significado; e só quando compreendeis o conteúdo do desejo tendes liberdade. Em suma, afinal, a especialização da psique significa morte. Se desejais conhecer-vos a vós mesmo não podeis recorrer a nenhum especialista, a nenhum livro, porque vós sois o vosso próprio mestre e vosso próprio discípulo. Se recorrerdes a outra pessoa, ela só poderá ajudar-vos a especializar-vos; mas, se tendes o desejo de compreender a vós mesmo, deveis saber que a compreensão só vem instante por instante, quando não há acumulação de ontem, quando não há acumulação de um momento anterior; e quando a mente se compreende perfeitamente a si mesma e à sua atividade, só então encontra ela a realidade.

PERGUNTA: Quereis ter a bondade de explicar o que se entende por "dar tôda a atenção"?

KRISHNAMURTI: Para compreender o significado da atenção plena, é necessário compreender, primeiro, o significado da distração; porque, quando um homem não está distraído, há atenção plena. O simples indagar e ser informado sôbre o que é a atenção plena, a atenção chamada "positiva", dirigida, destrói a vossa própria capacidade de descobrir o que é a atenção plena. Isso está

bem claro, não? Se eu fôsse dizer-vos o que é a atenção plena, iríeis apenas copiá-lo, não é verdade? — e isso já não seria atenção plena. O seguir um determinado padrão de pensamento ou de meditação, ou o manter a mente concentrada numa determinada idéia, não é atenção plena; mas se vós e eu investigarmos juntos a questão do que é a distração e chegarmos a compreendê-la, então, nessa maneira negativa de nos ocuparmos com a questão, veremos que há atenção plena. Espero que me esteja fazendo claro, visto que a questão é muito importante. Todo exame positivo de um problema impede a compreensão do problema; mas se examinamos o problema negativamente — e o pensamento negativo é a forma mais elevada do pensar — encontraremos, então, uma resposta completa à pergunta sôbre o que é atenção plena.

Agora, que significa distração? Significa, não é verdade? que escolhestes uma idéia dentre muitas idéias, escolhestes um interêsse dentre muitos interêsses, e procurais fixar a mente nesse objeto particular; e a todos os outros interêsses que vos invadem a mente, chamais distrações. Isto é, eu tenho vários interêsses, e do meio dêsses interêsses tiro um e nêle procuro focar a minha atenção. Mas os outros interêsses se interpõem e obstam à atenção — a isso que chamo distração. Assim, se posso compreender a distração e eliminá-la, haverá então, natural e sùbitamente, atenção plena. Nosso problema é compreender cada interêsse, indiscriminadamente, e não escolher um interêsse e procurar afastar os outros, que chamamos distrações. Se a mente é capaz de compreender cada interêsse que surge, e, portanto, de libertar-se de cada interêsse, nessa liberdade encontrareis a atenção plena. Senhor os mais de nós temos muitas máscaras, somos constituídos de muitas entidades, e de nada serve escolhermos uma entidade, dizendo "vou concentrar-me nesta", porque nesse caso estamos provocando conflito

com outras entidades; e as outras entidades, que estão lutando contra aquela que escolhestes, são também vós mesmo. Mas se, ao contrário, considerardes cada entidade pelo seu justo valor, percebendo o seu verdadeiro significado — e isso só é possível quando vos abstendes de condenar, de justificar, de comparar — então a vossa inteligência se revigorará. Só há atenção quando examinais, quando apreciais devidamente cada entidade, e essa é a forma mais elevada da inteligência. O homem estúpido que procura concentrar-se numa idéia continuará sendo estúpido; mas se êsse homem estúpido considera todos os seus interêsses para achar-lhes a verdadeira significação, essa investigação já é o comêço da inteligência.

Vêdes, pois, que considerando êste problema de maneira negativa, descobris muita coisa, vos tornais sensível, atento ao significado dos inúmeros problemas que vos rodeiam. Então, já não lhes resistis, já não os afastais; assim que êles surgem, vós os compreendeis, o que significa que possuís a capacidade, a presteza, a vitalidade necessária para descobrir. Depois dêsse descobrimento, sereis capazes de dar atenção plena. Para ter a atenção plena, vossa mente não deve estar distraída; mas, visto que a vossa mente está sendo distraída, porque então não examinais as várias distrações para descobrir o seu significado? Se assim procederdes, vereis com que rapidez extraordinária a mente se torna sutil, vivaz, esclarecida e cheia de vitalidade. Só quando a mente está bem desperta, é possível dar aquela atenção plena em que há a compreensão completa.

PERGUNTA: Falais de "acompanhar um pensamento do princípio ao fim" para se ficar livre dêle. Tende a bondade de explicar isso com maior minúcia.

KRISHNAMURTI: Seguir um pensamento do princípio ao fim é um trabalho sobremodo difícil e muito poucos têm vontade de empreendê-lo. Gostamos de transformar um pensamento, de ajustá-lo a um molde diferente, não queremos segui-lo até o fim. Não deve haver desejo algum de transformar um pensamento, nenhum desejo de nos libertarmos dêle ou de o ajustarmos a um molde. Vou tomar um pensamento e examiná-lo, e vamos ver isso juntos.

Em geral, pensamos que somos muito inteligentes. Pensamos ter alguma facêta brilhante. Ora, somos inteligentes? Ao contrário, somos estúpidos, mas nunca reconhecemos a nossa estupidez, a nossa falta de sensibilidade; e se analisássemos isso bem, não seríamos tão lamentàvelmente estúpidos. Não somos inteligentes, não temos nenhuma facêta brilhante, mas pensamos que em parte somos muito inteligentes, e em parte pouco inteligentes. Vou levar êsse pensamento até o fim; segui, portanto, o que vou dizer. Quando dizeis: "sou em parte pouco inteligente, e em parte muito inteligente" qual é a parte que está dizendo "sou muito inteligente"? e qual é a parte que está dizendo "sou pouco inteligente"? Se a parte muito inteligente está dizendo que a outra parte é pouco inteligente, é então evidente que a parte muito inteligente se conhece como muito inteligente. Isto é, quando dizeis "sou muito inteligente" estais cônscio de vós mesmo como muito inteligente. A inteligência pode ter consciência de si mesma? No momento em que digo "sou muito inteligente" é bem evidente que sou estúpido (risos). Esta não é uma reação inteligente... podeis observar êsse fato. Quando um homem se diz inteligente, é bem evidente que é estúpido. Nessas condições, aquela parte da mente que tem consciência de si mesma como muito inteligente, é, de fato, pouco inteligente; e uma mente pouco

inteligente, que pensa que uma parte dela própria é muito inteligente, é, sem embargo, pouco inteligente. É muito importante seguir êsse pensamento, porque, em geral, pensamos que há em nós uma zona de inteligência. Sem dúvida quando a mente estúpida pensa que contém em si uma zona de inteligência, ainda aqui temos a ação de uma mente estúpida. Quando um homem estúpido pratica o *puja*, também isso ainda é uma ação de uma mente estúpida; e se há uma mente estúpida que pensa que uma de suas partes é inteligente, eterna, essa parte é igualmente estúpida.

Em geral, não gostamos de reconhecer que somos estúpidos; gostamos de pensar que, de alguma maneira, em alguma parte, em nós, existe alguma coisa brilhante — Deus, a realidade, *Atman, Paramatman*, etc. etc. Mas se um homem estúpido pensa no *Atman*, êsse *Atman* é ainda estúpido. Como pode um homem pouco inteligente conhecer uma coisa realmente inteligente? O que é inteligente não tem consciência de si mesmo; e no momento em que digo "sou inteligente" desço ao nível da estupidez — como o está fazendo a maioria de vós. Assim, não reconheceis nunca que o vosso todo é estúpido — como de fato é, se o examinardes deveras. Gostais de entreter-vos com coisas brilhantes e de chamar-vos inteligentes. O que de fato acontece é que quando um homem estúpido entretém o seu pensamento com coisas brilhantes, rebaixa essas coisas brilhantes a seu próprio nível. Quando uma mente pensa em si mesma como sendo brilhante, ou ela é presunçosa, cônscia de si mesma, e portanto estúpida, ou é estúpida e pensa que é muito inteligente, e por conseguinte, é ainda estúpida. Mas quando uma mente reconhece que é estúpida, qual a reação seguinte? Primeiro, quando uma pessoa reconhece que é estúpida, êsse fato é de significação extraordinária: se digo que sou mentiroso já começo a falar a verdade. Assim, quando se-

guimos até o fim o pensamento relativo à inteligência e à estupidez, vemos que, em maioria, somos estúpidos, totalmente, e temos mêdo de o reconhecer. Não sabeis quanto somos estúpidos? Porque somos estúpidos, procuramos resolver os nossos problemas parcialmente, "desintegradamente", e por isso permanecemos estúpidos. Mas quando reconhecemos o fato — não mental ou verbalmente, mas vendo deveras que somos estúpidos — não existe mais fuga. Estamos seguindo um pensamento de princípio a fim: vêde bem o que acontece, quando reconhecemos e enfrentamos a realidade de que somos estúpidos. No momento em que reconheceis o fato, isto é, que sois estúpido, totalmente estúpido, que acontece? É bem evidente que uma mente estúpida que pensa em Deus é ainda estúpida — a idéia de Deus pode ser muito brilhante, mas uma mente estúpida rebaixa essa idéia a seu próprio nível. Se puderdes enfrentar o fato de que sois estúpido, então já há começo de esclarecimento. A estupidez que procura tornar-se inteligência, nunca será inteligência; permanecerá sempre como é. Uma mente estúpida que procura tornar-se inteligente, permanecerá estúpida, não importa o que faça. Mas no momento em que reconheceis o fato de que sois estúpido, dá-se uma transformação imediata.

A mesma coisa se verifica, com relação a qualquer outro pensamento. Consideremos a cólera. A cólera pode ser o resultado de uma reação fisiológica ou neurológica, ou sentis cólera porque desejais esconder alguma coisa. Pensai na cólera de maneira completa, olhai-a de frente, sem procurar escusas. No momento em que olhais o fato de frente, começa a transformação. Não podeis traduzir um fato: podeis traduzi-lo falsamente, mas um fato permanece um fato. Assim, acompanhar um pensamento de princípio a fim significa ver o que *é* sem desfiguração; e quando percebo o fato diretamente, só então êle se trans-

forma. Não é possível realizar-se a transformação, enquanto estou-me evadindo, fugindo do que *é*, enquanto estou tentando transformar o que *é* noutra coisa qualquer, porque então sou incapaz de ação direta.

Consideremos, agora, a violência. Sigamos êsse pensamento de princípio a fim. Em primeiro lugar, não gosto de reconhecer que sou violento, porque social e moralmente dizem que ser violento é uma coisa muito censurável. O fato é que sou violento. Por isso, medito, forço, procuro transformar-me noutra coisa — mas nunca olho de frente aquilo que realmente sou, isto é, violento. Passo o tempo procurando transformar o que *é* noutra coisa. Para transformar o que *é*, tenho de olhá-lo; mas não o estou olhando enquanto tenho um ideal. Se, compreendendo isso, ponho de parte o ideal, que é a não violência, e olho para a violência e me torno perfeitamente cônscio de que sou violento, o próprio fato de estar eu diretamente cônscio da violência faz vir a transformação. Experimentai, e vêde. Esta recusa a ver o que *é* — eis o problema de todos nós. Não quero nunca olhar o que *é*, não desejo reconhecer que sou feio — tenho sempre razões para justificar a minha fealdade; mas se olho para a minha fealdade, se a vejo tal como é, sem explicações nem escusas, há então uma possibilidade de transformação.

Assim, seguir um pensamento de princípio a fim é ver como o pensamento se está enganando a si mesmo, fugindo do que *é*. Só podeis seguir um pensamento de maneira completa, fechando tôdas as vias de escape e depois olhando-o — o que requer sinceridade extraordinária; e visto que os mais de nós somos insinceros no nosso pensar, não desejamos nunca seguir um pensamento de princípio a fim. O descobrimento de como o pensamento se está enganando a si mesmo é que é importante; e ao desco-

brirdes que êle é enganador, podeis então enfrentar o que *é*. Só então o que *é* revela a sua inteira significação.

PERGUNTA: Em vez de falardes a multidões heterogêneas, em muitos lugares, deslumbrando-as e confundindo-as com vosso brilhantismo e vossa sutileza, porque não fundais uma comunidade ou colônia, criando um centro de aplicação prática da vossa maneira de pensar? Temeis que isso seja irrealizável?

KRISHNAMURTI: Senhor, brilhantismo e sutileza são coisas que deveriam estar sempre escondidas; porque uma exagerada ostentação de brilhantismo faz cegar. Não é minha intenção cegar ou ostentar talento, porque isso é muito estúpido. Mas quando uma pessoa vê as coisas com muita clareza, não pode deixar de expressá-las muito claramente. Podeis achá-lo brilhante e sutil. Para mim, o que digo não é brilhante: é evidente. Êste é um dos fatos. O outro é que vós desejais que eu funde um *ashram* ou uma comunidade. Ora, por quê? Por que desejais que eu funde uma comunidade? Dizeis que ela constituirá "um centro de aplicação prática" — isto é, algo que possa ser apontado como uma experiência coroada de êxito. Não é isso o que um "centro de aplicação prática" sugere? — (uma comunidade onde sejam postas em prática as coisas que preconizo). É o que desejais. Não desejo fundar nenhum *ashram* ou comunidade, como desejais. Ora, por que desejais uma tal comunidade? Vou dizer-vos porque. É muito interessante isso, não é verdade? Vós o desejais, porque gostaríeis de juntar-vos a outros para criar uma comunidade, mas não desejais criar uma comunidade "com vós mesmo". Desejais que outra pessoa crie uma comuni-

dade, para, depois de tudo pronto, ingressardes nela. Em outras palavras, senhor, receais tomar a iniciativa, e por isso desejais um tal "centro". Desejais algo que vos dê autoridade de tal natureza, que possa ser posta em prática. Por outras palavras, vós mesmo não vos sentis confiante, e por isso dizeis: "fundai uma comunidade, e nela ingressarei". Senhor, aí mesmo onde estais, podeis fundar uma comunidade, mas isso só será possível quando tiverdes confiança em vós mesmo. A dificuldade é que não a tendes. Que entendo eu por "confiança"? O homem que quer realizar um certo objetivo, o homem que alcança o que deseja, é cheio de confiança em si: o negociante, o advogado, o polícia, o general, são homens cheios de confiança. Agora, vós, aqui, não tendes confiança. Por quê? Pela razão muito simples de que nunca experimentastes. Quando experimentardes, tereis confiança. Ninguém pode incutir-vos confiança; nem livro, nem instrutor de espécie alguma podem infundir-vos confiança. Estímulo não é confiança; um estímulo é meramente superficial, pueril, imaturo; a confiança vem com o experimentar, o pesquisar. Se pesquisardes o nacionalismo ou outra coisa, por mais insignificante que seja, êsse pesquisar vos dará confiança, porque a vossa mente se tornará sutil, ágil, flexível; e então, aí mesmo onde estiverdes, haverá um *ashram*: vós mesmo sereis a comunidade. Está claro isso, não? Sois mais importante do que qualquer comunidade. Se vos ligardes a uma comunidade, continuareis a ser como sois: tereis alguém que vos dará ordens, tereis leis, regulamentos e disciplinas, sereis um homem comum, como outro qualquer, nessa abominável comunidade. Só desejais uma comunidade, porque desejais ser dirigido, instruído sôbre o que deveis fazer. O homem que deseja ser dirigido está bem cônscio de sua falta de confiança em si mesmo. Podeis adquirir confiança, mas não falando sôbre ela e sim expe-

rimentando, pesquisando. Senhor, o "centro" que desejais está em vós mesmo; experimentai, pois, onde quer que estejais, em qualquer nível de pensamento. Sois o único *centro* idôneo, e não a comunidade; e quando a comunidade se tornar o vosso "centro", estareis perdido. Espero que muitas pessoas queiram juntar-se, para experimentarem em comum, — pessoas que tenham tôda a confiança em si mesmas e que por isso desejem juntar-se. Mas se ficais de fora e me perguntais "porque não fundais uma comunidade, para eu ingressar nela", fazeis uma pergunta tôla. Não desejo *ashram* nenhum, pela simples razão de que vós sois mais importante do que o *ashram* — é o que sinto verdadeiramente. O *ashram* se torna um pesadelo. Senhor, que se passa num *ashram?* Lá, o instrutor é que é importante; não é aquêle que busca, mas sim o *guru* quem tem importância. O *guru* é todo autoridade, e vós lhe conferistes esta autoridade. Por conseguinte, quando ingressais nesses *ashrams* destruí-vos a vós mesmo (risos). Por favor não afasteis a questão com vossos risos. Olhai as pessoas que saem dos *ashrams*. Vêde como são insensíveis, como parecem esgotadas — o sangue lhes foi sugado das veias, e de lá saem como sombras. A auto-imolação a uma idéia não é achar a verdade, não passa de uma outra forma de satisfação. Onde há a busca de satisfação, não há a busca da realidade. Por conseguinte, vós sois o único centro idôneo, e nenhum outro homem, nenhum *ashram* ou comunidade. Se desejais formar uma comunidade, com o fim de experimentar, ela não deverá tornar-se o vosso *"centro"*; porque no momento em que ela se torna vosso *"centro"*, vossa autoridade, já não estareis em busca da verdade: estareis aproveitando a luz de outro, da atividade de outro. É isso que desejais. Todos quereis o reflexo da glória alheia. É por isso que ingressais nos *ashrams,* que bus-

cais os *gurus*, formais comunidades; e estas, inevitàvelmente, hão de falhar, porque o instrutor se torna da máxima importância e não vós mesmo. Se estais procurando a verdade, nunca ingressareis num *ashram*, nunca tereis um "*centro*" representado por outra pessoa. Sereis o vosso próprio "*centro*"; mas só o podereis ser quando fôrdes sincero, e essa sinceridade só vem quando se experimenta. Um homem que "experimenta" com o desejo de um resultado, não está "experimentando" realmente. Quando um homem experimenta, não sabe qual vai ser o resultado; essa é a beleza do experimentar. Se sabeis o que vai resultar, não estais experimentando. A dificuldade, pois, quando se tem um instrutor, uma comunidade, um *ashram*, é que fazeis dêle vosso "centro" e vosso abrigo. A culpa não é tanto do *guru* como do seguidor. Fazeis do vosso *guru* vosso "centro", entregais-lhe a vossa vida, para serdes instruído sôbre o que deveis fazer. Nenhum homem pode dizer-vos o que deveis fazer. Se o diz, êle não sabe: um homem que sabe, não sabe. Não busqueis nenhum "centro", nenhum abrigo, mas experimentai, tornai-vos confiante, e tereis o vosso "centro", que é a verdade. Percebereis, então, que vós sois a comunidade, que sois vosso próprio *ashram*. "Aí onde estais" — isso é o importante, porque a verdade está muito perto de vós, bastando que olheis.

PERGUNTA: O homem moderno tem alcançado êxitos deslumbrantes no terreno do desenvolvimento técnico, mas tem fracassado lamentàvelmente no estabelecimento de relações humanas harmoniosas. Como resolver esta trágica contradição? Pode-se conceber um "aumento cumulativo dos meios da graça" à disposição de cada pessoa, no mundo?

KRISHNAMURTI: Vamos pensar a fundo nesta questão, para ver o seu significado. O interrogante chama a atenção para a contradição existente na nossa vida: tècnicamente estamos adiantadíssimos, e como entidades psicológicas muito atrasados; e pergunta se é possível àquele que se acha tão atrasado, espiritualmente, ultrapassar o progresso técnico. Poderá dar-se um milagre que me transforme imediatamente, de modo que a entidade espiritual alcance o progresso tecnológico? Parece-me que é isso o que a pergunta implica. Pode cada pessoa ser transformada pela "graça acumulada", de modo que não haja mais contradição? Isto é, se bem entendo a pergunta, e formulando-a de maneira simples e direta, pode alguém transformar-se por milagre? Pode a "graça cumulativa" de Deus atuar tão ràpidamente, que faça desaparecer esta divisão, esta contradição? Porque o progresso técnico avança cada vez mais rápido, e psicològicamente caminhamos muito vagarosamente, precisamos de um milagre, para igualá-lo, pois do contrário seremos destruídos. Estais compreendendo? Expressando-o diferentemente: o avião de jato, segundo se diz, é capaz de voar a uma velocidade de 1.500 milhas horárias; e há também a bomba atômica. Com instrumentos de tamanho poder nas mãos de um estúpido que se intitula general ou herói nacional, ou coisa semelhante, posso eu, que psicològicamente sou um imbecil, realizar um progresso correspondente ao dessas coisas, a fim de poder alterá-las? A questão, por outras palavras, é esta: Posso transformar-me agora? Tende a bondade de prestar atenção. Pode realizar-se um milagre, graças ao qual eu me transforme imediatamente? Eu digo que pode (risos). Não riais; o que estou dizendo é muito sério. Digo que um milagre pode realizar-se agora, mas vós e eu precisamos estar receptivos, para que êsse milagre ocorra, e, também, deveis ser uma parte dêsse milagre. Um cego, que

sofre por causa da sua cegueira, deseja curar-se, desejo ver. Se estais nessa situação, tereis um milagre, e eu digo que a transformação não está no tempo, mas agora. A regeneração tem de ser imediata, não amanhã nem num futuro distante. Pode operar-se um milagre, se souberdes a maneira de encarar o problema, e é isso o que venho tentando mostrar nestas últimas quatro ou cinco semanas. O milagre se realizará se olhardes as coisas diretamente. Senhor, se tomais a corda por uma serpente e tendes mêdo de olhá-la, não é possível milagre algum, não é verdade? Isto é, estareis sempre com mêdo. O milagre só se operará, se olhardes. Para olhardes, precisais ter o desejo de fazê-lo, deveis sentir dor e desejar a cura. Significa isso que precisais ter um empenho sincero, para poderdes resolver êste problema. Mas não sois sincero, não tendes sinceridade nem empenho, desejais que alguma coisa aconteça graças à qual sejais transformado, e, entretanto, não quereis olhar o problema, examiná-lo, investigá-lo. Por isso, permaneceis estúpidos, e o progresso técnico é muito mais rápido e não podeis acompanhar-lhe o ritmo.

Como dizia, só pode dar-se um milagre, quando estais disposto a receber êsse milagre; e eu vos garanto que é possível um milagre, desde que estejais disposto a recebê-lo, desde que queirais ver as coisas como são realmente. Não vos iludais a vós mesmo com explicações, procurando justificar-vos, mas vêde-vos assim como sois, e vereis que coisa extraordinária acontecerá. Asseguro-vos que a regeneração vem quando não estais contando com o tempo, como um meio para vos transformardes. Só então há transformação, e o milagre não está longe. Mas sois tão indolentes, tão sem vontade, tão insuficientes, mesmo no sofrimento! Senhor, a chuva cai e dá nutrição à terra, às árvores, às flôres; mas se essa chuva cai sôbre uma rocha, que benefício traz? Vós sois como

a rocha, vossos corações e vossas mentes são insensíveis, sois vazios e duros, e não há quantidade de chuva que possa lavar isso. O que transformará o vosso coração duro é o ver as coisas como são; não as condeneis, não procureis escusas para elas, mas reconhecei-as, olhai para elas — e assistireis a um milagre. Quando virdes e reconhecerdes que vosso coração é duro, que vossa mente está cheia de brinquedos infantis, logo que reconhecerdes isso, vereis operar-se uma transformação. Mas, para olhar, para ver, para observar, é necessária a intenção. Senhores, olhai para vós mesmos: uns estão bocejando, outros fazendo girar os polegares, outros limpando os óculos. Achais que vos pode acontecer um milagre? Pensais que pode acontecer um milagre, quandos vos sentis bem seguros, quando tendes dinheiro? Quando vossas mãos estão cheias de dinheiro êsse milagre não pode acontecer. Deveis largar o que tendes nas mãos, deveis estar dispostos a isso, e então será possível o milagre. Deveis estar cônscios de vós mesmos, como sois, com simplicidade, constante e diretamente, com tôda a vossa feiura, vossa exaltação, vossa brutalidade, alegria e sofrimento. Assim que vos tornardes cônscios, vereis realizar-se um milagre, tal como nunca seríeis capazes de supor — um milagre, que é a verdade, que transforma, que liberta.

PERGUNTA: Pareceis dar a entender que a concentração e o voluntário focar da atenção é um processo exclusivo e, portanto, um fator de embotamento. Tende a bondade de explicar o que é meditação e como é possível tornar a mente quieta e nos libertarmos dela?

KRISHNAMURTI: Não sei o que quereis dizer com "libertar-nos dela", mas não importa. Já expliquei

com muito cuidado que a concentração não é meditação. Que a concentração é mera escolha exclusiva e, portanto, ocasiona uma limitação da mente. Uma mente que limitamos jamais poderá compreender aquilo que não tem limites, que é imensurável. Isso eu já expliquei. Podeis lê-lo nos livros já publicados. Também já disse eu que a meditação não é prece. A prece é outro artifício de que a mente se vale para se estimular a si mesma. Pela repetição de palavras e frases, pode-se aquietar a mente, e nessa quietude receber-se uma resposta; mas essa resposta não é a resposta da realidade, porque essa prece é uma simples repetição, um rôgo, uma súplica. Na prece há dualidade: um que pede e outro que dá. Eu disse que meditação não é concentração e que meditação não é prece. Pois bem, a maioria de vós, que praticais a meditação, pertence a uma dessas duas categorias. Isto é, vos concentrais com o fim de alcançar um resultado, ou rezais para obter algo que desejais, que pode ser uma geladeira ou uma virtude. Só podeis investigar o que é a meditação, quando não desejardes coisa alguma. Não podeis penetrar o significado da meditação, se a considerardes de qualquer dêsses dois pontos de vista. Tudo isso eu já expliquei e não tornarei a entrar nesta questão agora.

Que se entende por meditação? Significa, por certo, uma mente que é capaz de pronta flexibilidade, e capaz, portanto, da mais ampla percepção, de modo que cada problema que surja se dissolva instantâneamente, cada desafio seja logo compreendido, e não haja reação de ontem. Senhor, uma mente meditativa é uma mente que se conhece, o que significa que a meditação é o comêço do autoconhecimento. Não podeis meditar sem vos conhecerdes a vós mesmo. Se não vos conheceis a vós mesmo, vossa meditação é vã, sem significação. Meditação, por conseguinte, é autoconhecimento. Conhecer-se a si mesmo

é perceber todo o conteúdo da mente, tanto as suas atividades conscientes, como as inconscientes, quando ela está desperta e quando se acha no chamado estado de sono. Isso não é difícil, e vou mostrar-vos como se faz; mas experimentai desde já, não espereis até chegardes em casa. Quando experimentais, vós não sabeis o que ides descobrir. Tôda vez que vos abeirais de um problema, há algo nôvo — essa é a beleza da realidade. Ela é sempre criadora, sempre nova. Essa coisa nova não pode vir por intermédio da memória. A meditação, pois, é o comêço do autoconhecimento, que é o conhecimento das atividades conscientes, bem como de tudo o que está contido nas camadas ocultas da mente. Tende a bondade de seguir o que estou dizendo, meditai junto comigo, enquanto vou prosseguindo, passo a passo. Não vos estou hipnotizando, e não estou empregando palavras pelo seu efeito neurológico. Vou averiguar o que significa meditar, descobrir a realidade por meio da meditação. Estamos experimentando para descobrir, não amanhã, mas agora. Podeis contestar-me amanhã. Portanto, acompanhai-me, senhores. Em primeiro lugar, reconheço que sem me conhecer a mim mesmo, não posso meditar; a meditação nenhuma significação tem sem o autoconhecimento. O autoconhecimento não é alto ou baixo, é o processo total do pensamento, o pensamento patente, que conheceis bem, e todo o pensamento que está oculto no inconsciente. Vou meditar, para descobrir todo o processo — isso pode fazer-se imediatamente. A verdade pode ser percebida diretamente.

Pois bem, que é o "eu"? É, òbviamente, memória; em qualquer nível que esteja, alto ou baixo, é sempre memória, isto é, pensamento. Podeis chamar o "eu" *atman* ou simples reação ao ambiente; quando o chamais *Atman* vós o colocais num nível elevado, mas êle continua a fazer parte do pensamento, que é memória. Por conseguinte, compreender inteiramente êsse processo de "mim

mesmo" é compreender a memória — não só a memória adquirida há um minuto, mas também a memória secular, a memória que é o resultado da experiência racial acumulada, das influências nacionais, geográficas, climáticas, etc. Tudo isso é memória, seja superficial, seja muito profunda; e vamos tomar conhecimento da memória integral, em tôdas as suas minúcias. Como a maioria de nós pode ver, quando dizemos que o "eu" é memória — não uma determinada memória, mas a memória total de tôdas as entidades — isso supõe que, para se descobrir as suas várias camadas, há necessidade de tempo. Para investigar a memória consciente e a inconsciente, precisamos de tempo; e utilizar o tempo para descobrir a verdade, a realidade, é negá-la. Espero que me estejais seguindo. Por conseguinte, preciso servir-me dos meios corretos, para alcançar o fim correto. Isto é, senhores, se me sirvo do tempo para analisar tôdas as camadas conscientes e inconscientes, sirvo-me do tempo como um meio de alcançar o atemporal. Por conseguinte, estou usando os meios errôneos, para chegar ao fim correto. Sem dúvida, precisamos alcançar o fim correto por meios corretos. Isto é, não devo servir-me do tempo. Mas estou habituado a servir-me do tempo, como um meio de alcançar o atemporal. Disciplina, meditação, contrôle, repressão, tudo isso implica tempo; e a memória é tempo. Percebo, pois, uma coisa: Que preciso servir-me dos meios corretos, para descobrir o fim correto. Por conseguinte, tenho um problema que devo dissolver sem a ajuda do tempo. O analisar tôdas as camadas da consciência e apreciar o seu valor requer tempo. Se me sirvo do tempo, estou nesse caso introduzindo o meio errôneo para alcançar um fim correto, porque me estou servindo do tempo para achar o atemporal. Só posso achar o atemporal se me sirvo dos meios corretos. Meu problema, por conseguinte, é: como pode o pensamento, que é resultado da

memória, que é memória, ser dissolvido instantâneamente? Qualquer outra via passa através do tempo. Observai bem, senhor, segui o que estou dizendo. Um problema é pôsto à vossa frente: êsse problema é que o "eu", o "vós", é memória, um feixe de lembranças, e que cumpre dissolvê-lo; porque a continuação da memória é o tempo, e através do tempo não é possível encontrar o que é eterno, imensurável, fora do espaço e do tempo. Como fazê-lo? Isso só se pode fazer quando a memória cessa completamente. Ora, como pode cessar essa memória? Segui o que vou dizer. Vejo que enquanto a memória funciona, a realidade não pode existir — isso é um fato, não? Já o expliquei suficientemente. Isto é, senhor, vejo que a mente é produto, é resultado da memória; e quando a mente tenta descobrir como ficar livre, a memória está ainda funcionando. Quando a mente pergunta "como poderei ficar livre da memória?" essa mesma pergunta implica uma resposta que é produto da memória. Talvez eu esteja me expressando com excesso de concisão.

A mente, tanto consciente como inconsciente, é um feixe de lembranças, e quando a mente diz de si para si "preciso ficar livre da memória, a fim de compreender a realidade" êsse mesmo desejo de ficar livre faz parte da memória. Isso é um fato. Por conseguinte, a mente não deseja mais ser coisa alguma — encara simplesmente o fato de que ela própria é memória; não deseja mais transformar-se, tornar-se outra coisa. Quando a mente percebe que qualquer ação da sua parte é ainda o funcionamento da memória, e que, por conseguinte, ela é incapaz de achar a verdade, qual é, então, o estado da mente? Ela se torna tranqüila. Quando a mente percebe que tôda atividade dela própria é fútil, faz parte da memória e portanto do tempo, quando percebe êsse fato, ela se detém, não é verdade? Se vossa mente percebe a realidade do que estou dizendo, isto é, que tudo o que ela

faça será sempre parte da memória, e que portanto ela nada pode fazer para ficar livre da memória, então nada faz. Ao perceber que, por êsse caminho, não pode prosseguir, a mente se detém. Por conseqüência, a mente, todo o conteúdo da mente, tanto consciente como inconsciente, se torna tranqüila. A mente agora está sem ação, percebe que tudo o que faz segue uma linha horizontal, que é memória; por conseguinte, percebendo a falácia disso, ela se torna tranqüila. Não tem nenhum objetivo em mira, nenhum desejo de resultado, está de todo tranqüila, sem movimento em direção alguma. Que aconteceu? A mente está tranqüila, não foi *posta* tranqüila. Vêde a diferença entre uma mente que é posta a dormir e uma mente quieta, tranqüila. Nesse estado, encontrareis um movimento extraordinário, uma vitalidade, um estado de nôvo, passivo e vigilante. Cessou tôda ação positiva, e a mente se acha em estado de extrema inteligência, porque se aplicou ao problema da memória com o pensar negativo, que é a mais alta forma do pensar. A mente, pois, está tranqüila, é veloz, mas ao mesmo tempo não é exclusiva, não está concentrada nem focalizada, mas, sim, amplamente vigilante. Que acontece agora? Nessa vigilância, não há escolha, mas as coisas são vistas tais como são: o vermelho como vermelho, o azul como azul, sem nenhuma desfiguração. Nesse estado tranqüilo, em que há percebimento e vigilância, sem escolha, vereis que tôda verbalização, tôda atividade mental e intelectual cessou por completo. Há, então, uma tranqüilidade que não foi criada, uma tranqüilidade na qual a mente não mais se utiliza do pensamento para reavivar-se; por conseguinte, não há mais pensante nem pensamento. Não há mais "experimentador" nem coisa experimentada, porque experimentador e coisa experimentada vêm à existência em virtude do processo do pensamento, e o processo do pensamento cessou por completo. Há só um "estado de ex-

perimentar". Nesse "estado de experimentar" não existe o tempo; o tempo — ontem, hoje, amanhã, — parou por completo. Se penetrardes mais a fundo, vereis que a mente que era o produto do tempo, se transformou de todo, e existe agora sem o tempo; e o que está fora do tempo é eterno, o que está fora do tempo é imensurável, não tem começo nem fim, é sem causa e, portanto, sem efeito — e o que é sem causa é o real. Podeis experimentar isso agora, e não durante séculos de exercícios, disciplina ou contrôle. Isso tem de ser agora, ou nunca.

Assim, a mente que deseja compreender a meditação, deve começar compreendendo-se a si mesma — compreender-se a si mesma nas relações, e não no isolamento. A mente que é produto do tempo, pode libertar-se do tempo, não mais tarde, mas já; e surge a liberdade só quando seguimos o caminho correto, sendo a meditação o caminho correto para a solução de todos os problemas humanos. O método positivo é condicionado por um padrão de ação. A meditação é o método negativo, e por isso é ela a forma mais elevada do pensar — que é não pensar. Todo pensar é produto do tempo. Se desejais compreender um problema humano, não deve haver nenhum processo de pensamento, e libertar a mente do processo do pensamento é meditar; e não podeis meditar sem o autoconhecimento. Só quando há autoconhecimento, cujo comêço é a meditação, só então nasce a realidade; e é a realidade que liberta.

10 de outubro de 1948

VIII

CONFERÊNCIA REALIZADA EM PUNA

Temo-nos ocupado de vários assuntos, no correr destas conferências dominicais, mas parece-me que uma das questões mais importantes que devemos investigar e cuja significação devemos descobrir, é a questão do tempo. A vida da maioria de nós é algo inerte, como águas paradas; é monótona, sombria, feia, e insípida; e alguns de nós, percebendo êsse fato, entregam-se inteiramente a atividades sociais, políticas e religiosas, pensando que com isso enriquecem a vida. Mas tal ação, sem dúvida, não é enriquecimento, visto que nossas vidas continuam vazias; embora falemos de reforma política, nossas mentes e corações continuam embotados. Podemos andar muito ativos, socialmente, ou dedicar nossas vidas à religião; todavia, o significado da virtude continua a ser uma coisa de idéias, mera ideação. Por isso, não importa o que façamos, vemos que nossas vidas são monótonas, não têm muita significação; porque a mera ação, sem compreensão, não traz o enriquecimento ou a liberdade. Assim, se me é permitido, desejo falar um pouco sôbre o que é o tempo; porque creio que o enriquecimento, a beleza, e o significado daquilo que é atemporal, daquilo que é verdadeiro, só podem ser experimentados quando compreendemos, no seu todo, o processo do tempo. Afinal, todos nós estamos procurando, cada um a seu modo,

um estado de felicidade, de enriquecimento. Por certo, uma vida que tem significação, que contém as riquezas da verdadeira felicidade, não pertence ao tempo. Como o amor, a vida é intemporal; e para compreender aquilo que é intemporal, não devemos procurar atingi-lo através do tempo, mas, ao contrário, compreender o tempo. Não devemos servir-nos do tempo como meio de atingir, de conhecer, de apreender o atemporal. Mas é isso, precisamente, o que estamos fazendo, na maior parte das nossas vidas: consumindo tempo, na tentativa de apreender o que é atemporal. Importa, pois, que se compreenda o significado do tempo, porquanto julgo que é possível ficar-se livre do tempo. Muito importa compreender o tempo, como um todo e não parcialmente; mas tenho de tratar desta questão o mais rápida e concisamente possível, pois tenho muitas perguntas para responder e esta é a última noite das nossas conferências. Espero, portanto, que não vos desagradeis, se eu fôr muito breve e direto. É interessante observar que passamos as nossas vidas quase inteiramente no tempo — tempo, não no sentido da seqüência cronológica dos minutos, horas, dias e anos, mas no sentido de memória psicológica. Vivemos do tempo, somos o resultado do tempo. Nossas mentes são o produto de muitos dias passados, e o presente é apenas a passagem do passado para o futuro. Nossas mentes, nossas atividades, nosso ser, estão fundados no tempo; sem o tempo não podemos pensar, porque o pensamento é resultado do tempo, o pensamento é produto de muitos dias passados, e não há pensamento sem memória. A memória é tempo; porque há duas espécies de tempo: o tempo cronológico e o tempo psicológico. Há o tempo — o ontem marcado pelo relógio, e o ontem registrado pela memória. Não podeis rejeitar o tempo cronológico, porque isso seria absurdo — perderíeis o trem. Mas existirá de fato um tempo completamente separado do tempo

cronológico? Existe sem dúvida o tempo, o ontem; mas existe o tempo, tal como o concebe a mente? Isto é, existe o tempo, separadamente da mente? Não há dúvida de que o tempo, o tempo psicológico, é produto da mente. Sem a base do pensamento não tem existência o tempo — o tempo que é a memória, a lembrança de ontem em conjunção com hoje, formando o amanhã. Isto é, a memória da experiência de ontem, reagindo ao presente, está criando o futuro — e isso é ainda processo de pensamento, um caminho percorrido pela mente. Assim, o processo do pensamento produz a progressão psicológica no tempo; mas é real êsse tempo, real como o tempo cronológico? E podemos servir-nos dêsse tempo, que é produto da mente, como meio de compreensão do eterno, do atemporal? Porque, como eu disse, a felicidade não vem de ontem, a felicidade não é produto do tempo, a felicidade está sempre no presente, é um estado atemporal. Não sei se já notastes isso em algum momento de êxtase, de alegria criadora, quando desfila uma série de nuvens radiosas, cercadas de nuvens negras — nesse momento não há o tempo: só há o presente imediato. Mas a mente, de volta dêsse "experimentar", lembra-se dêle e deseja continuá-lo, acumulando-se mais e mais, a si mesma, e criando assim o tempo. O tempo é criado pelo "mais"; o tempo é aquisição, e o tempo é também desprendimento, que é ainda uma aquisição da mente. Por conseguinte, o mero disciplinar da mente, no tempo, o condicionar do pensamento dentro da estrutura do tempo, que é memória, não revela o que é atemporal.

Vemos, pois, que há o tempo cronológico e o tempo da mente, o tempo que é a própria mente, e estamos sempre confundindo os dois. Sem dúvida, confundimos o tempo cronológico com o tempo psicológico, com a psique de nosso ser; e com essa mentalidade cronológica queremos "vir a ser", queremos consumar as nossas reali-

zações. Assim, todo o processo de "vir a ser" é coisa do tempo; e cumpre-nos averiguar se existe deveras uma coisa como o "vir a ser", — vir a ser no sentido de encontrar a realidade, Deus, a felicidade. Podemos servir-nos do tempo como um meio de chegar ao atemporal? Isto é, por um meio errôneo pode-se alcançar o fim correto? Naturalmente, o meio correto tem de ser empregado, para o fim correto, uma vez que fim e meio são uma só coisa. Quando queremos achar o atemporal por meio do "vir a ser", que implica disciplinamento, condicionamento, rejeição, aceitação, aquisição e negação — tudo isso dependente do tempo — estamos empregando o meio errôneo para o fim correto; por conseguinte, o meio de que nos servimos produzirá um fim errôneo. Enquanto empregarmos o meio errôneo, que é o tempo, para achar o atemporal, não teremos o atemporal; porque o tempo não é o meio de se chegar ao atemporal. Por conseguinte, para acharmos o atemporal, para conhecermos o que é eterno, o tempo tem de cessar — o que significa que todo o processo do pensar tem de terminar — e se examinardes isso com muita atenção, ampla e inteligentemente, vereis que não é tão difícil como parece. Porque há instantes em que a mente está de todo tranqüila, não artificialmente, mas espontâneamente tranqüila. Sem dúvida, há diferença entre uma mente que pusemos quieta e uma mente que *está* quieta. Mas êsses momentos de tranqüilidade ficam como memórias, lembranças, e as lembranças se tornam o elemento temporal que impede o "re-experimentar" dêsses momentos.

Como já disse, para que o pensamento termine e o atemporal comece a existir, precisamos compreender a memória; porque sem memória não há o tempo. A memória é apenas experiência incompleta; porquanto aquilo que experimentamos de maneira completa é sem reação, e nesse estado não existe memória. No momento em que

estais experimentando alguma coisa, não há memória, não há experimentador separado da coisa experimentada, não há observador nem coisa observada; há, sòmente, um estado de experimentar, em que o tempo não existe. O tempo só se apresenta depois de a experiência se ter tornado memória; e a maioria de vós estais vivendo da lembrança, da experiência de ontem — vossa própria experiência ou a de vosso *guru*, etc. etc. Por conseguinte, se compreendermos êsse funcionamento psicológico da memória, que resulta da ação cronológica, não confundiremos as duas espécies de tempo. Precisamos encarar todo o problema do tempo sem apreensão e sem nenhum desejo de subsistir; porque a maioria de nós deseja continuar e é essa continuidade que deve terminar. Continuidade é, meramente, tempo, e a continuidade não pode levar ao atemporal. Compreender o tempo é compreender a memória, e compreender a memória é ficarmos cônscios de nossas relações com tôdas as coisas — com a natureza, as pessoas, a propriedade e as idéias. As relações revelam o processo da memória, e a compreensão dêsse processo é autoconhecimento. Sem compreendermos o processo do "eu", em qualquer nível que esteja situado êsse "eu", não podemos estar livres da memória e, conseqüentemente, não há o atemporal.

PERGUNTA: Os sonhos têm significação? Se têm, como devemos interpretá-los?

KRISHNAMURTI: Que se entende por "sonho"? Quando dormimos, quando o corpo dorme, nossa mente está funcionando; e ao despertar, lembramo-nos de certas impressões, certos símbolos, expressões verbais ou quadros. É isso o que entendemos por "sonho", não é?

— essas expressões de que nos recordamos ao despertar, êsses símbolos, sugestões, alusões, apresentadas à mente consciente e relativas a coisas que não foram compreendidas completamente. Isto é, nas horas em que estamos despertos, a consciência, a mente está de todo ocupada em ganhar a vida, com as relações imediatas, com divertimentos, etc. A mente consciente, pois, leva uma vida muito superficial. Mas nossa vida não é apenas a camada superficial, ela está em movimento, nos diferentes níveis, a tôdas as horas. Êsses níveis diferentes estão constantemente se esforçando por transmitir o seu significado à nossa mente consciente; e quando a mente consciente está tranqüila, como acontece durante o sono, as sugestões e mensagens do oculto são transmitidas sob a forma de símbolos, e, ao despertarmos, êsses símbolos persistem em nossa lembrança como sonhos. E então, porque sonhais, procurais interpretar os vossos sonhos ou procurais um psicanalista, para vo-los interpretar. É isso o que de fato acontece. Pode ser que não procureis o intérprete, porque custa muito caro e além disso não vos dá esperança; mas não dispensais a interpretação, quereis que vossos sonhos sejam explicados; procurais a sua significação, tentais analisá-los; e nesse processo de interpretação, de análise, sempre há esperança, dúvida, incerteza.

Ora, há necessidade de sonharmos? Há sonhos muito superficiais. Se comeis demais à noite, naturalmente tendes sonhos violentos. Há sonhos que são o resultado do refreamento do apetite sexual e de outros apetites. Quando reprimidos, êsse apetites se declaram enquanto dormis, e vos lembrais disso como sonho, quando desperto. Há muitas formas de sonhos, mas o ponto que desejo salientar é êste: temos necessidade de sonhar?. Se é possível não sonhar, não há então nada que necessite ser interpretado. Dizem os psicólogos — não quero dizer que os li, mas conheço muitos dêles — que é impossível não

sonhar. Julgo que é possível não sonhar, e podeis experimentá-lo com vós mesmos, livrando-vos assim do temor da interpretação, com suas ansiedades e incertezas. Como disse, sonhais porque a mente consciente não está cônscia do que está realmente acontecendo a cada minuto, não está cônscia de tôdas as sugestões, alusões, impressões e reações, que sobem constantemente à superfície. Mas, será possível ficar passivamente cônscio, de modo que tudo seja logo percebido e compreendido? É possível, sim. É só quando há percebimento passivo de cada problema, que êle é resolvido imediatamente, em vez de ser transferido para o dia seguinte. Ora, quando tendes um problema, e êste causa muita preocupação, que acontece? Ides deitar-vos, dizendo: "Vou deixá-lo para amanhã." Na manhã seguinte, voltando ao problema, verificais que pode ser resolvido e ficais livre dêle. O que de fato sucede é que a mente consciente, depois de muito procurar e atormentar-se, se torna quieta; e, então, a mente inconsciente, que continua a ocupar-se com o problema, envia as suas sugestões, suas mensagens, e ao despertardes o problema está resolvido.

É possível, pois, atender a cada problema de maneira nova, e ficar-se livre dêle. Só podeis atender a cada problema de maneira nova, pronta, rápida, quando não condenais nem justificais, porque só assim pode o problema confiar todo o seu significado; e é possível viver-se tão desperto, tão passivamente vigilante, que cada problema revele o seu inteiro significado logo ao surgir. Podeis tirar a prova disso por vós mesmos, não precisais aceitar a palavra de outrem a êsse respeito. Mas a mente consciente deve estar desperta, vigilante, na sua totalidade, de modo que nenhuma parte dela esteja inerte e precise ser estimulada por meio de sonhos, por meio de símbolos. Só quando a mente consciente está vigilante, não apenas

numa camada ou nível, mas na sua totalidade, é possível não sonhar.

Os sonhos são também "autoprojeções", a interpretação, por meio de símbolos, de diferentes experiências. Também as conversas que temos, em sonhos, com outras pessoas são evidentemente "autoprojeções" — o que não significa que seja impossível o pensamento encontrar-se com o pensamento, um pensamento identificado encontrar-se com outro pensamento identificado. Êste tópico é vasto demais e não pode ser esgotado completamente agora; mas, pode-se ver que, enquanto lidarmos com problemas de maneira parcial e não total, enquanto houver reação condicionada ao desafio, há de haver essas sugestões, essas alusões, procedentes daquela parte da mente que está desperta, seja na forma de sonhos, seja na forma de choques violentos. Enquanto os problemas não forem compreendidos completamente, havereis de sonhar, e os vossos sonhos necessitarão interpretação. As interpretações nunca são completas, porquanto elas resultam sempre do temor, da ansiedade, há nelas um elemento do desconhecido, e a mente consciente rejeita sempre aquilo que é desconhecido. Mas se, ao contrário, pudermos "experimentar" cada desafio completamente, cabalmente, não há então necessidade de sonhos nem de um intérprete para os sonhos.

PERGUNTA: Qual é o significado da relação correta com a natureza?

KRISHNAMURTI: Não sei se descobristes a vossa relação com a natureza. Não há relação correta, só há compreensão da relação. A relação correta supõe a mera aceitação de uma fórmula, exatamente como o

pensamento correto. Pensamento correto e pensar correto são duas coisas diferentes. Pensamento correto significa o mero ajustamento ao que é correto, respeitável, ao passo que o pensar correto é movimento, é produto da compreensão, e a compreensão se modifica, se transforma constantemente. Do mesmo modo, há diferença entre a relação correta com a natureza, e a compreensão de nossa relação com ela. Qual a relação que tendes com a natureza — com os rios, as árvores, as aves alígeras, os peixes na água, os minerais no seio da terra, as cataratas e as águas pouco profundas? Qual a relação que tendes com essas coisas? A maioria das pessoas não tem consciência dessa relação. Nunca olhamos para uma árvore, e se o fazemos é com o propósito de nos utilizarmos dela: sentar-nos à sua sombra, ou cortá-la para fazer tábuas. Em outras palavras, olhamos as árvores com propósitos utilitários; nunca vemos uma árvore, sem "projetarmos" a nós mesmos, para tirarmos proveito dela. Pela mesma maneira tratamos a terra e os seus produtos. Não há amor à terra, só há exploração da terra. Se realmente amássemos a terra, haveria maior moderação no uso que fazemos das coisas da terra. Isto é, senhor, se compreendêssemos as nossas relações com a terra, seríamos muito cuidadosos na utilização das coisas da terra. A compreensão das nossas relações com a natureza é tão difícil como a compreensão das nossas relações com nossos vizinhos, nossas espôsas, nossos filhos. Mas não temos aplicado nosso pensamento a isso, nunca nos sentamos para contemplar as estrêlas, o luar, ou as árvores. Estamos ocupados demais com as nossas atividades sociais ou políticas. Essas atividades, òbviamente, são fugas de nós mesmos; e prestar culto à natureza é também uma fuga de nós mesmos. Estamos sempre fazendo uso da natureza, quer como meio de fuga, quer para fins utilitários — nunca paramos um pouco, para amar a terra e as coisas

ta terra. Nunca nos deleitamos, contemplando os campos exuberantes, embora nos utilizemos dêles para alimentar-nos e vestir-nos. Não gostamos de trabalhar a terra com nossas próprias mãos, achamos humilhante trabalhar com as mãos. Dá-se uma coisa extraordinária, quando lavramos a terra com nossas próprias mãos. Mas êsse trabalho é feito pelas castas inferiores; nós, os das classes superiores, somos muito importantes, ao que parece, para fazer uso de nossas próprias mãos! Perdemos, assim, a nossa ligação com a natureza. Se chegássemos a compreender essa relação, seu verdadeiro significado, não dividiríamos a propriedade em "vossa" e "minha"; embora qualquer de nós possuísse um pedacinho de terra e nêle edificasse a sua casa, ela não seria nem "minha" nem "vossa", no sentido exclusivo — seria mais um meio de nos abrigarmos. Porque não amamos a terra e as coisas da terra, mas apenas as utilizamos, somos insensíveis à beleza de uma catarata, perdemos o contacto da vida; nunca estivemos sentados, recostados num tronco de árvore; e visto que não amamos a natureza, não sabemos amar os sêres humanos e os animais. Saí à rua, para ver como são tratados os animais, vêde os bois, com suas caudas completamente deformadas. Meneais a cabeça, dizendo "muito triste!" Perdemos o sentido da ternura, aquela sensibilidade, aquela reação às coisas da beleza; e é só na renovação dessa sensibilidade, que podemos ter a compreensão do que é a verdadeira relação. Essa sensibilidade não se manifesta com o mero pendurar de alguns quadros na parede, com o pintar uma árvore ou prender algumas flôres no cabelo; a sensibilidade só vem quando pomos de parte êsse ponto de vista utilitário. Não quero dizer que não possais utilizar-vos da terra, mas deveis utilizá-la como deve ser utilizada. A terra existe para ser amada, para ser cuidada com desvêlo, e não para ser dividida como "vossa" e "minha". É in-

sensato plantar uma árvore num *compound* (1) e chamá-la "minha". Só quando uma pessoa está livre do exclusivismo há possibilidade de se ter sensibilidade, não apenas com relação à natureza, mas também com relação aos sêres humanos e aos incessantes desafios da vida.

PERGUNTA: Quando falastes sôbre o modo de ganhar a vida decentemente, dissestes que as profissões de militar, de advogado, de funcionário do govêrno não eram meios de vida corretos. Não estais advogando o sanyasismo, *a deserção da sociedade, e não equivale isso a fugir dos conflitos sociais e dar ajuda à injustiça e à exploração que existem em tôrno de nós?*

KRISHNAMURTI: Para transformar qualquer coisa, compreender qualquer coisa, precisais primeiro compreender o que *é;* só então há possibilidade de renovação, regeneração, transformação. Transformar, simplesmente, o que *é*, sem compreendê-lo, é perda de tempo, retrocesso. Tôda reforma sem compreensão é retrocesso, porque não olhamos de frente o que *é;* mas se começarmos a compreender exatamente o que *é*, saberemos, então, como agir. Não podeis agir, sem antes observar, investigar, e compreender o que *é*. Devemos examinar a sociedade, tal como ela *é*, com tôdas as suas deficiências e fraquezas; e para examiná-la precisamos ver a nossa conexão, a nossa relação com ela, diretamente, e não através de uma suposta explicação intelectual ou teórica.

---

(1) Terreno cercado, contendo várias casas de residência, em geral habitadas por estrangeiros residentes na Índia.

Ora, nas condições em que a sociedade existe no presente, não há possibilidade de escolha entre o meio de vida correto e o meio de vida incorreto. Pegamos o primeiro emprêgo que podemos, se temos a boa sorte de achar um. Portanto, para o homem que precisa com urgência de um emprêgo, não há problema. Aceita qualquer emprêgo, porque precisa comer. Mas, para aquêles de vós que não sofrem igual premência, deveria existir êste problema: qual o meio de vida correto numa sociedade que está baseada na aquisição e nas diferenças de classes, no nacionalismo, na ganância, na violência, etc.? Em vista dessas coisas, pode haver um meio de vida correto? Não pode, evidentemente. E há, por certo, profissões injustas, tais como as profissões de militar, advogado, policial, funcionário do govêrno.

Um exército existe, não para a paz, mas para a guerra. É função do exército criar a guerra, é função do general planejar a guerra. Se o não fizer, será expulso, não é verdade? — vós vos livrareis dêle. A função de um estado-maior é planejar e preparar as guerras futuras, e um estado-maior que não faz planos para as guerras futuras é, evidentemente, ineficiente. O exército, pois, não constitui uma profissão a favor da paz, e, por conseguinte, não é um meio de vida correto. Conheço tão bem como vós tudo o que se implica nessa questão. Existirão exércitos enquanto existirem governos soberanos, com seu nacionalismo e suas fronteiras; e uma vez que apoiais os governos soberanos, tendes também de apoiar o nacionalismo e a guerra. Por conseguinte, enquanto fôrdes nacionalista, não tendes a possibilidade de escolher um meio de vida correto.

Idênticamente, a profissão de policial. A função da polícia é proteger e manter as coisas como estão. Torna-se também um instrumento de investigação, de perquirição, de inquisição, não só nas mãos dos governos totalitários,

mas de qualquer govêrno. A função da polícia é a de espionar, esquadrinhar a vida privada das pessoas. Quanto mais revolucionária uma pessoa é, exterior ou interiormente, tanto mais perigosa ela é para o govêrno. Por essa razão os governos, sobretudo os governos totalitários, tratam de liquidar aquêles que estão fomentando uma revolução, interior ou exteriormente. Por conseqüência, a profissão de policial não constitui um meio de vida correto.

Idênticamente, o advogado. Êle prospera com os litígios: é essencial, para que ganhe a vida, que vós e eu briguemos e disputemos (risos). Estais rindo ... provàvelmente muitos de vós sois advogados, e o vosso riso indica mera reação nervosa ao fato, e, pela evitação do fato, continuais sendo advogados. Podeis dizer que sois vítimas da sociedade; mas sois vítimas, porque aceitais a sociedade tal como está. A advocacia, portanto, não é um meio de vida correto. Só pode haver meios de vida corretos, quando não aceiteis o atual estado de coisas; e no momento em que o não aceitardes, não aceitareis a advocacia como profissão.

De modo idêntico, não podeis esperar encontrar um meio de vida correto nas grandes emprêsas organizadas pelos homens de negócios, que estão amontoando riquezas, nem na rotina burocrática, com seus funcionários e sua morosidade oficial. Os governos só têm interêsse em manter as coisas como estão, e se vos tornais um engenheiro do govêrno, estais, direta ou indiretamente, contribuindo para a guerra.

Assim, enquanto aceitardes a sociedade tal como está constituída, qualquer profissão, seja o exército, a polícia, a advocacia, o govêrno, não é, evidentemente, um meio de vida correto. Percebendo isso, que deve fazer um homem sincero? Deve fugir e enterrar-se em alguma aldeia? Mas lá também êle tem de viver de alguma maneira. Pode

mendigar, mas o próprio alimento que lhe fôr dado provém indiretamente do advogado, do policial, do militar, do govêrno. E no isolamento êle não pode viver, é impossível; viver no isolamento é mentir, tanto psicológica como fisiològicamente. Que deve então fazer a pessoa? Tudo o que ela pode fazer, se fôr realmente sincera, se tem inteligência do processo, no seu todo, é rejeitar o atual estado de coisas e dar à sociedade tudo o que fôr capaz de dar. Isto é, senhor, aceitar alimento, roupa e morada, da sociedade, e dar à sociedade alguma coisa em troca. Enquanto fizerdes uso do exército, da polícia, da advocacia, do govêrno, como meio de subsistência, continuareis a manter as coisas como estão, a sustentar a dissensão, a perquirição e a guerra. Mas, se rejeitais as coisas da sociedade, e aceitais apenas as coisas essenciais, deveis dar alguma coisa em troca. É mais importante averiguar o que estais dando à sociedade do que perguntar qual é o meio de vida correto. Pois bem, que estais dando à sociedade ? Que é a sociedade ? A sociedade são as relações com um ou com muitos, são vossas relações com outra pessoa. Que estais dando às outras pessoas? Estais dando alguma coisa, no verdadeiro sentido da palavra, ou apenas recebendo o pagamento de alguma coisa? Enquanto não descobrirdes o que estais dando, tudo quanto receberdes da sociedade há de ser, necessàriamente, um meio de vida injusto. Não estou dando uma resposta sutil, habilidosa; cabe-vos ponderar, investigar tôda a questão das vossas relações com a sociedade. Podeis, da vossa parte, perguntar-me: "E *vós*, que estais dando à sociedade, para terdes roupa, morada e alimento?" — Estou dando à sociedade isso de que estou falando — que não é um serviço verbal que qualquer tolo pode prestar. Estou dando à sociedade o que para mim é verdadeiro. Podeis discordar e dizer: "Tolice, isso não é verdadeiro". Mas estou dando o que para mim é verdadeiro e tenho muito

mais interêsse nisso do que naquilo que a sociedade me dá. Senhor, quando não vos servis da sociedade ou do vosso vizinho como meio de auto-expansão, estais inteiramente satisfeito com as coisas que a sociedade vos dá para satisfação das vossas necessidades de alimento, roupa e morada. Por conseqüência, não sois ganancioso; e como não sois ganancioso, vossas relações com a sociedade são de todo diferentes. No momento em que não vos servis da sociedade como um meio de auto-expansão, rejeitais as coisas da sociedade, e, conseqüentemente, dá-se uma revolução em vossas relações. Já não estais na dependência de outra pessoa para a satisfação de vossas necessidades psicológicas; e só então podeis ter um meio de vida justo. Podeis dizer que esta resposta é muito complicada, mas não é. A vida não tem respostas simples. O homem que procura uma resposta simples para a vida, possui uma mente estúpida, uma mente obtusa. A vida não tem conclusão, a vida não tem padrão fixo, a vida é viver, alterar, modificar. Não há resposta positiva e definitiva para a vida, mas é-nos possível compreender todo o seu significado e valor. Para compreender, precisamos primeiro reconhecer que estamos utilizando a vida como meio de auto-expansão, como meio de preenchimento próprio; e porque nos servimos da vida como um meio de preenchimento, criamos uma sociedade corrupta, a qual necessàriamente começa a decompor-se no mesmo instante em que começa a existir. Uma sociedade organizada, pois, encerra em si, inerentemente, a semente da decomposição.

É muito importante que cada um de nós descubra qual é a sua relação com a sociedade, se ela está baseada na ganância — que significa auto-expansão, preenchimento do "eu", que supõe poder, posição, autoridade — ou se simplesmente aceitamos da sociedade as coisas essenciais, tais como alimento, roupa e morada. Se vossa relação é de necessidade e não de ganância, encontrareis en-

tão o meio de vida correto, em qualquer lugar, mesmo numa sociedade corrupta. Como a atual sociedade se está desintegrando ràpidamente, precisamos descobrir; e aquêles cuja relação é só de necessidade criarão uma nova civilização, constituirão o núcleo de uma sociedade na qual as coisas necessárias à vida serão distribuídas equitativamente, e não utilizadas como meio de auto-expansão. Enquanto a sociedade continuar a ser para nós um meio de auto-expansão, haverá ânsia de poder, e o poder cria uma sociedade de classes, divididas em "altas" e "baixas", ricos e pobres, o homem que tem e o homem que não tem, o letrado e o iletrado, todos em luta uns com os outros, luta baseada no desejo de aquisição e não na necessidade. É o desejo de aquisição que dá fôrça, posição, prestígio, e enquanto êle existir, a vossa relação com a sociedade há de ser, necessàriamente, um meio de vida injusto. Podeis ter meios de vida justos quando dependeis da sociedade apenas para as vossas necessidades — e então as vossas relações com a sociedade são muito simples. A simplicidade não é o "mais", nem tampouco é vestir uma tanga e renunciar ao mundo. Limitar-se apenas a umas poucas coisas, não é simplicidade. A simplicidade da mente é essencial, e a simplicidade da mente não pode existir se a mente é utilizada com propósitos de auto-expansão, preenchimento, não importando se êsse preenchimento provém da busca de Deus, do saber, do dinheiro, da propriedade ou da posição. A mente que busca a Deus não é uma mente simples, porque o seu Deus é sua própria projeção. O homem simples é aquêle que vê exatamente o que *é* e o compreende — nada mais pede. Tal mente está satisfeita, compreende o que *é* — o que não significa a aceitação da sociedade tal como está constituída, com sua exploração, suas classes, guerras, etc. Mas a mente que vê e compreende o que *é*, e, por conseguinte, age, essa mente tem poucas necessidades, é muito simples,

muito serena; e só quando está serena pode a mente receber o eterno.

PERGUNTA: Tôda arte tem uma técnica própria, e é preciso esfôrço para dominar a técnica. Como se pode harmonizar a criação com a perfeição técnica?

KRISHNAMURTI: Não se pode harmonizar a criação com a perfeição técnica. Podeis tocar piano com perfeição, e não ser criador; podeis tocar piano brilhantemente, e não ser músico. Pòdeis saber manejar as côres, espalhar tintas na tela com muita habilidade, e não ser um pintor criador. Podeis criar um rosto, uma imagem de pedra, e não ser um mestre criador. A criação vem em primeiro lugar, e não a técnica, e é por isso que somos desditosos tôda a vida: temos técnica, sabemos edificar uma casa, construir uma ponte, montar um motor, educar os nossos filhos de acôrdo com um sistema. Aprendemos tôdas essas técnicas, mas nossos corações e nossas mentes estão vazios. Somos máquinas de primeira ordem, sabemos operar maravilhosamente, mas não sabemos amar. Podeis ser um bom engenheiro, podeis ser pianista, podeis escrever num belo estilo, em inglês, ou em marathi, ou na língua que falais, mas a capacidade criadora não decorre da técnica. Se tendes algo para dizer, vós criais o vosso próprio estilo; mas quando nada tendes para dizer, ainda que tenhais um belo estilo, o que escreveis não passa de rotina tradicional, uma repetição, com palavras novas, da mesma velharia. Se vos observardes a vós mesmo muito crìticamente, vereis que a técnica não conduz à capacidade criadora; mas quando tendes a capacidade criadora, podeis ter técnica no espaço de uma semana. Para podermos expressar algo é necessário que *haja* algo para expressar, precisamos ter uma canção no coração, para cantar. Precisamos ter sensibilidade, para receber e ex-

pressar, mas a expressão é de muito pouca monta. Só é importante a expressão quando a quereis transmitir a outrem, mas é insignificante sua importância quando escrevemos para nosso próprio entretenimento.

Assim, tendo perdido a canção, saímos atrás do cantor. Aprendemos do cantor a técnica da canção, mas não temos a canção; e eu vos digo que a canção é essencial, que a alegria de cantar é essencial. Quando existe a alegria, a técnica pode ser formada do nada; inventareis vossa própria técnica, não precisareis estudar elocução ou estilo. Quando tendes, vêdes, e o ver a beleza é uma arte. A expressão dêsse ver se torna bela, tècnicamente perfeita, quando tendes algo para dizer. Ter uma canção no coração — esta é que é a coisa importante, e não a técnica, embora a técnica seja essencial. O que importa é ser criador. Êsse é um problema deveras importante, porque vós não sois criadores; podeis procriar dezenas de filhos, mas isso é meramente acidental, não é ação criadora. Podeis ser capaz de escrever a respeito de homens de pensamento criador, mas isso não é ser criador. Podeis assistir a uma peça como expectadores, mas nunca sois atôres. Visto que se atribui importância cada vez maior ao mero aprendizado de uma técnica, cumpre-vos descobrir o que é ser criador. Como se pode ser criador? Criação não é imitação. A nossa vida, na sua totalidade, é imitativa, não apenas no nível verbal, mas também interior e psicològicamente; nada mais é que imitação, conformidade e disciplinamento. Julgais que pode haver criação quando estais pensando em conformidade com um padrão, uma técnica? Só há criação quando estamos libertados da imitação, da disciplina, o que significa estar libertado da autoridade, não apenas da autoridade externa, mas também da autoridade interior da experiência, tornada memória. Também não pode haver criação se há temor; porque o temor produz a imitação, o temor cria

a cópia, o temor engendra o desejo de estar em segurança, de estar certo, o qual, por sua vez, cria a autoridade; e não há criação enquanto a mente se move do conhecido para o conhecido. Enquanto a mente está ocupada pela técnica, pelo saber, não pode haver criação. O saber é do passado, do conhecido; e enquanto a mente se move do conhecido para o conhecido não pode haver criação. Enquanto a mente se move através de uma série de modificações, não pode haver criação, porque a modificação é mera continuidade modificada. Só pode haver criação no findar, e não na continuidade. A maioria de nós não deseja findar, todos queremos continuar, e nossa continuidade não passa de continuidade da memória. A memória pode ser colocada no nível do *Atman,* ou num nível inferior, mas é sempre memória. E enquanto tôdas essas coisas existirem, não haverá criação. Não é difícil ficar livre dessas coisas, mas isso requer atenção, observação, a intenção de compreender; então, garanto-vos, surgirá a criação.

Quando um homem deseja criar, deve perguntar a si mesmo e ver o que deseja criar: automóveis, máquinas de guerra, aparelhos de uso doméstico? O mero ocupar-se com coisas distrai a mente e prejudica a generosidade, a reação instintiva à beleza. É isso o que estamos fazendo, a maioria de nós, com as nossas mentes. Enquanto a mente está ativa, formulando, fabricando, inventando, criticando, não pode haver criação; e eu vos asseguro que a criação vem silenciosamente, com extraordinária rapidez, sem compulsão, ao compreenderdes a verdade de que a mente precisa estar vazia, para que se realize a criação. Ao perceberdes a verdade disso, então, instantâneamente, há criação. Não tendes de pintar um quadro, não precisais sentar-vos numa cátedra, não precisais inventar novos teoremas matemáticos; porque a criação não requer,

necessàriamente, a expressão. A própria expressão a destrói. Isso não significa que a não devais expressar; mas se a expressão se torna mais importante do que a criação, então a criação se retira. Para vós, a expressão é da maior importância: pintar um quadro e assinar o nome ao pé do mesmo! Depois, quereis ver os que o apreciam, quem o irá adquirir, quantos críticos escreveram a respeito e o que dizem; e quando alcançais a celebridade, pensais ter alcançado algo muito importante! Isso não é criação, e, sim, degeneração, desintegração. A criação só se realiza quando a mente, com seus motivos e sua corrupção, deixa de funcionar; e fazer a mente terminar não é tarefa difícil, nem é, tampouco, a última tarefa que deveis empreender. Pelo contrário, é a tarefa imediata. Nossas vidas estão no presente, com suas misérias, sua confusão, suas aflições e lutas, a crescerem extraordinàriamente. Assim, a única coisa necessária é que a mente, que é pensamento, cesse de funcionar; e então, asseguro-vos, conhecereis a criação. Só há criação quando a mente, compreendendo sua própria insuficiência, sua própria pobreza, sua própria solidão, finda. Estando cônscia de si mesma, ela põe fim a si própria; então, aquilo que é criador, aquilo que é imensurável, aparece, sutil e velozmente. Para pôr fim ao processo do pensamento, precisamos estar passivamente cônscios de nossa própria insuficiência, nossa própria pobreza, nosso próprio vazio, sem lutar contra êle; só então surge aquela coisa que não é produto da mente; e o que não é produto da mente é criação.

PERGUNTA: Dizeis todos os dias que a causa fundamental de nossa tribulação e da fealdade de nossa vida é a ausência do amor. Como achar a pérola do amor verdadeiro?

KRISHNAMURTI: Para responder a esta pergunta de maneira completa, temos de pensar negativamente, porque o pensar negativo é a forma mais alta do pensar. O mero pensar positivo significa ajustamento a um padrão, e portanto não é pensar — é adaptação a uma idéia, e tôda idéia é apenas produto da mente e, por conseguinte, irreal. Assim, para examinarmos êste problema de maneira completa, integral, temos de aplicar-nos a êle negativamente — o que não significa negação da vida. Não salteis a conclusões, tende a bondade de acompanhar-me passo a passo. Se seguirdes esta "experiência", profundamente e não apenas verbalmente, então, no correr desta nossa investigação, descobrireis o que é o amor. Vamos investigar o que é o amor. Simples conclusões não são amor; a palavra "amor" não é amor. Comecemos bem perto de nós, para chegarmos muito longe. Ora, vós chamais amor, quando nas relações com vossa espôsa existe a posse, o ciúme, o temor, recriminação constante, opressão e imposição. Pode chamar-se amor, isso? Quando possuís uma pessoa, e criais, dêsse modo, uma sociedade que vos ajuda a possuí-la, chamais isso amor? Quando usais alguém para vossa conveniência sexual, ou em qualquer outro sentido, chamais isso amor? Isso, evidentemente, não é amor. Isto é, quando existe ciúme não existe amor, onde existe posse não existe o amor. Podeis chamá-lo amor, mas não é amor. O amor, certamente, não admite discórdia ou ciúme. Quando possuís, há sempre temor; e ainda que o chameis amor, está isso muito longe do amor. "Experimentai", senhores e senhoras, enquanto vamos prosseguindo. Sois casados e tendes filhos, tendes espôsas ou maridos, que possuís, de quem vos utilizais, de quem tendes mêdo ou ciúme. Ficai bem cônscios disso, e vêde se é amor. Vêdes por acaso um mendigo na rua, dais-lhe uma moeda e expressais uma palavra de comiseração. Isso é amor? Comiseração é amor? Que significa isso? Pelo

fato de dar uma moeda ao mendigo, de manifestardes comiseração pelo seu estado, resolvestes o problema? Não estou dizendo que não devais ser compassivos — nós estamos investigando a questão do amor. É amor dar uma moeda a um mendigo? Tendes algo para dar, e quando o dais, isso é amor? Isto é, quando estais cônscios da ação de dar, isso é amor? É bem evidente que quando dais cônsciamente, vós é que sois importante, e não o mendigo. Assim, quando dais e manifestais comiseração, sois muito importante, não é verdade? Por que é que tendes algo para dar? Vós dais uma moeda ao mendigo; o multimilionário também dá, e tem sempre muita comiseração pela pobre humanidade. Qual a diferença entre vós e êle? Tendes dez moedas e dais uma; êle tem moedas sem conta, e dá umas poucas mais. Seu dinheiro, êle o juntou com o adquirir, multiplicar, revolucionar, explorar. Quando êle o dá, chamais isso caridade, filantropia; dizeis "como é nobre!" Isso é nobre? (risos). Não riais, senhores, porque também desejais fazer a mesma coisa. Quando tendes, e dais um pouco, isso é amor? Por que é que vós tendes e outros não têm? Dizeis que é por culpa da sociedade. Mas quem criou a sociedade? Vós e eu. Por conseguinte, para atacar a sociedade, precisamos começar por nós mesmos.

Vossa comiseração, pois, não é amor. E é amor o perdão? Vamos examinar bem esta questão, para verdes. Espero que estejais "experimentando", ao mesmo tempo que vou falando, e não apenas escutando as minhas palavras. O perdão é amor? Que está implicado no perdão? Vós me insultais e eu fico ressentido e guardo isso na lembrança; depois, ou por motivo de fôrça maior ou por arrependimento, eu digo "perdôo-vos". Primeiro guardo, e depois rejeito. Que significa isso? Sou eu ainda a figura central. Eu é que sou importante, sou eu que estou perdoando a alguém. Por certo, enquanto houver a ati-

tude de perdoar, sou eu que sou importante, e não o homem que, supostamente, me insultou. Assim, quando acumulo ressentimento e depois rejeito êsse ressentimento — o que chamais perdoar — isso não é amor. Um homem que ama não guarda inimizade, sendo indiferente a tôdas essas coisas. Assim, a comiseração, o perdão, o ciúme e o temor — nada disso é amor. São todos coisas da mente, não é verdade? Enquanto a mente é o árbitro, não há amor; porque a mente só arbitra segundo o interêsse de posse, e a sua arbitragem representa sempre o interêsse de posse sob formas diversas. A mente só pode corromper o amor, não pode dar a beleza. Podeis escrever um poema a respeito do amor, mas isso não é amor. A mente, pois, é o produto do tempo, e o tempo existe quando se nega o amor; o amor, por conseguinte, não pertence ao tempo. O amor não é moeda para se distribuir. Dar alguma coisa, dar satisfação, dar coragem para lutar — tudo isso pertence à esfera do tempo, que é coisa da mente. A mente, por conseguinte, destrói o amor. É porque nós, os ditos civilizados, cultivamos o intelecto, a expressão verbal, a técnica, que não existe o amor; e é porque existe esta confusão, que se multiplicam as nossas tribulações e os nossos infortúnios. É porque estamos procurando uma solução pela mente, que não encontramos solução para nenhum dos nossos problemas, que as guerras se sucedem umas às outras e temos catástrofes e mais catástrofes. A mente criou êsses problemas e procuramos resolvê-los no seu nível especial, que é o nível da mente. Portanto, é só quando a mente cessa que há o amor; e é só o amor que resolverá todos os nossos problemas, como o sol dissipa a escuridão. Não há relação alguma entre a mente e o amor. A mente é do tempo, o amor não é do tempo. Podeis pensar numa pessoa que amais, mas não podeis pensar no amor. O amor não pode ser pensado; embora possais identificar-vos com uma pessoa, com um país, uma

igreja, no momento em que pensais no amor, o que pensais não é amor, é mero produto da mente. O que é susceptível de pensar-se não é amor; e há vazio no coração, sempre que a mente está sumamente ativa. Estando ativa, a mente enche o coração com as coisas que produz; e com essas coisas da mente nós nos entretemos, criando problemas. Êsse entreter-se com problemas é o que chamamos atividade, e as nossas soluções para os problemas são sempre da mente. Podeis fazer o que quiserdes, construir igrejas, inventar novos partidos, seguir chefes novos, adotar lemas políticos, mas essas coisas nunca resolverão os nossos problemas. Os problemas são produtos da mente, e para que a mente possa resolver o seu próprio problema, tem ela de cessar; porque só quando a mente cessa há amor. O amor não é susceptível de pensar-se, não pode ser cultivado, não pode ser praticado. A prática do amor, a prática da fraternidade, está sempre no terreno da mente, e por conseguinte não é amor. Quando tudo isso tiver cessado, virá então o amor, sabereis então o que é amar. O amor, então, não é quantitativo, mas qualitativo. Não dizeis "amo o mundo inteiro"; mas, quando souberdes amar a um, sabereis amar a todos. Porque não sabemos amar a um só, o nosso amor à humanidade é fictício. Quando amais, não há um só nem muitos: só há amor. É só quando há amor que todos os nossos problemas podem ser resolvidos, e conheceremos, então, as suas bênçãos e a sua felicidade.

17 de outubro de 1948.

I

CONFERÊNCIA REALIZADA EM NOVA DÉLI

Ação é relação, e não podemos viver ou existir sem ação. Parece que a ação produz constante atrito, constante desarmonia e ansiedade; e, desgraçadamente, vemos que tôda ação organizada, no mundo, tem levado a uma série de desastres. No mundo que nos circunda, vemos confusão, sofrimento e desejos em conflito; e, percebendo claramente êsse caos mundial, a maioria das pessoas sensatas e sinceras — não os que se fazem passar por tais, mas os que sentem um interêsse real — compreenderão, naturalmente, a importância de se pensar a fundo no problema da ação. Há ação de massa e ação individual, e a ação de massa se tornou uma abstração, uma fuga muito conveniente, para o indivíduo. Pensando que êsse caos, êsse sofrimento, essa calamidade que surge constantemente pode de alguma maneira ser transformada ou remediada pela ação em massa, torna-se o indivíduo irresponsável. A massa, sem dúvida, é uma entidade fictícia; a massa sois vós e eu. Só quando vós e eu não compreendemos as relações promovidas pela ação correta nos voltamos para a abstração que se chama "a massa" — e nos tornamos, assim, irresponsáveis em nossa ação. Quando desejamos reformar a ação, apelamos ou para um guia, ou para a ação organizada, coletiva, o que, mais uma vez, é ação de massa. Quando recorremos a um chefe, para que nos oriente a ação, escolhemos invariàvelmente uma pessoa

que pensamos nos ajudará a nos libertarmos de nossos problemas e sofrimentos. Mas, visto que escolhemos um guia por causa de nossa confusão, êsse guia também é confuso. Não escolhemos um guia diferente de nós mesmos; não podemos fazê-lo. Só podemos escolher um guia que, como nós, esteja confuso; por conseguinte, êsses guias, êsses chefes e "*gurus* espirituais", como costumamos chamá-los, nos levam sempre a mais confusão e mais sofrimento. Visto que nossa escolha é necessàriamente um efeito da nossa própria confusão, quando escolhemos um guia, estamos seguindo a nossa própria e confusa autoprojeção. Em tais condições, a ação, ainda que produza um resultado imediato, conduz invariàvelmente a novos desastres.

Vemos, pois, que a ação de massa, conquanto em certos casos possa ser proveitosa, conduz forçosamente ao desastre, à confusão, e à irresponsabilidade por parte do indivíduo; e a submissão a um guia aumenta, inevitàvelmente, a confusão. E, contudo, precisamos viver. Viver é agir; ser é estar em relação. Não existe ação sem relação, e não podemos viver no isolamento. O isolamento não existe. A vida é agir e estar em relação. Nessas condições, para compreendermos a ação que não cria maior sofrimento, maior confusão, temos de compreender a nós mesmos, com tôdas as nossas contradições, nossos elementos contrários, nossas múltiplas facêtas, que estão em constante batalha umas com as outras. Enquanto não nos compreendermos a nós mesmos, a ação, inevitàvelmente, conduzirá a mais conflito e mais sofrimentos. Nosso problema, por conseguinte, é o de agir com compreensão; e essa compreensão só pode vir com o autoconhecimento. O mundo, afinal de contas, é a projeção de mim mesmo. O que eu sou o mundo é; o mundo não é diferente de

mim, o mundo não está oposto a mim. O mundo e eu não somos entidades separadas. A sociedade sou eu mesmo; não há dois processos diferentes. O mundo é a extensão de mim mesmo. O indivíduo não está em oposição à massa, à sociedade, porque a sociedade é o indivíduo. A sociedade são as relações entre vós e eu e outro. Só há oposição entre o indivíduo e a sociedade, quando o indivíduo se torna irresponsável. Nosso problema é muito importante. Uma crise extraordinária se apresenta a cada país, cada pessoa, cada grupo. Que relação temos, vós e eu, com essa crise, e como devemos agir? Onde começar, a fim de operarmos uma transformação? Como disse, se confiamos na massa, não encontraremos saída, porque a massa supõe um guia; a massa é sempre explorada pelo político, pelo sacerdote, e pelo especialista. E visto que vós e eu constituímos a massa, temos de assumir a responsabilidade de nossa própria ação, isto é, temos de compreender a nossa própria natureza, temos de compreender a nós mesmos; porque o compreender a si mesmo não significa retirar-se do mundo; porque o retirar-se implica isolamento, e não se pode viver no isolamento. Por conseguinte, cumpre-nos compreender a ação nas relações, e essa compreensão depende do conhecimento de nossa natureza, cheia de conflitos e contradições. Julgo insensatez conceber um estado em que haja paz e no qual possamos depositar nossas esperanças. Só haverá paz e tranqüilidade, quando compreendermos a natureza de nós mesmos, e não pressupondo um estado que desconhecemos. Pode haver um estado de paz, mas de nada vale apenas especular a êsse respeito.

Assim, para se agir corretamente, é necessário o pensar correto; para se pensar corretamente, necessita-se o autoconhecimento; e o autoconhecimento só pode nascer nas relações, e não no isolamento. O pensar correto só po-

de vir com a compreensão de nós mesmos, da qual resulta a ação correta. A ação correta, portanto, é aquela que resulta da compreensão de nós próprios; não de uma única parte de nós mesmos, mas de todo o conteúdo de nós mesmos, de nossas naturezas contraditórias, de tudo o que somos. Quando nos compreendemos a nós mesmos, há ação correta, e dessa ação vem a felicidade. Afinal de contas, o que todos desejamos é a felicidade; é ela que a maioria de nós está procurando, por várias maneiras, servindo-nos de várias vias de fuga: atividades sociais, atividades burocráticas, divertimentos, devoção e repetição de certas frases, sexo, etc. etc. Reconhecemos, entretanto, que essas fugas não proporcionam felicidade permanente, trazendo apenas um alívio temporário. Fundamentalmente, nada existe, nelas, de verdadeiro, nenhum deleite duradouro; e eu creio que encontraremos êsse deleite, êsse êxtase, a alegria genuína da criação, no dia em que nos compreendermos a nós próprios. Essa compreensão de nós mesmos não é fácil, exige certa vigilância, certa lucidez. Essa vigilância, essa lucidez, só podem apresentar-se quando não condenamos, quando não justificamos; porque, no momento em que há condenação ou justificação, põe-se têrmo ao processo da compreensão. Quando condenamos alguém, deixamos de compreender a pessoa; e quando nos identificamos com ela, também deixamos de compreendê-la. O mesmo acontece com relação a nós mesmos. O observardes, o estardes passivamente cônscios do que sois, é dificílimo; mas dêsse percebimento passivo vem uma compreensão, uma transformação do que *é*, e é só essa transformação que abre a porta da realidade.

Nosso problema, portanto, é a ação, a compreensão e a felicidade. Sem me conhecer a mim mesmo, não tenho base para o pensamento: só posso viver num estado de contradição, como de fato vive a maioria de nós. Para

operar uma transformação no mundo, que é o mundo das minhas relações, tenho de começar em mim mesmo. Podeis dizer: "O operar uma transformação no mundo, por essa maneira, levará um tempo infinito." Se estamos procurando resultados imediatos, teremos naturalmente de pensar que levará muito tempo. Os políticos prometem resultados imediatos; creio, porém, que para o homem que busca a verdade não há resultado imediato. É a verdade que transforma, e não a ação imediata; só o descobrimento da verdade, por cada um de nós, fará nascer a felicidade e a paz no mundo. Viver no mundo sem ser do mundo, — eis o nosso problema, e êsse problema requer sincera aplicação; não podemos retrair-nos do mundo, não podemos renunciar a êle: temos de nos compreender a nós mesmos. A compreensão de si mesmo é o comêço da sabedoria. Compreender-se a si mesmo é compreender o indivíduo, as suas relações com as coisas, pessoas e idéias. Enquanto não compreendermos o inteiro significado e importância de nossas relações com as coisas, as pessoas e as idéias, a ação, que é relação, inevitàvelmente trará conflito e luta. Assim, um homem que tem sincero empenho, deve começar consigo mesmo, deve estar passivamente cônscio de todos os seus pensamentos, sentimentos e ações. Isso também não depende do tempo. O autoconhecimento não tem fim. O autoconhecimento nasce a cada momento, havendo, por conseguinte, uma felicidade criadora em cada minuto.

Estamos todos nós muito interessados na ação correta, na paz e na felicidade, mas essas coisas só podem vir com a compreensão de nossas complexas naturezas. Essa compreensão não oferece grande dificuldade, mas requer um certo empenho, uma certa flexibilidade da mente. Quando há um constante percebimento passivo de nosso falar, de nossos pensamentos e sentimentos, sem

condenação ou justificação, êsse mesmo percebimento traz a sua ação própria e, por conseguinte, a transformação que êle próprio produz, a qual não é resultado dos nossos esforços para nos transformarmos. Mas, para que essa verdade exista, torna-se necessária uma qualidade de receptividade isenta de exigência, de temor, de desejo; e isso só pode acontecer quando há percebimento passivo.

Discutiremos todos êsses tópicos nestas próximas semanas; agora vou responder a algumas perguntas. Para que se tenha uma resposta correta, a pergunta tem de ser correta. Qualquer pessoa pode fazer uma pergunta. Mas para acharmos a resposta a uma pergunta, temos de estudar o próprio problema, e não a resposta, uma vez que a resposta está contida no problema. Há uma arte de examinar um problema, para compreendê-lo. Assim, quando eu estiver examinando vossas perguntas, não espereis resposta alguma; porque vós e eu, juntos, vamos pensar a fundo no problema e descobrir a solução no próprio problema. Mas, se apenas esperardes uma resposta, creio que ficareis desapontados. A vida não tem nem "sim" nem "não" categóricos, embora gostássemos que assim fôsse. A vida é mais complexa do que isso, mais sutil: para acharmos a resposta, temos de estudar o problema, o que significa que devemos ter a paciência e a inteligência necessárias para examiná-lo.

PERGUNTA: Qual o lugar da religião organizada na sociedade moderna?

KRISHNAMURTI: Averigüemos o que se entende por religião e o que se entende por sociedade moderna. Que entendemos por religião? Que significa religião, para vós? Significa, não é verdade? — um conjun-

to de crenças, ritos, dogmas, muitas superstições, *puja*, repetição de palavras, esperanças vagas e irrealizadas, frustradas, a leitura de certos livros, seguimento dos *gurus*, visitas ocasionais ao templo, etc. Tudo isso, sem dúvida, é religião para a maior parte do nosso povo. Mas é isso religião? Religião é costume, hábito, tradição? Sem dúvida, a religião é algo que está muito acima de tudo isso, não é exato? A religião implica a busca da realidade, e nada tem que ver com a crença organizada, os templos, os dogmas, os ritos; e, no entanto, o nosso pensar, a estrutura mesma do nosso ser está tôda entranhada de crenças, superstições, etc. Por conseqüência, é bem evidente que o homem moderno não é religioso; a sua sociedade, por conseguinte, não é uma sociedade sã, bem equilibrada. Podemos seguir certas doutrinas, venerar certas imagens, ou criar uma nova religião do Estado; mas, evidentemente, nada disso é religião. Eu disse que religião é a busca da realidade; mas essa realidade é desconhecida, não é a realidade dos livros, não é a experiência alheia. Para acharmos essa realidade, descobri-la, chamá-la a nós, tem de cessar o conhecido. Tôdas as tradições e crenças devem ser examinadas, e, depois de compreendido o seu significado, abandonadas. Para tal se conseguir, nenhum valor tem a repetição de ritos. Assim, evidentemente, o homem que é religioso não pertence a religião alguma, a nenhuma organização; não é nem hinduísta, nem muçulmano, não pertence a classe alguma.

Agora, que é o mundo moderno? O mundo moderno é constituído de técnica e eficiência nas organizações de massas. Nota-se extraordinário progresso técnico e defeituosa distribuição das necessidades das massas; os meios de produção se acham nas mãos de uns poucos, há choques de nacionalidades, guerras constantes, provocadas pelos governos soberanos, etc. Êsse é o mundo moderno, não

é verdade? Temos progresso técnico, sem um progresso psicológico equivalente, e por êsse motivo há um estado de desequilíbrio; têm-se realizado extraordinárias conquistas científicas, e no entanto continua a existir o sofrimento humano, continuam a existir corações vazios e mentes vazias. A maioria das técnicas que aprendemos se relacionam com a construção de aeroplanos, com os meios de nos matarmos uns aos outros, etc. Tal é o mundo moderno, que sois vós mesmo. O mundo não é diferente de vós. Vosso mundo, que sois vós mesmo, é um mundo do intelecto cultivado e do coração vazio. Se perscrutardes a vós mesmos, vereis que sois um autêntico produto da moderna civilização. Aprendestes a pôr em prática algumas habilidades — habilidades técnicas, habilidades físicas — mas não sois entes humanos criadores. Gerais filhos, mas isso não é ser criador. Para ter a capacidade de criar, necessita o indivíduo de uma extraordinária riqueza interior, e essa riqueza só poderá vir quando compreendermos a verdade, quando formos capazes de receber a verdade.

Assim, a religião organizada e o mundo moderno vão de mãos dadas — uma e outro cultivam o coração vazio, e êsse é o aspecto desgraçado da nossa existência. Somos superficiais, mas intelectualmente brilhantes, capazes de grandes invenções, de produzir os mais destruidores meios de nos liquidarmos mùtuamente, e de criar desarmonia cada vez maior entre nós. Mas não sabemos o que significa amar, não temos nenhuma canção em nossos corações. Tocamos gramofone, ouvimos o rádio; mas não cantamos porque nossos corações estão vazios. Criamos um mundo totalmente confuso, infeliz, e nossas relações são frágeis, superficiais. Sim, a religião organizada e o mundo moderno andam de mãos dadas, porque ambos conduzem à confusão; e essa confusão da religião organizada e do mundo moderno é produto de nós mesmos. É a expressão,

a projeção de nós mesmos. Não pode ocorrer nenhuma transformação no mundo exterior, se não houver uma transformação no íntimo de cada um de nós; a realização dessa transformação não constitui um problema cuja solução dependa dos especialistas, dos guias ou sacerdotes. É um problema que nos compete resolver, a cada um de nós. Se o transferimos a outrem, tornamo-nos irresponsáveis, — é por isso que estão vazios os nossos corações. Um coração vazio, mais uma mente técnica, não faz um ente humano criador; e como perdemos aquêle estado criador, produzimos um mundo extremamente desditoso, talado por guerras, dilacerado por distinções de classes e de raças. Cabe-nos, pois, a responsabilidade de operar uma transformação radical em nós mesmos.

PERGUNTA: Vivo em conflito e torturado pelo sofrimento. Há milhares de anos que nos dizem quais são as causas do sofrimento e a maneira de extinguí-lo. E, todavia, achamo-nos na situação em que hoje estamos. É possível pôr têrmo a êste sofrimento?

KRISHNAMURTI: Eu gostaria de saber quantos de nós temos consciência de estar sofrendo. Estais cônscios, não teòricamente, mas de fato, de que estais em conflito? Se estais, que fazeis? Procurais escapar, não é verdade? No momento em que temos consciência do conflito e do sofrimento, procuramos esquecê-los, com ocupações intelectuais, com o trabalho, ou buscando divertimentos, prazeres. Procuramos sempre um meio de fugir ao sofrimento; e todos os meios de fuga, cultos ou incultos, são a mesma coisa, não é verdade? Que entendemos por conflito? Em que momento tendes consciência

de que estais em conflito? O conflito, sem dúvida, surge quando há a consciência do "eu". Só há percebimento do conflito no momento em que o "eu", subitamente, se torna cônscio de si mesmo; quando não, levais uma vida monótona, superficial, estúpida, rotineira, não é verdade? Só tendes consciência de vós mesmo quando há conflito, e enquanto tudo corre suavemente, sem contradição, sem frustração, não há nenhuma consciência de vós mesmo, na ação. Enquanto não sou contrariado, enquanto obtenho o que desejo, não estou em conflito; mas, no momento em que me vejo barrado, torno-me cônscio de mim mesmo e me sinto infeliz. Por outras palavras, o conflito surge só quando tenho o sentimento de "mim mesmo", frente a uma frustração, na ação. Nessas condições, que desejamos nós? Desejamos uma ação que constitua um preenchimento constante de nosso "eu", inteiramente livre de frustração; isto é, queremos viver sem encontrar obstáculos. Por outras palavras, queremos ver realizados os nossos desejos; e se não são preenchidos êsses desejos, há conflito, há contradição. Nosso problema, pois, é de como conseguir o autopreenhimento, sem esbarrarmos com obstáculos. Desejo possuir alguma coisa — haveres, uma pessoa, um título, qualquer coisa, enfim — e se a obtenho e continuo a obter sempre o que desejo, sinto-me então feliz, não há contradição alguma. O que buscamos, pois, é o preenchimento do "eu", e enquanto conseguimos êsse preenchimento não há conflito algum.

Pois bem, a questão é se existe deveras o preenchimento. Isto é, posso eu alcançar um objetivo, tornar-me alguma coisa, realizar algo? E, nesse desejo, não há uma batalha constante? Isto é, enquanto tenho a ânsia de me tornar alguma coisa, de realizar algo, para me preencher, tem de haver frustração, tem de haver temor, tem de haver conflito; assim, existe, de fato, preenchimento? Que é preenchimento? Preenchimento é expansão do "eu":

é tornar-*me* mais amplo, maior, mais importante, tornar-*me* patrão, diretor, gerente de banco, etc. Pois bem, se penetrardes um pouco mais nesta questão, vereis que enquanto existir esta ação do "eu", isto é, enquanto houver consciência individual, na ação, tem de haver frustração e, logo, tem de haver sofrimento. Nosso problema, pois, não é o de como dominar o sofrimento, de como afastar o conflito, mas, sim, o de compreender a natureza do "eu". Espero não estar complicando demais o assunto. Se apenas tentamos dominar o conflito, afastar o sofrimento, não compreendemos a natureza do criador do sofrimento.

Enquanto o pensamento estiver todo interessado na sua própria melhoria, sua própria transformação, seu próprio progresso, tem de haver conflito e contradição. Voltamos, assim, ao fato evidente de que o conflito, o sofrimento, existirão enquanto eu não me compreender a mim mesmo. Compreender-se a si mesmo, por conseguinte, é mais importante do que saber a maneira de dominar o sofrimento e o conflito. Podemos investigar tudo isso mais amplamente noutra ocasião. Mas fugir ao sofrimento com a ajuda de ritos, de divertimentos, de crenças, ou de qualquer outra forma de distração, é distanciar o pensamento cada vez mais do interêsse central, que é o compreender-se a si mesmo. Para se compreender o sofrimento, têm de cessar tôdas as fugas, porque só então estamos aptos a olhar-nos de frente, na ação; compreendendo-vos a vós mesmos, na ação, que é relação, encontrareis uma maneira de libertar o pensamento, completamente, de todo conflito e de viver num estado de felicidade, de realidade.

PERGUNTA: Vivemos, mas não sabemos porque. Para muitos de nós, a vida não tem significação alguma. Podeis dizer-nos qual é o significado e a finalidade do nosso viver?

KRISHNAMURTI: Ora, porque fazeis esta pergunta? Porque me pedis que vos diga qual é o significado da vida, a finalidade da vida? Que entendemos por "vida"? A vida tem algum significado, alguma finalidade? O viver não é, em si, a sua própria finalidade, a sua própria significação? Por que desejamos mais? Porque estamos tão insatisfeitos com a nossa vida, porque ela é tão vazia, tão frívola, tão monótona — fazer a mesma coisa sempre e sempre — desejamos algo mais, algo superior àquilo que costumamos fazer. Visto que a nossa vida de cada dia é tão vazia e monótona, tão sem significação e tediosa, tão intoleràvelmente estúpida, dizemos que a vida deve ter um significado mais completo; e é por isso que fazeis esta pergunta. Positivamente, senhor, o homem que está vivendo com plenitude, um homem que vê as coisas como são, está satisfeito com o que tem, não está confuso; está lúcido e, por conseguinte, não pergunta qual é a finalidade da vida. Para êle, o próprio viver é o comêço e o fim. Nossa dificuldade, pois, é que, sendo nossa vida vazia como é, queremos encontrar uma finalidade para a vida, e lutamos por alcançá-la. Uma tal finalidade da vida não passa de mero produto intelectual, inteiramente irreal; quando a finalidade da vida é demandada por uma mente estúpida e embotada, essa finalidade há de ser também vazia. O nosso problema, por conseguinte, é o de como tornarmos rica a nossa vida, não de dinheiro, etc., mas interiormente rica, o que não constitui nenhum segrêdo de ocultismo. Quando dizeis que a finalidade da vida é ser feliz, que a finalidade da vida é achar Deus, não há dúvida de que êsse desejo de achar Deus representa uma fuga da vida, e o vosso Deus não passa de uma coisa conhecida. Só podeis encaminhar-vos para um objeto que já conheceis; e se construís uma escadaria para a coisa que chamais Deus, essa coisa, por certo, não

é Deus. A realidade só pode ser compreendida no viver, e não no fugir. Quando buscais uma finalidade da vida, estais na verdade fugindo, e não compreendendo o que é a vida. A vida é relação, a vida é ação em relação; e quando não compreendo as relações, ou quando elas são confusas, procuro então um significado mais completo. Por que são tão vazias as nossas vidas? Por que somos tão solitários, tão frustrados? Porque nunca nos perscrutamos, para nos compreendermos a nós mesmos. Nunca admitimos para nós mesmos que esta vida é tudo o que conhecemos e que ela deve, portanto, ser compreendida plena e completamente. Preferimos fugir de nós mesmos, e é por isso que procuramos uma finalidade da vida longe das relações. Mas, se começarmos a compreender a ação, que é a nossa relação com pessoas, com a propriedade, com crenças e idéias, veremos, então, que as relações trazem consigo a sua própria recompensa. Não há necessidade de procurar. É como se quiséssemos procurar o amor. Pode-se encontrar o amor, procurando-o? O amor não pode ser cultivado. Só encontrareis o amor nas relações, e não fora das relações; e é porque não temos amor, que desejamos uma finalidade da vida. Quando existe o amor, que é a sua própria eternidade. não há então a busca de Deus, porque o amor é Deus.

É porque as nossas vidas estão cheias de noções técnicas e murmurações supersticiosas, que elas são tão vazias, que procuramos então uma finalidade fora de nós mesmos. Para acharmos a finalidade da vida temos de passar pela porta de nós mesmos; mas, consciente ou inconscientemente, evitamos as coisas como são em si, e por isso desejamos que Deus nos abra uma porta que está além. Esta pergunta sôbre a finalidade da vida só pode ser feita por aquêle que não ama, e o amor só pode ser encontrado na ação, que é relação.

PERGUNTA: A única coisa que dá entusiasmo pela vida é o desejo de realizar algo proveitoso. Dizeis que êsse é um passo falso? Se se nos tira êsse incentivo para o trabalho, que resta?

KRISHNAMURTI: Senhor, porque precisamos de um incentivo para trabalhar, porque precisamos de um incentivo para qualquer coisa que seja? Que entendemos por "incentivo"? Desejamos uma recompensa para a nossa ação, não é verdade? Pode ser que não queiramos dinheiro, que não queiramos uma recompensa objetiva, mas, nesse caso, desejamos uma recompensa psicológica, um incentivo psicológico para o que fazemos. É por isso que procuramos um *guru*. É o incentivo que nos faz agir, pois, do contrário, psicològicamente, não viveríamos. Isto é, psicològicamente, interiormente, queremos recompensas — recompensa para a nossa busca, recompensa para o nosso pensar, recompensa para o nosso sentir. Êste é um fato, não é verdade? E qual é a recompensa que desejamos? Ela é, indubitàvelmente, a satisfação. Enquanto pudermos encontrar satisfação psicológica, faremos alguma coisa. Assim, o que procuramos é a satisfação constante; e quando ela nos é negada, sentimo-nos frustrados.

Ora, existe satisfação, existe satisfação permanente? Ou só há satisfação temporária, que inevitàvelmente produz conflito e sofrimento? Cabe-nos, pois, descobrir, por nós mesmos, se existe satisfação permanente. Pode ser que ponhamos de parte as satisfações òbviamente temporárias, vendo que geram infortúnios, frustrações, ânsias, temor, etc.; mas pensamos poder achar uma satisfação duradoura, permanente, a que chamamos verdade, Deus, e desejamos trabalhar para alcançá-la; mas existe satisfação que seja permanente? Isto é, existe segurança psicológica permanente? Inventastes a segurança psicológica

permanente, representada por Deus, por um viver contínuo após a morte, etc. Mas existe tal satisfação, tal segurança completa? Ou o fato é que a mente, não sabendo o que está no futuro — visto que o futuro é incerto — "projeta" sua própria criação, como uma certeza? Isto é, a mente se move do conhecido para o conhecido; não pode ela mover-se para o desconhecido, e por conseguinte deseja uma garantia sôbre o conhecido que virá depois; e quando êste conhecido é pôsto em dúvida, tornamo-nos ansiosos. Assim, conquanto seja necessária a segurança física, não existe segurança psicológica permanente. E no momento em que tendes essa segurança, que é projetada por vós mesmos, vos tornais indolentes, satisfeitos e estacionários. Mas, quando não há segurança alguma, tendes então necessidade de uma mente que esteja vivendo momento por momento, vivendo, portanto, na incerteza; e a mente que é incerta, a mente que não sabe, que não busca a satisfação, essa mente é criadora. Êsse "estado de ser", de criação, surge só quando a mente está em completo silêncio, quando não está à procura de uma recompensa. Há então a paz permanente; e porque não sabemos como se chega a êsse estado, buscamos a satisfação e a conservamos, e essa satisfação se torna o incentivo para a nossa ação. Mas a satisfação, por mais requintada, acarreta infinito temor, ânsia, dúvida, violência, e tudo o mais. Mas, se a mente se compreende a si mesma e descobre aquêle estado em que há felicidade completa, há então criação; e essa criação é, ela própria, a finalidade total de tôda a existência.

14 de novembro de 1948.

II

CONFERÊNCIA REALIZADA EM NOVA DÉLI

Em continuação do que estávamos dizendo no domingo passado, parece-me importante compreender que o conflito, de qualquer espécie, não produz o pensar criador. Enquanto não compreendermos o conflito e a natureza do conflito, e não compreendermos aquilo com que entramos em conflito, o mero lutar com um problema, com uma determinada tradição ou ambiente, é de todo fútil. Assim como tôdas as guerras produzem deterioração e trazem inevitàvelmente novas guerras, novos sofrimentos, assim também o lutar contra o conflito leva a uma confusão maior ainda. Logo, o nosso conflito interior, projetado no exterior, gera confusão no mundo. Importa, pois, não é verdade? — que se compreenda o conflito, que se perceba que o conflito, de qualquer espécie, não produz o pensar criador, não produz entes humanos bem equilibrados. Entretanto, tôda a nossa vida é consumida na luta, e pensamos que essa luta é uma parte necessária da existência. Há conflito dentro de nós e com o ambiente, entendido o ambiente como sendo a sociedade, e esta como sendo nossas relações com pessoas, coisas e idéias. É considerada inevitável a luta, e pensamos que ela é essen-

cial ao processo da existência. Ora, é exato isso? Existe alguma maneira de viver que exclua a luta, em que haja a possibilidade de compreensão, sem o habitual conflito? Não sei se já notastes uma coisa: quanto mais lutamos com um problema psicológico, tanto mais confusos, tanto mais embaraçados ficamos; só depois de cessar a luta, de cessar todo o processo do pensamento, vem a compreensão. Temos, pois, de investigar se o conflito é essencial, e se o conflito é produtivo.

Pois bem; estamos falando acêrca do conflito em nós mesmos e com o ambiente. O ambiente é o que somos, em nós mesmos. Vós e o ambiente não sois dois processos distintos; vós sois o ambiente, e o ambiente é o que sois — e isso é um fato óbvio. Nasceis no meio de um determinado grupo de indivíduos, na Índia, na América, na Rússia ou na Inglaterra, e êsse mesmo ambiente, com suas influências de clima, tradição, seus costumes sociais e religiosos, vos cria — e *sois* êsse ambiente. Para se descobrir se existe algo mais do que o simples resultado do ambiente, tendes de estar livre do ambiente, livre do seu condicionamento. Isso é bem óbvio, não é verdade? Se vos examinardes atentamente a vós mesmos, vereis que, tendo nascido neste país, vós sois, climàticamente, socialmente, religiosa e econômicamente, seu produto ou resultado. Isto é, estais condicionados, e para averiguardes se há algo mais, algo maior do que o mero resultado de uma condição, tendes de ficar livre dessa condição. Se, estando condicionado, ficais apenas a indagar se existe algo mais, algo maior do que o mero produto do ambiente, isso não tem valor. É bem evidente que precisamos ficar livres da condição, do ambiente, porque só então é-nos possível averiguar se existe algo mais. Afirmar que existe ou que não existe algo mais é sem dúvida uma maneira errônea de pensar. Cumpre-nos descobrir e, para descobrir, temos de experimentar.

Assim, para compreendermos êsse ambiente e ficarmos livres dêle, dentro de nós, é necessário conhecermos não só tôdas as influências ocultas, armazenadas no inconsciente, mas também aquilo com que estamos em conflito. Como vemos, cada um de nós é o resultado do ambiente, não está separado do ambiente. Que é, pois, isso com que estamos em conflito? Que é isso que reage ao ambiente? Que coisa é essa que chamamos luta? Vivemos numa batalha constante — mas com quê? Estamos lutando com o ambiente; e, todavia, visto que fazemos parte do ambiente, nossa luta é apenas um processo que nos separa do ambiente. Por êsse motivo não há compreensão do ambiente, mas apenas conflito. Isto é, expressando-o diferentemente, quando há compreensão do ambiente, sem luta, não há consciência individual. Afinal de contas, só tendes a consciência de vossa pessoa, de vosso *eu*, quando há conflito. Se não há conflito, não tendes consciência de vós mesmos, na ação. Tendes consciência de vós mesmos, na acão, só quando tendes uma conclusão quando há frustração, quando desejais fazer alguma coisa, mas sois impedido. Quando desejais realizar algo e vos sentis barrados, há frustração, e só então há o percebimento do conflito, isto é, a consciência do "eu".

Pois bem, com o que é que estamos lutando? Com os nossos problemas, não é verdade? Quais são os problemas? Os problemas só surgem no estado de relação; êles não existem independentemente das relações. Assim, enquanto eu não me compreender a mim mesmo, em relação com o ambiente, que é as minhas relações com as coisas, com a propriedade, com as idéias e com os entes humanos, minha espôsa, meu vizinho, ou o grupo de que faço parte — enquanto eu não compreender minhas relações com o ambiente, é inevitável o conflito. O ambiente são as relações, vale dizer ação com referência a coisas, pessoas e

idéias. Enquanto eu não compreender as relações, tem de haver conflito, e êsse conflito me separa como uma entidade distinta do ambiente. Não sei se isso não está um pouco abstrato demais, porém, de qualquer maneira continuaremos a apreciar esta questão nas têrças-feiras, quintas e sábados. Julgo muito importante compreender êste ponto; porque, se pudermos compreender a significação do conflito, talvez nos apliquemos de maneira diferente ao problema.

Como vemos, não compreendemos o ambiente, sendo o ambiente as relações, em ação; e só existem relações entre vós e as coisas, as pessoas e as idéias. Visto que não compreendemos o ambiente, há conflito, isto é, há a consciência individual, a consciência do "eu", e por conseguinte um processo de separação entre nós e o ambiente. É êsse conflito que cria a separação; o indivíduo, como "eu", nasce do conflito, e êsse "eu" quer então realizar algo, positiva ou negativamente. Cria, assim, o conflito, inevitàvelmente, um processo de separação: o indivíduo como entidade separada do grupo, da comunidade, etc. Êsse processo de separação do "eu" acentua e intensifica mais ainda o conflito que observamos na vida de cada dia.

Pois bem, é possível viver sem conflito? Porque o conflito invariàvelmente intensifica o processo de separação, e, por isso, não há possibilidade de sairmos dêle. Só se encontra uma saída, quando cessa o conflito. É possível viver sem conflito? Para descobrirmos se é possível viver sem conflito, temos de compreender o que se entende por viver. Que entendemos por viver? Entendemos, por certo, o processo das relações, uma vez que não há viver no isolamento. Nada pode viver no isolamento. Por viver se entende, não é verdade? — o amplo processo das relações, das relações em ação. É possível compreender as relações, em vez de se criar um conflito por efeito das

relações? É possível haver relações sem conflito? Vêde bem a importância que isso tem, isto é, enquanto há conflito, não há pensar nem viver criador. O conflito só pode acentuar a separação e tornar-se, assim, mais forte ainda. É possível viver, estar em relação, sem conflito? Digo que é possível, mas só se compreenderdes as relações, e não resistindo a elas. Isto é, tenho de compreender as minhas relações psicológicas com as coisas, com as pessoas e com as idéias. É possível compreender êsse conflito, e é necessário o conflito, para a compreensão? Isto é, tenho de lutar com o problema, para compreender o problema? Ou existe alguma maneira diferente de nos aplicarmos a êle?

Digo que há uma maneira diferente de nos aplicarmos ao problema do conflito, a qual, vós mesmos, podeis experimentar, e que consiste em compreender o significado do conflito. Isto é, quando luto com um problema, um problema humano ou mesmo um problema abstrato de matemática ou física, a mente se mantém num estado de agìtação, de perturbação. Ora, a mente agitada, perturbada, é, por certo, incapaz de compreensão. Vem a compreensão quando a mente é "não-violenta", e não quando está em luta com um problema. Temos problemas relativos à propriedade, a pessoas e a idéias, e dêles tratarei nos domingos vindouros; mas a primeira coisa que se deve perceber, assim me parece, é que nenhuma espécie de conflito produz a compreensão correta. É só quando compreendo um problema que êle cessa, e para compreender um problema devo não apenas pensar nêle, mas ser também capaz de pô-lo de parte. Não sei se já notastes que, quando tendes um problema, lutais com êle qual um cão com um osso. Passais o dia inteiro pensando no problema, e no fim do dia vos achais exausto e o pondes de parte, dormis sôbre o problema; e, então, sùbitamente, achais a solução. Isso

acontece com a maioria das pessoas. Por que? Ora, é muito simples. A mente consciente, enquanto luta com o problema, é incapaz de o examinar de maneira completa, sem buscar a solução. A mente consciente quer uma solução para o problema; por conseguinte, o que a interessa não é o problema, mas a solução. A mente consciente não só deseja uma solução, mas também não quer investigar o próprio problema, na sua totalidade. Por conseguinte, a mente consciente está evitando o problema e buscando uma solução. Mas a solução está no problema e não fora dêle. É, portanto, necessária uma completa investigação do problema, sem se buscar uma solução, a fim de que a mente possa estar quieta, tranqüila. Tratarei de nôvo desta questão mais adiante, em conexão com as nossas relações com pessoas, com coisas e com idéias, para vermos se não podemos ficar livres dos nossos problemas imediatamente, sem passarmos pelo conflito, que só torna o problema mais confuso.

Vou agora responder às perguntas que me foram entregues. A repetição da verdade impede a compreensão da verdade, o que significa que a repetição da verdade é um empecilho. A verdade não pode ser repetida. Podeis ler um livro a respeito da verdade, mas a mera repetição de uma afirmativa, tirada dêsse livro, não é a verdade. A palavra "verdade" não é a verdade, a palavra não é a coisa. Achar a verdade é experimentá-la diretamente, independentemente da palavra. Assim, ao considerarmos estas perguntas, tenhamos presente no espírito que estamos fazendo uma viagem juntos, para descobrirmos juntos as coisas; não haverá assim o perigo de se estabelecer uma relação de discípulo e mestre. Não estais aqui como um expectador, para me verdes representar; estamos representando e, por conseguinte, nenhum de nós está explorando o outro.

PERGUNTA: Que é meditação, e como praticá-la?

KRISHNAMURTI: Como se trata de um problema de enorme importância e muito complexo, vamos examinar tôda a questão com o máximo cuidado. Antes de tudo, apliquemo-nos a ela negativamente; porque, pensar positivamente a respeito de uma coisa que não conhecemos é sustentar o problema, e não sabemos o que é meditação. Ensinaram-nos a maneira de meditar, a maneira de nos concentrarmos, o que devemos fazer e o que não devemos fazer, etc. etc.; mas isso não pode ser meditação. Temos, pois, de aplicar-nos negativamente ao problema da meditação, a fim de averiguarmos o que é. Aplicar-se positivamente a êsse problema, e dizer que a meditação é *isto* ou *aquilo* é evidentemente uma repetição, pois nos disseram o que é a meditação, e estamos apenas repetindo o que se nos disse. Isto, por conseguinte, não é meditação, é pura repetição. Não sei se estais entendendo o que quero dizer. Talvez se torne mais claro, à medida que prosseguirmos. Se pudermos ver o que a meditação não é, haverá então uma possibilidade de descobrirmos o que é a meditação. Sem dúvida, esta é que é a maneira de investigar, êste é que é o método racional. Vejamos, portanto.

Pois bem, concentração não é meditação. Vejamos o que isso significa. Concentração implica exclusão. Espero que estejais interessados em tudo isso, porque discutir um assunto com alguém que nêle não está interessado é um tanto penoso, tanto para mim, como para aquêles de vós que não estão interessados. Vou dizer-vos porque deveríeis estar interessados nesta questão: ela vos abre um vastíssimo campo da consciência humana. Sem compreender essa consciência, não tendes base para a ação. Para mim, ingressar em partidos, repetir "slogans", etc., nenhuma significação tem. Se compreendo êsse problema

da meditação, compreendo todo o problema do viver. A meditação não está separada do viver, como o demonstrarei mais adiante.

Disse eu que concentração não é meditação. Que entendemos por concentração? Não sei se já experimentastes concentrar-vos. Quando procurais concentrar-vos, que fazeis? Escolheis um interêsse dentre muitos outros e tentais focar a atenção nesse interêsse especial. Não é pròpriamente um interêsse real, mas pensais que deveis estar interessado nêle. Isto é, pensais que deveis meditar sôbre coisas superiores, e êsse é um interêsse dentre muitos outros. Preferis, assim, concentrar-vos nêle, excluindo todos os demais. É isso o que de fato sucede quando vos concentrais. Essa concentração, por conseguinte, é um processo de exclusão. Ora, que acontece quando estais tentando concentrar-vos num retrato, numa imagem, numa idéia? Que acontece? Outros pensamentos se insinuam e vós tentais afastá-los; e quanto mais os afastais, tanto mais êles se insinuam. Consumis, assim, o vosso tempo, no esfôrço de resistir e de desenvolver uma determinada idéia. Chama-se concentração êsse processo, êsse esfôrço de fixar a mente num interêsse que escolhestes, e de excluir todos os demais. É isso o que entendemos por concentração.

Ora, para se compreender uma coisa qualquer, tendes de aplicar-lhe tôda a vossa atenção, sendo que essa atenção plena é a atenção inteiramente livre de obstrução. Tendes de dar todo o vosso ser, para compreenderdes qualquer coisa. Mas que acontece quando procurais concentrar-vos e ao mesmo tempo resistir? Estais procurando seguir por uma determinada trilha, mas vossa mente está continuamente a divagar noutra direção, e por conseguinte não estais dando vossa atenção plena. Estais dando apenas uma atenção parcial, e por êsse motivo não há compreensão. A concentração, por conseguinte, não nos ajuda a alcan-

çar a compreensão, e é importantíssimo que se compreenda êsse ponto. Onde há exclusividade de atenção, tem de haver distração. Se procuro forçar a minha atenção a fixar-se numa coisa, a minha mente está então resistindo a outra coisa. Essa resistência é distração. Logo, onde há conflito entre atenção e distração, não há, absolutamente, concentração. Há uma batalha, e essa batalha prossegue até que a mente, cansada de lutar, se fixa no interêsse escolhido. Ora, o fixar-se no interêsse escolhido não é meditação. É, meramente, desejo, a resistência e o interêsse de exclusão, resultante da escolha. A mente nessas condições é uma mente embotada. Essa mente é insensível, incapaz de reação, porque se consumiu em resistir, em excluir, despendendo as suas energias no conflito entre a distração e a atenção. Perdeu a elasticidade, o poder de descobrir a bem-aventurança. É por conseguinte uma mente decadente, incapaz de presteza e flexibilidade. A meditação, pois, não é concentração.

Outrossim, meditação não é prece. Vejamos o que fazemos quando oramos. Que sucede, na realidade, psicològicamente, quando oramos? Que entendemos por prece? Repetição de certas frases, súplica, petição. Quando rezo, rogo a uma entidade superior, uma inteligência superior, que me esclareça, que me livre de uma tribulação, que me ajude a compreender um problema, ou que me conceda confôrto ou felicidade. Assim, em geral, a prece implica súplica ou pedido de ajuda, para sairmos de uma tribulação ou para recebermos uma resposta — o que explicarei mais adiante. Pois bem, não sei se já orastes. Alguns de vós provàvelmente já o fizestes. Não o negueis, dizendo que é tolice porque milhões de pessoas rezam e devem obter resposta, pois, do contrário, não rezariam. Se essa resposta representa a verdade, ou não, é o que vamos averiguar. Ora, que acontece quando rezais? Pela repetição de certas frases, ou palavras, pela repetição de

certos "encantamentos", a mente se torna tranqüila. Assim, parte da função da prece consiste em narcotizar a mente, tornando-a tranqüila, porque, quando tranqüila, fica apta para receber. Isto é, se nos sentamos, ou nos ajoelhamos, se juntamos as mãos e ficamos a repetir certas frases, a mente, como é natural, se torna tranqüila; e nesse estado de tranqüilidade ela é receptiva. Ora, que recebe ela? Recebe a resposta que deseja; e digo então que Deus me falou, que minhas preces foram atendidas, e que encontrei a solução de minhas dificuldades. Por isso, digo que na oração encontro a realidade. Mas que foi que aconteceu de fato? A mente superficial, que estava agitada, se tornou quieta; e nessa quietude é ela capaz de receber as mensagens do oculto, da mente inconsciente, e essas mensagens são as coisas que desejo. Podem essas respostas provir de Deus ou da realidade? É deveras extraordinária essa nossa idéia, de que Deus está tão sumamente interessado em nossas pessoas; que, depois de têrmos pôsto o mundo em desordem, com nossa inveja e nossa violência, basta recitarmos uma oração, para que êle responda imediatamente. Assim reza Hitler, assim rezam os católicos, assim rezam os Aliados — e nosso povo também ora a Deus. Onde a diferença? Todos desejamos uma resposta que seja satisfatória; e, uma vez que a prece é um meio de obter satisfação, a resposta há de ser satisfatória. Quer a chameis "a voz interior", ou a voz da realidade, ela é sempre portadora de satisfação. A prece, por conseguinte, é um meio de aquietar a mente, com o fim de encontrarmos ou recebermos satisfação. Enquanto anda em busca de satisfação, a mente não está à procura da realidade. Enquanto busca confôrto, refúgio, a mente é incapaz de receber o desconhecido; só é capaz de receber aquilo que é conhecido, que é sua própria projeção. Eis porque a prece proporciona satisfação, porque obtém resposta satisfatória.

Vemos que concentração não é meditação e que prece não é meditação. Tampouco é meditação a devoção. A que vos devotais? Quando dizeis "Sou devoto por natureza", "Sou devotado a alguma coisa", que entendeis por devoção? Sois devotado a alguma coisa que, em troca, vos dá satisfação; não sois devotado a nada que cause incômodos. Sois devotado a uma coisa que vos agrada, que traz satisfação, que vos dá um sentimento de segurança, de bem-estar, que vos faz sentimental; e essa coisa a que sois devotado é uma projeção de vós mesmo. Aquilo a que sois devotado vos dá uma satisfação sutil, positiva ou negativa, e por conseguinte vossa devoção não é meditação.

Que é então a meditação? Se a concentração, a prece e a devoção não são meditação, que é meditação? Evidentemente, a meditação começa com a compreensão de nós mesmos. Compreender-vos a vós mesmo é estar cônscio de vós mesmo na ação, o que significa ver o que de fato sucede quando vos concentrais, quando orais, quando sois devotado. É um processo no qual estais descobrindo a vós mesmo. Só podeis descobrir a vós mesmo nas relações, que significam ação. Afinal de contas, se percebeis o que acontece quando vos concentrais, estais descobrindo as "maneiras" do vosso próprio pensar; quando examinais a concentração, começais a descobrir a vós mesmo, em funcionamento, quando orais ou quando sentis devoção. Ao descobrirdes todo o significado da oração e da devoção, começais-vos a compreender a vós mesmo. Assim, quando seguis o processo do pensamento, com respeito à concentração, à prece, à devoção, estais-vos descobrindo a vós mesmo em relação com essas coisas; e tudo isso é um processo de meditação.

A meditação, pois, é o começo do autoconhecimento — do conhecimento de nós mesmos, tais como somos e não como gostaríamos de ser. O desejo de ser uma coisa

diferente, constitui um obstáculo a que vos vejais como sois. Meditação é tomar conhecimento, sem condenação, de cada pensamento, de cada sentimento, de cada palavra. No instante em que condenais, pondes em movimento outro processo de pensamento, e cessa o autodescobrimento. Afinal de contas, como já disse, a meditação é um processo de autodescobrimento e êsse autodescobrimento é infinito. A meditação, pois, é um processo eterno, atemporal. Para compreender o que é atemporal, que é desconhecido, que é real, que não pode ser expresso por palavras — para compreender isso, o processo de pensamento precisa ser compreendido integralmente; e êle não pode ser compreendido senão, e ùnicamente, no estado de relação. Não existe isolamento. Um homem que se senta num quarto fechado ou se retira para uma floresta ou uma montanha, continua em relação com alguma coisa, pois é impossível fugir ao estado de relação. E é só no estado de relação que sou capaz de me compreender a mim mesmo, e, por conseguinte, de saber meditar.

A meditação, pois, é o começo da compreensão, a meditação é o começo do autoconhecimento. Sem meditação não há autoconhecimento; e sem autoconhecimento não há meditação. Precisais, portanto, começar procurando saber o que sois. Não podeis ir longe se não começais com o que está bem perto, se não compreendeis o processo cotidiano de vossos pensamentos, sentimentos e ações. Em outras palavras, o pensamento precisa compreender o seu próprio funcionamento; e quando vos perceberdes a vós mesmo em funcionamento, observareis que o pensamento se move do conhecido para o conhecido. Não se pode pensar no desconhecido. O que se conhece não é real, porque o que se conhece só existe no tempo. O desembaraçar-nos da rêde do tempo é o que importa verdadeiramente, e não o pensarmos a respeito do desconhecido; porque não é possível pensar no desconhecido. As res-

postas às vossas orações procedem do conhecido. Para receber o desconhecido, a mente precisa, ela própria, tornar-se o desconhecido. A mente é o resultado do processo do pensamento, resultado do tempo, e êsse processo de pensamento deve cessar. Não pode a mente pensar no que é eterno, no que é atemporal; por conseguinte, a mente precisa livrar-se do tempo, o processo integral da mente precisa dissolver-se. Só quando a mente está de todo livre do ontem, e por conseguinte não mais utiliza o presente como uma passagem para o futuro, é ela capaz de receber o eterno. O que é conhecido não tem relação alguma com o desconhecido. Por isso não podeis orar ao desconhecido, não podeis concentrar-vos no desconhecido. Tudo isso é sem significação. O que importa é descobrir como a mente funciona, perceber-vos a vós mesmo em ação. Logo, o que mais importa, na meditação, é o nos conhecermos a nós mesmos, não apenas superficialmente, mas todo o conteúdo da consciência interior, da consciência oculta. Se não conheceis tudo isso e não ficais livre do seu condicionamento, não podeis de modo algum ultrapassar os limites da mente. Eis porque deve cessar o processo do pensamento, e para que êle cesse, há necessidade do conhecimento de nós mesmos. A meditação, por conseguinte, é o comêço da sabedoria, que é a compreensão de nossa mente e nosso coração.

Esta é uma questão de vida e de morte; porque, se compreendestes o que estive dizendo, se dará uma revolução em vossa vida, uma experiência devastadora. Mas se o tomais apenas como um entretenimento, uma diversão ocasional, como o ir ao cinema, nesse caso, podeis continuar a ouvir-me, sem sentir perturbação alguma. Mas se souberdes escutar corretamente, sofrereis tremenda comoção, e por conseguinte será possível uma revolução. Assim, não ouçais apenas as palavras, porque palavras têm muito pouca importância. Mas a maioria de nós

sômos nutridos de palavras sem nenhuma substância, não podemos pensar sem palavras; e pensar sem palavras é o pensar negativo, que constitui a forma mais elevada do pensar. Não é isso possível, quando as palavras são importantes, quando a palavra representa o fim. Consideremos a palavra Deus. Quando se emprega essa palavra, sentis uma forte agitação, uma forte sensação, o que significa que a palavra é que é importante e não a coisa que ela representa. Estais, pois, prêso na rêde das palavras. O homem que está em busca do real, não confunde a palavra, a linguagem, com a coisa que ela representa.

Espero que não tenhais objeção a que eu responda agora a outra pergunta.

PERGUNTA: O interêsse por uma coisa, uma pessoa ou uma idéia não ocasiona uma concentração sem esfôrço, mas, sem embargo, "exclusiva", no objeto que nos interessa?

KRISHNAMURTI: Não examinei a pergunta de antemão e, por conseguinte, vou pensar nela juntamente convosco. Deseja saber o interrogante, se bem o entendo, se não há ausência de esfôrço e ao mesmo tempo atenção "exclusiva". Isto é, quando estou interessado em compreender um problema e em prestar-lhe atenção, essa atenção não é "exclusiva"? O outro ponto é: se temos interêsse, não há ausência de esfôrço?

Ora bem, que entendemos por interêsse? Podemos afirmar com sinceridade que temos interêsse por uma única coisa? Tal asserção, evidentemente, não seria verídica. Temos interêsse por muitas coisas. Nossa atenção se foca ora numa coisa ora noutra. Tôda vez que um

determinado interêsse atrai a nossa atenção, isso ocasiona uma perturbação, e damos-lhe então atenção. É isso, com efeito, o que acontece. Isto é, tenho muitos interêsses, sou uma entidade de muitas máscaras. Dentre tôdas essas entidades de muitos interêsses, escolho uma, na suposição de que me será útil. Que acontece quando assim procedo? Quando estou concentrando a minha atenção, estou, na realidade, excluindo outros interêsses. Por certo, quando concentro minha atenção num só interêsse, minha atenção é "exclusiva"; por conseguinte, embora eu tenha interêsse por outras coisas, procuro excluí-las. Isto é, tenho muitos interêsses, escolho um interêsse e procuro fixar nêle a minha atenção; e quando o faço, crio resistência, o que significa um estado de luta, de sofrimento. Só há ausência de esfôrço quando há compreensão de todos os interêsses e não a escolha "exclusiva" de um único interêsse. Vós sois o total de interêsses numerosos e variáveis que se modificam a todos os instantes; escolher um interêsse e nêle focar a mente é tornar a mente estreita, mesquinha e "exclusiva". A mente assim é incapaz de compreensão. Mas, por outro lado, a mente que percebe a significação de cada interêsse que surge a cada instante, é capaz de um vasto percebimento, uma ampla sensibilidade. Vêde o que se passa nesta sala, neste momento. Estais prestando atenção ao que estou dizendo. Não estais fazendo exclusão de nada, não é verdade? Estais escutando a verdade do que *é* — que é um fato óbvio. Por isso, o vosso percebimento tem amplitude, é ilimitado. Estais dando a vós mesmos inteira liberdade para ver e apreciar. Não há esfôrço algum, a vossa atenção está inteiramente focada, sem resistência nem exclusão. Nesse estado ocorre um fato extraordinário: estamos expandidos e entretanto podemos dar atenção ao que é particular; a concentração no que é particular destrói o percebimento extensivo, ao passo que, se somos capazes de estar exten-

sivamente cônscios, podemos dar atenção ao particular, sem assumirmos uma atitude de resistência. A concentração no particular destrói o percebimento amplo, ao passo que, se sois capaz de estar amplamente vigilantes, podeis dar atenção ao que é particular, sem que haja resistência. Não sei se percebeis a beleza disso. Senhor, isso é amor, não é verdade? O amor é "extensivo", e por isso é possível amar ao que é particular. Mas a maioria de nós, não tendo êsse amor "extensivo", voltamo-nos para o particular, e o particular nos destrói. Nessas condições, só há atenção isenta de esfôrço — a única que traz a compreensão — quando são tomados em conjunto e compreendidos os nossos interêsses múltiplos e variáveis. Mas, quando a mente se foca num único interêsse, com exclusão dos demais interêsses, essa atenção é "exclusiva" e destrutiva, torna a mente estreita e por conseguinte é um fator de deterioração. A mente estreita pode produzir resultados imediatos, mas é incapaz de compreensão "extensiva"; mas quando a mente tem amplitude, pode incluir também o particular. Essa elasticidade, essa flexibilidade e presteza da mente, não podem existir quando há resistência; por conseguinte, precisamos estar bem cônscios e ter perfeita compreensão dos muitos interêsses, em vez de lhes opormos resistência. Assim que desponta cada interêsse, examinai-o; não o condeneis, não o justifiqueis; examinai-o, absorvendo-o de maneira plena, completa. Não importa que se trate de um interêsse sexual, do desejo de ser alguém ou de outro interêsse qualquer. Examinai cada interêsse e notai tudo o que êle contém; pensai-o de princípio a fim; e vereis então que a mente é capaz de estar extensamente cônscia de cada interêsse, percebendo imediatamente todo o seu conteúdo, sem precisar penetrá-lo passo a passo. Uma mente assim é essencial, sem dúvida, para a compreensão do real, porque o real, aquilo que é verdadeiro, não é "exclusivo". Nossa mente

é "exclusiva" porque a educamos para ocupar-se apenas com o particular, porque a forçamos a concentrar-se num único interêsse, excluindo todos os demais. Por isso é ela incapaz de receber aquilo que não tem limites. Embora leiais livros a respeito do ilimitado, e repitais o que lêstes, o que fareis é meramente hipnotizar-vos a vós mesmos. Mas se, pelo contrário, fordes capaz de examinar cada interêsse, sem condenação ou justificação, sem vos identificardes com êle, se puderdes ter a percepção de todo o seu conteúdo, vereis, então, que a mente, estando livre, é, ao mesmo tempo, veloz e muito lenta. É como um motor muito poderoso e perfeitamente equilibrado — pode funcionar a grande velocidade, mas também andar muito lentamente. É só então que a mente é capaz de receber as mensagens do real. Mas a mente "exclusiva", limitada, condicionada, nunca pode compreender aquilo que é eterno. Compreender o eterno é compreender a si mesmo. Quando há interêsses múltiplos, temos de compreender cada interêsse logo que surge, e só então pode haver aquela liberdade na qual é possível descobrir-se o real.

28 de novembro de 1948.

III

CONFERÊNCIA REALIZADA EM NOVA DÉLI

Sendo esta a última conferência, seria, talvez, proveitoso fazermos um sumário do que estivemos tratando nas últimas seis semanas. Nossa vida está rodeada de problemas, em todos os níveis. Temos não apenas os problemas físicos, mas também problemas muito mais sutis e intricados, ou sejam, os problemas psicológicos; e sem resolvermos os problemas psicológicos, ou pelo menos tentar compreender a sua sutileza, procuramos meramente re-ordenar os seus efeitos. Procuramos harmonizar os efeitos, sem têrmos uma compreensão real das causas que produzem êsses efeitos. Parece-me, por conseguinte, muito mais importante que se compreendam os efeitos, os conflitos e tribulações psicológicas do que tratarmos apenas de re-ordenar o padrão dos efeitos; porque a mera conciliação dos efeitos não pode resolver, profunda e definitivamente, os problemas que se nos apresentam. Se apenas re-ordenamos os efeitos, sem compreendermos as lutas psicológicas que geram êsses efeitos, produziremos naturalmente mais confusão, mais antagonismo, mais conflito. Assim, na compreensão dos fatôres psicológicos que geram o nosso bem-estar, pode haver uma possibilidade — e acredito que há uma possibilidade bem

definida — de se criar uma nova cultura e uma nova civilização; mas isso deve começar em cada um de nós, porque, afinal de contas, a sociedade são as minhas relações convosco, e vossas relações com outras pessoas. A sociedade é o produto das nossas relações, e se não compreendemos as relações, que são ação, não pode verificar-se a cessação do conflito. Nessas condições, o estado de relação e seu efeito e causa têm de ser compreendidos cabalmente, antes que eu possa transformar ou revolucionar radicalmente a minha maneira de viver.

Temos muito interêsse com relação ao problema individual, bem como em relação ao nosso próprio sofrimento psicológico. Compreendendo o problema individual, estabeleceremos naturalmente uma disposição diferente, dos seus efeitos. Mas não devemos começar pelos efeitos; porque, afinal de contas, não vivemos só dos efeitos, mas também das causas mais profundas. Nosso problema consiste em compreender o sofrimento e o conflito no indivíduo. Uma simples explicação verbal do sofrimento, uma simples ação intelectual, ou percebimento das causas do sofrimento, não dissolve o sofrimento. Êsse é um fato óbvio; mas, como a maioria de nós nos nutrimos de palavras e como as palavras se tornaram de imensa importância, satisfazemo-nos fàcilmente com explicações. Lemos o *Bhagavad Gita,* a Bíblia, ou qualquer outro livro religioso que explica a causa do sofrimento, e ficamos satisfeitos; tomamos a explicação pela dissolução do sofrimento. As palavras se tornaram muito mais significativas do que a compreensão do próprio sofrimento; mas a palavra não é a coisa. Não há quantidade de explicação nem de raciocínio capaz de alimentar um homem faminto. O que êle quer é alimento, e não uma explicação sôbre o alimento, ou o cheiro do alimento. Tem fome, e precisa de substância nutritiva. Os mais de nós nos satisfazemos com a explicação da causa do sofrimento. Por isso não

consideramos o sofrimento como uma coisa que precisa ser dissolvida, como uma contradição em nós existente, que precisa ser compreendida. Como pode o homem compreender o sofrimento? Só pode compreender o sofrimento quando se cala a explicação e tôdas as espécies de fugas são compreendidas e abandonadas, ou seja, quando percebe o que é real, no sofrimento. Mas vós não quereis compreender o sofrimento; fugis para o clube, para a leitura dos jornais, para o *puja*, para o templo, mergulhais na política ou em obras sociais — tudo, menos enfrentar o que *é*. Assim, o cultivo dos meios de fuga se torna muito mais importante do que a compreensão do sofrimento; e requer-se uma mente muito inteligente, uma mente muito desperta, para perceber que está fugindo e para pôr fim à fuga.

Agora, já expliquei que o conflito não produz o pensar criador. Para se ser criador, para se produzir qualquer coisa, a mente precisa estar em paz, o coração cheio. Se desejais escrever, ter pensamentos elevados, investigar a verdade, é necessário que cesse o conflito; mas, em nossa civilização, as fugas se tornaram muito mais importantes do que a compreensão do conflito. As coisas modernas nos ajudam a fugir, e fugir significa uma carência total de poder criador, significa autoprojeção. Isso não resolve o nosso problema. O que resolve o nosso problema é o deixarmos de fugir e ficarmos com o sofrimento; porque, afinal de contas, para se compreender uma coisa, precisamos dar-lhe tôda a atenção, e as distrações são meras fugas. O compreender as fugas, que significa pôr-lhes fim, com o percebimento da sua falsidade, e o perceber, no seu todo, o significado do sofrimento, é um processo de autoconhecimento; e sem autoconhecimento, sem vos conhecerdes fundamentalmente, não os meros efeitos superficiais das vossas ações, mas o processo total de vós mesmo, o pensante e o pensamento, o agente e a

ação — sem êsse autoconhecimento, não há base para o pensamento. Podeis repetir como um gramofone, mas não sereis compositor, não tereis nenhuma canção em vosso coração.

Vemos, que só quando temos o autoconhecimento, pode cessar o sofrimento. Que significa, afinal, o sofrimento? — não como explicação verbal, mas como um fato? Como surge o sofrimento, não só como uma observação científica, mas na sua realidade? Para sabermos, para descobrirmos, é essencial, sem dúvida, o descontentamento. Precisamos estar inteiramente descontentes, para podermos fazer descobertas. Mas quando há descontentamento — e a maioria de nós estamos descontentes — achamos uma maneira muito fácil de sufocar êsse descontentamento. Tornamo-nos alguma coisa: funcionários, patrões, clérigos, ou o que mais seja — tornamo-nos qualquer coisa, para sufocar essa chama, essa centelha, essa insatisfação. Materialmente, bem como psicològicamente, queremos certeza, queremos segurança, não queremos ser perturbados. Queremos certeza, e quando a mente está à procura de certeza, de segurança, não há insatisfação; e a maioria de nós passa a vida nessa atividade — todos buscamos a segurança. É evidente a necessidade de segurança física: precisamos de alimento, de roupas e de morada; mas a segurança física é negada quando procuramos a segurança psicológica, que significa auto-expansão por meio das necessidades físicas. Uma casa, em si, não é importante senão como abrigo, mas nós nos servimos da casa como meio de engrandecimento próprio. É por isso que se torna tão importante a propriedade, e, conseqüentemente, criamos um sistema social que nega a equitativa distribuição de alimentos, roupa e morada.

Assim, é o descontentamento que impulsiona, que cria, que nos impele para a frente; e se podemos compreender o descontentamento, sem o sufocarmos com a busca

da certeza, da segurança psicológica, se podemos conservar vivos êsse descontentamento e a sua chama, então o nosso problema é simples; porque êsse próprio descontentamento é criador, e com êle podemos ir para diante. Mas no momento em que sufocamos o descontentamento, afastando-o, opondo-lhe resistência, escondendo-o, então a nossa mente só está interessada na conciliação dos efeitos, e o descontentamento já não é um meio que nos leva para a frente, que nos faz mergulhar no desconhecido. Eis porque tanto importa que cada um se compreenda verdadeiramente a si mesmo. O estudo de si mesmo não é um fim, é um comêço; não tem fim o conhecimento de nós mesmos, pois é um movimento constante. Se vos observardes com muita atenção, vereis que não há nenhum momento fixo em que possais dizer "compreendo a totalidade de mim mesmo"; o estudar a si mesmo é como ler uma obra de muitos volumes; quanto mais nos estudamos a nós mesmos, tanto mais há para se estudar. Por conseguinte, o movimento do "eu" é atemporal; e êsse "eu" não é um "eu" superior ou inferior, mas um "eu" de momento por momento, com suas ações, seus pensamentos, suas palavras. Êsse autoconhecimento é o comêço da sabedoria, e nesse autoconhecimento descobre-se um estado de total tranqüilidade, no qual a mente não é posta tranqüila, mas, sim, *está* tranqüila; e só quando a mente está tranqüila, quando não está prêsa ao processo do pensamento nem ocupada com suas próprias criações — é só então que há a realidade, que há a criação. É essa criação, êsse percebimento da realidade, que nos libertará do nosso problema, e não a busca de uma solução para o problema.

Assim, o autoconhecimento é a arte da meditação e sem autoconhecimento não há meditação. O autoconhecimento não é algo que se aprende de um livro, de um *guru,* ou instrutor. O autoconhecimento começa com a compreensão de nós mesmos, momento por momento, e

essa compreensão requer tôda a nossa atenção a cada pensamento, a todo e qualquer momento, sem têrmos um fim em vista; porque não pode haver atenção completa quando há condenação ou justificação. Quando a mente condena ou justifica, ela o faz ou para negar ou para fugir ao que percebe. É muito mais fácil condenar uma criança do que compreender uma criança. De modo idêntico, quando surge um pensamento é muito mais fácil afastá-lo para o lado, ou disciplina-lo, do que dar-lhe tôda a atenção e descobrir, assim, o seu inteiro significado. O problema, por conseguinte, é o de nos compreendermos a nós mesmos; e só podemos aplicar-nos a êle corretamente quando não há justificação, condenação, ou resistência, — e vereis, então, como o problema se desenrola como um mapa.

Para se descobrir o que é eterno, o processo da mente tem de ser compreendido. Não se pode pensar no desconhecido, só se pode pensar no conhecido, e o que é conhecido não é o real. A realidade não pode ser pensada, meditada, imaginada ou formulada; se o é, não é o real, porque, nesse caso, é apenas uma projeção da mente. É só quando cessa o processo do pensamento, só quando a mente está verdadeira e totalmente tranqüila — e a tranqüilidade só é possível com o autoconhecimento — é só então que se compreende a realidade; e é o real que resolve os nossos problemas, e não as nossas sutis distrações e fugas formuladas.

Tenho aqui várias perguntas, às quais tentarei responder com a maior brevidade e clareza possível.

PERGUNTA: Meus pais são ortodoxos e dependem de mim, mas eu já deixei a sua crença ortodoxa. Como devo atender a esta situação? Isso constitui para mim um verdadeiro problema.

KRISHNAMURTI: Ora, porque deixastes de ser ortodoxo? Antes de dizer "deixei de ser ortodoxo", não vos cabe averiguar porque, por que razão o fizestes? Será porque vêdes que a ortodoxia é mera repetição sem significação alguma, um molde dentro do qual o homem vive, porque tem mêdo de ir mais longe, de descobrir? Ou será que abandonastes a ortodoxia, por fôrça de uma mera reação, porque a moda agora é rejeitar o que é antigo, o que é velho? Rejeitastes o velho sem o compreender? — o que é mera reação. Se assim foi, então o caso é muito diferente e suscita um outro problema inteiramente diverso. Mas se deixastes de ser ortodoxo por perceberdes que a mente que está prêsa à tradição, ao hábito, é sem compreensão, nesse caso conheceis o verdadeiro significado da ortodoxia. Não sei o que fizestes: ou vós a deixastes, em sinal de protesto; ou a abandonastes — ou, melhor, ela se desprendeu de vós naturalmente — porque a compreendeis. Pois bem, se foi êste último caso, quais são então os vossos deveres para com as pessoas ortodoxas que vos rodeiam? Deveis ceder à sua ortodoxia, porque são vossa mãe, vosso pai, porque êles choram e perturbam a harmonia doméstica, chamando-vos um filho desobediente? Deveis ceder a êles por causa da perturbação que criam? Qual é o vosso dever? Se cedeis, então a vossa compreensão da ortodoxia não tem valor; sois então condescendente, não quereis perturbação, não quereis incômodos. Mas, positivamente, vós precisais de perturbação, é essencial que haja uma revolução — não do gênero sangrento, mas uma revolução psicológica, que é muito mais importante do que a mera revolução dos efeitos externos. Os mais de nós temos mêdo de uma revolução fundamental; condescendemos com os nossos pais, dizendo: "Assim como está, já há bastante perturbação no mundo, porquê hei de criar maior perturbação?" Mas essa, por certo, não é a resposta correta, achais que

é? Quando nos vem uma perturbação, devemos expô-la à luz, abri-la, examiná-la. Aceitar meramente uma atitude, condescender com os pais, para que não nos causem perturbações, não nos expulsem de casa, isso por certo não traz nenhum esclarecimento; só tem o efeito de ocultar o conflito, recalcá-lo, e um conflito recalcado atua em nosso ser psicológico, como um veneno no organismo.

Se há tensão entre vós e os vossos pais, essa contradição tem de ser enfrentada, se desejais viver criadoramente, com felicidade; mas como a maioria de nós não deseja viver uma vida criadora, satisfazemo-nos com sermos estúpidos, dizendo "está muito bem; cederei". Afinal de contas, as relações com os outros, principalmente com pai, mãe ou filho, são uma coisa muito difícil, pois as relações, para a maioria de nós, constituem uma coisa em que procuramos satisfação. Não queremos encontrar perturbações nas relações. Sem dúvida, quando um homem está em busca de prazer, satisfação, confôrto, segurança, nas relações, essas relações são uma coisa sem vida; êle as converte numa coisa morta. Afinal, que são as relações? Qual é a função das relações? Elas, por certo, constituem um meio pelo qual me descubro a mim mesmo. As relações são um processo de auto-revelação; mas se a auto-revelação é desagradável, insatisfatória, perturbadora, não temos vontade alguma de continuar a encará-la. Tornam-se, assim, as relações um simples meio de comunicação, e, por conseqüência, uma coisa morta. Mas se as relações são um processo ativo, no qual há auto-revelação, no qual me descubro a mim mesmo, como num espelho, então, essas relações não só produzem conflito, perturbação, mas também delas provém o esclarecimento e a alegria.

A questão, pois, é esta: se não sois ortodoxo, qual é o vosso dever para com a pessoa que depende de vós? Ora, quanto mais velhos ficamos, mais ortodoxos nos tornamos; isto é, visto que sabeis que em breve chegareis

ao fim da vida, e ignorais o que vos aguarda do outro lado, buscais a segurança nos dois lados. Mas o homem que crê sem compreender, é òbviamente estúpido; e deve-se incentivar a estupidez? A crença cria o antagonismo, a natureza mesma da crença é dividir: vós credes numa coisa, e eu creio noutra; sois comunista, eu sou capitalista, o que afinal é uma simples questão de crença; vós vos denominais hinduísta, eu me intitulo muçulmano — e por isso nos massacramos mùtuamente. A crença, portanto, é por certo um fator de desavença entre os homens; e, reconhecendo todos êsses fatôres, qual é o vosso dever? Pode uma pessoa aconselhar à outra o que deve fazer? Vós e eu podemos estudar juntos uma questão, mas é a vós que compete agir, depois de estudá-la. Para estudar, precisais prestar atenção; e tendes de enfrentar as conseqüências de vossa decisão: não podeis deixar isso a meu cargo ou a cargo de outro qualquer. Se compreendeis e estais inteiramente disposto a enfrentar qualquer perturbação, — a ser expulso de casa, a ser chamado filho ingrato, etc. etc. — então para vós a ortodoxia nenhuma importância tem; só a verdade, que é a compreensão do problema, tem suma importância, e por conseguinte, estais pronto a enfrentar tôdas as perturbações. Mas a maioria de nós não deseja a felicidade luminosa que a verdade traz; desejamos tão-sòmente satisfação, e por êsse motivo condescendemos e dizemos "Está muito bem; farei o que desejardes, mas pelo amor de Deus, deixai-me em paz". Por essa maneira nunca havereis de criar uma nova sociedade, uma nova civilização.

PERGUNTA: É conclusão universalmente admitida pelos modernos intelectuais, que os educadores falharam. Qual é então a tarefa daqueles cuja função é educar a juventude?

KRISHNAMURTI: Há vários problemas compreendidos nesta questão; para os compreendermos, precisamos estudá-los muito atentamente. Em primeiro lugar, porque tendes filhos? É por mero acidente, é isso um acontecimento não desejado? É para conservarem o vosso nome, vosso título, vossa propriedade, que tendes filhos? Ou, amais e tendes filhos? Em que caso estais? Se tendes filhos apenas como brinquedo, se vos sentis solitário e um filho vos ajuda a dissimular a vossa solidão, então os filhos se tornam importantes, como projeções de vós mesmo. Mas se os filhos não constituem simples meio de divertimento, ou um resultado de acidentes, se deveras amais os vossos filhos, cuidareis de que tenham uma educação adequada. Em outras palavras, precisamos ajudar os nossos filhos a ser inteligentes, sensíveis, a ter uma mente e um coração flexíveis, capazes de corresponder a qualquer situação. Sem dúvida, se realmente amais o vosso filho, não sereis, na vossa qualidade de pai, nacionalista, não pertencereis a nação alguma, a nenhuma religião organizada; porque, evidentemente, se sois nacionalista, se venerais o Estado, então inevitàvelmente destruireis o vosso filho, porque estais criando a guerra. Se realmente amais o vosso filho, tratareis de averiguar qual é a vossa relação com a propriedade; porque foi o instinto de posse que conferiu à propriedade tão enorme importância, e é êle que está destruindo o mundo. Outrossim, se amais realmente os vossos filhos, não pertencereis a nenhuma religião, porque a crença gera o antagonismo entre um homem e outro. Se amais os vossos filhos, fareis tudo isso. Êsse, pois, é um dos aspectos da questão.

Vejamos agora o outro aspecto: o educador necessita de educação. Para que estais educando os vossos filhos? Para se tornarem escreventes ou funcionários cheios de importância, patrões, engenheiros, técnicos? A vida será só isso, um mero campo de cultivo de funcio-

nários, técnicos e mecânicos supervalorizados, todos êles entes humanos convertidos em carne para canhão? Qual é a finalidade e o intuito da educação? É o de produzir soldados, bacharéis e policiais? Ora, as carreiras de soldado, bacharel e policial não são profissões próprias de entes humanos decentes (risos). Não riais. Rindo-vos, estais afastando a questão. É bem evidente que essas profissões não contribuem para o bem-estar total do homem, embora sejam necessárias numa sociedade que já se tornou corrupta. Cumpre-vos, por conseguinte, primeiro descobrir por que razão tendes filhos, e para que os estais educando. Se os estais educando meramente para técnicos, procurareis naturalmente o melhor técnico para educar o vosso filho, que será convertido numa máquina, que se disciplinará, a fim de amoldar-se a um padrão. Será só isso que constitui a nossa existência, nossa luta, nossa felicidade: o tornar-nos apenas mecânicos, técnicos de tanques e de aviões, cientistas, físicos, inventores de novos meios de destruição? A educação, pois, constitui uma responsabilidade que vos cabe, não é verdade? Que desejais que os vossos filhos sejam, ou que não sejam? Qual é a finalidade da existência? Se ela consiste apenas em ajustar-nos a um sistema, se consiste em nos apagarmos no serviço de um partido, então a coisa é muito simples: basta que nos amoldemos e nos adaptemos. Mas se a vida é para ser vivida retamente, plenamente, com alegria, com sensibilidade, torna-se então necessário um processo de educação completamente diferente, em que se cuide do cultivo da sensibilidade, da inteligência, e não da mera técnica — conquanto a técnica também seja necessária.

Como pais — e só Deus sabe porque sois pais — cumpre-vos averiguar qual é o vosso dever. Senhores, amais com tanta facilidade — isto é, dizeis que amais os vossos filhos, mas na realidade não os amais. Não tendes sensibilidade. Aceitais os fatos e as condições sociais como

inevitáveis; não tendes vontade de transformá-los, de promover uma revolução, e fazer nascer uma nova civilização, uma nova sociedade. Não há dúvida de que depende de vós a espécie de educação que vossos filhos terão. Como diz o interrogante, a educação falhou, no mundo inteiro, e tem produzido catástrofe sôbre catástrofe, destruição e mais destruição, sangue, rapina e morte. Não há dúvida de que a educação falhou; e se confiais aos técnicos, aos especialistas a educação dos vossos filhos, o desastre há de continuar, porque os especialistas, interessados que estão apenas na parte e não no todo, são entes inumanos. O principal, portanto, é ter amor; porque quando temos amor, êle inspira a maneira de educar adequadamente os filhos. Mas, como sabeis, nós somos só cérebro, destituídos de coração; cultivamos o intelecto, e, em nós mesmos, somos tão absurdamente desequilibrados — e surge depois o problema relativo ao que devemos fazer com os nossos filhos. É bem evidente, sem dúvida, que o próprio educador necessita de educação — e o educador sois vós; porque o ambiente doméstico é tão importante como o ambiente escolar. Tendes, pois, em primeiro lugar, de vos transformar a vós mesmos, a fim de proporcionardes ao vosso filho o ambiente adequado; porque o ambiente fará dêle ou um bruto, um técnico insensível, ou um homem inteligente e cheio de sensibilidade. O ambiente sois vós mesmo e a vossa ação; se não vos transformardes a vós mesmo, o ambiente, a atual sociedade em que viveis há de inevitàvelmente prejudicar o vosso filho, tornando-o rude, brutal, sem inteligência.

Certamente, senhores, os que sentem profundo interêsse por êste problema começarão transformando-se a si mesmos e, conseqüentemente, a sociedade, a qual, por sua vez, produzirá um nôvo método de educação. Mas, na realidade, não tendes interêsse algum. Ouvireis tudo isso e direis "muito bem, de acôrdo; mas isso é inexequível".

Não atendeis à questão como uma responsabilidade direta, vossa; real e fundamentalmente, não tendes interêsse algum. Se de fato amásseis o vosso filho, se pressentísseis a guerra que se aproxima, será que nada faríeis, que não procuraríeis um meio de deter a guerra? Como vêdes, não amamos; empregamos a palavra "amor", mas é uma palavra sem conteúdo nem sentido. Usamos a palavra, sem lhe darmos um "referente", sem lhe atribuirmos substância, vivemos meramente da palavra; por isso, continua a existir o complexo problema, temos de fazer-lhe frente. E não digais que não vos mostrei a maneira de resolvê-lo. A maneira está em vós mesmo e em vossas relações com vossos filhos, vossa espôsa, vossa sociedade. Em vós está a luz e a esperança; outro caminho não existe, absolutamente.

Vêde o que está acontecendo. Mais e mais governos estão tomando a educação a seu cargo, o que significa que querem produzir sêres eficientes, seja como técnicos, seja para a guerra; e por conseguinte os vossos filhos têm de ser submetidos à disciplina, vai-se-lhes ensinar, não a pensar, mas *o que* pensar. Vão ensiná-los a viver de propaganda, de *slogans* e frases. Os que têm o poder nas mãos, não querem ser perturbados, querem conservar êsse poder, e por isso tornou-se função do govêrno manter o *status quo*, com ligeiras alterações aqui e ali. Assim sendo, levando-se em consideração todos êsses fatôres, cabe-nos averiguar qual é o significado da existência, porque viveis, porque gerais filhos; e cabe-vos descobrir a maneira de criar um nôvo ambiente — porque, como o ambiente é, assim será vosso filho. Êle escuta vossas conversas, e repete o que os mais velhos pensam e fazem. Deveis, pois, criar um ambiente adequado, não apenas no lar, mas também fora dêle, isto é, na sociedade; deveis criar um govêrno de nova espécie, radicalmente diferente, não baseado no nacionalismo, no estado soberano, com seus exér-

citos e seus eficientes métodos de assassínio. Isso requer que compreendais a vossa responsabilidade nas relações; e essa responsabilidade nas relações só pode ser compreendida quando amais alguém. Quando está cheio o coração, encontra-se o caminho. Isso é muito urgente, a situação é ameaçadora: não podeis esperar que os especialistas venham dizer-vos como educar o vosso filho. Só os que amam encontrarão o caminho; porque são os vazios de coração que confiam nos especialistas.

Acabastes de ouvir tudo isso, e qual é a vossa reação? Direis "sim, muito bom, ótimo, é o que se deve fazer; mas é preciso que alguém comece" — significando isso que, em verdade, não amais o vosso filho; não estais em relação com o vosso filho, e por isso não percebeis o vosso problema. Quanto mais irresponsáveis vos tornardes, tanto mais o Estado tomará a si a responsabilidade — sendo que o Estado são uns poucos, o partido, da esquerda ou da direita. Vós é que tendes de resolver o problema, visto que estamos em presença de uma grande crise, — não uma crise verbal, uma crise política ou econômica, mas uma crise de desintegração humana, de degradação humana. Por conseguinte, a responsabilidade é vossa; como pai, como mãe, tendes o dever de vos transformardes. Não estou falando pelo gôsto de falar. Vemos a calamidade tão próxima e iminente, e estamos aqui sentados, nada fazemos para evitá-la; ou, se nos movemos, é para procurar um guia qualquer e confiar-lhe os nossos corações. É um fato bem óbvio que, quando queremos um guia, nós o escolhemos em virtude de nossa própria confusão, e o guia, por conseguinte, é também confuso (risos). Não riais disso, como se fôsse um dito espirituoso; considerai-o bem, vêde o que estais fazendo. Sois vós os responsáveis pela aterradora situação a que chegamos, e não quereis olhá-la de frente. Saís daqui e ides fazer a mesma coisa que estáveis fazendo ontem; e pensais que vossa

responsabilidade está terminada ao fazerdes esta pergunta sôbre a educação e entregardes o vosso filho a um preceptor, para instruí-lo e espancá-lo. Não estais enxergando? Se não amais a vossa espôsa e os vossos filhos, se não vos servis dêles apenas como instrumentos ou como fontes de satisfação pessoal, se isso não vos toca verdadeiramente o coração, nunca encontrareis um método de educação adequado. Educar os vossos filhos significa estar interessado no processo total da vida. O que pensais, o que fazeis, o que dizeis, tem importância infinita, porque é isso que cria o ambiente, e o ambiente cria o vosso filho.

PERGUNTA: O matrimônio é uma parte necessária de qualquer sociedade organizada, e, no entanto, pareceis contrário à instituição do matrimônio. Que dizeis? Explicai também o problema do sexo. Porque se tornou êle, afora a guerra, o mais urgente problema dos nossos dias?

KRISHNAMURTI: Fazer uma pergunta é fácil; difícil é estudar muito atentamente o próprio problema, que contém a solução. Para compreendermos êste problema, precisamos perceber a sua vasta significação. Isso é difícil, porque nosso tempo é muito limitado, e tenho de ser breve; assim, se me não seguirdes bem de perto, podeis ficar impossibilitados de compreender. Investiguemos, pois, o problema, e não a solução, porque a solução está no problema, e não fora dêle. Quanto mais compreendo o problema, tanto mais claramente vejo a solução. Se buscais, meramente, uma solucão, não a encontrareis, porque buscais a solução fora do problema. Consideremos o casamento, não teòricamente ou còmo um ideal, que é coisa um tanto absurda; não idealizemos o matrimônio, porém, antes, o consideremos tal como é,

porque só assim poderemos fazer alguma coisa. Não o façais côr-de-rosa, porque, nesse caso, é impossível agir; mas, se o considerardes e o virdes exatamente como é, então, talvez, estareis habilitado para agir.

Pois bem, que é que acontece realmente? Quando uma pessoa é jovem, o impulso biológico, o impulso sexual é muito poderoso, e para impor-lhe um limite, temos a instituição que se chama o matrimônio. O impulso sexual existe em ambas as partes; por isso vos casais e tendes filhos. Ligais-vos a um homem ou a uma mulher para o resto da vida, e fazendo-o, contais com uma fonte permanente de prazer, uma segurança garantida, e o resultado é que começais a vos desintegrar; ficais vivendo num ciclo de hábito, e o hábito é desintegração. O compreender o impulso biológico, o impulso sexual, requer grande dose de inteligência, mas nós não somos educados para ser inteligentes. Habituamo-nos a viver com o homem ou a mulher com quem temos de morar. Caso-me aos vinte ou vinte e cinco anos, para passar o resto da vida ao lado de uma mulher a quem até então não conhecia. Desconheço inteiramente essa pessoa, e entretanto exigis que eu viva com ela o resto da minha vida. É isso que chamamos casamento? Tornando-me mais maduro e observando-a melhor, verifico que ela é inteiramente diferente de mim, que seus interêsses são diferentes dos meus; ela se interessa por clubes e eu tenho interêsse em coisas sérias, ou *vice versa.* E, todavia — coisa extraordinária! — temos filhos. Senhores, não olheis para as senhoras sorrindo; é vosso problema. Estabeleci, pois, um estado de relação cujo significado ignoro, pois nunca o descobri nem compreendi.

É só para os poucos, os pouquíssimos que amam, que as relações matrimoniais têm significação; então, elas são inquebráveis, não representam mero hábito ou conveniência, nem estão baseadas na necessidade biológica, na

necessidade sexual. Nesse amor, que é incondicional, as identidades se fundem, e em tais relações há remédio, há esperança. Mas para a maioria de vós não há fusão nas relações matrimoniais. Para que haja a fusão de duas entidades separadas, tendes de vos conhecer a vós mesmo, e ela tem de se conhecer a si mesma. Isso significa amar. Mas não existe amor — êsse é um fato evidente. O amor é sempre viçoso, sempre nôvo, não é mera satisfação, mero hábito. Êle é incondicional. Não tratais vosso marido ou vossa espôsa por essa maneira, não é verdade? Vós viveis no vosso isolamento, e ela vive no seu isolamento, e estabelecestes, os dois, os vossos hábitos de prazer sexual garantido. Que acontece a um homem que tem uma renda certa? Degenera, por certo? Já o não notastes? Observai um homem que tem sua renda certa, e logo descobrireis como a sua mente se está estiolando ràpidamente. Ainda que ocupe um pôsto importante, que tenha uma reputação de homem muito arguto, nêle se extinguiu a alegria exuberante da vida.

De modo idêntico, tendes um casamento em que possuís uma fonte permanente de prazer, um hábito, um casamento em que não há compreensão, em que não há amor, e sois obrigado a viver nesse estado. Não vou dizer-vos o que deveis fazer; mas examinai primeiramente o problema. Pensais que isso está direito? Não estou dizendo que devais expulsar de casa a vossa mulher, e perseguir outra. Que significação têm essas relações? Por certo, amar é estar em comunhão com alguém; mas estais em comunhão com vossa espôsa, salvo fìsicamente? Vós a conheceis, exceto fìsicamente? Ela vos conhece? Não estais isolados, os dois, cada um ocupado com os seus próprios interêsses, suas próprias ambições e necessidades, cada um buscando no outro a satisfação, a segurança econômica ou psicológica? Tais relações não são relações de espécie alguma; são um processo egocêntrico, de parte

a parte, baseado na necessidade psicológica, biológica e econômica; e a conseqüência óbvia é o conflito, o sofrimento, as implicâncias, o corrosivo temor possessório, o ciúme, etc. Pensais que essas relações podem produzir alguma coisa a não ser filhos feios e uma civilização feia? Importante é que vejamos todo o processo, não como uma coisa feia, mas como um fato real, que se passa bem diante de nossos olhos. Percebendo êsse fato, que devemos fazer? Não podeis, simplesmente, deixá-lo como está; mas como o não quereis examinar, dais para beber, vos entregais à política ou à primeira mulher que encontrais, a qualquer coisa, enfim, que vos leve para longe de casa e daquela mulher ou marido impertinente — e pensais que o problema fica resolvido. Tal é a vossa vida, não é verdade? Conseqüentemente, é necessário que façais alguma coisa, isto é, tendes de fazer frente à situação e, se necessário, dissolver o lar; porque, quando um pai e uma mãe só vivem brigando, pensais que isso nenhum efeito tem nos filhos? E já estivemos apreciando, na pergunta anterior, a questão da educação dos filhos.

Assim, o matrimônio, como um hábito, como cultivo do prazer habitual, é um fator de deterioração, porque no hábito não há amor. O amor não é coisa de hábito; o amor é algo glorioso, criador, nôvo. Por conseqüência, o hábito é o contrário do amor; mas, sois prêsa do hábito, e, naturalmente, as vossas mútuas relações, fundadas no hábito, são relações mortas. Vemo-nos assim de volta ao ponto fundamental, que é o de que a reforma da sociedade depende de vós e não da legislação. A legislação só pode contribuir para a formação de outros hábitos, ou para o conformismo. Conseqüentemente, vós, como indivíduo responsável, em relação com outros, tendes de fazer alguma coisa, tendes de agir, e só se pode agir quando há o despertar da mente e do coração. Vejo alguns de vós a acenar assentimento, mas o fato óbvio é que não desejais

assumir a responsabilidade da transformação, da reforma; não desejais enfrentar a convulsão que se verifica no descobrir a maneira de viver corretamente. E, nessas condições, o problema subsiste, continuais a brigar e a viver juntos, até morrer, e quando um morre o outro chora, não pelo morto, mas por causa de sua própria solidão. Continuais a viver, sem modificação alguma, e pensais que sois entes humanos capazes de legislar, de ocupar altos postos, de falar a respeito de Deus, de encontrar a maneira de pôr côbro às guerras, etc. Nenhuma dessas coisas tem valor, porque não resolvestes nenhum dos problemas fundamentais.

Consideremos, agora, a outra parte do problema: o sexo, e porque êle se tornou tão importante. Por que adquiriu êsse impulso tamanho poder sôbre vós? Já pensastes nêle a fundo? Ainda não o fizestes, porque vos tendes deixado levar por êle. Não indagastes ainda porque existe êsse problema. Senhores, porque existe êste problema? E que acontece quando reprimis completamente o impulso sexual? Vós bem conheceis o ideal de *Brahmacharyya,* — que acontece? O impulso continua a existir. Sentis ressentimento contra alguém que vos fala de uma mulher, e pensais que conseguireis refrear completamente o impulso sexual em vós, e, por essa maneira resolver o problema; mas êle continua a perseguir-vos. É como se, morando numa casa, guardásseis num determinado aposento todos os objetos de que não gostásseis: êles continuariam a existir. Assim, a disciplina não resolverá êste problema — sendo disciplina: sublimação, refreamento, substituição — porque já experimentastes e ela não vos deu nenhuma solução. Qual é então a solução? A solução é compreender o problema, e compreender significa não condenar e não justificar. Consideremos, pois, a questão dessa maneira.

Porque se tornou o sexo um problema tão importante na vossa vida? Entendeis o que quero dizer? Nesse ato há fusão completa; nesse momento há uma cessação completa de todo conflito, sois sumamente feliz, porque já não sentis a necessidade, como entidade separada, e não estais consumido de temores. Isto é, por um momento, extingue-se a consciência individual, a consciência do "eu", e sentis a claridade do auto-esquecimento, o júbilo da abnegação. O sexo se torna importante porque, a todos os demais respeitos, viveis uma vida de conflito, de auto-engrandecimento e de frustração. Senhores, considerai a vossa vida — política, social, religiosa: estais sempre lutando por vos tornardes alguma coisa. Pollticamente, desejais ser alguém, ser poderoso, ter posição, prestígio. Não olheis para outras pessoas, não penseis nos ministros. Se vos dessem tudo isso faríeis a mesma coisa. Assim, pollticamente, viveis lutando por vos tornardes alguém, estais-vos expandindo, não é verdade? Por conseguinte, continuais criando conflitos, pois não há negação do "eu". Pelo contrário, o que há é acentuação do "eu". O mesmo processo se verifica em vossas relações com as coisas, que é a posse de haveres, e também na religião que seguis. Não tem significação o que fazeis, não têm significação os vossos exercícios religiosos. Credes, apenas — estais ligados a rótulos e palavras. Se observardes, vereis que, também a êsse respeito, não estais libertado da consciência do "eu", como centro. Embora vossa religião diga "Esquecei-vos de vós mesmos", vosso processo é exatamente de afirmação do "eu", pois sois sempre a entidade importante. Podeis ler o *Gîta* ou a Bíblia, mas continuais a ser o mesmo sacerdote, o mesmo explorador, sugando o povo e edificando templos.

Em todos os campos, em tôdas as atividades, estais satisfazendo e acentuando a vossa pessoa, vossa importância, vosso prestígio, vossa segurança. Por conseguinte,

existe apenas uma fonte de auto-esquecimento, que é o sexo, e é por isso que o homem ou a mulher se torna da máxima importância, é por isso que tendes de possuí-lo ou possuí-la. Edificais, por conseguinte, uma socicdade que consolida essa posse, que vos garante essa posse; e, naturalmente, o sexo se torna o problema supremo, quando em tudo o mais o "eu" é sempre a coisa mais importante. E pensais, senhores, que se pode viver num tal estado, sem contradição, sem sofrimento, sem frustração? Mas quando, honesta e sinceramente, não existe asserção do "eu", seja na religião, seja na atividade social, então o sexo tem significação muito diminuta. É porque temeis ser qual o nada, polìticamente, socialmente, religiosamente, que o sexo se torna um problema; mas, se em tôdas essas coisas vós vos deixásseis diminuir, ser de importância menor, veríeis como o sexo deixaria de ser um problema.

Só há castidade quando há amor. Quando existe o amor, não existe mais o problema do sexo; se não temos amor, o seguir o ideal de *Brahmacharyya* é um absurdo, porque todo ideal é irreal. O real é aquilo que sois; e se não compreendeis a vossa própria mente, o funcionamento de vossa própria mente, não compreendereis o sexo, porque o sexo é uma coisa da mente. O problema não é simples. Requer, não meros exercícios formadores de hábitos, mas enorme soma de pensamento e de investigação das vossas relações com as pessoas, com a propriedade e com idéias. Senhor, isso significa que tereis de submeter vosso coração e vossa mente a uma intensa busca, da qual resultará uma transformação em vosso interior. O amor é casto; e quando existe o amor, e não a mera idéia da castidade, criada pela mente, então o sexo já não é um problema e tem significação inteiramente diversa.

PERGUNTA: A meu ver, o guru *é um homem que me desperta para a verdade, para a realidade. Que mal há em que eu me afeiçoe a um* guru?

KRISHNAMURTI: Esta pergunta foi feita porque eu disse que os *gurus* são um empecilho à verdade. Não digais que não tendes razão e que eu a tenho, ou que eu não tenho razão e vós a tendes; vamos examinar o problema e investigar. Investiguemos como pessoas amadurecidas, sensatas, sem negar e sem justificar.

Quem é mais importante, o *guru* ou vós? E por que procurais um *guru?* Dizeis: "a fim de ser despertado para a verdade". Ides realmente a um *guru* a fim de serdes despertado para a verdade? Vamos pensar nisso a fundo e com tôda a clareza. Sem dúvida, quando ides à presença de um *guru,* estais em busca de satisfação. Isto é, tendes um problema, e a vossa vida está tôda em desordem, em confusão, e, desejando fugir dessa confusão, dirigi-vos a alguém que chamais *guru,* em busca de consolação, no nível verbal ou no intuito de fugir a uma ideação. Êsse é o processo real, e a êsse processo chamais buscar a verdade. Isto é, quereis confôrto, quereis satisfação, quereis ver dissipada por outro a vossa confusão; e à pessoa que vos ajuda a achar meios de fuga, chamais *guru.* De fato, e não teòricamente, procurais um *guru* que vos garanta aquilo que desejais. Saís à procura de *guru* como saís a olhar vitrines: vêdes o que melhor vos convém, e o comprais. Na Índia a situação é esta: saís à caça de *gurus,* e quando achais um, ficais agarrado aos seus pés, ao seu pescoço, ou à sua mão, até que êle vos dê satisfação. Tocar os pés de um homem ... essa é uma das coisas mais extraordinárias. Tocais os pés do *guru* e dais pontapés nos vossos criados, e, assim fazendo, destruís entes humanos, perdeis o sentido humano. Como vemos, ides a um *guru* em busca de satisfação e não da verdade. A idéia que

tendes é que êle vos despertará para a verdade, mas o fato real é que buscais confôrto. Por que? Porque dizeis: "Não posso resolver o meu problema e alguém tem de ajudar-me." Pode alguém ajudar-vos a dissolver a confusão que criastes? Que é confusão? Confusão com referência a que, sofrimento com referência a quê? A confusão e o sofrimento existem em vossas relações com coisas, pessoas e idéias; e se não podeis compreender essa confusão que criastes, como pode outra pessoa ajudar-vos? Pode ela dizer-vos o que fazer, mas vós tendes de fazê-lo sòzinho, a responsabilidade é tôda vossa; e porque não estais disposto a assumir essa responsabilidade saís furtivamente em busca do *guru* — esta é a expressão adequada, "furtivamente" — e pensais ter resolvido o problema. Pelo contrário, não o resolvestes absolutamente; fugistes, mas o problema continua a existir. E, coisa estranha!, sempre escolheis um *guru* que vos garanta aquilo que desejais; por conseguinte, não estais buscando a verdade, e, portanto, o *guru* não tem valor. Estais, com efeito, à procura de alguém que satisfaça os vossos desejos; eis a razão por que criais um guia, religioso ou político, e vos entregais a êle; eis também por que aceitais a sua autoridade. A autoridade, política ou religiosa, é maléfica. Porque é o guia e a sua posição que têm a máxima importância, e vós não tendes importância alguma. Sois um ente humano, com aflições, dores, sofrimentos, alegrias, e quando vos abandonais a alguém, estais negando a realidade; porque é só através de vós mesmo que podeis achar a realidade, e não através de outra pessoa.

Agora, vós dizeis que aceitais o *guru* como um homem que vos desperta para a realidade. Vejamos se é possível outra pessoa despertar-vos para a realidade. Espero que estejais compreendendo, porque o problema é vosso e não meu. Descubramos a verdade, sôbre se uma outra pessoa pode ou não despertar-vos para a realidade. Posso eu,

que estou falando há hora e meia, despertar-vos para a realidade, para aquilo que é real? O termo *guru* sugere, não é verdade? — um homem que vos leva à verdade, à felicidade, à eterna beatitude. A verdade é uma coisa estática à qual uma pessoa vos possa conduzir? Uma pessoa pode mostrar-vos o caminho da estação. A verdade é assim, estática, uma coisa permanente à qual podemos ser conduzidos? Só é estática a verdade que criais, com o vosso desejo de confôrto. Mas a verdade não é estática, não há quem possa conduzir-vos à verdade. Cuidado com a pessoa que diz que pode guiar-vos aonde está a verdade, porque isso não é verdadeiro. A verdade é uma coisa desconhecida, que vem momento por momento, que não pode ser apreendida pela mente, que não é susceptível de formular-se, que não tem pouso algum. Por conseqüência, ninguém pode conduzir-vos à verdade. Perguntar-me-eis, porém: "Porque estais falando aqui?" O que estou fazendo é só isto: estou-vos mostrando o que *é*, e a maneira de compreender o que *é*, tal como realmente é e não como gostaríeis que fôsse. Não estou falando de nenhum ideal, mas de uma coisa que está bem à frente de vossos olhos, e que, se quiserdes, podereis ver. Por conseguinte, vós sois mais importante do que eu, mais importante do que qualquer instrutor, qualquer salvador, qualquer *slogan*, qualquer crença; porque só podeis achar a verdade através de vós mesmo e não através de outra pessoa. Quando repetis a verdade de outrem, proferis uma mentira. A verdade não pode ser repetida. O mais que podeis fazer é ver o problema, tal como é, em vez de evitá-lo. Quando percebeis a coisa tal como é realmente, começais então a despertar, mas não quando sois forçado por outra pessoa. Não há salvador algum, a não ser vós mesmo. Quando tendes a intenção de olhar atenta e diretamente para o que *é*, a vossa própria atenção vos desperta, porque na atenção tudo está contido. Para prestardes atenção deveis

dedicar-vos ao que *é*, e para compreenderdes o que *é*, precisais conhecê-lo. Por conseguinte, cumpre-vos olhar, observar, dedicar tôda a vossa atenção, porque nessa atenção plena que dais ao que *é*, tôdas as coisas estão contidas.

O *guru*, pois, não pode despertar-vos. O que êle pode fazer é só apontar-vos o que *é*. A verdade não é uma coisa que possa ser captada pela mente. O *guru* pode dar-vos palavras, pode dar-vos uma explicação, transmitir-vos os símbolos da mente; mas o símbolo não é o real, e se ficardes prêso ao símbolo, nunca achareis o caminho. Por conseguinte, o que tem importância não é o instrutor, não é o símbolo, não é a explicação, mas sois vós, que estais em busca da verdade. Procurar pela maneira correta significa dar atenção, não a Deus, não à verdade, visto que os não conheceis, mas, sim, ao problema das vossas relações com vossa espôsa, vossos filhos, vosso semelhante. Quando estabeleceis as relações adequadas, então, amais a verdade; porque a verdade não é uma coisa que se possa comprar, a verdade não surge pela auto-imolação ou pela repetição de *mantrams*. Só surge a verdade quando existe o autoconhecimento. O autoconhecimento traz a compreensão e quando há compreensão não existem mais problemas. Quando não existem mais problemas, então está a mente quieta, não está mais enredada em suas próprias criações. Quando a mente não está criando problemas, quando compreende com presteza cada problema que surge, então está de todo tranqüila, sem a têrmos forçado a ficar tranqüila. Êsse processo, no seu todo, constitui o percebimento, e traz um estado de tranqüilidade livre de perturbação, tranqüilidade que não é produto de nenhuma disciplina, de nenhum exercício ou contrôle, mas, sim, o resultado natural da compreensão imediata de cada problema que surge. Os problemas só surgem no estado de relação; e quando há compreensão das nossas relações com coisas, com pessoas e com idéias, não há perturbação de espécie

alguma, na mente, e o processo do pensamento está em silêncio. Nesse estado não existe nem pensante nem pensamento, nem observador nem objeto observado. O pensante, pois, desaparece, e a mente já não está ligada ao tempo; e quando não há o tempo, vem o atemporal. Mas o atemporal não pode ser pensado. A mente que é produto do tempo não pode pensar no que é atemporal. O pensamento não pode conceber nem formular o que está além dos seus limites. Quando o faz, a sua formulação faz parte ainda do pensamento. A eternidade, por conseguinte, não é coisa da mente; só conhecemos a eternidade quando temos amor, porque o amor, em si, é eterno. O amor não é uma coisa abstrata, susceptível de pensar-se; o amor só pode ser encontrado nas relações com vossa espôsa, vossos filhos, e vossos semelhantes. Quando conhecerdes êsse amor, que é incondicional, que não é produto da mente, virá então a realidade, e êsse estado é a suprema bem-aventurança.

19 de dezembro de 1948.

ALOCUÇÃO RADIOFÔNICA

(Difundida pela All-India Rádio, Nova Déli-Índia).

O mundo está cheio de confusão e de sofrimento, e tôdas as nações, inclusive a Índia, buscam uma solução para êsse conflito, êsse sofrimento sempre crescente. Embora a Índia tenha conquistado a chamada liberdade, acha-se prêsa no torvelinho da exploração, como todos os outros povos; prevalecem os antagonismos comunais e de casta, e, conquanto não esteja ela tão adiantada como o Ocidente, no terreno da técnica, todavia se defronta, como o resto do mundo, com problemas que nenhum político, nenhum economista, nenhum reformador é capaz de resolver. Parece tão profundamente abalada pelos inesperados problemas com que se defronta, que está disposta a sacrificar, para fins imediatos, os valôres essenciais e a compreensão da luta do homem acumulada durante séculos. A Índia se está entregando, de todo o coração, à pompa esplendorosa e sedutora de um Estado moderno. Isso, por certo, não é liberdade.

O problema da Índia é o problema do mundo, e ficar esperando que o mundo lhe ofereça a solução do seu problema, é fugir à compreensão do problema mesmo. Embora

a Índia tenha sido, em tempos idos, uma grandiosa fonte de ação, nada adianta ficarmos a contemplar êsse passado, a respirar o ar de coisas mortas, porque isso não nos faz compreendermos o presente, de maneira criadora. Enquanto não compreendermos êste presente doloroso, não encontraremos a solução de nenhum problema humano, e o fugir, meramente, para o passado ou para o futuro, é de todo vão. A crise atual, que é sem dúvida uma crise sem precedentes, requer maneira inteiramente nova de considerarmos o problema da nossa existência. No mundo inteiro, o homem está frustrado e na aflição, porque são erradas tôdas as vias por onde tem buscado o preenchimento. Até agora, temos deixado aos especialistas o diagnóstico e o remédio para o problema, e tôda a especialização nega a "ação integrada". Dividimos a vida em compartimentos e cada compartimento tem seu especialista próprio; e a êsses especialistas temos confiado as nossas vidas para serem moldadas em conformidade com o padrão por êles escolhido. Perdemos, por conseguinte, todo o sentimento de responsabilidade individual, e essa irresponsabilidade nega a confiança em si mesmo. A falta de confiança em si é o produto do temor, e procuramos encobrir êsse temor por meio da chamada ação coletiva, pela busca de resultados imediatos, ou pelo sacrifício do presente a uma Utopia futura. A confiança vem com a ação plenamente pensada e sentida.

Porque nos deixamos tornar irresponsáveis, criamos confusão, e por causa da nossa confusão escolhemos guias que também estão confusos. Isso nos tem levado ao desespêro, a uma frustração profunda e dolorosa; esvaziou os nossos corações, que se tornaram incapazes de reagir com entusiasmo e presteza; por êsse motivo nunca encontramos uma maneira nova de considerar os nossos problemas. A única coisa de que parecemos capazes, é de seguir um guia qualquer, antigo ou moderno, que nos pro-

meta conduzir a um nôvo mundo de esperanças. Em vez de compreendermos a nossa irresponsabilidade, voltamo-nos para uma ideologia ou atividade social fàcilmente reconhecível. Requer-se inteligência, para se perceber com clareza que o problema da existência está nas relações, as quais cumpre-nos estudar diretamente e de maneira simples. Uma vez que não compreendemos o estado de relação, seja com um, seja com muitos, recorremos ao especialista, para que nos dê a solução dos nossos problemas; mas é vão apelar para os especialistas, porque êles só são capazes de pensar dentro do padrão de seu próprio condicionamento. Para a solução da presente crise, vós e eu temos de apelar para nós mesmos — não como Orientais ou como Ocidentais, com uma cultura especial, mas como entes humanos.

Ora, estamos sendo desafiados pela guerra, pela raça, pela classe, e pela técnica; e se essa nossa reação ao desafio não fôr criadoramente adequada, teremos de fazer frente a desastres e sofrimentos maiores ainda.

Nossa dificuldade real é que de tal maneira estamos condicionados pelos nossos pontos de vista orientais e ocidentais, ou por alguma ideologia sutil, que se nos tornou quase impossível pensarmos no problema por maneira nova. Sois inglês, ou hindu, ou russo, ou americano, e procurais corresponder a êsse desafio em conformidade com o padrão segundo o qual fôstes criado. Mas êstes problemas *não podem* ser adequadamente resolvidos, enquanto não estiverdes livre do vosso *"fundo"* nacional, social e político, ou de vossa ideologia. Não podem êles, de modo algum, ser resolvidos em conformidade com qualquer sistema, seja da esquerda, seja da direita. Os múltiplos problemas humanos só poderão ser resolvidos quando vós e eu compreendermos as nossas mútuas relações e as nossas relações com a coletividade, que é a sociedade. Coisa nenhuma pode viver no isolamento. Ser é

estar em relação; e porque nos recusamos a enxergar essa verdade, as nossas relações estão impregnadas de conflito e sofrimento. Evitamos o desafio, fugindo para a abstração que chamamos "as massas". Essa fuga não tem significação verdadeira, uma vez que "as massas" sois vós e sou eu. É uma ilusão pensar em têrmos de "massas", porque a massa sois vós em relação com outras pessoas; e se não compreendeis essas relações, vos converteis numa entidade amorfa, explorada pelo político, pelo sacerdote, e pelo especialista.

A guerra ideológica, que se trava na atualidade, tem suas raízes na confusão existente em vossas relações. A guerra, evidentemente, é a expressão espetacular e sangrenta de vossa vida diária. Criais uma sociedade que vos representa, e vossos governos são o reflexo de vossa própria confusão e falta de integridade. Não percebendo isso, procurais resolver o problema da guerra no nível econômico ou no nível ideológico. A guerra existirá sempre, enquanto houver estados nacionalistas, com governos e fronteiras soberanas. A reunião em tôrno de uma mesa dos representantes das diversas nacionalidades, de modo algum porá côbro à guerra; porque, como é possível haver boa-vontade, enquanto estiverdes apegados a dogmas organizados, que chamais religião, enquanto fôrdes nacionalista, com determinadas ideologias amparadas por governos soberanos armados até os dentes? Enquanto não perceberdes estas coisas como um obstáculo à paz, e não compreenderdes sua falsidade intencionalmente cultivada, não haverá um estado isento de conflito, de confusão, de antagonismo; pelo contrário, tudo que disserdes ou fizerdes, há de contribuir diretamente para a guerra.

As divisões de classe e de raça que estão destruindo o homem são produto do desejo de estar em segurança. Ora, qualquer espécie de segurança, afora a segurança física, é na realidade insegurança; e enquanto estivermos

em busca da segurança psicológica, que cria uma sociedade aquisitiva, as necessidades do homem nunca serão organizadas de maneira sadia e eficaz. A eficaz organização das necessidades humanas é a função própria da técnica; mas quando utilizada para nossa segurança psicológica, torna-se a técnica uma maldição. A técnica tem por fim servir o homem; mas quando os meios perdem a sua verdadeira significação e são mal empregados, então dominam o homem: a máquina se torna o seu amo.

Na civilização atual perdeu-se a felicidade humana, porque a técnica está sendo empregada como meio de glorificação psicológica da fôrça. A fôrça é a nova religião, com suas ideologias nacionais e políticas; e esta nova religião, a adoração do Estado, tem os seus dogmas novos, seus sacerdotes e sua inquisição. Neste processo nega-se completamente a liberdade e a felicidade do homem, porque os meios se tornaram uma maneira de retardar os fins. Mas os meios *são* o fim, as duas coisas não podem existir separadamente; e porque os separamos, criamos, como era inevitável, uma contradição entre os meios e o fim.

Enquanto nos servirmos dos conhecimentos técnicos para promoção e glorificação do indivíduo ou do grupo, as necessidades do homem não serão organizadas. É o desejo de segurança psicológica por meio do progresso técnico, que está destruindo a segurança física do homem. Há conhecimentos científicos suficientes para alimentar, vestir e dar casa ao homem; mas o uso apropriado dêsses conhecimentos é negado enquanto há nacionalidades separativas, com governos e fronteiras soberanos, que, por sua vez, suscitam as lutas de classe e de raça. Sois vós, pois, os responsáveis pela continuação dêste conflito de homem com homem. Enquanto vós, o indivíduo, fôrdes nacionalista e patriota, enquanto estiverdes apegado a ideologias políticas e sociais, sois responsável pela guerra, porque vossas relações com os outros só podem gerar con-

fusão e antagonismo. Perceber o falso como falso é o comêço da sabedoria, e só esta verdade é capaz de trazer a felicidade, para vós e para o mundo. Visto que sois responsável pela guerra, tendes de ser responsável pela paz. Aquêles que, criadoramente, sentem essa responsabilidade, devem antes de tudo libertar-se, psicològicamente, das causas da guerra, e não, apenas aderir precipitadamente a grupos políticos que se propõem a organizar a paz, pois êstes só hão de gerar mais divisão e oposição.

A paz não é uma idéia oposta à guerra. A paz é uma maneira de vida; porque só haverá paz quando compreendermos o viver de cada dia. É só essa maneira de vida que pode eficazmente reagir ao desafio da guerra, da classe, e do contínuo progresso técnico. Essa maneira de vida não nasce do intelecto. O culto do intelecto, em oposição à vida, conduziu-nos à nossa atual frustração, com suas inumeráveis vias de fuga. Essas vias de fuga se tornaram muito mais importantes do que a compreensão do próprio problema. A presente crise nasceu do culto do intelecto, e foi o intelecto que dividiu a vida numa série de ações opostas e contraditórias; foi o intelecto que negou o fator de unificação que é o amor. O intelecto encheu o nosso coração, que estava vazio, com as coisas da mente; e só quando a mente está cônscia do seu próprio raciocinar é capaz de se transcender a si mesma, só então haverá o enriquecimento do coração. Só o incorruptível enriquecimento do coração pode trazer a paz a êste mundo louco e cheio de lutas.

6 de novembro de 1948.

*
* *